

Autora de COM AMOR, SIMON

Becky Albertalli
& Adam Silvera



E SE FOSSE A GENTE?





E SE FOSSE A GENTE?

Becky Albertalli:
& Adam Silvera

TRADUÇÃO DE VIVIANE DINIZ



Copyright © 2018 by Becky Albertalli and Adam Silvera
Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem
autorização dos autores.

TÍTULO ORIGINAL
What If It's Us

REVISÃO
Carolina Vaz
Daniel Austie

ARTE DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

IMAGENS DE CAPA
© Shutterstock/ pathdoc; © Shutterstock/ Ranta Images; © Shutterstock/ Elnur; ©
Shutterstock/ New Africa; © Shutterstock/ Cepera; © Shutterstock/ kirillov alexey

IMAGENS DE MIOLO
© Shutterstock/ art_of_sun

REVISÃO DE E-BOOK
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0489-0

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

PARTE UM: E se...

1. Arthur
2. Ben
3. Arthur
4. Ben
5. Arthur
6. Ben
7. Arthur
8. Ben
9. Arthur
10. Ben
11. Arthur

PARTE DOIS: ... fosse a gente?

12. Ben
13. Arthur
14. Ben
15. Arthur
16. Ben
17. Arthur
18. Ben
19. Arthur
20. Ben
21. Arthur
22. Ben

- 23. Arthur
- 24. Ben
- 25. Arthur
- 26. Ben
- 27. Arthur
- 28. Ben
- 29. Arthur
- 30. Ben
- 31. Arthur
- 32. Ben

PARTE TRÊS: E só a gente

- 33. Arthur
- 34. Ben
- 35. Arthur
- 36. Ben
- 37. Arthur
- 38. Ben

EPÍLOGO: E se for você, e se for eu?

Arthur
Ben

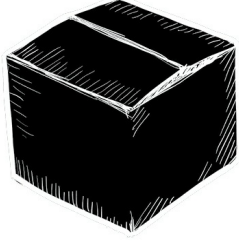
Agradecimentos

Sobre os autores

Conheça outros títulos de Becky Albertalli

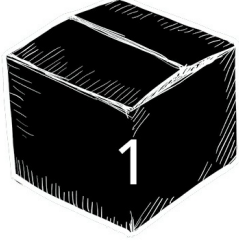
Leia também

Para Brooks Sherman, um agente do universo que nos uniu.
E para Andrew Eliopulos e Donna Bray, que expandiram nosso universo.



PARTE UM

E se...



ARTHUR

Segunda, 9 de julho

NÃO SOU NOVA-IORQUINO e quero ir para casa.

Há tantas regras tácitas quando se mora aqui, como nunca parar no meio da calçada ou ficar observando os edifícios altos com ar sonhador ou gastar um tempinho lendo um grafite. Nada de mapas dobráveis gigantescos, nem pochetes, muito menos fazer contato visual. Nada de cantarolar músicas de *Dear Evan Hansen* em público. E definitivamente nada de tirar selfies na rua, mesmo se tiver uma barraquinha de cachorro-quente e uma fileira de táxis amarelos ao fundo — a imagem que, curiosamente, sempre nos vem à cabeça quando pensamos em Nova York. Você até pode apreciar tudo isso silenciosamente, mas sempre da forma mais descolada e blasé possível. Pelo que pude perceber, tudo em Nova York gira em torno disso: ser descolado.

E eu não sou nada descolado.

Vejamos esta manhã, por exemplo. Cometi o erro de olhar para o céu, só por um instante, e agora não consigo mais fazer outra coisa. Observar o mundo daquele ângulo era como vê-lo se inclinando para dentro: edifícios vertiginosamente altos e um sol flamejante.

É lindo. Isso eu sou obrigado a admitir. Nova York é uma cidade linda e surreal, e não tem absolutamente nada a ver com a Geórgia. Pego o celular para tirar uma foto. Nada de story do Instagram ou filtros. Nada demorado.

Uma foto simples e rápida.

Fúria pedestre instantânea: *Meu Deus. Vai logo. ANDA. Malditos turistas.* Levo literalmente dois segundos para tirar uma foto e agora sou a personificação da obstrução, responsável por todo o caos da cidade. Atraso do metrô, desvios no trânsito, até mesmo a resistência do vento: tudo culpa minha.

Malditos turistas.

Primeiro que nem turista sou. Meio que moro aqui, pelo menos neste verão. Não estou calmamente admirando os pontos turísticos ao meio-dia de uma segunda-feira. Estou trabalhando. Quer dizer, estou indo buscar um pedido na Starbucks, mas isso é trabalho também.

Ok, talvez eu esteja fazendo um caminho mais longo. Talvez precise ficar uns minutinhos a mais longe do escritório da minha mãe. Em geral, ser um estagiário está mais para entediante do que horrível, mas hoje o dia está particularmente péssimo. Sabe aquele dia em que a impressora fica sem papel, e não há mais nenhum no estoque, então você tenta roubar algumas

folhas da máquina de xerox, mas não consegue abrir a gaveta, então aperta um botão errado e a máquina dos infernos começa a apitar? E você fica pensando que quem quer que tenha inventado essas máquinas deveria levar um tapa na cara? Tapa esse vindo de um garoto judeu de 1,70m com déficit de atenção e a fúria de um tornado. Então, sabe esses dias? Hoje está sendo um desses, e tudo que quero é desabafar com Ethan e Jessie, mas sou incapaz de mandar mensagens e andar ao mesmo tempo.

Passo por uma agência dos correios... e uau. Não há agências dos correios assim em Milton, Geórgia. Com uma fachada de pedra branca, inúmeras colunas e detalhes em bronze, é tão extraordinariamente elegante que quase me sinto malvestido. E estou de gravata.

Mando a foto da rua ensolarada para Ethan e Jessie. **Dia difícil no escritório!**

Jessie responde na mesma hora. **Eu te odeio e queria ser você.**

Aí é que está: Jessie e Ethan são meus melhores amigos desde o início dos tempos, e sempre fui o Arthur de Verdade com eles. O Arthur Confuso e Solitário, bem diferente do Arthur Animado do Instagram. Mas, por algum motivo, preciso que acreditem que minha vida em Nova York é incrível. Não sei explicar. Então estou enviando mensagens no estilo Arthur Animado do Instagram para eles há semanas, mas não sei se estou conseguindo convencê-los.

E estou morrendo de saudade, completa Jessie, mandando uma linha inteira de emojis de beijo. Minha amiga é uma vovó no corpo de uma garota de dezesseis anos. E se fosse possível mandar por mensagem uma beijoca direto na minha bochecha, ela faria. O estranho é que nunca tivemos uma dessas amizades melosas — pelo menos não até a noite da formatura. Que foi quando contei a Jessie e Ethan que sou gay.

Também estou com saudade de vocês, admito.

VOLTA PRA CASA, ARTHUR.

Só mais quatro semanas.

Não que eu esteja contando.

Ethan finalmente entra na conversa com o mais ambíguo de todos os emojis: o do sorriso constrangido. O *sorriso constrangido*, sério? Se a Jessie pós-formatura manda mensagens como se fosse minha avó, o Ethan pós-formatura está mais para um mímico. Na verdade, na maioria das vezes ele até que interage direito no grupo, mas nas conversas privadas? Vou só dizer que parei de receber as quinhentas mil mensagens que ele mandava por dia cinco segundos depois que saí do armário. Não vou mentir: é a pior sensação do mundo. Um dia desses, vou abrir o jogo com ele sobre isso, e vai ser em breve. Talvez até faça isso hoje. Talvez...

Mas então a porta dos correios se abre, revelando — sem brincadeira —

um par de gêmeos idênticos usando macacões combinando. E bigodes com as pontas viradas para cima. Ethan ia *adorar* isso. O que me irrita. Isso acontece com bastante frequência quando o assunto é Ethan. Um minuto atrás, eu estava pronto para brigar com aquele idiota do emoji ambíguo. Agora, só queria ouvir a risada dele. Uma reviravolta emocional completa em um intervalo de sessenta segundos.

Os gêmeos passam bem devagar por mim, e vejo que os dois estão de coque. É claro que estão de coque. Nova York deve ser um planeta à parte mesmo, juro, porque ninguém ao redor sequer pisca ou acha aquilo curioso.

Quase ninguém.

Um garoto que se dirige à entrada com uma caixa de papelão para e olha quando os gêmeos passam. Parece tão confuso que eu rio alto.

E então ele olha para mim.

E então ele sorri.

E droga.

Droga, droga, droga. É o garoto mais fofo de todos os tempos. Talvez seja o cabelo ou as sardas ou o tom rosado das bochechas. E digo isso como alguém que nunca notou as bochechas de outra pessoa na vida. Mas as deles são dignas de nota. Tudo nele é digno de nota. O cabelo castanho-claro perfeitamente desganhado. Calça jeans justa, sapatos gastos, camisa cinza com as palavras *Dream & Bean Coffee* quase tapada pela caixa que está segurando. Ele é mais alto do que eu — mas até aí tudo bem, porque a maioria dos caras é.

Ele ainda está olhando para mim.

E incredivelmente consigo sorrir para ele. Vinte pontos para a Grifinória.

— Será que eles deixaram a bicicleta elétrica na barbearia hipster?

Sua risada é tão fofa que fico zozinho.

— Com certeza. Na barbearia hipster-barra-galeria de arte-barra-bar de cerveja artesanal — diz ele.

Por um minuto, sorrimos um para o outro, sem falar nada.

— Humm... Você vai entrar? — pergunta ele, por fim.

— Vou, sim — respondo.

Então simplesmente entro atrás dele no prédio. Não chega nem a ser uma decisão. Ou, se for, meu corpo já decidiu por mim. Tem alguma coisa especial nesse garoto. Sinto um aperto no peito. Como se nossos caminhos *tivessem* que ter se cruzado, como se fosse inevitável.

Ok, vou admitir uma coisa aqui e sei que você provavelmente vai dar uma reviradinha de olhos. Provavelmente seus olhos já estão se revirando, mas fazer o quê? Presta atenção.

Eu acredito em amor à primeira vista. Destino, universo, encontros escritos nas estrelas, tudo isso. Mas não do jeito que você está pensando. Não sou desses que ficam dizendo *você é minha metade da laranja e só vou ser*

feliz ao seu lado. Não, nada disso. Só acredito que a gente esteja destinado a conhecer algumas pessoas, e o universo as coloca de alguma forma em nosso caminho.

Mesmo numa tarde de segunda-feira qualquer de julho. Mesmo na porta dos correios.

Se bem que, vamos ser realistas — essa não é uma agência dos correios qualquer. Na verdade, está mais para um salão de baile, com seu piso lustroso, fileiras de caixas postais numeradas e esculturas de verdade, como num museu. O Garoto da Caixa caminha até um pequeno balcão perto da entrada, apoia o pacote na perna e começa a preencher uma etiqueta de envio prioritário.

Então pego um envelope em uma prateleira próxima e vou até esse mesmo balcão. Bem casual. Não precisa ser estranho. Só tenho que encontrar as palavras perfeitas para dar continuidade à conversa. Para ser sincero, geralmente mando bem em interações com desconhecidos. Não sei se é uma coisa da Geórgia ou só minha mesmo, mas, se houver um velhinho no supermercado, pode acreditar que vou estar lá verificando o preço do suco de uva para ele. Se houver uma grávida no avião, até o final do voo ela já decidiu dar meu nome para o bebê. É um talento meu.

Ou pelo menos era um talento meu, até hoje. Agora nem sei mais se sou capaz de emitir algum som. É como se um nó gigante tivesse se instalado na minha garganta. Tento canalizar meu nova-iorquino interior — descolado e indiferente. Abro um sorriso hesitante. Respiro fundo.

— Que volumão, hein.

Ai... merda.

As palavras escapam antes que eu consiga contê-las.

— Ai, não falei nesse sentido. Não quis dizer *volume*. Estou falando da caixa. É um pacotão.

Afasto as mãos para tentar explicar. Porque aparentemente essa é a melhor maneira de provar que você não está fazendo uma piadinha de duplo sentido, afastando as mãos como se estivesse relatando o tamanho de um pênis.

O Garoto da Caixa franze a testa.

— Desculpa. Eu não... Juro que não saio por aí falando do tamanho dos pacotes de outros caras.

Ele me encara e esboça um sorrisinho.

— Gravata maneira — diz.

Olho para baixo e fico vermelho. É claro que não estou usando uma gravata normal. Justamente hoje resolvi pegar uma do meu pai. Azul-marinho, com centenas de minúsculos cachorros-quentes.

— Pelo menos não é um macacão — falo.

— Bem colocado.

Ele sorri de novo... e é claro que reparo em seus lábios. Que têm o

mesmo formato dos lábios da Emma Watson. *Os lábios da Emma Watson.* Bem ali no rosto dele.

— Você não é daqui, né? — diz o Garoto da Caixa.

Olho para ele, espantado.

— Como você sabe?

— Bem, você está falando comigo. — Agora é ele que fica corado. — Desculpa, não foi isso que eu quis dizer. É que geralmente só os turistas puxam assunto.

— Ah.

— Mas tudo bem, não ligo — diz ele.

— Não sou turista.

— Ah, não?

— Bem, *tecnicamente* não sou de Nova York, mas moro aqui agora. Só durante o verão, na verdade. Sou de Milton, na Geórgia.

— Milton, Geórgia — repete ele, sorrindo.

Sinto uma agitação inexplicável. Como se meus membros estivessem meio frouxos, e minha cabeça, cheia de algodão. Provavelmente estou vermelho como um tomate. Não quero saber. Só preciso continuar falando.

— Pois é! *Milton*. Parece um tio-avô judeu.

— Eu não estava...

— Na verdade, tenho mesmo um tio-avô judeu chamado Milton. Ele é o dono do apartamento em que estamos.

— “Estamos” quem?

— Como assim? Com quem eu moro no apartamento do meu tio-avô Milton?

O garoto faz que sim, e por um momento não sei muito bem o que dizer. Tipo, com quem ele pensa que eu moro? Com meu namorado? Meu namorado sexy de vinte e oito anos com alargador nas orelhas e talvez um piercing na língua e meu nome tatuado no peito sarado?

— Com meus pais — respondo, para acabar com qualquer dúvida. — Minha mãe é advogada, e a empresa dela tem um escritório aqui, então no final de abril ela veio para cá trabalhar num caso. Eu queria ter vindo também, mas minha mãe disse: *Nem pensar, Arthur, você ainda tem um mês de aula*. Mas acabou sendo melhor assim, porque acho que imaginei que Nova York seria de um jeito, e é de outro completamente diferente, e agora estou meio que preso aqui, e sinto falta dos meus amigos, e do meu carro, e da Waffle House.

— Nessa ordem?

— Bem, principalmente do carro — falo, sorrindo. — Deixamos na casa da minha avó, em New Haven. Ela mora perto de Yale, que espero, *espero*, seja minha futura universidade. Dedos cruzados. — Simplesmente não consigo parar de falar. — Bem, você provavelmente não quer saber a história da minha vida.

— Tudo bem. — O Garoto da Caixa hesita, a caixa equilibrada em uma das pernas. — Quer ir para a fila?

Faço que sim e o sigo até lá. Ele se vira para ficar de frente para mim, embora tenha uma caixa entre nós, ainda sem a etiqueta de envio, que está em cima do pacote. Tento dar uma espiada no endereço, mas não consigo ler nada, porque está de cabeça para baixo e a letra dele é horrível.

Ele me pega no flagra.

— Você é intrometido assim mesmo? — pergunta, estreitando os olhos.

— Ah. — Engulo em seco. — Mais ou menos. Sim.

Ele sorri.

— Não é nada muito interessante. Só os restos de um término.

— Restos?

— Livros, presentes, varinha do Harry Potter. Todas as tralhas que não quero mais ver na minha frente.

— Você não quer ver uma varinha do Harry Potter?

— Não quero ver nada que meu ex-namorado tenha me dado.

Ex-namorado.

O que significa que o Garoto da Caixa gosta de garotos.

Ai, meu Deus. Ok. Uau. Isso não acontece comigo todo dia. Simplesmente não acontece. Mas talvez o universo funcione de maneira diferente em Nova York.

O Garoto da Caixa gosta de garotos.

EU SOU UM GAROTO.

— Que maneiro — falo, bem casual. Então ele me olha de um jeito engraçado, e levo a mão à boca, sem graça. — Quer dizer, não “maneiro”. Meu Deus. Não. Términos não são legais. Eu só... meus pênames.

— Ele não está morto.

— Ah, certo. Sim. Eu vou...

Respiro fundo, pousando a mão por um instante na fita retrátil que delimita as filas de atendimento.

O Garoto da Caixa abre um sorriso contido.

— Certo. Então você é um daqueles caras que ficam desconfortáveis perto de gays.

— O quê? — retruco, espantado. — Não. Não mesmo.

— Aham, tá bom.

Ele revira os olhos e se vira para a frente.

— Não fico nem um pouco desconfortável — falo. — Olha, eu *sou* gay.

E o mundo para de girar. Sinto a língua grossa e pesada.

Acho que não digo essas palavras em voz alta com muita frequência. *Eu sou gay*. Meus pais sabem, Ethan e Jessie também, e comentei meio ao acaso com os outros estagiários da empresa, mas não sou o tipo de pessoa que fica anunciando isso em agências dos correios.

Mas acho que talvez eu seja, então.

— Ah. Sério? — pergunta o Garoto da Caixa.

— Sério mesmo — falo, sem a menor hesitação.

E agora, por alguma razão... quero provar isso de qualquer jeito. Queria muito ter algum tipo de carteira de identidade gay para sacar do bolso como um distintivo policial. Ou eu poderia demonstrar de outras maneiras. Nossa. Eu adoraria demonstrar de outras maneiras.

O Garoto da Caixa sorri e relaxa os ombros.

— Legal.

Ai, droga. Isso está realmente acontecendo. Mal consigo respirar. É como se o universo estivesse conspirando a meu favor.

Uma voz ressoa do balcão.

— Você está na fila ou não? — diz a funcionária com piercing no lábio, lançando raios de ódio na minha direção. Taí uma pessoa feliz de trabalhar nos correios. — Ei, Sardas. Anda.

O Garoto da Caixa me lança um olhar hesitante e vai até lá. Atrás de mim, a fila já está aumentando. E olha... não é que eu esteja *bisbilhotando* o Garoto da Caixa. Não exatamente. Mas minha atenção é naturalmente capturada por sua voz. Ele cruza os braços, com os ombros contraídos.

— Vinte e seis e cinquenta para envio prioritário — diz Piercing no Lábio.

— Vinte e seis cinquenta? Vinte e seis dólares?

— E cinquenta centavos.

O Garoto da Caixa balança a cabeça.

— É muito caro.

— É o que tem para hoje. Pegar ou largar.

Por um instante, o Garoto da Caixa fica ali parado, sem tomar uma decisão, mas então pega a caixa de volta.

— Desculpa.

— Próximo — diz Piercing no Lábio.

Ela acena para mim, mas saio da fila.

O Garoto da Caixa bufa, indignado.

— Em que mundo enviar um pacote custa vinte e seis e cinquenta?

— Pois é — falo. — Inacreditável.

— Acho que é o universo me dizendo para esperar um pouco.

O universo.

Ai, droga.

Então ele é desses também. Que acreditam no universo. E não quero me precipitar nem nada do tipo, mas o Garoto da Caixa acreditar no universo é definitivamente um sinal do universo.

— Ok. — Meu coração acelera. — Mas e se o universo na verdade estiver lhe dizendo para jogar as coisas dele fora?

— Não é assim que funciona.

— Ah, não?

— Pensa comigo: me livrar da caixa é o plano A, certo? O universo não vai frustrar o plano A só para eu seguir com outra versão do plano A. Isso é claramente o universo pedindo por um plano B.

— E o plano B é...

— Aceitar que o universo é podre...

— O universo não é podre!

— É, sim. Confia em mim.

— Como você tem tanta certeza?

— Sei que o universo tem algum plano de merda para esta caixa.

— Mas essa é a questão! Você não sabe de verdade qual é o plano. Não faz a menor ideia do que o universo quer com isso. Talvez você só esteja aqui porque o universo queria que me conhecesse, para eu te dizer para jogar a caixa fora.

Ele sorri.

— Você acha que o universo queria que a gente se conhecesse?

— O quê? Não! Quer dizer, não sei. Essa é a questão. Não temos como saber.

— Bem, acho que em breve vamos descobrir. — Ele olha para a etiqueta de envio e depois a rasga ao meio, amassando-a e jogando-a no lixo. Bom, ele tenta jogar no lixo, mas erra a mira, e o papel cai no chão. — Então tá... — diz ele. — Humm, você quer...

— Com licença. — Uma voz masculina reverbera nos alto-falantes. — Gostaria de um minuto da atenção de vocês.

Olho para o Garoto da Caixa, confuso.

— Isso é...

Então ouvimos um ruído agudo repentino, e um piano começa a tocar.

E uma banda marcial adentra o salão.

Uma banda marcial.

De verdade.

A agência dos correios é tomada por pessoas com tambores gigantes, flautas e tubas tocando uma versão meio desafinada de “Marry You”, do Bruno Mars. E agora dezenas de pessoas — em sua maioria velhinhos, que pensei que estivessem na fila para comprar selos — começam a fazer uma coreografia, dando pulos no ar, rebolando e agitando os braços. Basicamente todos que não estão dançando estão filmando, mas estou atordoado demais até para pegar meu telefone. Assim, não quero me empolgar muito nem nada, mas veja bem: conheço um garoto bonito e fofo e, cinco segundos depois, estou no meio de um pedido de casamento com direito a flash mob? Poderia haver mensagem do universo mais clara do que essa?

As pessoas abrem espaço, e um cara tatuado entra de skate, deslizando até o balcão de atendimento. Está com uma caixinha na mão, mas, em vez de se ajoelhar, apoia os cotovelos no balcão e sorri para Piercing no Lábio.

— Kelsey... Meu amor. Quer casar comigo?

O rímel preto de Kelsey escorre até o piercing.

— Sim!

Ela tasca um beijo regado a muitas lágrimas no namorado. A multidão explode em aplausos.

Isso me atinge em cheio. Esse é o tipo de coisa que só poderia ter acontecido em Nova York, algo saído diretamente de um musical — a alegria escancarada, as cores vibrantes, a música retumbante. Passei o verão todo andando desanimado pela cidade e sentindo falta da Geórgia, mas de repente parece que algo se ilumina dentro de mim.

Será que o Garoto da Caixa sente o mesmo? Eu me viro para ele, com um sorriso no rosto e a mão no peito...

Mas ele desapareceu.

Minha mão desaba, sem forças. O menino simplesmente sumiu. E a caixa dele também. Dou uma olhada ao redor, conferindo cada rosto na agência. Talvez ele tenha sido carregado para longe pelo flash mob. Talvez ele fosse parte do flash mob. Talvez ele tivesse algum compromisso urgente... tão urgente que não podia nem parar um segundo para pedir meu número. Não podia nem dar tchau.

Não posso acreditar que ele nem me deu tchau.

Pensei... sei lá, é idiota, mas pensei que tivesse rolado algum tipo de conexão entre nós. Poxa, o universo basicamente pegou a gente pela mão e nos colocou frente a frente. Foi exatamente isso que acabou de acontecer, não foi? Não tem nem outra forma de interpretar esse momento.

Só que ele sumiu, simples assim. Como a Cinderela à meia-noite. Como se nunca tivesse existido. E agora eu nunca vou saber o nome dele ou como meu nome soa em sua voz. Nunca vou poder mostrar a ele que o universo não é podre.

Sumiu. Desapareceu por completo. E a decepção me atinge com tanta força que quase me curvo.

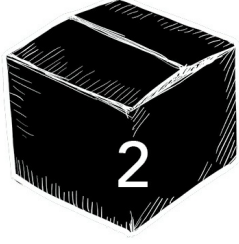
Até meus olhos encontrarem a lata de lixo.

Ok. Não estou dizendo que vou revirar a lixeira. É claro que não, pelo amor de Deus! Estou péssimo, mas não a esse ponto.

Mas talvez o Garoto da Caixa esteja certo. Talvez o universo esteja pedindo por um plano B.

E aí eu te pergunto: se o lixo não chega à lata, pode ser chamado de lixo? Porque, vamos imaginar uma coisa aqui, e isso é totalmente hipotético: digamos que há uma etiqueta de envio amassada no chão. Isso é mesmo lixo?

E se for um sapatinho de cristal?



BEN

ESTOU DE VOLTA à estaca zero.

Eu tinha uma missão. Enviar a Caixa do Término. Não sair correndo dos correios com ela. Em minha defesa, tinha muita coisa acontecendo. Tinha o Arthur, aquele menino simpático e bonitinho que claramente nunca teve o tapete puxado pelo universo antes, porque achou de verdade que estávamos destinados a nos conhecermos. Bem no dia em que eu estava tentando enviar as coisas do Hudson de volta. Tenho certeza de que Arthur deve ter mudado de opinião sobre o universo depois que aquela banda marcial nos separou.

Subo no trem e volto a Alphabet City para encontrar meu melhor amigo, Dylan. Moro na avenida B, Dylan, na D. Lá no início, ficamos amigos por causa de nossos sobrenomes, Alejo e Boggs. Ele se sentava atrás de mim no terceiro ano do fundamental e vivia me cutucando para pedir alguma coisa emprestada, lápis, borracha, folhas de papel, tudo. Até hoje ele não perdeu esse hábito, como nas vezes em que precisou usar meu iPhone duas versões mais antigas que a de todo mundo para mandar mensagens para seu Crush da Semana depois que a bateria dele acabava. A única coisa que ele *abre aspas* me empresta *fecha aspas* é dinheiro, quando preciso de algum para almoçar. Digo “empresta” porque quase nunca consigo pagar de volta, mas ele não se importa. Dylan é um cara legal. Ele não liga que eu goste de garotos e eu não ligo que ele goste de garotas.

Quando desço do trem, paro diante de várias latas de lixo, prestes a me livrar de uma vez por todas da maldita Caixa do Término, mas não consigo reunir coragem.

Acho que não imaginei que fosse ficar tão mal com o fim do namoro, já que fui eu que terminei tudo. Mas como foi o Hudson que beijou outra pessoa, ainda parece que, na verdade, foi ele quem decidiu pôr um ponto final no relacionamento. As coisas não andavam bem entre nós desde que os pais dele se divorciaram, mas fui o namorado mais paciente possível. Como, por exemplo, quando deixei que ele planejasse meu aniversário e fui parar num show da banda favorita *dele*. Mas deixei passar, porque foi o primeiro show a que fui na vida, e o The Killers é incrível. Então Hudson não deu as caras no grande almoço de aniversário de casamento dos meus pais. Deixei passar de novo, porque comemorar o casamento dos meus pais depois de tudo o que se passou entre os pais dele talvez não fosse o melhor programa do mundo. Aí teve a vez em que fomos ao cinema ver uma comédia romântica sobre dois garotos, e ele falou que qualquer história de amor, até

mesmo a nossa, nunca estaria à altura de Hollywood. Saí batendo o pé, chateado, e pensei que ele iria atrás de mim para se desculpar ou me chamar ou fazer qualquer coisa digna de um namorado.

Não tive notícias dele por três dias. Até que liguei para perguntar se voltaríamos a nos falar um dia. Então ele apareceu de surpresa no meu apartamento dizendo que achava que tínhamos terminado, e que por isso beijou um cara qualquer em uma festa. Implorou por outra chance, mas não, não mesmo. Terminei com ele. Pra valer. Sem chance de voltar. Mesmo que ele tivesse achado que estava tudo acabado entre a gente, não conseguiu esperar nem uma semaninha antes de seguir em frente? Bem difícil não se sentir um cocô depois disso.

Chego ao prédio do Dylan, aperto o número do seu apartamento no interfone e quase na mesma hora ele abre o portão, o que é ótimo, porque não estou com saco de esperar hoje. Estou com uma caixa de coisas do ex a tiracolo e uma mochila cheia de dever de casa para ser feito durante estas belas férias de verão. O dia de hoje está péssimo em todos os níveis.

Para completar, estou um caco, exausto, porque tive que levantar às sete por causa da recuperação. A vida é mesmo maravilhosa, não é? É cada tapa na cara que recebo do universo... Se bem que ultimamente ele tem usado um soco inglês e esmurrado sem piedade meu coração e minha autoestima.

Saio do elevador e vou entrando no apartamento de Dylan, sem bater ou tocar a campainha, porque esse é o nosso nível de intimidade. Como sou esperto, não faço o mesmo ao parar em frente ao quarto dele, porque da última vez que não bati à porta, há alguns meses, o peguei no flagra num momento bem íntimo, e não foi legal.

— Mão fora da calça? — pergunto.

— Infelizmente — responde Dylan, do outro lado.

Abro a porta. Dylan está sentado na cama, mandando mensagens no celular. Cortou o cabelo desde a última vez em que nos vimos, ontem à noite. Ele é o único garoto da minha idade que tem uma barba de respeito. Por um bom tempo, pensei que estivesse atrasado nesse lance de puberdade, já que nem um bigodinho dava o ar da graça, mas já vi que Dylan é que é a exceção; uma bela exceção, por sinal.

— Big Ben — anuncia Dylan, largando o telefone. — Luz da minha vida. Aquele para sempre preso à escola.

Recuperação já é algo chato por natureza, mas fica duas vezes pior por causa das piadas de Dylan, que começaram no dia em que saí da sala da diretora com as más notícias. Sorte a dele por não ter começado a namorar alguém que o convenceu a deixar os estudos de lado, achando que mesmo assim conseguiria tirar boas notas.

— Chega — falo, com um olhar de reprovação.

Apelidos fofos não são mesmo minha praia.

Ele aponta para o meu peito.

— Camisa maneira.

O guarda-roupa de Dylan é composto basicamente por camisas de cafeterias alternativas e descoladas de todos os cantos da cidade, e ele me deu a que estou usando, da Dream & Bean, na noite passada, quando foi jantar lá em casa. Dylan sempre separa algumas para mim para abrir um pouco de espaço na cômoda. Com as camisas favoritas ele costuma ser mais egoísta, como é o caso da de agora, mas quem sou eu para reclamar.

— Eu não tinha nada limpo para vestir — explico. — Esta camisa nem é tão maneira.

— Poxa, essa doeu. Mas tudo bem, já vi que hoje você não está num bom dia, por causa dessa caixa aí que está carregando. Você não ia entregar essas tralhas para o Hudson? O que aconteceu?

— Ele não foi à escola hoje.

— Matar o primeiro dia da recuperação me parece um mau começo — diz Dylan.

— Pois é. Perguntei a Harriett se ela podia levar para ele, mas ela se recusou. Então decidi mandar pelo correio, mas o envio prioritário é muito caro.

— E por que tinha que ser envio prioritário?

— Porque quero que a caixa suma da minha frente bem rápido.

— O envio regular faria o mesmo — retruca Dylan, arqueando uma das sobrancelhas. — Você não conseguiu, não é?

Largo no chão a caixa que deveria ter enviado ou jogado fora ou atirado em um rio presa a uma âncora.

— Para de tentar ver um significado por trás das besteiras que eu faço, são as minhas besteiras.

Dylan se levanta e me abraça, fazendo carinho nas minhas costas.

— Shh, shh, já passou.

— Sua voz tranquilizadora não está me tranquilizando.

Dylan me dá um beijo no rosto.

— Está tudo bem, Pudinzinho.

Eu me sento na cama dele e cruzo as pernas. Fico tentado a pegar o celular para ver se Hudson me mandou alguma mensagem, ou para checar se postou uma selfie nova no Instagram. Mas sei que não vai ter mensagem nenhuma, e também o excluí de todas as redes sociais.

— Não quero que ele se dê mal na recuperação só para me evitar. Ele vai se atrasar em todas as matérias se começar a faltar sempre.

— Talvez. Mas isso é problema dele. Se o Hudson não aparecer, você não vai ter que passar o verão com ele. Problema resolvido.

Até pouco tempo atrás, passar as férias ao lado de Hudson seria um sonho. Um verão de beijos na beira da piscina, de passeios românticos em parques e de pegação no quarto um do outro enquanto nossos pais estivessem no trabalho... Só que agora meu verão vai se resumir a ficar trancafiado numa

sala de aula com meu ex-namorado porque passamos mais tempo aproveitando nossa química do que fazendo o dever de química.

— Queria que você estivesse nas trincheiras comigo — falo. — A melhor amiga dele está lá, o meu deveria estar também.

— Nossa, cara, quanta mágoa. Me lembra de nunca ser seu cúmplice em crime nenhum. Aposto que você seria pego em dois segundos e me entregaria rapidinho. — Dylan checa o telefone como se nem estivéssemos conversando, a atitude que eu mais detesto com relação aos humanos. — Imagina o drama que ia ser essa aula se eu fosse também. Não posso ficar no mesmo ambiente que a minha ex, não é saudável.

— Estou literalmente no mesmo ambiente que o meu ex, Dylan.

— Não, não está. Ele não apareceu, mas se por acaso aparecer, lembra que você está em vantagem na situação. Você é o vencedor moral dessa separação, porque a decisão de terminar foi sua. Imagina o clima péssimo que ia ficar se fosse ele quem tivesse terminado. Desse jeito, é só ruim.

Eu trocaria meu pobre reino por um universo onde só *ruim* não fosse uma vitória. Mas é a vida.

Términos provam que nunca se deve estragar o círculo de amizades com namoros. Sem querer apontar culpados, mas foram Dylan e Harriett que deram início a essa maldição. Nós quatro tínhamos um ótimo relacionamento até os dois se beijarem na véspera do Ano-Novo. Eu estava meio a fim do Hudson e tinha certeza de que ele também estava gostando de mim, mas naquela noite não nos beijamos, só balançamos a cabeça e demos de ombros, porque eu conhecia meu melhor amigo e ele conhecia a dele. Aquilo não ia durar. Talvez Hudson e eu nem consideraríamos a ideia de nos pegarmos se não tivéssemos passado tanto tempo sozinhos, enquanto Dylan e Harriett só tinham olhos um para o outro.

Sinto falta de quando éramos nós quatro e das saídas em grupo.

Eu me levanto e ligo o Wii, porque preciso me distrair um pouco e falar bobagens. O som da abertura triunfante de *Super Smash Bros.* reverbera da TV. O personagem principal do Dylan é o Luigi, porque ele acha o Mario superestimado. Já eu sou mais a Zelda, porque ela se teletransporta, desvia projéteis e atira bolas de fogo, ótimos movimentos para qualquer jogador que queira evitar um combate mano a mano.

Começamos a jogar.

— Em uma escala de tristeza, como você está se sentindo hoje? — pergunta Dylan. — Triste como a sequência inicial de *Up*? Ou triste como a morte da mãe do Nemo?

— Uau, calma aí. Com certeza não como a abertura de *Up*. Aquilo foi devastador. Acho que estou em algum lugar entre esses dois, tipo triste como os últimos cinco minutos de *Toy Story 3*. Só preciso de um tempo para me recuperar.

— Sem dúvida. Ok, preciso te contar uma coisa.

— Você quer terminar comigo? — pergunto. — Porque isso não é nada legal.

— Mais ou menos. — Dylan faz uma grande pausa dramática enquanto martela sem parar um botão, fazendo Luigi atirar um zilhão de bolas de fogo verdes em Zelda. — Conheci uma garota num café.

— Essa é a frase mais Dylan que você já disse.

— Não é? — A risada dele é muito charmosa. — Então, depois da minha consulta ontem, fui conhecer esse café.

— Claro, você vai ao médico para ver como está seu coração e vai direto se encher de café. Você é uma caricatura de si mesmo, às vezes.

— É meu ritual anual — diz Dylan.

Ele tem um problema chamado prolapso da válvula mitral, também conhecido como sopro no coração. Não é tão ruim quanto o nome sugere, pelo menos não no caso do Dylan. Não sei o que ele faria se os médicos realmente o proibissem de tomar café.

— Enfim... Passei pela Kool Koffee, que nunca achei grandes coisas, porque você sabe que não vejo graça em lugares com essa vibe “frases engraçadinhas”, e então a garota saiu para jogar o lixo fora, e eu fiquei completamente embasbacado.

— Como sempre.

— Mas não podia entrar lá usando uma camisa de outro café, o que era o caso.

— Por que não?

— Você entra no Burger King com um McLanche Feliz? Não. Isso é desrespeito. A pessoa tem que ter um pouco de bom senso nessas horas.

— Meu bom senso está me dizendo para fazer novos amigos.

— Só não queria ser desrespeitoso.

— Você acabou de me desrespeitar.

— Estou falando dela.

— É claro. Espera. Foi por isso que você me deu essa camisa ontem à noite?

— Sim. Entrei em pânico.

— Você é tão estranho. Continua.

— Encarei a Kool Koffee hoje vestido apropriadamente... — Dylan mostra sua camisa azul lisa. Bonita e neutra. — ... E ela estava cantarolando uma música do Elliott Smith enquanto preparava o *espresso* de alguém, e pronto... já era. Big Ben, de uma hora para outra, eu tinha uma futura esposa e um fornecimento ilimitado de café.

É muito difícil ficar feliz ao ver alguém se apaixonando quando claramente acabei de sofrer uma perda no mesmo departamento, mas é o Dylan.

— Mal posso esperar para conhecer minha futura cunhada.

— Você se lembra daquele post do BuzzFeed com o casamento no estilo

Harry Potter? Samantha e eu faremos algo com tema de café. Todos usarão aventais de baristas. E vão brindar com canecas. Meu rosto vai vir desenhado no *espresso* de todos os convidados.

— Você cansa minha beleza.

— Mas tem um problema.

— Ela já tem um problema?

— Ela é uma grande defensora da Kool Koffee, porque eles doam parte dos lucros para instituições de caridade, e também acha que as pessoas que levam café a sério deviam pensar melhor sobre os lugares onde estão comprando. Taí o problema, entende? Eu não estou pronto para ter uma relação monogâmica com a Kool Koffee.

— Ela pediu mesmo para você fazer isso?

— Não, mas... ela pediu sem pedir. E quando você encontra a pessoa certa, precisa estar disposto a fazer sacrifícios.

— Você não vai conseguir abandonar a Dream & Bean.

— Mas é claro que não. Só vou parar de beber na frente da Samantha. O que os olhos não veem, o coração não sente.

— Só você para fazer *tomar café* soar como algo reprovável.

— De qualquer forma, coloquei outras camisetas de cafés na sua gaveta, para não me sentir tentado.

Dou uma olhada nas peças, porque talvez haja coisa boa ali. E sim, tenho uma gaveta no quarto dele e ele tem uma no meu. Já dormimos tantas vezes na casa um do outro que faz sentido. Na escola, quando eu ainda estava me acostumando com a ideia de ter saído do armário, eu me sentia muito desconfortável na academia e nas aulas de Educação Física, como se todos achassem que eu ia dar uma conferida neles. Por isso é muito legal ter um amigo como Dylan, que não liga de se trocar na minha frente ou quando eu me troco na frente dele. Espero não perder sua companhia incrível novamente, como acontece toda vez que ele conhece a pessoa *certa*.

— Espera. Por que você não me contou sobre a Samantha ontem à noite quando foi lá em casa? — pergunto.

— Sei lá — diz ele.

Como se fosse uma resposta satisfatória. Como se eu fosse apenas dizer “Ah, ok” e voltar a detoná-lo no *Super Smash Bros*.

— Você nunca me conta logo que fica a fim de alguém.

— Me dê um exemplo — pede ele.

— Gabriella, Heather, Natalia e...

— Conteí uma vez.

— ... e Harriett. É estranho. Contamos tudo um ao outro.

— Ah, acho que só estou tentando não dar muita chance ao azar. Sabe aquela história que meu pai sempre conta, de como ele teve certeza de que se casaria com a minha mãe quando se conheceram ainda no primeiro ano? Eu estou sentindo a mesma coisa com a Samantha.

Ajo como se já não tivesse ouvido Dylan dizer isso antes, mais recentemente a respeito de Harriett, com quem ele terminou em março, e deixo quieto. Talvez dê certo dessa vez. Continuamos jogando enquanto Dylan cogita que nome de bebida quente ele e Samantha deveriam dar ao primogênito, e me recuso a ser o tio Ben de qualquer criança chamada Sidra.

Sinto um pouco de ciúmes por Dylan estar nessa fase de seu novo romance em que parece que tudo é possível. Como se Samantha pudesse realmente ser o amor de sua vida. Como quando achei que Hudson seria o meu. Como quando eu mal podia esperar para acordar e ver o rosto dele — seus olhos lindos e preguiçosos, a pequena saliência em seu nariz, as sobrancelhas escuras insinuantes que não combinavam com seu cabelo ruivo curto. A maneira como ele mudou minha visão de mundo, como quando dava um chega pra lá nos idiotas da escola que o provocavam pelo seu jeito afeminado; e como me ajudou a superar minhas concepções idiotas sobre como um homem deveria ser ou parecer. E o nervosismo antes de fazermos sexo pela primeira vez em março, sem saber se ia ser bom ou não. Spoiler: foi incrível.

Talvez eu possa me sair tão bem na escola esta semana que os professores decidam que não preciso ficar preso tendo aula o mês inteiro, e então consiga me livrar do Hudson.

Embora, verdade seja dita, eu provavelmente ficasse de recuperação mesmo que o meu caminho nunca tivesse cruzado o dele. Não sou muito disciplinado com os estudos.

— Você sempre vai ser o número um, Big Ben — diz Dylan. — Até o bebê Sidra nascer.

— Ai de você se me trocar por um bebê.

— Empate?

Dou de ombros.

— Empate.

— Você não vai ficar solteiro por muito tempo, cara — diz Dylan, como se tivesse uma bola de cristal. — É alto, tem esse cabelo de ator de Hollywood, é estiloso, mas sem parecer forçado. Se eu já não estivesse com a srta. Samantha Logo-Descobrirei-Seu-Sobrenome-Para-Usar-Junto-Com-Boggs, tenho certeza de que você me faria trocar de time em um ano.

— Que fofo, Dylan. Você sabe que o meu maior sonho é fazer alguém se tornar gay por minha causa.

Não saio por aí correndo atrás de caras héteros, mas se algum quisesse experimentar para ver como é... Bem-vindo à Casa Alejo. Deixe os sapatos na porta, ou traga-os para a cama com você, se você é do tipo que gosta dessas coisas.

Venço a primeira partida porque eu sou eu e começamos outra.

— Vamos falar agora sobre o verdadeiro motivo de você não ter enviado a

Caixa do Término — diz Dylan, como se a qualquer momento fosse me cobrar a consulta.

— Só se você parar com essa voz de terapeuta — peço.

— Talvez possamos começar tentando entender por que meu tom o incomoda. Ele faz você se lembrar de alguma figura de autoridade?

Nocauteio Dylan no jogo e levanto o dedo do meio para ele na vida real.

— Eu só... achei que teria a chance de entregar a caixa pessoalmente e sentir que pus um ponto final na história. Mas aí ele não apareceu na escola e, de repente, estou nos correios conversando com um cara sobre o Hudson quando começa um flash mob e...

— Espera. Volta um pouco.

— Pois é, um flash mob. Estavam dançando aquela música do Bruno Mars e...

— Não. O cara. O quê? Quem?

Dylan se vira para mim, mais uma vez desprezando a feitiçaria complexa do botão de pausa.

— Você é um ridículo mesmo — diz ele. — Fica fazendo eu me sentir mal por você e já está aí dando em cima de alguém.

— O quê? Não. Nada a ver, cara. A última coisa que eu quero é dar em cima ou correr atrás de alguém.

— Por que não? Quem é esse garoto dos correios? Nome. Endereço. Identidade. Conta do Twitter e do Instagram.

— Arthur. Não sei o sobrenome dele. E definitivamente não sei o endereço. Muito menos as redes sociais, mas, já que tocamos no assunto, por que as pessoas não podem ter apenas uma conta para tudo?

— Humanos são complexos. — Dylan assente com um ar de sabedoria.

— O que você sabe sobre ele?

— Que é novo na cidade. Veio da Geórgia e vai ficar aqui por um tempo. Estava usando a gravata mais ridícula do mundo.

— Gay?

— Sim.

É sempre legal descobrir logo se um cara bonito é gay ou não. Tentar resolver esse mistério sozinho não é divertido e raramente vale a pena.

— Gostei, hein? Estou sentindo que rolou um clima.

Dylan se abana.

— Sim, ele é fofo. Mais baixo do que eu gostaria. Acho que 1,70m, talvez 1,68m sem as botas. Olhos azuis de Photoshop, tipo um alienígena.

Dylan bate palmas.

— Ok. Já me ganhou. Agora só consigo pensar em você com o garoto baixinho com olhos de alienígena. Já estou *shippando* vocês.

Balanço a cabeça e largo o controle.

— Dylan, não. Nem pensar. Sou uma péssima ideia para qualquer um no momento. Preciso me *shippar* comigo mesmo por um tempo.

— Você nunca é uma péssima ideia, Big Ben.
— Que fofo, cara. Obrigado.
— Num futuro não muito distante, nós vamos beber muito, vou me convidar para ir à sua casa às duas da manhã, e vamos... ficar bem agarradinhos. E prometo não dizer que foi uma péssima ideia na manhã seguinte.

— Você arruinou o momento todo.

— Desculpa. De volta ao jogo — diz Dylan. — Você está sendo muito duro consigo mesmo. Só porque Hudson é um idiota que não te deu valor não significa que o próximo vai fazer a mesma coisa. E, caramba, você conheceu um cara fofo com péssimo gosto para gravatas no mesmo dia em que estava deixando seu ex para trás. Isso é um sinal.

Eu me lembro do que Arthur e eu conversamos sobre o universo, e o garoto volta à minha mente. Ele não é como os caras bonitos que sempre vejo pela cidade e com quem me imagino vivendo uma história de amor épica, mas de quem me esqueço uma hora depois. Os dentes de Arthur eram superbrancos, e o canino meio lascadinho. Cabelo castanho bagunçado. Arrumado demais para alguém da nossa idade; um alienígena provavelmente se vestiria assim se viesse de outro sistema solar e estivesse tentando se passar por um adulto, mas não percebesse que tinha um rosto de bebê. Eu não deveria ter saído correndo dos correios daquele jeito. Talvez Dylan esteja certo, e eu tenha ignorado um sinal.

— É melhor eu ir andando — murmuro, meio pra baixo. — Hora do dever de casa.

— Numa segunda-feira de férias. Isso aí, aproveitando a vida ao máximo.

Dylan se levanta da cama e me abraça.

— Ligo para você mais tarde — aviso.

— Se eu não estiver falando com a Samantha, posso até atender.

E eu não sei? Realmente espero não perder meu melhor amigo e meu namorado no mesmo verão.

Já estou saindo quando Dylan me chama.

— Não está esquecendo nada? — Dylan olha para a Caixa do Término.

— De propósito? Posso *cuidar* disso, se você quiser. Coloco uma máscara de esqui, um par de luvas e entrego essa porcaria na calada da noite. Ninguém precisa saber que fomos nós.

— Você precisa de ajuda — falo, e pego a caixa. — Eu cuido disso, pode deixar.

Ainda não sei se estou mentindo ou não.

* * *

Ao chegar em casa, me sento à escrivaninha e ligo o laptop, que demora

alguns minutos para carregar porque não é exatamente o modelo mais novo, nem mesmo o modelo antigo mais recente. Jogar *The Sims* seria muito mais fácil se eu tivesse um computador mais moderno.

Eu deveria mesmo fazer o dever de casa, mas me concentrar em química já era difícil quando não havia ao meu lado uma caixa cheia de lembranças de um relacionamento que deveria ser tudo e já não é mais nada, imagina agora. Às vezes procuro focar no que deu certo no relacionamento, para não ficar tão arrasado: Hudson descansando o rosto no meu ombro durante nossos abraços no fim do dia, quase como se não quisesse ir para casa ou mesmo se afastar alguns centímetros que fossem de mim. E o jeito como ele me olhava, como se me notasse de verdade, mesmo que estivesse virado para outro lado ou conversando com outra pessoa. E ler livros junto com ele — cada um lendo um pedaço. E carregar meu celular no filtro de linha em forma de raio para podermos ficar no FaceTime até tarde da noite.

Mas esse Hudson deixou de existir quando o divórcio de seus pais foi finalizado, em 1º de abril, após vinte anos de casamento. Hudson jurava que era uma brincadeira ridícula de Dia da Mentira da mãe, porque ele achava que os dois logo se entenderiam novamente. Mesmo quando seus pais anunciaram que estavam se separando e sua mãe se mudou do Brooklyn para Manhattan, Hudson ainda tinha esperança de que reatassem. Ele parecia aquelas crianças de filme que criam um plano mirabolante para fazerem os pais se apaixonarem novamente.

Ver um amor em que ele realmente acreditava desmoronar daquele jeito não estava sendo nada bom para o nosso namoro. Estávamos megafora de sincronia. Em vários momentos ele me afastou, não me queria por perto para consolá-lo, e em vários outros ele foi um verdadeiro babaca, tratando nosso amor com descaso. Até que meu coração chegou ao limite do que podia sofrer e precisei me afastar. Dei a ele várias chances... *nos* dei várias chances. Eu simplesmente não era bom o suficiente para lembrá-lo de que o amor poderia ser uma coisa boa.

Meu laptop finalmente terminou de ligar. Tenho que relaxar um pouco antes do dever de casa, então abro meu romance de fantasia de autoinserção em que venho trabalhando desde janeiro. Foi a única vez em que de fato cumpri uma resolução de Ano-Novo, e estou obcecado pela minha história. *A Guerra do Mago Perverso* — AGMP, para simplificar — é algo só meu, mas talvez um dia eu possa compartilhar com o mundo. Ou pelo menos com Dylan, que está morrendo de curiosidade para saber mais sobre o personagem que fiz baseado nele.

Volto para onde parei da última vez.

É uma cena com o personagem de Hudson e começa bem simples. Ben-Jamin e Hudsonien saem escondidos do Castelo Zen tarde da noite e entram no bosque escuro para um encontro romântico. Ben-Jamin afasta a névoa com seus poderes de vento, e, minha nossa... uma gangue de Sugadores de

Vida aparece de repente para acabar com Hudsonien. Que lástima. Dou uma descrição detalhada da imensa guilhotina que vão usar para decapitá-lo, porque adoro uma boa descrição. E, bem quando os Sugadores de Vida soltam a lâmina, eu desligo o computador.

Não posso fazer isso.

Não estou pronto para matar Hudson... Hudsonien.

Ou jogar a caixa fora.

Talvez possamos conversar e resolver as coisas. Encerrar de fato nosso relacionamento. Sem dramas. E então nos tornarmos realmente amigos.

Quero saber como ele está.

Meu coração dispara enquanto entro no Instagram dele, @HudsonComoORio. Ele postou uma selfie uma hora atrás, e não sei por que Harriett disse que Hudson estava doente, porque parece bem saudável para o meu gosto. Está fazendo o sinal da paz com os dedos, e a legenda diz *#seguindoemfrente*. Está bem claro qual dedo ele deveria ter levantado, na verdade.

Hudson deve saber que deixei de segui-lo. Assim como me conhece bem o bastante para saber que eu entraria em seu Instagram de qualquer maneira, já que o perfil dele não é fechado como o meu. Mas, se está tão pronto para seguir em frente, podia ter dado as caras na escola.

Mas e se ele realmente tiver seguido em frente? Ele disse que o cara da festa não mora em Nova York, mas talvez seja um relacionamento a distância. Eu já cheguei a pensar alguma vez que ele tinha uma quedinha pelo Danny, da aula de matemática, mas ele me jurou de pés juntos que Danny não fazia o seu tipo — muito sarado, muito obcecado por carros. Talvez seja outra pessoa.

Quero dizer, também posso *#seguirem frente*. O universo definitivamente não estava tentando me ajudar hoje, ou nesse momento eu estaria mandando mensagens para Arthur, e não investigando meu ex-namorado. Mas não consigo parar de pensar no que Dylan disse, apelando para meu lado romântico. Isso, inclusive, era um dos meus problemas com Hudson. Quando terminamos, ele disse que crio expectativas altas demais e que faço muitos planos. Não entendo por que isso é tão ruim. Por que eu não deveria querer ficar com alguém que me valoriza? Alguém que quer ficar comigo a longo prazo?

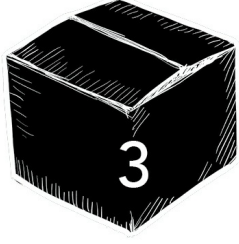
Não sei como encontrar estranhos bonitos em Nova York. Geralmente os vejo uma vez e depois nunca mais. Mas falei com Arthur. Sei o nome dele. Saio do perfil de Hudson e digito *Arthur* na barra de pesquisa e, quem diria, o universo não coloca o Arthur que conheci no topo da lista só para facilitar minha vida. Não faço ideia se Arthur tem Instagram, mas se é como todo mundo na escola, deve postar sobre cada detalhe da sua vida no Twitter. Digito *Arthur gravata cachorro-quente* para ver se ele disse alguma coisa sobre sua gravata ridícula. Nada além de um tweet sobre um concurso de

comer cachorro-quente do qual participou um cara chamado Arthur e um mau perdedor que deu gravata em outro concorrente. Digito *Arthur Geórgia*, e só aparecem coisas aleatórias, como uma garota chamada Geórgia maratonando todos os filmes do Rei Arthur, e nada sobre o Arthur dos Correios que veio da Geórgia para passar o verão em Nova York.

Droga.

Moro em Nova York, então o Arthur dos Correios não vai simplesmente aparecer de novo na minha vida. Mas tudo bem, acho. Não ia acontecer nada entre a gente, mesmo.

Obrigado por nada, universo.



ARTHUR

Terça, 10 de julho

Hudson. Como o rio.

Kkk, responde Jessie. Sabe que foi bem bizarro roubar a etiqueta com o endereço dele, né?

🙄 Eu sei, juro que não sou um psicopata.

E mesmo que fosse — o que *não* sou, acho importante frisar —, seria o pior psicopata do mundo. Nem peguei a etiqueta de endereço inteira. Está tão despedaçada e amassada que não sei bem se estou olhando para o *destinatário* ou o *remetente*. O endereço está rasgado ao meio, e o último nome, completamente ilegível. Ainda assim, mando uma foto do papel para o grupo quando o trem 2 chega. Lotado, como sempre. Me espremo entre um homem com uma camisa de *Cats* e uma mulher com mangas de tatuagem.

Bem, com certeza está escrito Hudson, observa Jessie.

Me apoio na barra de metal do vagão. Não é? Mas Hudson é ele ou o ex-namorado?

Ainda estou morrendo por dentro por ter deixado o garoto escapar. Sempre pensei que isso fosse apenas uma expressão. *Morrendo por dentro*. Mas não, estou de pé aqui no metrô, sentindo as células do meu corpo se destruindo uma por uma. Por causa da minha burrice. Eu só precisava pedir o número dele. Só isso. Era tão simples.

Por que eu sou tão tapado?

O quê???, escreve Jessie. Do que você tá falando? Você não foi nem um pouco tapado. Eu nunca teria tido coragem de falar com um garoto fofo que acabei de conhecer. Você é incrível.

Caramba, ele era tão fofo. Você não faz ideia.

Sério, Arthur, isso só mostra que vc não é nada tapado. 🤔

Concordo, opina Ethan, você falou com um menino bonito, está de parabéns.

Ok, sabe o que é estranho? Conversar sobre garotos com Ethan. E o fato de ele dizer a coisa certa torna tudo ainda mais estranho. Porque agora nem mesmo sei quem é o verdadeiro Ethan. O Ethan Compreensivo do grupo? Ou o das nossas conversas privadas, que ele ignora? Sei que são apenas

mensagens e é estranho ficar tão obcecado com isso. Minha mãe diz que eu deveria conversar com ele, mas não sei nem o que diria. E aposto que ele juraria que não tem nada de errado.

Abro minha galeria de fotos no celular. Uma parte de mim precisa chafurdar na tristeza, a parte que vê *Les Misérables* quando estou triste. Não consigo evitar. Se vou sentir algo, quero *sentir* mesmo.

Rolo as fotos e volto no tempo, para as mais antigas. Terceiro ano. Jessie lendo um livro durante o jogo Milton-Roswell. Ethan *ironicamente, mas não de fato ironicamente* usando um fedora. Jessie cochilando no banco de trás do meu carro. Rolo mais a tela. Segundo ano. Ethan em frente a um carrinho de picolé. Patinação no gelo em Avalon. Um close de waffles enfiados de calda de chocolate, na Waffle House.

Então passo para os meus vídeos — um milhão de cliques de Ethan cantando. Às vezes com uma dedicação invejável. Direi apenas que por causa dele passei anos acreditando que todos os caras héteros gostavam de musicais.

Meio que odeio ele.

E sinto muitas saudades.

Ergo os olhos do celular e vejo uma velhinha me observando. Quando nossos olhares se encontram, ela continua me encarando. Não sorri, não faz nada. Só me encara e acaricia a bolsa gigante, como se fosse um gato. Nova York é uma cidade muito estranha.

Embora seja estranha de um jeito bom de vez em quando. Como ontem. Minha mente não para de voltar para o Garoto da Caixa. Hudson. O que mais me marcou foi seu sorriso — especificamente o que abriu quando eu disse que era gay. Juro que ele pareceu ter ficado feliz ao ouvir isso. E sim, podia ser apenas solidariedade, uma mistura de chapéu seletor e Escala de Kinsey. “Melhor que seja... GAY!!!!!!” *muitos aplausos e bandeiras com as cores do arco-íris para dar as boas-vindas a Hudson da Casa Gay*

Mas talvez não tenha sido apenas solidariedade. Não pareceu solidariedade. Foi mais como destino, identificação, endireitar o corpo, inflar o peito e... *ah, olá*. Não sou nenhum especialista nem nada, mas poderia jurar que ele estava interessado. Não consigo entender por que foi embora.

Saio do metrô em meio a um calor sufocante. Táí algo que eu não esperava de Nova York: o calor é pior do que na Geórgia. Quero dizer, sim, é mais quente na Geórgia, mas em Nova York você realmente sente esse calor. Se está fazendo quarenta graus, você anda. Se o mundo está desabando, você anda. Em casa, nós nem cruzamos estacionamento no verão. Você estaciona em frente à Target e vai à Target. Então dirige seu carro com ar-condicionado por cem metros até a Starbucks. Mas aqui estou pingando e encharcando minha camisa de botão, e não são nem nove da manhã. Agora para e pensa no quanto eu amo ser o estagiário suado. E o pior é que

trabalho no escritório mais chique de todos.

O prédio reluz. Lâmpadas elegantes e minimalistas? Confere. Elevadores espelhados? Confere. Sofás cinza impecáveis e mesas de centro metálicas triangulares? Confere e confere. Tem até mesmo um porteiro todo engravatado, Morrie, que me chama de “doutor”, algo que acontece comigo com bastante frequência, embora eu tenha apenas dezesseis anos e nenhum treinamento médico. Porque meu sobrenome é Seuss. E a resposta para sua próxima pergunta é: não. Nenhum grau de parentesco, nadinha. Zero primos de terceiro grau, uma tia casada com alguém da família, nada. E não, eu não gosto de ovos verdes e presunto.

Enfim, minha mãe trabalha no décimo primeiro andar. Ela trabalha para essa mesma empresa em Atlanta, mas o escritório deles aqui é pelo menos três vezes maior. Há advogados, assistentes jurídicos, secretários e auxiliares, e todo mundo parece se conhecer, e definitivamente todos conhecem a minha mãe. Acho que ela é meio VIP por lá, porque estudou direito com as donas da empresa. E é por isso que acabei aqui em vez de dirigindo uma montagem de *Um violinista no telhado* com crianças de seis anos no Centro Comunitário Judaico.

— Oi, Arthur, você está atrasado — diz Namrata.

Ela está com uma enorme pilha de pastas sanfonadas, o que significa que terei uma manhã divertida. Namrata gosta de mandar em mim, mas na verdade ela é bem legal. Só foram selecionados dois estagiários este ano — ela e Juliet —, então estão sempre atoladas de trabalho. Mas acho que é isso que acontece quando se faz faculdade de direito. Aparentemente, 563 pessoas concorreram às vagas delas. Enquanto isso, meu processo de seleção se resumiu à minha mãe dizendo: “Isso vai ajudar nas suas inscrições para a faculdade.”

Vou atrás de Namrata até a sala de reunião, onde Juliet já está folheando uma pilha de papéis. Ela ergue os olhos.

— Os arquivos do caso Shumaker?

— Exatamente.

Namrata os empilha na mesa e se afunda em uma cadeira. Devo mencionar que as cadeiras aqui são macias e de rodinhas. Provavelmente é a melhor coisa desse trabalho.

Eu me sento e chego um pouco para trás com a cadeira.

— Todos esses arquivos são de apenas um caso?

— Sim.

— Deve ser um dos grandes.

— Na verdade, não — diz Namrata.

Ela nem sequer olha na minha cara. Elas ficam assim às vezes: hiperconcentradas e irritadiças. Mas sei que são legais. Quero dizer, não são Ethan e Jessie, mas são praticamente minha galera de Nova York. Ou serão, assim que eu conquistá-las. E vou.

— Ah, Julieeeeettt. — Rolo de volta para a mesa, pegando meu celular. — Tenho uma coisa para te mostrar.

— Devo ficar nervosa?

Ela ainda está concentrada em seu documento.

— Não, é para ficar animada. — E deslizo o telefone em direção a ela. — Por causa disso.

— O que é?

— Uma captura de tela.

Especificamente a captura de tela de uma conversa que rolou no Twitter às 22h18 da noite anterior com Issa Rae, que por acaso é a atriz preferida de Juliet, de acordo com seu Instagram, que bisbilhota secretamente.

— Você disse a Issa Rae que era meu aniversário?

Meu rosto se ilumina.

— Sim.

— Por quê?

— Para ela enviar para você um tweet de aniversário.

— Meu aniversário é em março.

— *Eu sei.* Estou só dizendo...

— Você mentiu para a minha rainha.

— Não. Bem. Mais ou menos? — Esfrego a testa, nervoso. — Enfim, querem saber a última besteira que eu fiz?

— Acho que acabamos de ouvir — diz Namrata.

— Não, é diferente. Tem a ver com um cara.

As duas levantam a cabeça. Finalmente. Elas não conseguem resistir a informações sobre minha vida amorosa, ainda que eu não tenha uma. Mas gostam de ouvir as bobagens que eu falo sobre os garotos bonitinhos que vejo às vezes no metrô. É muito bom poder falar sobre essas coisas em voz alta. Como se não fosse grande coisa. Como se fosse apenas um detalhe sobre mim.

— Conheci um menino nos correios — falo —, e adivinhem o que aconteceu.

— Vocês deram uns amassos atrás de uma caixa de correio — diz Namrata.

— Hã? Não.

— Dentro de uma caixa de correio — sugere Juliet.

— Não. Não fiquei com ninguém. Mas ele tem um ex-namorado.

— Ah, então é gay.

— Isso, ou bi, ou pan, ou algo assim. E está solteiro, a menos que já tenha arranjado outro. Os caras em Nova York são rápidos nisso?

Namrata vai direto ao ponto.

— Como você conseguiu estragar isso?

— Não peguei o número dele.

— Não acredito — diz Namrata.

— Não dá para achar na internet? — pergunta Juliet. — Você parece... bom nisso.

— Bem, também não sei o nome dele.

— Ai, gente.

— Bem, eu sei — falo. — Mais ou menos. Tenho cinquenta por cento de certeza de que é Hudson.

— Você tem cinquenta por cento de certeza — repete Juliet, franzindo a testa.

Balanço a cabeça lentamente. Quero dizer, eu poderia mostrar a elas a etiqueta com o endereço, mas não sei se quero sair expondo para todo mundo que andei pegando lixo no chão dos correios. Até a Jessie achou esquisito, sabe? E estou falando da garota que uma vez disse para a turma de matemática inteira que era parente da Beyoncé, e então apareceu no dia seguinte com montagens de fotos feitas no Photoshop para provar.

— Então tudo que você sabe sobre esse cara é o primeiro nome, que... pode nem ser o nome dele mesmo.

Faço que sim.

— Já era.

— Provavelmente — diz Namrata. — Mas você pode colocar um anúncio no Craigslist.

— Um anúncio?

— É, um daqueles anúncios que dizem: “Vi você no trem F lendo *Cinquenta tons de cinza* e comendo bala de gengibre.”

— Eca, bala de gengibre?

— Dá licença, bala de gengibre é uma coisa maravilhosa — diz Namrata.

— Humm...

— Sério, Arthur, você devia tentar — insiste Juliet. — Escreva um anúncio que descreva o momento, tipo: *Ei, nós nos conhecemos na agência e demos uns amassos dentro de uma caixa de correio*, e assim por diante.

— Vem cá, as pessoas se pegam dentro de caixas de correio por aqui? Não fazemos isso na Geórgia.

— Juliet, vamos escrever o anúncio para ele.

— Quem é que cabe dentro de uma caixa de correio? — acrescento.

— Ei — diz Namrata. — Liga aí seu laptop, garoto.

Olha, tenho que admitir uma coisa: detesto quando as meninas me chamam de *garoto*. Como se elas fossem muito maduras e sensatas, e eu, um feto ainda não completamente formado. É claro que abro o computador de qualquer maneira.

— Entra no Craigslist.

— As pessoas não são assassinadas por causa do Craigslist?

— Não — diz Namrata. — São assassinadas por não entrarem no Craigslist rápido o suficiente e me fazerem perder tempo.

Então agora a cabeça de Namrata está pairando sobre meu ombro, e

Juliet está ao meu lado, e tenho um milhão de links azuis dispostos em colunas estreitas na minha tela.

— Humm. Ok.

Namrata aponta para a tela.

— Aqui, em anúncios pessoais.

— Você parece conhecer bem o Craigslist — falo, e ela me dá uma cotovelada.

Não vou mentir, adoro esses momentos. Adoro o interesse que elas demonstram por mim e pela minha vida. Sempre fico meio paranoico, achando que Namrata e Juliet estão de saco cheio de mim, como se eu fosse só um garotinho chato e inexperiente de quem elas precisam tomar conta em vez de fazerem coisas importantes, como consolidar os arquivos do caso Shumaker.

A questão é que elas são os únicos amigos que tenho em Nova York. Não sei como as pessoas fazem amizade no verão. Há um milhão e meio de pessoas em Manhattan, mas nenhuma delas faz contato visual, a menos que já conheça você. E eu não conheço ninguém, exceto essas duas meninas do escritório.

Às vezes sinto tanta falta de Ethan e Jessie que meu peito dói.

Juliet tomou meu laptop.

— Ai, meu Deus, alguns anúncios são tão fofos — diz ela. — Olha só.

Então vira o computador de volta para mim, e leio na tela:

Starbucks da rua Bleecker / Aquele que não se chama Ryan — garoto procura garoto (Greenwich Village)

Você: camisa de botão sem gravata. Eu: polo com a gola levantada. Escreveram Ryan na sua bebida e você murmurou: “Mas quem é esse tal de Ryan?” Então olhou para mim e abriu um sorriso tímido, o que foi muito fofo. Queria ter tido coragem de pedir seu número.

Merda.

— Ai. Isso é uma droga.

Clico no próximo anúncio.

Equinox da rua 85

Garoto procura garoto (Upper East Side)

Vi vc na esteira, achei gato. Me liga.

Juliet faz uma careta.

— E dizem que não existe amor em Nova York.

— Adoro a total falta de especificidade — diz Namrata. — Ele é tipo: “Ei, achei você gato. Que tal se eu não lhe der absolutamente nenhuma referência de quem eu sou?”

— Bem — diz Juliet —, pelo menos ele está tentando. Arthur, você quer transar com esse cara numa caixa de correio de novo, certo...

— Isso não existe. Sexo na caixa de correio não existe.

— Estou só dizendo...

— Olha, ele está corando!

— Pronto, vou fechar isso agora. — Então deslizo meu laptop para o centro da mesa, enterrando meu rosto nos braços. — Vamos cuidar dos arquivos do caso Shumaker.

— E é assim — diz Namrata — que finalmente conseguimos fazer o Arthur trabalhar.



BEN

— ACHO QUE ELA morreu — diz Dylan no FaceTime.

Talvez eu não devesse ter atendido a ligação dele a caminho da escola. Estou numa vibe Lorde esta semana e poderia estar muito bem ouvindo música antes da aula, mas resolvi assumir o papel de melhor amigo, porque Dylan está sem notícias de Samantha. Na noite passada, ele mandou uma mensagem para ela com alguns vídeos do YouTube de músicas subestimadas do Elliott Smith e ainda não recebeu resposta. Às vezes o amor do Dylan pelo Elliott Smith pode passar um pouco dos limites, como quando ele me perturbou por uma semana inteira porque soletei o nome do cara sem o segundo *t*.

— Ela não morreu coisa nenhuma. Provavelmente só está ocupada — digo.

— Fazendo o quê?

— Não sei. Matando vampiros?

— O sol já raiou. Os vampiros não estão na rua. Tenta outra.

— Tenho certeza de que está tudo bem. Vocês conversaram por duas horas ontem.

— Duas horas e doze minutos — corrige Dylan.

E enche de novo a caneca de café.

Ele não dormiu muito. Quando acordei, vi duas chamadas perdidas do FaceTime no meio da madrugada e dez mil mensagens relacionadas a Samantha.

Não entendo mesmo esse lance do café. Principalmente, não entendo o lance do café durante o verão, e não entendo de forma alguma o lance do café quando ainda por cima a pessoa tem dificuldade para dormir. Essa matemática não bate, mas as garotas têm esse efeito sobre o Dylan.

— Ela tem sobrenome — diz Dylan.

— Uau.

— Samantha O'Malley.

Então ele me conta cada detalhe do que descobriu sobre ela no dia anterior: é muito mais feliz como barista do que os colegas de trabalho; seus filmes preferidos são *Titanic* e *Se Brincar, o Bicho Morde*; leva a irmãzinha para comer frutos do mar toda semana; adora videogames.

— Pensei que ela gostasse de mim, sabe?

Já vi Dylan passar por uma dúzia de “relacionamentos” desde o terceiro ano, mas ele nunca ficou tão difícil de aturar dois dias após conhecer uma garota. Até mesmo a paixonite pela Harriett levou um mês para se firmar, o

que, no tempo do Dylan, praticamente corresponde a anos. Essa paixão toda do Dylan pela Samantha me faz lembrar de como eu era com o Hudson quando ele corria para me encontrar depois da aula. Nós sabemos o que acontece depois.

— Tenho certeza de que ela gosta de você, cara.

— Gostava. Ela está morta. Vejo você na próxima reunião dos Corações Partidos Anônimos.

Dobro a esquina e sigo até a entrada da escola. Belleza High, em Midtown, não é a escola a que Dylan e eu vamos, mas este ano estão recebendo um monte de sofrendores de verão de outras escolas públicas de Nova York. Estou prestes a garantir a Dylan que Samantha vai entrar em contato quando vejo Hudson e Harriett sentados nos degraus da frente.

Assim como em sua foto do Instagram do dia anterior, Hudson parece perfeitamente saudável. Ele me vê quando está prestes a dar outra mordida em seu sanduíche de bacon, ovo e queijo, e se vira para Harriett, caindo na gargalhada. Nada contra ela, mas, embora seja uma pessoa incrível, Harriett não é hilária. Até ela está olhando para Hudson como se o amigo tivesse enlouquecido.

— Hã.... D, tenho que desligar.

— O que está acontecendo? — pergunta Dylan. Viro o telefone, e de repente Dylan também está encarando Hudson e Harriett. — Ah. Oi, pessoal.

Harriett balança a cabeça.

— Não, obrigada.

— Tudo bem, então — diz Dylan. — Hudson, amigo, tem ketchup no seu rosto.

Desligo o FaceTime, enquanto Hudson limpa o rosto com um guardanapo.

— Oi — digo a Hudson e Harriett.

— Oi — diz Harriett.

Mas, ao contrário do dia anterior, ela não me dá um abraço, porque Hudson está ali e seria uma baita traição. O que é uma droga, já que nos conhecemos desde antes de Hudson ter sido transferido para a nossa escola no início do último ano. Queria muito que todos nós fôssemos amigos de novo. Que Harriett e eu ainda pudéssemos conversar sobre nossos programas preferidos de super-heróis. Que Dylan e Hudson ainda pudessem jogar xadrez. Que Hudson e eu pudéssemos colocar nossa amizade de volta nos trilhos. Dylan e Harriett também. Talvez um dia possamos tentar ser um grupo de novo.

— E aí? — responde Hudson, sem olhar para mim.

Sua expressão de hoje está bem diferente da que exibiu na foto de ontem do Instagram. Parece que vai dar outra mordida no sanduíche, mas para no meio do caminho, provavelmente ainda envergonhado por ter se lambuzado

todo de ketchup. Hudson sempre foi meio desajeitado para comer, mas nunca me importei com isso. Ir com ele para a escola e comer sanduíches baratos enquanto conversávamos sobre qualquer coisa era um dos pontos altos do meu dia. Sei que vê-lo tomar café da manhã com a Harriett não deveria ser nada de mais, mas dói. Como se fosse muito simples para o Hudson me tirar da sua vida.

— Está melhor? — pergunto.

Estou me esforçando de verdade para que o verão não seja péssimo.

— Feliz e saudável. — Hudson embrulha o sanduíche com papel-alumínio. — E seguindo meu caminho.

Ele sobe os degraus e cruza a porta.

— O dia vai ser divertido — diz Harriett.

— Acho que nunca mais vou perguntar como ele está.

— Ele precisa de um tempo. Está com o ego ferido.

— Foi ele que ficou com outro cara — rebato.

— Ele achou que vocês tivessem terminado.

— Ele beijou o cara dois dias depois da nossa briga.

Harriett levanta as mãos.

— É mais complicado para ele, e acho que você sabe disso.

— Não é justo. Ele partiu meu coração primeiro — falo. — Não entendo como o Hudson é o coitadinho da história só porque fui eu que terminei com ele. Eu tive minhas razões. Você sabe quais foram.

— Não quero ter que escolher um lado — diz Harriett. — Desculpa, Ben.

Ela entra no prédio. Respiro fundo. Não sei em que mundo distorcido Harriett está vivendo para achar que não escolheu um lado — ela é claramente do Time Hudson. Nada disso estaria acontecendo se eu e Hudson tivéssemos continuado apenas amigos.

Subo os degraus, já nervoso pela aula. Mas não desisto no meio do caminho. Não vou repetir o ano por medo de encontrar meu ex-namorado.

Nosso professor, o sr. Hayes, está do lado de fora da sala flertando com a professora de álgebra. Ele é bem jovem — talvez tenha uns vinte e poucos anos — e geralmente passa o verão fazendo trabalho missionário fora do país, mas torceu o tornozelo em maio durante uma maratona, então resolveu ocupar seu tempo nos ensinando química. Ele não faz bem meu tipo porque é um pouco atlético demais, o tipo de cara que aparece em anúncios de cueca, mas não dá para negar que é bem bonito.

Eu me sento no fundo da sala, o mais longe de Hudson e Harriett possível. Só abro meu caderno e fico na minha.

Sempre fui péssimo na escola. Ter o Hudson me dizendo que eu não precisava estudar tanto para as provas definitivamente não ajudou, mas sempre tive dificuldade para me concentrar nas aulas. Para começar, passo muito tempo perdido nos meus próprios pensamentos. Sempre que tem uma

prova, estudo em casa por vinte minutos e volto para o *The Sims* e para as minhas histórias. Minha mãe ficou tão frustrada comigo no primeiro semestre que confiscou o laptop até minhas notas melhorarem. O que até aconteceu, pelo menos um pouco, porque eu precisava de verdade voltar para os meus universos fictícios.

Mas mesmo quando me esforço ao máximo para prestar atenção, sinto que não faz diferença. Se você perde uma aula porque está doente ou pensando como seria ter alguém que te amasse de verdade, os professores não param a aula para deixá-lo a par do que já foi ensinado. Eles seguem em frente. Sempre esqueço quem lutou na Segunda Guerra Mundial. Não sei dizer o nome de mais de dez presidentes. Não entendo nada de geografia. Jogar Quest é meu pior pesadelo.

Quero conhecer melhor o mundo real. Não só os que invento ou aqueles dos quais meus Sims fazem parte. Mas, no momento, me sinto solitário e indesejado.

O sr. Hayes entra com uma muleta sob um dos braços e uma bolsa na outra mão, como se estivesse indo malhar, não falar sobre propriedades químicas pelas próximas duas horas.

— Bom dia, amigos — diz ele. — Vamos fazer a chamada.

Hudson levanta a mão.

— Oi. Meu nome é Hudson Robinson. Eu faltei ontem.

O sr. Hayes assente.

— É verdade. Está se sentindo melhor?

— Cem por cento.

— Ótimo. A gente conversa depois da aula. Posso passar o que você perdeu — diz o sr. Hayes. — Ok, Pete está aqui. Scarlett...

— Espera aí — interrompe Hudson. — Não vou ficar até mais tarde. Vir para a escola durante o verão já é cansativo o bastante, muitíssimo obrigado.

Harriett lança a ele seu famoso olhar de *Cara, cala essa boca*.

— Não fui eu que fiz você tirar notas ruins. E é meu trabalho garantir que isso não aconteça de novo. Fique só mais trinta minutos depois da aula para não precisar passar o próximo ano vendo seus amigos se preparando para a formatura e para a faculdade enquanto você está fazendo amizade com alunos que deveriam estar um ano abaixo do seu.

Nossa, o sr. Hayes sabe como ir direto ao ponto sem soar como um completo babaca.

— Não sou burro, sei a matéria — rebate Hudson. Nunca o vi falar com um professor assim antes. — Não é por isso que estou aqui. Eu só... — Ele não olha para mim. — Só perdi o primeiro dia. Eu sei o básico.

— Maravilha. Diga-nos como as ligações iônicas são formadas e está livre.

Hudson não responde.

— As ligas são uma combinação de quê?

Nada. Está vendo? A escola não espera por ninguém. Nem mesmo ex-

namorados confusos.

Hudson dá de ombros e pega o telefone, e, caramba, espero que ele vá procurar no Google a resposta, e não só ficar mandando mensagens. O silêncio constrangedor só piora, e Hudson começa a ficar vermelho. Não o vejo quieto assim desde que Kim Epstein resolveu insinuar que ele era uma garota, como se fosse um bom jeito de insultá-lo por ser um pouco afeminado, e Harriett ficou uma fera com Kim por tentar provocar o seu melhor amigo.

Decido acabar com aquele silêncio constrangedor.

— Ligas são uma combinação de metais.

Relembramos isso no dia anterior.

Hudson larga o telefone e olha para mim.

— Não preciso de nada que venha de você, Ok? *Não* me pergunte como estou. *Não* me ajude.

Seu rosto está tão vermelho que é um milagre que ele não entre em combustão (não tão) espontânea.

Quero me esconder atrás do caderno.

Fora Harriett, ninguém ali conhece a nossa história.

Devem pensar que Hudson é um descontrolado e eu sou o sabe-tudo da recuperação. Mas de uma coisa eu sei: vai ser um longo verão.



ARTHUR

NO CAMINHO PARA casa, a ficha cai: eu definitivamente, inegavelmente, com toda a certeza estraguei tudo. Conheci um garoto lindo, as bochechas coradas mais adoráveis que já vi, e o estranho é que acho de verdade que ele estava interessado em mim. Aquele sorriso. Não foi um sorriso de solidariedade. Estava mais para uma porta se abrindo. Só que agora essa porta foi fechada e trancada para sempre. Nunca mais verei Hudson. Nunca vou beijar aquela boca de Emma Watson. Mas essa é a história da minha vida, né? Status de relacionamento: Eternamente Sozinho.

Queria ter tido coragem de pedir o número dele.

Jessie está errada. Eu não sou nada incrível. A verdade é que tenho zero coragem e levo zero jeito para qualquer coisa que envolva relacionamentos. Nunca tive um namorado, nunca transei, nunca beijei ninguém, nunca nem cheguei perto de nada disso, o que não havia me incomodado até agora. Parecia normal. Afinal, Ethan e Jessie também estão nessa. Mas agora parece que estou fazendo um teste para a Broadway sem ter praticado um dia na vida e com um currículo em branco. Despreparado e desqualificado, um peixe fora d'água.

Sinto um desconforto durante todo o percurso de metrô. Desço na rua Setenta e Dois e saio em meio a uma confusão de pessoas, táxis, carrinhos de bebê e barulho. São três quarteirões entre a estação do metrô e a minha casa, e passo o trajeto inteiro no telefone, lendo as tentativas de usuários do Craigslist de achar pessoas que viram pela cidade.

Assim que abro a porta, ouço:

— Art, é você?

Coloco a bolsa do laptop na mesa da sala de jantar, que também é a mesa da sala de estar e a mesa da cozinha. O apartamento do meu tio-avô Milton tem dois quartos, e acho que é considerado grande para os padrões de Nova York. Mesmo assim, me sinto uma múmia em um sarcófago lá. É bem fácil entender por que o tio Milton foi passar o verão em Martha's Vineyard.

Sigo a voz do meu pai. Ele está sentado na minha escrivaninha com uma caneca de café e o laptop.

— Por que está no meu quarto?

Ele balança a cabeça como se tivesse acabado de se dar conta de que estava ali.

— Eu não sei, mudança de cenário?

— Você está com medo dos cavalos.

— Adoro cavalos. Só não entendo por que o seu tio precisa de vinte e dois

quadros deles — diz meu pai. — Os olhos dos bichos seguem mesmo a gente ou estou imaginando coisas?

— Você não está imaginando coisas.

— Só queria, sei lá... colocar uns óculos de sol neles, ou alguma coisa assim.

— Boa ideia. A mamãe vai adorar.

Sorrimos um para o outro por um instante. Às vezes, quando estou com meu pai, parece que somos dois garotos no fundo de uma sala de aula. O que significa que jogamos bolinhas de papel na cabeça da minha mãe em alguns momentos. Metaforicamente falando.

Espio o computador dele.

— Freelance?

— Não, só experimentando umas coisas.

Meu pai é web designer. Na Geórgia, ele era o tipo de profissional que ganha dinheiro, até ser demitido na véspera do Natal. Então agora ele é do tipo que experimenta.

E eis uma coisa que você aprende quando vive em um sarcófago: o som viaja através das paredes. O que significa que, na maioria das noites, ouço minha mãe reclamando que meu pai não tem se empenhado muito em procurar emprego. O que geralmente faz meu pai resmungar sobre o quanto é difícil procurar emprego na Geórgia quando se está morando em Nova York. E *sempre* termina com minha mãe lembrando que ele pode ficar à vontade para voltar para casa quando quiser.

Mas isso não é nada estranho. Imagina.

— Ei, o que você acha daquelas seções do Craigslist em que as pessoas tentam reencontrar alguém específico? — deixo escapar.

Não sei por que fiz isso. Definitivamente, não estava planejando contar aos meus pais a história dos correios. Assim como não planejava contar a eles sobre o trágico crush que tive por Cody Feinman, da escola hebraica. Ou sobre o crush ainda mais trágico que tive pelo irmão da Jessie, um pouco mais novo que a gente. Ou sobre ser gay, para começo de conversa. Mas às vezes as coisas simplesmente escapam.

— Aqueles anúncios pessoais?

— Bem, sim, mas não do tipo *precisa gostar de cachorros e de longas caminhadas na praia*. É mais como... — Balanço a cabeça. — Ok, é tipo um anúncio de gato perdido, só que o gato é na verdade um gatinho que você conheceu na agência dos correios. Um menino humano e bonitinho. Não literalmente um gato.

— Entendi — diz meu pai. — Então você quer colocar um anúncio para encontrar o garoto dos correios.

— Não! Não sei. Sei lá. — Balanço a cabeça. — Juliet e Namrata sugeriram isso, mas é um completo tiro no escuro. Não sei nem se alguém lê essas coisas.

Meu pai assente devagar.

— Com certeza é um tiro no escuro.

— Certo. É uma ideia idiota...

— Não é uma ideia idiota. Vamos fazer um post.

— Ele não vai ver.

— Talvez veja. Vale a pena tentar, certo?

Ele abre uma nova janela de pesquisa.

— Ok, não. Não, não, não. Craigslist não é uma atividade de pai e filho.

Mas ele já está digitando, e posso ver pela sua expressão que está decidido.

— Pai.

A porta do apartamento se abre com um rangido, e ouço o barulho de saltos no piso de madeira. Um instante depois, minha mãe está na porta do quarto.

Meu pai nem ergue os olhos da tela do computador.

— Chegou cedo — diz ele.

— São seis e meia.

De repente, todo mundo fica quieto. E nem é um silêncio normal. É um daqueles silêncios intensos e carregados.

Faço meu melhor para quebrá-lo.

— Estamos escrevendo um anúncio para o Craigslist para encontrar o cara dos correios.

— Craigslist? — Minha mãe estreita os olhos. — Arthur, não mesmo.

— Por que não? Quer dizer, fora o fato de ser inútil e de não existir a menor chance de ele ver isso...

Meu pai esfrega a barba.

— Por que acha que ele não vai ver?

— Porque garotos assim não estão no Craigslist.

— Garotos como você não estão no Craigslist — diz ela. — Não vou deixar você ser morto por um assassino com um facão.

Dou uma risadinha.

— Ok, tenho certeza de que isso não vai acontecer. Fotos de pênis? Provavelmente. Assassino com um facão...

— Ah, sim. Como sua mãe, já vou me adiantar e vetar as fotos de pênis também.

— Não vou pedir fotos de pênis!

— Colocar um anúncio no Craigslist é praticamente pedir fotos de pênis.

Meu pai lança um olhar enviesado para ela.

— Mara, você não acha que está sendo um pouco...

— O que, Michael? O que eu estou sendo?

— Não acha que está exagerando? Um pouco?

— Porque não quero nosso filho de dezesseis anos enfiado em um dos antros mais obscuros da internet...

— Eu tenho quase dezessete!
— Craigslist? — Meu pai sorri. — Você acha que o Craigslist é um dos antros mais obscuros da internet...

— Bem, você deve saber — dispara minha mãe.

Ele parece confuso.

— O que isso quer dizer...

— Por favor, parem — interrompo. — Já está claro que não vou fazer isso. Não vou desperdiçar meu tempo procurando um garoto qualquer com quem conversei por cinco segundos, ok? Vocês podem relaxar?

Olho da minha mãe para meu pai e de volta para minha mãe, mas é como se eles nem me vissem. Estão ocupados demais se esforçando para não olhar um para o outro.

Então eu saio. Pego meu laptop. Saída pela esquerda.

Meu coração está batendo tão rápido que parece que vai explodir. Odeio isso. Eles nunca foram assim. Já os vi ficarem irritados um com o outro, claro. Não somos robôs. Mas no final sempre conseguiam fazer piada de tudo. Só que, atualmente, até os momentos de piada parecem um cessar-fogo temporário.

Afundo no sofá da sala e fecho os olhos, mas posso jurar que estou sendo observado. Por cavalos. Em especial, por uma pintura a óleo gigantesca acima da mesa, que presumo que seja um retrato de BoJack Horseman quando jovem, pintado pelo próprio Leonardo da Vinci.

Ouçõ a voz da minha mãe vindo do meu quarto.

— ... casa cedo. Ah, pelo amor de Deus! Remarquei duas conferências para estar...

— Sim. Como eu disse... — Meu pai diminui o tom de voz. — ... cedo.

— Ah, por favor. Você está brincando, né? Isso não...

— Você está vendo coisa onde não...

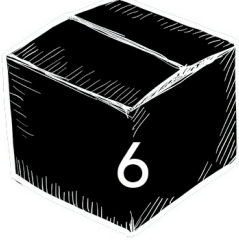
— Ok, quer saber, Michael? Você não pode passar o dia inteiro jogando videogame de cueca e depois vir falar comigo...

Abro meu laptop. Entro no iTunes. *Spring Awakening*, álbum do elenco original. Coloco o volume no máximo.

— Mara, você pode, por favor...

E deixo Jonathan Groff abafar o som deles.

Porque é para isso que servem os caras fofos.



BEN

QUERIA ME SENTIR porto-riquenho no mundo como me sinto em casa.

Alguns amigos no ensino fundamental me disseram que eu não sou porto-riquenho de verdade, porque passo tranquilamente por branco e só sei uma dúzia de frases em espanhol, coisas como “te quiero” e “cómo estás”. contei ao meu pai, implorei a ele para colar post-its com as palavras em espanhol nos objetos pelo apartamento para eu ir aprendendo e deixarem de implicar comigo. Meu pai ficou feliz em ajudar, mas me explicou que ser porto-riquenho não tem a ver com minha pele ou com saber ou não espanhol, e sim com meu sangue e minha família. Gostei muito disso. Mas não significa que não tenha que dizer praticamente toda hora: “Oi, meu nome é Ben. Sou porto-riquenho.” Meu pai é quem tem a pele mais escura na nossa família, embora ainda seja bem clara, como o bronzeado de uma pessoa branca, e é assim que todos esperam que eu seja. Ninguém nunca questiona se meu pai é mesmo porto-riquenho.

Se ao menos pudessem me ver em casa, arrasando enquanto preparo um *sofrito*, relaxando ao som de Lana Del Rey e misturando coentro, pimentão, cebola e alho com o orégano fresco que a colega de trabalho da minha mãe nos deu. Meu pai prepara nossos pratos: salada e seu arroz com guandu por cima. Ele coloca uma porção extra de *pegao* para mim — amo aquela crostinha de arroz desde criança, talvez por ser crocante como alguns dos meus doces preferidos. Minha mãe põe seu pudim de coco no forno, e estamos prontos para comer.

Ela bate no meu ombro e fala alguma coisa que não consigo ouvir por causa da música. Então tira um dos meus fones.

— O que está acontecendo com você?

Seu cabelo escuro bate na altura do ombro e cheira a xampu de pepino, do banho que tomou logo depois do trabalho. Minha mãe é contadora na Blink Fitness, e, embora passe o dia todo no escritório, o cheiro de suor gruda, como se ela fosse um daqueles caras malhados que passam horas na academia, então sempre corre para o chuveiro assim que chega em casa.

— Foi um dia daqueles — falo.

— Hudson? — pergunta meu pai.

— Bingo.

A espuma se acumula em suas mãos. Ele já está lavando as panelas e frigideiras antes de comermos, um truque que o *abuelo* lhe ensinou para não termos de lidar com uma montanha de louça quando estivermos de barriga cheia.

— Diego, anda logo, estou morrendo de fome. — Minha mãe me passa os talheres. — Benito, ponha a mesa. Depois da oração você nos conta tudo.

Coloco os garfos e as facas nos jogos americanos — eles foram aquele tipo de compra feita por impulso na loja da esquina quando nossa situação financeira era um pouco melhor. O da minha mãe tem o formato de uma coruja, seu animal favorito. O do meu pai é de tricô preto e branco, que ele sempre fica arranhando enquanto nos espera terminar o jantar. E o meu tem um T-rex tentando beber água em um bebedouro, o que ainda não me arrancou nem um sorrisinho desde que terminei com Hudson.

Nós nos sentamos, sempre próximos um do outro. Meus pais nunca ficam cada um em uma cabeceira da mesa. Minha mãe diz que parece muito formal, como se estivéssemos em um banquete em uma sala de jantar imensa de algum castelo, e não na de um apartamento aconchegantezinho de dois quartos. E meu pai simplesmente não gosta de ficar tão longe da minha mãe.

Então nos damos as mãos, e minha mãe faz uma oração em agradecimento. Meus pais são muito religiosos, e gostamos de dizer que temos uma relação saudável com a religião. Não somos daqueles católicos tradicionais que dizem viver de acordo com os ensinamentos da Bíblia e convenientemente ignoram todos os versículos que contradizem o discurso de ódio que sai de suas bocas. Somos o tipo de católico que acha que as pessoas não deveriam ir para o inferno por não serem héteros, e isso antes mesmo de eu me assumir. Meus pais sempre rezam, e eu participo durante o jantar. Esta noite, minha mãe está agradecendo a Deus pela comida que estamos prestes a comer, pela minha *abuelita* que caiu enquanto saía do carro e pela minha tia que está cuidando dela, pelo aumento modesto de salário do meu pai na farmácia em que trabalha, a Duane Reade, e pelo bem-estar de todos.

— Ok. — Ela junta as mãos. — Hudson. O que houve com ele?

Gosto que meus pais sejam tão francos, mas também saibam me dar espaço.

— Eu estava tentando ajudá-lo na aula e ele ficou furioso comigo.

Meu pai estreita os olhos.

— Pensei que tivesse dito que ele não é do tipo briguento.

— Definitivamente não é — respondo, e ele se acalma.

Dois anos atrás, fui roubado em frente a uma mercearia, e meus pais me impuseram várias restrições, o que mais parecia uma punição, mas sei que era só cuidado e preocupação, mesmo motivo pelo qual meu pai me ensinou a me defender. Ainda assim, aquele foi um verão perdido, e não foi como se eu tivesse perdido um final de semana, que aparece toda hora.

— Ele só gritou comigo na frente de todo mundo. E eu não respondi.

— Bom... — diz minha mãe.

— Também é bom saber que pode dar conta dele se precisar.

— Com certeza.

Uma vez eu levantei Hudson pelas pernas e o beijei contra uma parede, porque vimos um casal hétero fazer isso em um filme e queríamos ver como era para um casal de dois meninos. Depois invertemos as posições, e, apesar de termos o mesmo peso, Hudson teve mais dificuldade em me segurar na vez dele.

— Ok, bárbaros. — Minha mãe balança a cabeça. Ela não gosta de nenhuma conversa sobre violência. Não gosta nem mesmo de filmes de ação, o que meu pai e eu achamos ótimo, já que ela faz dez mil perguntas quando assistimos a qualquer filme, mesmo que todo mundo esteja vendo pela primeira vez. — Espero que as coisas melhorem logo.

— Acho que vou ter que esperar sentado.

Tento esticar o jantar ao máximo, porque ficar sozinho anda mexendo comigo. Minha mãe nos conta sobre o novo podcast que tem ouvido, um thriller, e como a cada episódio a tensão aumenta tanto que quase preferiria que a série já tivesse acabado para que pudesse respirar e não precisasse mais ficar naquele suspense todo. Meu pai fala sobre um pai e um filho que estavam comprando camisinhas ao mesmo tempo naquela tarde sem um perceber que o outro estava lá.

— Como vai a sua história, Benito? Já voltei a aparecer? — pergunta minha mãe.

As únicas pessoas que sabem que estou escrevendo um livro são Dylan, Hudson, Harriett e meus pais. Este ano, eu não tinha dinheiro para comprar um presente de Dia das Mães, então a inseri no livro como uma feiticeira que não envelhece e lança feitiços de paz. Cheguei a imprimir, mas, no último segundo, minha insegurança falou mais alto, e acabei só contando a ela o que a personagem faz em vez de deixá-la ler por conta própria. Já fui tão longe com essa história que fico com medo de receber um feedback negativo e desistir de vez.

— Não. Isabel, a Serena, precisa ficar em sua torre. Não dá para lançar mais feitiços de paz em uma guerra com magos.

— Talvez eles possam chegar a um entendimento se conversarem.

— Mãe, não. — Esboço um sorriso. — O laptop tem dado problema ultimamente. Superaquece com vinte minutos de uso.

— Quem sabe você não ganha um novo se passar na recuperação...

— Não — replica meu pai. — A recompensa dele por passar na recuperação é não repetir de ano.

— É melhor eu ficar em casa escrevendo do que ser roubado na rua, certo?

— Golpe baixo — diz meu pai. — Mas foi uma boa jogada. Você aprendeu bem com Hector, o Regateador.

Hector, o Regateador, aparece em ainda menos páginas do que a personagem da minha mãe.

— Podemos encontrar outro no Craigslist — sugere ela.

Acho que comprar o laptop no Craigslist foi o problema, para começo de conversa, mas não posso reclamar.

— Frankie conheceu a namorada nova pelo Craigslist — comenta meu pai.

— Qual Frankie? O funcionário ou o carteiro? — pergunto.

— O funcionário. Frankie Rodriguez. Ele estava me contando sobre essa página no Craigslist em que você pode encontrar pessoas que conheceu ou quase conheceu. Se chama ligações perdidas, algo assim. — Ele olha para mim e para minha mãe como se devêssemos saber do que está falando. Então dá de ombros. — Bem, Frankie conheceu Lola no trem, mas ele desceu antes que pudessem pegar o número um do outro. Um amigo do Frankie falou para ele dar uma olhada no Craigslist, e ele encontrou uma postagem da Lola no site. E agora estão namorando já faz duas semanas.

— Mas que maravilhoso!

— Impressionante — comento.

É como se o Craigslist fosse algum agente do universo. Cuidando de tudo. E talvez o universo esteja falando através do meu pai agora, para me encorajar a fazer o mesmo. Talvez eu deva ver se Arthur, minha Lola, tentou me encontrar também. Eu me levanto.

— Preciso conferir uma coisa — anuncio.

— E a sobremesa? — pergunta minha mãe.

Eu paro e quase volto, mas continuo andando. A sobremesa não vai fugir. Estou com aquela sensação no peito de *tenho que fazer isso agora ou vou explodir*. Fecho a porta do quarto e me sento na cama com o laptop problemático que deu início a toda essa conversa sobre o Craigslist. Sinto essa esperança tomar conta de mim, um sentimento animador de que algo vai acontecer, como quando Hudson e eu começamos a trocar mensagens, como quando Arthur disse “oi” e nós flertamos e conversamos sobre o universo.

Entro no Craigslist e encontro a tal página de conexões perdidas — não *ligações perdidas*, pai, caramba — e dou uma olhada nas mensagens enviadas por e para caras em Manhattan. Começo a descer a página, mas minha iniciativa cheia de confiança logo se transforma em desânimo, e fico pensando que meio que gostaria de poder criar um grupo de apoio para todas essas pessoas cheias de arrependimentos e fantasias.

Fecho o laptop.

Acho que minha história com Arthur chegou ao fim.



ARTHUR

Quarta, 11 de julho

— ARTHUR, CALÇA OS sapatos. Anda. Nós vamos nos atrasar. — Minha mãe dá uma olhada no telefone. — Caramba. Vou pedir um Uber.

Olho para ela do sofá.

— São só oito horas.

— Bem, como seu pai acabou com o café e não me falou nada — diz ela em voz alta, na direção do quarto deles —, precisamos parar na Starbucks antes da conferência com a Bray-Eliopulos. Você tomou seu remédio, não tornou?

— Sim, mas... — Eu me sento devagar. — Por que não posso pegar o metrô?

— Você precisaria sair agora para pegar o metrô.

— Na verdade, não. Não até oito e vinte.

Ela bufa em tom de deboche.

— É por isso que você tem chegado ao escritório às nove e quinze?

— Foi só uma vez!

Ela bagunça meu cabelo.

— Vamos. Já chamei o Uber.

Mas então a porta do quarto dos meus pais se abre, e meu pai sai de lá usando uma calça de flanela xadrez e a mesma camisa de ontem.

— Bom dia. — Ele boceja, esfregando a barba. — Ei, Art, quer ir comer uns bagels?

— Quero!

— Michael, você pode simplesmente... não. — Minha mãe solta o ar. — Agora não.

Eles olham um para o outro, e o que acontece é uma daquelas discussões-relâmpago em silêncio dos pais... se é que pode se chamar aquilo de discussão. É mais como ver uma escavadeira esmagar um verme.

Meu pai bate de leve no meu ombro.

— Vamos deixar os bagels para amanhã.

— Mas não quero ficar preso em um Uber com a mamãe sem ela ter tomado café — sussurro.

— Você vai sobreviver.

O Uber para em frente ao nosso prédio, e deslizo para o banco traseiro depois da minha mãe. Ela ajeita a saia, coloca o telefone no colo com a tela para baixo e entrelaça os dedos. Já recuperou a calma agora que estamos em

movimento, mas me observa atentamente, e isso é quase pior. Tenho certeza de que está se preparando para puxar uma Conversa com C maiúsculo.

Ela pigarreia.

— Então, me fala sobre o garoto.

— Que garoto?

— Arthur! — Ela me cutuca. — Dos correios.

Olho para ela de esguelha.

— Já falei sobre ele.

— Bem, você só me contou o que aconteceu nos correios. Quero ouvir a história toda.

— Ok. Hum. Você não queria que eu procurasse por ele, então... essa é a história toda.

— Filho, só não queria que você entrasse no Craigslist. Já leu aquele artigo sobre...

— Eu sei. *Eu sei*. Facões e fotos de pênis. — Dou de ombros. — Não vou postar nada no Craigslist. Nem ligo tanto assim.

— Sinto muito, Arthur. Sei que queria achar o garoto.

— Não é nada de mais. É só um cara qualquer.

— Bem, eu só acho... — minha mãe começa a dizer, mas então o celular vibra em seu colo. Ela olha a tela e suspira. — Tenho que atender. Espere só um pouquinho. — Ela vira o corpo em direção à janela. — O que houve?... Sim. Ok, sim. Estamos a caminho. Dez minutos, e vamos dar uma passada na Starbucks... o quê? Ah. Ah, não. — Ela tamborila os dedos na pasta. Então se vira para mim, revirando os olhos, e murmura: — Trabalho.

O que significa que ela não vai desligar o telefone tão cedo. Eu me viro para a janela, catalogando mentalmente os restaurantes e as lojas lá fora. Não são nem nove horas, mas as calçadas já estão cheias de gente. Todos parecem exaustos e desapontados de forma geral.

Desapontados. Com Nova York!

Não sei. Às vezes sinto que os nova-iorquinos não aproveitam Nova York da maneira certa. Cadê as pessoas rodopiando nas barras de ferro do metrô ou dançando nas escadas de incêndio ou se beijando na Times Square? O pedido de casamento com flash mob nos correios foi um começo, mas quando será o próximo grande número? Eu imaginava Nova York como uma mistura de *West Side Story*, *In The Heights* e *Avenue Q* — mas na verdade é só um monte de construções, trânsito, iPhones e umidade. Desse jeito dava até para escrever musicais sobre Milton. Abriríamos com uma balada: “Domingo no Shopping”. E então “Deixei Meu Coração na Target”. Se Ethan estivesse aqui, já estaria com o libreto pronto assim que saíssemos do carro.

— Ah, acho que não — diz minha mãe ao telefone. — A menos que Wingate tenha apresentado uma petição. Ok, estamos a um quarteirão do escritório. — Ela faz uma pausa. — Não, tudo bem, vou mandar o Arthur. Já

estou a caminho.

Um segundo depois, ela tira uma nota de vinte dólares da bolsa.

— Um latte grande desnatado — murmura para mim.

Hashtag vida de estagiário.

Mando uma mensagem para Ethan enquanto espero na fila da Starbucks.

Conceito: um musical nos subúrbios de Atlanta chamado... espera só... Ha-Milton. 📞 📢 Boom.

Mas ele não responde.

Quinta, 12 de julho

Não recebo nada até a manhã seguinte, quando Ethan manda uma selfie para — surpresa! — o grupo. São ele e Jessie na Waffle House segurando uma embalagem de calda de chocolate. **Você está aqui em espírito, cara!**, ele escreve.

Isso é uma droga. Em qualquer outro verão, eu estaria ao lado da Jessie ali na mesa, comendo batata frita e falando sobre política, Twitter ou adaptações de peças para o cinema. Eu contaria a Ethan e Jessie a versão completa da história dos correios, e provavelmente traçaríamos um plano de ataque para a Operação Hudson no bloco de notas do meu celular.

Ao contrário daqui, em que as meninas se fecham toda vez que digo a palavra *Hudson*. E juro que hoje estão ainda piores. Um dos assistentes jurídicos deixa um pacote para Namrata, e ela mal olha para ele. É como se não pudesse parar de digitar. Por um instante, apenas observo.

— O que é isso? — pergunto, finalmente.

— Não sei.

— Você bem que podia abrir.

— Vou abrir.

Os dedos de Namrata continuam no teclado por um momento enquanto ela lê algo na tela. Então olha para uma pilha de documentos, depois mais uma vez para a tela, e volta a digitar.

— Quando?

— O quê?

— Quando você acha que vai abrir?

— Deixa eu adivinhar. — Namrata suspira com tanta força que os papéis do caso Shumaker voam. — Você não vai me deixar trabalhar até eu fazer isso.

— Provavelmente.

— Então vamos lá. — Ela rasga o pacote e espia lá dentro pelo que parecem dez minutos... mas, quando finalmente volta a me encarar, está

sorrindo. — Por que diabos você comprou dois quilos de bala de gengibre para mim?

— Na verdade, um quilo e oitocentos gramas...

— De bala de gengibre.

— Arthur, você é uma figura — diz Namrata.

Tradução: Arrasei.

Juliet bagunça meu cabelo.

— Quer almoçar com a gente?

Tradução: Arrasei muito.

Estou tão feliz que poderia cantar. Se eu e as meninas somos parceiros de almoço agora, provavelmente estamos no caminho certo para fazermos tatuagens combinando semana que vem. E então elas vão me apresentar a uns estudantes de direito bonitinhos, ainda mais que o Hudson, e nunca mais vou voltar para a Geórgia. Vou ficar em Nova York com meu novo grupo de amigos incríveis. Minhas novas melhores amigas. Quem precisa da Waffle House? Vou ter almoços de trabalho incríveis em Nova York, o centro culinário do universo. Éthan e Jessie podem passar o resto da vida comendo em cadeias de restaurantes. De agora em diante, só comerei em food trucks de comida artesanal orgânica e delicatessens icônicas de celebridades.

— Sempre quis experimentar o Tavern on the Green — sugiro.

— Arthur, só temos meia hora.

— Sardi's?

— Que tal o Panera?

Suspiro.

— Adoro o Panera.

— É, imagino — diz Namrata, jogando em mim um punhado de balas de gengibre.

Cinco minutos depois, estamos na rua e é impressionante como as garotas são diferentes fora do escritório. Ficam tão *abertas*. Até o momento, a maioria das minhas informações sobre Namrata e Juliet vinha de uma destas três fontes: escutar conversas, Instagram e minha mãe. Agora sei que Juliet é bailarina e Namrata, vegetariana, e que se odiavam durante todo o primeiro ano da faculdade de direito, mas agora são melhores amigas, correm e comem cupcakes juntas, e que nenhuma das duas nunca deixou de ler nada para nenhuma aula. Tudo isso antes mesmo de estarmos na fila do Panera.

— Estou mais do que enojada — diz Namrata a Juliet. — Foi então que eu disse: quer saber de uma coisa? Tudo bem, não fala nada com eles, mas adivinha só? Nunca mais vou dormir aqui. Sinto muito, David, mas pornô de dinossauro é demais para mim.

Juliet geme.

— Eca...

— Espera, quem é David? E por que ele curte pornografia com

dinossauros?

Ok, falando sério: odeio quando as pessoas soltam um nome aleatório como se eu devesse magicamente saber quem é.

— Não, são os colegas de quarto do David — explica Juliet.

— E eles não só curtem pornografia de dinossauros — acrescenta Namrata — como também estão criando, sem brincadeira, sua própria tirinha pornô de dinossauro. Juro. E, tudo bem, cada um com seu cada um. Mas eles deixam os esboços no meio da sala, e eu fico, tipo: David, será que posso não ter que ver essa imagem de um T-rex se masturbando?

— Mas... com os braços de um T-rex... — Juliet parece perplexa. — Como é possível?

— Sério, quem é David? — pergunto.

— Meu namorado — responde Namrata, com um sorriso.

— Você tem namorado?

— Eles namoram há seis anos — diz Juliet.

— O quê? Não acredito. — Então me viro para Juliet. — Você tem namorado?

— Namorada — responde Juliet.

— Você é lésbica?

— Próximo — chama o cara atrás do balcão.

— Bem, sou assexual birromântica, o que significa...

— Eu sei, eu sei. Mas você nunca mencionou isso. Por que vocês nunca me falam nada?

— A gente fala para você voltar ao trabalho — diz Juliet. — O tempo todo, na verdade.

— Mas nunca me contam sobre suas vidas amorosas. Já contei todos os detalhes sobre o Hudson para vocês, e nem sequer sabia que você tinha namorada! E definitivamente não sabia que Namrata tinha um namorado chamado David que desenha pornô de dinossauro.

— Não, os *colegas de quarto* do David desenhavam pornô de dinossauro — corrige Namrata, voltando do balcão. — Esse é um detalhe importante. Arthur, sua vez. Vai lá pedir seu McLanche Feliz de manteiga de amendoim com geleia.

— Shh. Vou pedir um queijo quente. Um queijo quente de gente grande.

— Muito sofisticado — diz Namrata, dando um tapinha na minha cabeça.

— Hudson — diz uma voz ao microfone, e eu congelo. Namrata e Juliet congelam. O mundo inteiro congela. — Hudson, seu pedido está pronto.

— Arthur. — Juliet leva a mão à boca.

— Não é ele.

— Como você sabe?

— Não pode ser ele. Seria muito estranho. Quais são as chances de uma

coisa dessas acontecer? — Balanço a cabeça. — Com certeza algum outro Hudson.

— Estamos perto dos correios — argumenta Juliet. — Ele deve trabalhar ou morar por aqui. Não é um nome tão comum.

— Sim, vamos até lá — diz Namrata.

— De jeito nenhum. Isso é esquisito!

— Não, não é.

Ela me dá um puxão não muito gentil em direção ao balcão de entrega. De costas para nós está um garoto de calça jeans e camisa polo — branco, mais alto do que eu, usando um boné de beisebol virado para trás.

— É ele?

— Não sei.

— EI, HUDSON — chama Namrata.

Meu coração para.

E o garoto vira, parecendo um pouco apreensivo.

— Eu conheço você? — pergunta Namrata.

Não é ele.

Não é o Hudson. Bem, aparentemente é um Hudson, ou pelo menos atende por esse nome, mas não é o *meu* Hudson, se é que meu Hudson se chama mesmo Hudson, para começo de conversa. Estou meio zozinho. Este Hudson não é de se jogar fora. Suas maçãs do rosto são bem marcadas, e ele tem sobrancelhas incríveis. E agora está nos encarando. Parece confuso, e estou completamente constrangido com a situação.

— Hudson. Do acampamento musical? — pergunta Namrata, com naturalidade.

— Não fui a nenhum acampamento musical.

— Ah, bem. Deve ter sido outra pessoa.

— Outro Hudson? — pergunta ele.

Namrata não hesita.

— Sim, Hudson Panini.

Hudson Panini. Namrata acabou mesmo de criar um amigo fictício chamado Hudson Panini assim, do nada?

— Ah, uau. Muito melhor que Hudson Robinson.

— É, acho que sim. — Namrata pega minha mão. — Mas aproveite sua tigela de pão, Hudson Robinson.

— Eu pedi um panini — murmura Hudson.

Mas, a essa altura, já estamos quase chegando à mesa.

Juliet nos alcança na mesma hora.

— Como foi?

— Eu vou matar a Namrata — informo.

Namrata bufa.

— Ei, qual foi o problema?

— HUDSON PANINI?

— Eu vi um panini.

— Genial — diz Juliet.

Afundo na cadeira.

— Isso foi tão humilhante.

— Que nada. Você é muito frouxo — rebate Namrata — Não ia nem dar um “oi”.

— Nem era ele! Era o cara errado.

— Bem, isso ficou óbvio. Ele não reconheceu você.

Juliet se recosta na cadeira.

— Então era outro Hudson?

— Ou o ex-namorado — diz Namrata casualmente. — Nesse caso, de nada. Acabei de descobrir o sobrenome dele.

— Espere — murmuro.

Mas qualquer outra coisa que eu tivesse em mente evapora.

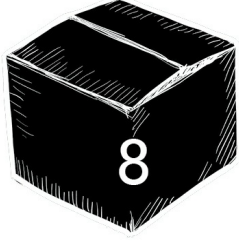
Porque talvez Namrata esteja errada. Mas talvez não esteja.

Talvez Hudson Robinson — o deus da sobancelha incrível com boné virado para trás — seja o ex-namorado do Garoto da Caixa. Aposto que está deprimido demais para lavar o cabelo desde o término, *e é por isso que está usando o boné. Que droga.*

Hudson Robinson. Não sou de perseguir ninguém nem nada. Não vou aparecer na porta da casa dele. Mas todo mundo está em algum lugar da internet, certo?

Quero dizer, talvez eu estivesse mesmo destinado a conhecer o garoto da agência dos correios. Talvez encontrá-lo de novo seja o meu destino. E talvez, apenas talvez, seguir o garoto que o levou aos correios seja o caminho para chegar até ele.

Hudson Robinson, digito. E então dou enter.



BEN

Quinta, 12 de julho

A AULA FOI difícil, e a última coisa que eu queria, de verdade, era conhecer a futura namorada temporária do Dylan. Mesmo assim, corro para o centro da cidade, como se ficar o mais distante possível da escola fosse me ajudar a esquecer o quanto dói ser excluído de todas as risadas que Hudson e Harriett trocaram na aula. Desço do trem, e Dylan está em frente a uma farmácia, segurando uma caneca térmica da Dream & Bean e um buquê de flores.

— Você está com um ar assassino no rosto — diz Dylan. — Assassino e culpado. Será que a gente consegue substituir essa cara antes de você conhecer a Samantha? Sugiro uma *cara de melhor amigo feliz*, talvez.

Ele dá uma piscadinha. Vou topar a *cara de melhor amigo feliz*, porque é o Dylan. Mas está ficando realmente cansativo conhecer todas as namoradas dele, me aproximar delas e logo depois perder o contato quando Dylan decide terminar.

— Está bem. Qual é o lance das rosas? — pergunto.

— Samantha comentou que rosas são suas flores preferidas enquanto assistíamos a *Titanic* — diz Dylan, radiante, como se fosse sobre-humano lembrar-se de algo que foi dito menos de vinte e quatro horas antes.

— Vocês se encontraram?

— Só pelo FaceTime.

— Vocês ficaram no FaceTime o tempo todo? Esse filme não tem mais de três horas?

Dylan balança a cabeça.

— Levamos mais de quatro horas para ver tudo. Ficávamos parando para conversar.

— Impressionante — comento.

E estou falando sério. Principalmente levando em conta as horas que ele não dormiu na noite anterior porque ela não havia respondido à mensagem sobre Elliott Smith. Acabou que ela só não tinha conseguido ouvir as músicas ainda. E depois adorou todas.

— Você gostou?

— Pensei que o navio fosse afundar bem mais cedo, se é que me entende.

— Você estava entediado até o navio começar a afundar...

— Sim, eu estava entediado até o navio começar a afundar.

Dylan parece bem animadinho enquanto corremos para o café. Desvia das pessoas pela esquerda e pela direita, e me esforço para aguentar sua

explicação de como havia espaço para Jack e Rose naquela porta ou como poderiam, pelo menos, ter revezado. Dylan para na esquina.

— Ok. Como estou?

Ele está com olheiras e usando uma camisa da Kool Koffee, o que parece meio exagerado, mas, fora isso, está ótimo. Quer dizer, menos uma coisa:

— Talvez seja melhor se livrar da caneca da Dream & Bean.

Dylan joga a caneca para mim como se fosse uma granada, e arremessamos de um para o outro até eu colocá-la na mochila.

— Você é ridículo — falo, quando entramos na Kool Koffee.

O lugar cheira a escritores pretensiosos que odiariam as coisas que escrevo.

Samantha está atrás do balcão, linda e radiante. Ela para de anotar o pedido de alguém e acena. Seus cachos escuros estão achatados por um boné cáqui, e seus olhos azuis-esverdeados se iluminam ao verem Dylan. E aí, boom!, ela abre um sorriso perfeito. Tenho certeza de que sou 100% gay, porque, se fosse pelo menos 1% bissexual, eu já estaria caidinho por ela, com uma aparência e uma energia daquelas. Dylan olha para Samantha como se ela estivesse reluzindo, e me pergunto quando parei de reluzir aos olhos de Hudson. Se é que algum dia cheguei a causar essa reação nele.

Ah, merda. Só tem uma mesa livre.

— Vou pegar aquela mesa — anuncio.

Dylan me puxa de volta.

— Você tem que fazer o pedido. Além disso, estou com medo de dizer alguma coisa idiota.

— Você vai ficar bem.

— Quase entrei aqui com o café do inimigo.

Fico parado.

Continuo com a *cara de melhor amigo feliz*, mesmo quando um garoto da nossa idade com ar de aspirante a escritor pega a última mesa disponível, abrindo o laptop para escrever o próximo Harry Potter antes de mim. Pelo menos ele é bonito. Olhos claros, moreno, cabelo raspado nas laterais, camiseta do Tocha Humana. Se eu fosse mais corajoso, como o Arthur dos correios ou o Dylan com a Samantha, daria o primeiro passo. Eu me sentaria de frente para ele, daria um oi, conversaria sobre gostar de escrever, descobriria se ele curte garotos, diria que é bonito, torceria para ele dizer o mesmo, pegaria seu telefone, me apaixonaria. Mas não sou corajoso, então não faço nada disso.

Chegamos ao começo da fila, e Samantha se debruça sobre o balcão, quase derrubando o mostruário giratório de biscoitos (daqueles que só estão ali para você acabar comprando por impulso).

— Sou do tipo que abraça — comenta ela. Mas é um eufemismo, porque ela não é apenas do tipo que abraça: é excelente nisso. — É um prazer conhecer você, Ben.

— O prazer é meu, Samantha. Samantha, certo? Não é Sam? Nem Sammy?

— Só minha mãe me chama de Sammy. Acho muito estranho quando qualquer outra pessoa me chama assim. Obrigada por perguntar — explica ela. Então se vira para Dylan. — Oi.

— Oi — responde ele. — Tudo bem?

— Tudo. Meio ocupada. — Ela sorri ao ver as rosas. — Você é tão fofo. A menos que não sejam para mim, nesse caso sou obrigada a cuspir no seu café.

— São todas suas — diz Dylan.

Samantha pega um copo, escreve o nome do Dylan dentro de um coração e começa a preparar seu café grande sem cuspe.

— O que você vai querer, Ben?

— Não sei. Um suco de morango, acho.

Açúcar é sempre a melhor opção.

— Pequeno, médio, grande?

Vejo os preços no cardápio.

— Pequeno. Com certeza pequeno.

Socorro, US\$3,50 por um copo pequeno com metade suco, metade gelo? Eu poderia viver uma aventura com um cartão do metrô de US\$2,75 e ainda receber troco. Comprar um galão de suco de laranja. Três pacotes de Skittles e cinco balinhas na loja da esquina.

— Pode deixar. — Samantha desenha uma carinha sorridente debaixo do meu nome. — Falo com vocês já, já. Só preciso terminar esta fila.

Esperamos no final do balcão. Dou outra olhada no cara da camiseta do Tocha Humana, que agora está de fones de ouvido, e me pergunto o que será que ele está ouvindo. Hudson gostava de muitos clássicos. Prefiro ouvir o que está em alta. Não sou de procurar músicas novas, mas, se for boa, fico viciado. Seria legal namorar alguém que gostasse das mesmas coisas que eu. Não brigariamos durante as viagens de carro. Poderíamos dividir fones de ouvido e curtir a mesma música enquanto relaxamos em algum lugar tranquilo.

Uma garota se levanta de uma mesa do canto, limpando-a com guardanapos, e, antes que eu possa correr para ver se está saindo, dois abutres — desculpe, dois caras de terno no intervalo do almoço — aproximam-se e pegam a mesa.

— Você deveria ter me deixado pegar a mesa — reclamo.

— Ela não é incrível? — pergunta Dylan.

— Sim — respondo automaticamente.

Samantha sai de trás do balcão, cantarolando nossos nomes.

— Aqui está. — Ela vem até onde estamos. — Obrigada por virem me visitar.

— Dylan não deixaria de vir por nada — falo. — Eu também não, claro.

— E melhor do que ir para casa e estudar, não é? — diz Dylan.
Só faço que sim com a cabeça.

Não quero que ninguém saiba que estou de recuperação. Já foi constrangedor o suficiente não receber o boletim em sala e ter que procurar a coordenação. Todos na sala sabiam que eu estava prestes a encarar o papo “ou você fica de recuperação, ou vai ter que repetir o ano em outra escola”. Eu deveria ter escolhido a segunda opção. Assim teria o verão para mim e ficaria livre do Hudson quando as aulas voltassem.

Samantha toma um gole de seu mocha gelado, sem gordura, com quatro doses de *espresso* e creme. Acho que ela notou que a recuperação é um assunto delicado para mim. Queria que meu melhor amigo fosse rápido assim para perceber as coisas.

— Adoro trabalhar aqui, mas também sinto falta da minha liberdade. Como quero ter meu próprio negócio um dia, minha mãe disse que é melhor trabalhar em todos os níveis possíveis antes de subir na vida, para eu nunca me transformar em um monstro que espera um trabalho magistral de funcionários que ganham apenas o suficiente para sobreviver.

— Que tipo de negócio? — pergunto.

— Adoraria criar meus próprios aplicativos de jogos. Já tenho até uma ideia. Seria uma espécie de *Frogger*, mas, em vez de ruas com tráfego pesado, o jogo se passaria nas calçadas de Nova York. Você morre se for atingido pelo carrinho de compras de alguém e perde pontos se cruzar o caminho de um turista enquanto ele tira uma foto. Uma coisa assim.

— Eu ia arrasar nesse jogo e dominar o ranking — falo. — Dylan estava praticamente jogando uma versão da vida real dele no caminho até aqui.

— Ah, qual o problema? Eu não queria perder o começo do intervalo dela — rebate ele.

Dylan parece estar envergonhado com isso, uma palavra que eu normalmente não associaria a ele. É adorável como todos os minutos contam. O clássico estágio de lua de mel em que todo mundo se sente como se estivesse cavalgando um unicórnio por arco-íris flutuantes enquanto toma smoothies de Skittle. Mas uma hora você percebe que o unicórnio era apenas um cavalo fantasiado e que agora você está cheio de cárie.

Samantha sorri para ele, como se quisesse dizer como aquilo é fofo, mas está se segurando.

— Bom, então é isso que eu quero fazer: aplicativos de jogos. Se algum dia tiver alguma ideia para me encher de dinheiro, é só falar.

Ela pisca. Não é uma piscadela perfeita, mas ainda assim é charmosa.

— Você pode fazer um aplicativo 100% infalível que ajude as pessoas a encontrarem sua alma gêmea, talvez?

— Esperava sugestões mais fáceis, tipo um aplicativo criativo de levar o cachorro para passear, mas claro, com certeza.

Gosto dela de verdade; vai ser um saco quando eles terminarem. Talvez

possa ficar amigo dela sem que Dylan saiba. Ter um caso, só que de amizade.

— Sei que a decisão foi sua, mas como estão as coisas pós-término? — pergunta Samantha.

Fico desconcertado ao perceber que ela já sabe sobre Hudson. Provavelmente é cedo demais para Dylan preencher os silêncios constrangedores contando a Samantha por que terminou com Harriett. Ele diz que foi porque Harriett gostava mais de ser namorada de alguém no Instagram do que na vida real. Mas sei que é porque ele simplesmente acordou um dia e não sentia mais nada.

É, com certeza não é algo que você fala para uma namorada em potencial.

— Primeiro relacionamento. Primeiro término. Primeira vez que alguém realmente me odeia. Só queria que pudéssemos ser amigos — desabafo.

— Sinto muito... — diz Samantha.

— É a vida.

Tomo meu suco de morango em quatro goles, como um adulto deprimido virando umas doses, e mastigo o gelo, porque, droga, também paguei por isso, afinal.

— Espero que ele reconsidere — completa Samantha.

— É ele quem está perdendo — falo, tentando deixar para lá. Volto a mostrar minha *cara de melhor amigo feliz*. — Então, *Titanic*, hein?

— Adoro esse filme desde criança — explica Samantha. — Embora agora eu queira ver um dos favoritos do Dylan.

— *Transformers*, com certeza — diz Dylan.

Samantha faz uma careta.

— Talvez possamos jantar amanhã em vez disso. Posso levar você àquele restaurante de frutos do mar de que te falei.

— Amanhã é sexta-feira treze — lembro.

— Ah, sim! Não sou supersticiosa, não se preocupe — afirma Samantha.

— Eu também não — diz Dylan. — Passo por baixo de escadas tranquilamente.

— Sim, uma vez, quando tinha oito anos e quebrou o braço uma hora depois — retruco.

Ele ficou tão assustado com a dor que teve um ataque de pânico. Jurava que estava morrendo, de tão feio que foi. Mas sou um bom amigo e nunca menciono isso. Fico tão feliz por não ter testemunhado quando ele caiu de bicicleta.

— Foi só uma coincidência infeliz — assegura Dylan.

— Ou azar. — Dou de ombros. — Enfim, temos uma tradição. Filmes de terror na Casa Boggs às sextas-feiras treze. — Fazemos isso desde o oitavo ano. — Estou em um clima mais para Chucky.

— Por que Chucky? — pergunta Samantha.

- E incrível. E tipo *Toy Story*, só que bizarro.
- Definitivamente não quero atrapalhar uma tradição — diz Samantha.
- Isso parece ótimo.
- Dylan me olha de lado.

Não quero mesmo ser um estraga-prazeres, mas ando muito sensível. E Dylan não pode furar comigo por uma garota que conhece há menos de uma semana, não importa o quanto ela seja incrível. Em abril, Hudson e eu íamos assistir ao novo filme dos X-Men, e era uma das poucas coisas com que ele tinha ficado animado depois do divórcio, mas a estreia caía numa sexta-feira treze, então, como o bom amigo que sou, cancelei nossos planos e Hudson viu o filme com a Harriett.

— Você deveria vir com a gente — falo, de coração. — Não me importo em segurar vela.

- Sinto que *eu* vou segurar vela — brinca Samantha.
- Ben, arrume um cara e vamos transformar isso num encontro duplo.
- Ah, sim, claro, só vou escolher alguém aqui rapidinho.

Então me viro, só pela piada, e acabo fazendo contato visual com o cara fofo com a camisa do Tocha Humana. Giro de volta para Dylan e Samantha, com o rosto vermelho. O universo resolveu se manifestar mais uma vez. Quero muito fazer alguma coisa. E se ele estiver destinado a preencher o espaço deixado por Hudson?

- Vou lá falar com aquele cara — anuncio.
- Uou, que cara? — pergunta Samantha.
- O cara com o laptop. — Percebo que há quatro caras com laptops na minha linha de visão. — E com a camisa do Tocha Humana.
- Vai lá — diz Dylan. — Garante o seu. Vai! Vai!

Garantir o meu. Hudson não é o único que pode seguir em frente. Não vou ficar aqui surtando. Vou até lá brincar que ele pegou minha mesa, e...

Uma garota negra linda se aproxima da mesa e dá um beijo nele.

Volto até Dylan e Samantha.

- É claro que ele é hétero — falo.
- Talvez seja bi — tenta Dylan. — E em um relacionamento aberto.
- Ou minha vida é uma droga — rebato. — E talvez Hudson tenha sido a última pessoa a me querer.

- Aquele alienígena queria você.
- Alienígena? — pergunta Samantha.
- Mas nunca mais vou vê-lo — retruco.
- Ah, vamos lá, deve haver algo sobre ele que possamos procurar.
- *Que alienígena?* — pergunta Samantha de novo.
- Conheci um cara nos correios — explico. — O nome dele é Arthur. Mas não perguntei seu sobrenome e nem me lembro se disse o *meu* nome para ele.

— Ah, meu Deus. — Samantha aperta meu braço e dá pulinhos. —

Adoro um mistério. Meu melhor amigo, Patrick...

— Seu melhor amigo é um cara? — questiona Dylan.

— ... me chama de Nancy Drew das redes sociais...

— Patrick é gay?

— ... porque o ajudei a encontrar uma garota na internet...

— Bissexual?

— ... que ele conheceu na formatura do irmão.

Ignoro as interrupções vertiginosas de Dylan e me concentro em Samantha.

— Como você a encontrou?

— Ele me contou tudo sobre o evento que eu poderia usar como palavra-chave para pesquisar no Twitter, como as becas beges horrorosas e alguns momentos memoráveis do discurso do orador. Mas então simplesmente entramos em uma grande espiral de tweets com a hashtag da formatura no Instagram e a encontramos. Acabou que ela não tem Twitter.

— Uau.

— Ok, mas sério, de volta ao Patrick — insiste Dylan.

Samantha o segura pelos ombros.

— Patrick é como um irmão para mim, seu esquisito. Tranquilo? Ótimo. Agora, Ben, me conte tudo que sabe sobre o Arthur.

— Não vai adiantar. Já fiz a caçada no Twitter e não consegui nada.

— Espera, você também é a Nancy Drew das redes sociais? — pergunta Samantha, se gabando.

Sorrio. É legal ela ser tão generosa — ou talvez esteja mesmo entediada. De qualquer forma, conto a ela tudo que já procurei no Twitter.

— Preciso de mais do que gravatas de cachorro-quente e Geórgia — diz Samantha. — Sou boa, mas assim não dá. Por que ele veio passar o verão aqui?

— Ah, por causa da mãe dele. Ela é advogada e está trabalhando em um caso.

— Você sabe de que empresa? Ou alguma coisa sobre o caso?

Samantha pega o celular e faz algumas anotações. Que se dane o lance dos aplicativos, ela devia se tornar mesmo uma detetive.

— Não e não. Mas é uma empresa que também tem escritório na Geórgia. Milton, Geórgia! Milton como seu tio, que também é avô — falo.

— O tio dele já é avô ou é tio-avô?

— Ah...

Eu não lembro. Dou de ombros.

— A recuperação está funcionando direitinho, hein? — implica Dylan.

Samantha bate no ombro dele.

— Tudo bem. Não importa muito. Algo mais?

Não consigo parar de pensar no comentário de Dylan. Sei que fiquei de recuperação, acordo com esse aperto infeliz no peito todos os dias. E ainda

sou obrigado a encarar meu ex-namorado e um futuro assustador lá. Não sou que nem o Arthur, que sonha com faculdades incríveis.

— Yale! — exclamo.

— O quê? — Dylan parece superintrigado.

— Arthur disse que passou no campus de Yale. Ele tem um rostinho de bebê, mas pode começar a estudar lá no outono, certo?

— Isso tudo é bem útil — diz Samantha. — Preciso voltar para o caixa em um segundo, mas você se lembra de mais alguma coisa?

Penso em todas as coisas boas que provavelmente não serão úteis. Como o quanto ele ficou sem graça quando falou sobre o meu “pacotão”. Como se iluminou quando percebeu que eu também era gay, mesmo que eu estivesse contando sobre o término do meu namoro. Seu entusiasmo pelo universo como se fosse, na verdade, um amigo. Então algo importante me vem à mente.

— Ele vai embora no final do verão — lembro.

Não faz sentido ir atrás dele.

— Incentivo para trabalhar mais rápido!

Samantha está radiante, como se tivesse toda a esperança do mundo, e eu gostaria que ela pudesse compartilhar um pouco comigo, porque duvido muito que o mesmo universo que me prende na recuperação com meu ex-namorado também vá me juntar com um cara fofo.

— Ok, preciso voltar logo. — Ela me abraça, e noto que cheira a *espresso* e bolinhos. — Foi tão bom conhecer você, Ben. Espero conseguir montar esse quebra-cabeça e encontrar seu garoto. Mas, se não conseguir, não tenho dúvidas de que alguém incrível vai cruzar seu caminho e se apaixonar perdidamente por você.

— Talvez esse alguém esteja na sua vida há anos — completa Dylan, colocando a mão na minha.

Samantha ri.

— Eu sabia. Vou mesmo segurar vela amanhã.

— Não tema, futura esposa. Se ficar com medo amanhã à noite, protegerei você a todo custo.

Dylan sorri para ela.

Samantha não sorri de volta. Em vez disso, olha para o chão e coça a cabeça.

Percebo o momento em que Dylan se dá conta de que realmente exagerou no flerte — que talvez Samantha não esteja inclinada a falar sobre casamento depois de apenas dois dias.

— Falo com vocês mais tarde.

Ela vai para trás do balcão, coloca o boné e volta ao trabalho.

— Ah, não — diz ele.

— Está tudo bem.

— Era só uma piada.

— Dê um pouco de espaço a ela. Samantha está trabalhando. Vocês podem conversar depois.

Dylan sai na frente.

— Foi tão ruim assim? Sêrio?

Ele se vira mais algumas vezes, como se estivesse querendo ver se ela está olhando enquanto a gente se afasta. Ou talvez ele esteja tentando vê-la pela última vez.



ARTHUR

Quinta, 12 de julho

OK. VAI PARA o inferno, Google.

Não, sério, *vai para o inferno*. E leve Kate Hudson e Chris Robinson junto. Vão para o inferno por se casarem e vão para o inferno por se divorciarem e vão para o inferno em geral. Porque sabe o que aparece quando se procura Hudson Robinson no Google? Spoiler: não é o garoto do Panera.

Afundo na cama, olhando para o teto. Sinto-me tenso e agitado, e meu quarto parece ainda menor do que o normal. Às vezes, Nova York parece uma cinta de corpo inteiro.

Cinco segundos depois, meu telefone começa a vibrar. E é o Ethan.

Olho para a tela. Seis semanas ignorando minhas mensagens, e agora, do nada, me liga pelo FaceTime. O que não é nada de mais. Apenas inesperado.

Aperto *Aceitar*.

— Arthur! — diz Jessie.

Os dois estão amontoados no sofá do porão de Ethan. Ou seja, mensagem em grupo em forma de vídeo. Mas tudo bem. Quero dizer, tudo ótimo. Ethan e Jessie são ótimos, e eu os amo, e seu *timing* é perfeito, na verdade.

Sorrio.

— Ei! Exatamente com quem eu queria conversar.

Eles olham um para o outro tão rápido que mal dá para notar. Mas então Jessie diz:

— Ah, é? O que houve?

— Encontrei o Hudson.

— Desculpa. O QUÊ?

— Mas não é ele — completo, depressa. — Não é o cara dos correios. Mas acho que talvez seja o namorado.

— *Ex*-namorado. — Ethan aponta para mim. — Você é o namorado.

— Shh. Quem dera.

— Futuro namorado — corrige Jessie. — Uau. Como o encontrou?

Conto a eles sobre o Panera e o panini e o sobrenome e as sobrancelhas, mas, quando termino, Jessie parece perplexa.

— Espera, mas como você sabe que não é só um cara qualquer chamado Hudson?

— Porque... — Sinto um peso no estômago. De repente, a lógica de

Juliet parece, na melhor das hipóteses, plausível. — Eu não sei. E um nome tão comum assim?

— O bebê do Devon Sawa se chama Hudson.

— É claro que você sabe isso. — Ethan cutuca Jessie.

— De qualquer forma, não estou achando nada no Google ou no Facebook, Instagram, Tumblr, Snapchat ou Twitter ou literalmente em qualquer lugar, e eu odeio isso.

A expressão de Jessie se suaviza.

— Você realmente gostou desse cara, né?

Deixo escapar um gemido.

— Eu nem o conheço. Só estive com ele por cinco minutos. Por que ainda estou pensando nesse garoto?

— Porque ele é gato — sugere Ethan.

— Só não entendo. Por que o universo me apresentaria a ele para depois tirá-lo de mim cinco segundos depois?

— Talvez o universo o envie de volta para você — insiste Ethan. — Ligeiramente usado, porém. Um pouco desgastado. Mas em boas condições.

Jessie fica em silêncio por um segundo, mordendo o lábio.

— Talvez o universo queira fazer você lutar por isso — tenta, por fim.

— Estou lutando por isso! Acabei de passar uma hora procurando um cara qualquer no Google que gosta de paninis e não foi a nenhum acampamento musical.

— Humm — diz Jessie.

Ela se levanta, saindo de repente do quadro.

— Espera, aonde você vai?

— Tenho uma ideia.

Olho para Ethan, e ele dá de ombros. Os passos de Jessie ressoam no chão.

Então agora somos só Ethan e eu, e estamos totalmente em silêncio. Ele mal consegue me olhar nos olhos.

— Então...

— Pois é...

Ele pisca.

— Tudo bem?

— Perfeitamente bem.

— Ok. Maravilha.

— É. — Então aperta os lábios e olha para baixo. — Como estão M&M?

Também conhecidos como Michael e Mara Seuss, que, tenho praticamente certeza, estão no trem expresso para a cidade do divórcio.

— Ótimos! — falo. — Tudo perfeito!

Aquilo é sofrido... e não há sinal de Jessie. Sinto muito, mas ela precisa resolver essa bagunça agora. Ethan ainda está olhando para algum lugar acima da câmera. Será que notaria se eu mandasse uma mensagem para ela?

Só um SOS rápido? E talvez uma ameaçazinha de que, se não voltar neste segundo, vou acabar com a vida dela? Vou encontrar o vídeo da declaração de amor que ela gravou para Ansel Elgort no oitavo ano, e, que Deus me ajude, vou descobrir uma maneira de invadir a sala de projeção do Regal Avalon. Se Jessie não acha que essa será a exibição mais memorável de todos os tempos desde *Missão: Impossível 6*, ela está...

— Ei. — Ela volta sem fôlego, sentando-se novamente ao lado de Ethan no sofá. — Acho que encontrei o Hudson.

— Espera... o quê?

— Humm. Ai, meu Deus. Eu só... Arthur, estou tão orgulhosa de mim agora, você não tem ideia. Isso, tipo... isso está realmente acontecendo. Você está pronto?

Assinto devagar.

— Você está bem? Não me parece bem. — Ela ri.

— Nem você. — Hesito. — Tem certeza de que é ele?

— Você vai ter que olhar a foto e me dizer.

— Tem uma foto? — Meu estômago se contrai.

— Nunca subestime minha bizarrice com a internet.

— Eu nunca subestimo — diz Ethan.

— Cala a boca. Então, tive uma inspiração repentina. Fiquei pensando em toda aquela história com a Namrata e disse a mim mesma: quer saber? Vou procurar Hudson Panini.

— Humm...

— Não, escuta. Entrei no Twitter e literalmente digitei *Hudson Panini...* e a primeira coisa que apareceu foi um cara chamado @HudsonComoORio. Então na hora tive um arrepio, porque foi exatamente o que você disse, lembra? Hudson, como o rio. — Ela aponta para mim, sorrindo. — De qualquer forma, esse tal de Hudson Como o Rio tem um tweet de 11h44 da manhã de hoje que diz: *louco por um panini rsrs*.

— Ok...

— Ele estava louco por um panini hoje, meia hora antes de você topar com ele *pedindo um panini*. E o nome dele é Hudson!

— Mas como sabemos que ele é o Hudson? Ele é de Nova York?

Jessie se inclina para a frente, sorrindo.

— Ainda não acabei. Enfim, dei uma olhada na descrição do perfil dele, e é supervaga, e todos os seus tweets são vagos também... e são ruins, muito ruins. Nem mesmo do tipo ruim-engraçado. E a foto dele é um bitmoji. Então pensei: *que merda*. Mas aí tive a ideia de dar uma olhada no Instagram, porque as pessoas geralmente usam o mesmo nome de usuário, certo? E, como era de se esperar... Boom. @HudsonComoORio. Perfil público, cinquenta zilhões de fotos, sobancelhas incríveis. Ele é de Nova York. Art, estou surtando.

— Ai. Meu. Deus.

— Você precisa dar uma olhada nisso agora — diz ela. — Nos falamos mais tarde, Ok?

Ela encerra a ligação e fico ali sentado, em choque. Um garoto chamado Hudson. De Nova York. Com sobranceiras incríveis. Que declarou publicamente estar louco por um panini no almoço de hoje. O Garoto da Caixa deve segui-lo no Instagram, certo? Devem estar marcados em fotos juntos, pelo menos. O que meio que faz meu estômago revirar, mas enfim...

Respiro fundo para tentar relaxar. Abro o Instagram e digito o nome do perfil.

Hudson como o rio. @HudsonComoORio

E estou dentro.

Mensagem da Jessie: **É ele?**

Não consigo nem formular uma resposta. Meu Deus. É ele. Hudson. Na foto com o filtro Clarendon, usando aquele boné de beisebol para trás. Selfie após selfie.

Mas tenho que ficar calmo. Só porque ele é Hudson Robinson, um garoto qualquer que gosta de panini, não significa que seja o Hudson da etiqueta. Não significa nada. Para começar, o Garoto da Caixa não aparece em lugar algum. Nem uma única foto dele no feed inteiro.

Vejo as fotos de qualquer maneira, começando pela mais recente, que é — sem brincadeira — uma foto da porcaria do panini. A próxima é uma selfie com uma garota, identificada pelo nome fofo Harriett The Pie, e, em seguida, uma selfie fazendo o sinal da paz com a hashtag #seguindoemfrente.

Seguindo em frente.

É do dia em que conheci o Garoto da Caixa... o que pode não significar nada. Uma pessoa pode seguir em frente por vários motivos. Hudson pode ter mudado de emprego. Cortado o cabelo. Pode ter trocado as torradas pelos paninis.

Mas os comentários. Um comentário em particular.

@HarriettThePie: *Você vai ficar bem sem ele, meu amigo lindo. <3*

Ele.

Hudson vai ficar bem sem *ele*.

Faço uma captura de tela da foto e do comentário de Harriett, e mando para Jessie e Ethan. **É ele.**

Caramba, escreve Jessie.

Uau, bom trabalho, Ethan entra na conversa. Seguido de três emojis de detetives, dois garotos brancos e uma garota morena. Como se Ethan — o cara que menos saca dessas coisas de internet — tivesse qualquer coisa a ver com a descoberta.

Mas estou nervoso demais para me importar. Estou a mil por hora. Volto para a cama para dar uma olhada com mais calma. Hora de fazer um inventário.

@HudsonComoORio. 694 posts. 315 seguidores. Seguindo 241 perfis. Sua descrição não dá muitos detalhes. *Huds está na área. NYC baby.*

Passo novamente pelas fotos, todas as 694. Não há uma em que o Garoto da Caixa esteja, nem mesmo uma foto em grupo, e definitivamente eles não seguem um ao outro. Confiro as fotos em que outras pessoas marcaram Hudson. Também nenhum sinal do Garoto da Caixa.

Quer dizer, talvez seja tudo uma enorme coincidência. Apenas outro Hudson. Outro Hudson de Nova York que sai com garotos e acabou de terminar.

Não parece coincidência.

Talvez Hudson e o Garoto da Caixa tenham apagado todas as fotos um do outro e desmarcado as que os amigos postaram. E, é claro, deixaram de seguir um ao outro, provavelmente porque não querem mais se ver. *E é por isso que o Garoto da Caixa estava enviando a caixa, para início de conversa.*

Achou alguma coisa?, escreve Jessie.

Ainda não 😞

Vou para o perfil de Harriett, já que ela e Hudson parecem próximos — e, ainda que esteja apoiando Hudson a seguir em frente, provavelmente conhecia o ex de quem ele está se afastando.

E... que merda. Quatro mil posts. Setenta e cinco mil seguidores.

Ok, Harriett, a amiga de Hudson, é uma espécie de celebridade do Instagram, e isso é... bem legal, na verdade. Ela posta muitas selfies com as maçãs do rosto destacadas de maneira exemplar e padrões intrincados de delineador. Não consigo parar de olhar as fotos. Nem sou muito fã de maquiagem, mas é tudo tão teatral. Se não achasse que seria ainda mais estranho, com certeza seguiria a Harriett.

Só que... uau. Foco, Arthur.

Rolo a página até alguns dos primeiros posts de Harriett, com menos selfies e mais fotos com amigos. Várias com Hudson, muitas com diversas garotas e toda uma série de um cara com barba e maquiagem cintilante de unicórnio nos olhos. Mas também há algumas em grupo — me demoro mais nessas, observando os rostos cuidadosamente. Toda hora morro de susto, porque quase dou like nas fotos. Não de propósito. São só meus dedos autossabotadores e sua compulsão incontável por selecionar e dar zoom.

Conseguí voltar até março, e há uma sequência de fotos em grupo em meio à neve diante da Duane Reade. A maioria imagens com movimento — uma guerra de bolas de neve —, mas noto Hudson no fundo, olhando para fora do quadro e rindo.

Deslizo para o lado. A mesma guerra de bola de neve, a imagem

ligeiramente deslocada para a direita. Agora dá para ver Hudson rindo com um garoto, mas ele está embaçado.

Deslizo novamente.

E então esqueço como se respira.

Porque é ele. É ele mesmo. Enquadramento central, bochechas rosadas e sorrindo sem graça, enquanto Hudson está curvado, morrendo de rir.

Merda.

Faço uma captura de tela e envio direto para Jessie e Ethan. Sem legenda. Sem emojis.

Como sempre, Jessie é a primeira a responder. **Ai, meu Deus, Arthur, é ele?** Ela não me espera responder. **Ele é lindo.**

É um cara bonito, acrescenta Ethan. Vários emojis piscando. Ethan Gerson: *meu amigo hétero que me aceita completamente, mas não consegue ficar sozinho comigo*. Eu aceitaria completamente que ele calasse a droga da boca.

Volto ao feed de Harriett e procuro perfis do Instagram no post. Algumas pessoas estão marcadas na série das bolas de neve, mas não o Garoto da Caixa. Nem o Hudson. Talvez tenham se desmarcado. Continuo rolando a página.

Por horas.

Clico em cada foto em grupo. Em todas elas. Rolo para ver os seguidores dela — todos os setenta e cinco mil. Vasculho a lista das pessoas que ela segue. Clico em todos marcados nas fotos das bolas de neve e verifico seus seguidores também.

Nada.

E nenhuma outra foto do Garoto da Caixa.

Ainda nenhum nome. Talvez o Garoto da Caixa estivesse certo. Talvez o universo seja realmente um babaca.

Eu preciso é de chocolate. E não estou falando de uma camada fina de calda Hershey em um waffle. Preciso de algo pesado, como um Jacques Torres ou um daqueles cookies de chocolate gigantes da Levain Bakery. O clássico dilema do Upper West Side: quando seu coração diz Levain, mas sua preguiça faz você se lembrar de que há uma tigela de doces ao lado da cafeteira.

Tesão emocional não correspondido. É o que isso parece. Como se você ganhasse tudo aquilo que sempre desejou, mas depois escapasse por entre seus dedos. E não tem conserto. Nada que possa fazer, a não ser se arrastar até o balcão da cozinha completamente desanimado.

A cozinha está reabastecida de café — acho que meu pai resolveu fazer a sua parte e ir lá comprar. E é coisa boa, nada de Starbucks, e sim uma mistura francesa artesanal da Dream & Bean...

Sinto uma agitação em meu peito. Meu coração é o primeiro a lembrar.

Dream & Bean. A camiseta dele. Como podia ter esquecido da camiseta? Se eu fosse um detetive, meu chefe me demitiria agora mesmo. É uma pista fundamental, e estava bem debaixo do meu nariz. Quem usa camisas de cafeterias?

Funcionários de cafeterias, claro.

Pesquisei tão rápido que quase digitei “bean” errado. Mas lá está, a dois quarteirões do escritório da minha mãe. Na direção dos correios.

Toda a minha calma desaparece.

E se, e se, e se...

Eu vou encontrá-lo. Isso vai acontecer. Meu coração dispara no peito quando imagino isso. Ele estará atrás do balcão, entediado, com um ar sonhador e com o cabelo bagunçado da maneira mais adorável possível. Vou entrar em câmera lenta, no foco perfeito de uma iluminação ultrafavorável. Obviamente, os gêmeos de bigode que vimos nos correios também estarão lá, mas nós mal os notaremos desta vez. Nossos olhos estarão fixos um no outro, seus lábios de Emma Watson trêmulos. *Arthur?*, ele dirá, e apenas concordarei com a cabeça. Estarei muito *verklemt*. *Pensei que não veria você nunca mais*, ele dirá. *Procurei você por toda parte*. E vou sussurrar: *Você me encontrou*. E então ele vai...

Uau. Ok. Preciso de um plano.

Porque talvez ele esteja de folga amanhã. Eu deveria levar a foto, em todo caso. Seria absurdamente estranho? Mostrar a foto dele para o barista?

Talvez eu possa pendurar a foto dele no quadro de avisos, como se fosse um anúncio do Craigslist, só que físico. Um Craigslist *vintage*. Até porque os cafés sempre têm quadros de avisos. Eu acho.

Bem, só sei de uma coisa: me recuso a perder essa oportunidade.

Volto para o quarto, abro o laptop e digito.

Você é o garoto dos correios?

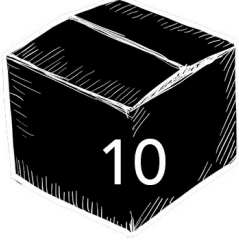
Estou me sentindo superesquisito, e não acredito que estou fazendo isso, mas aqui vamos nós.

Conversamos por alguns minutos na agência da Lexington. Eu era o cara com a gravata de cachorro-quente. Você era o cara que queria devolver algumas coisas para o ex-namorado.

Adorei sua risada. Queria ter pedido seu número.

Quer me dar uma segunda chance aqui, universo?

arthur.seuss@gmail.com



BEN

Quinta, 12 de julho

— O CAFÉ DA Kool Koffee é o pior de todos — diz Dylan ao sairmos da Dream & Bean com um copo novo de café em vez de reenchermos a caneca térmica na minha mochila.

Ele está muito amargurado desde que chamou Samantha de futura esposa, o tipo de comentário que normalmente só faria comigo. Para mim tudo bem, mas dizer isso para a garota? Quando só estão juntos há alguns dias? Isso nunca ia dar certo.

— Talvez seja melhor assim. Café ruim é café ruim, e é isso que Samantha serve. Se meu futuro fosse me casar com ela, eu ia levar toda uma vida paralela de mentiras. E provavelmente acabaria contando tudo para ela no meu leito de morte, só para morrer como um homem digno.

— Por que você é assim? — pergunto.

— Muito café ruim, Big Ben.

— Não está tudo acabado. Tenho certeza de que ela já percebeu que você é tão Dylan que só Dylaniou demais.

— Dylaniar não é uma coisa ruim. Dylaniar uma pessoa é adorá-la. Ainda que ela prepare o pior café da face da Terra.

Passamos pelo Washington Square Park. Vejo um carinha mexicano bonito com óculos hipsters sentado em um banco, balançando a cabeça ao ritmo de seja lá qual for a música que está tocando em seus fones de ouvido enquanto toma sorvete. Sorvete é uma das comidas preferidas do Hudson — não sobremesa, *comida*. Uma vez brincamos desse jogo em que eu fechava os olhos, ele ia pegando colheradas de todos os sorvetes que tinha no freezer de casa e eu precisava adivinhar os sabores. Isso foi no início de março, quando fazer essas coisinhas idiotas ainda era muito especial. Algo só nosso.

O telefone de Dylan toca.

— É a Samantha, Big Ben. Ha! Eu sabia que minha esposinha não ia conseguir largar o papai aqui.

— Odiei tudo que você acabou de dizer. Vê se fica calmo.

Dylan dá uma piscadela, mas sei que deve estar surtando quando atende o telefone.

— Oi. Eu... — Seu sorriso vai embora. — Ah. — Sinto um aperto no coração por ele. E então Dylan se vira para mim. — É para você.

Ok, talvez essa não tenha sido a reviravolta feliz que imaginamos.

Pego o telefone.

— Alô?

— Acho que encontrei seu cara — diz Samantha.

— O quê?

— Não foi fácil, mas dei uma fuçada por aí. Procurei firmas de advocacia da Geórgia com ramificações em Nova York e não encontrei nada. Então entrei no Instagram e procurei nas hashtags por gravata de cachorro-quente, e a foto mais recente que achei era do ano passado, então descartei. Depois, procurei no Facebook por grupos de calouros da Yale e descobri que vai ter um encontro de calouros em Nova York... hoje, às cinco.

— Tá brincando — falo.

— Estou enviando o link do grupo do Facebook agora.

O telefone vibra. Abro a mensagem, clico no link: turma de 2022. Encontro no Central Park.

— Não tem como garantir que ele vai estar lá — reforça Samantha. — Dei uma olhada na lista de confirmados, mas algumas pessoas, como eu, muitas vezes não confirmam, então tenho esperança.

— Uau. Você é incrível.

— Estou falando com você no horário do trabalho, então tenho que sair do estoque, mas boa sorte com a sua busca e fala para o Dylan que eu disse tchau!

— Obrigado — respondo, bem quando ela desliga.

— O que houve? Ela estava falando de mim? — pergunta Dylan.

— D, sinto muito. Ela está prestes a correr em direção ao pôr do sol com o Patrick — falo. Ele tenta pegar o telefone de volta, mas eu não solto. — É brincadeira. Mas olha: talvez ela tenha encontrado o Arthur. Vai ter um encontro de calouros da Yale hoje. É quase conveniente demais, certo?

— Sim, é muito conveniente minha futura esposa ter feito todo o trabalho por você.

— Você me entendeu. O Arthur nem mora aqui, sabe? Tem tantas coisas que pode fazer na cidade. Ele já vai encontrar todas essas pessoas na faculdade. Não acho que vá aparecer por lá.

— Não temos que ir. — Dylan pega o telefone e dá uma olhada no grupo. — Uau. Samantha está perdendo tempo naquela espelunca que se diz um café. Ela pode ser a Hermione do nosso trio. Quero ser o Harry.

— Mas isso significa que eu sou o Rony.

— Azar o seu.

— O Rony fica com a Hermione.

— Ok, mas... Eu não quero ser o Rony. Ninguém quer ser o Rony. Provavelmente nem o Rupert Grint queria ser o Rony. Que tal o seguinte: eu sou o Han Solo, e ela é a Princesa Leia. Você pode ser o Luke.

— Não me importa — retruco. — Vamos nos concentrar.

— Certo, certo. A gente devia ir ao encontro de qualquer maneira. Talvez Arthur não esteja lá. Mas talvez esteja — diz Dylan.

Saber que ele pode estar lá é mais do que suficiente para me convencer.
— Vamos nessa.
— Que a força esteja com você.

* * *

— É melhor usarmos codinomes — declara Dylan.
Estamos andando pelo Central Park em direção ao Castelo Belvedere, onde o encontro está acontecendo. A possibilidade de reencontrar Arthur em um castelo chega a ser meio mágica, como um conto de fadas maravilhoso. Pena que estou usando o perfume do meu pai e uma camisa polo do ano passado, que está superapertada em mim, já que aparentemente esse é o estilo dos caras da Yale.
— Codinomes só vão tornar as coisas mais complicadas — falo.
Gostaria muito que não tivéssemos voltado em casa para trocar de roupa. Só queria estar usando algo que fosse a minha cara.
— Mais incríveis, você quer dizer. Acho que vou ser Digby Whitaker. Você pode ser Brooks Teague.
— Não.
— Orson Bronwyn?
— Não.
— Oferta final: Ingram Yates.
— Não. — Estamos nos aproximando das escadas que levam ao lugar que cederá o evento. — Ok, D, papo sério. Estou meio que surtando. Quero muito que o Arthur esteja lá em cima, mas também estou me sentindo estranho por me encher de esperança por causa de alguém que mal conheço. Preciso do conselho de um amigo, Digby Wilson.
— Whitaker — corrige Dylan, e une as mãos. — Vamos supor que o Arthur esteja aqui e vocês se deem bem. Ele vai embora no final do verão de qualquer maneira, certo? Você pode lidar com essa situação só como um estepe.
— Não. Não quero fazer isso com ninguém. Nem comigo.
— Você está certo. Péssimo conselho, Big Brooks.
— Ben.
— Você não deixa passar nada. — Dylan me pega pelos ombros e olha nos meus olhos, como um técnico intenso falando com um de seus atletas.
— Talvez você precise mesmo de um tempo antes de estar pronto para seguir em frente. Vou respeitar se decidir desistir. Mas sei que você é um sonhador, Big Ben, e talvez o universo esteja lhe dando uma segunda chance.
Espero que ele esteja certo. Espero que o universo mostre que estou errado e realmente se manifeste... por nós dois.

— Talvez...

— Se não quiser fazer isso por si mesmo, pelo menos faça pelas pessoas no trem que tiveram que aguentar esse seu perfume num lugar tão lotado.

— Idiota.

Chegamos ao topo do pátio, o sol, o lago e o restante do parque logo atrás do grupo de calouros da Yale. Muitos dos caras aqui são altos, então dou uma olhada ao redor, mas, dos cerca de vinte caras, alguns com perfumes bem melhores do que o do meu pai, nenhum deles é o Arthur.

— Ele não está aqui — falo. — E somos os únicos com camisa polo.

— Está cedo — retruca Dylan. — Arthur ainda pode aparecer com uma camisa polo.

Eu o fuzilo com o olhar.

— Estamos aqui, então devíamos tentar nos divertir — insiste Dylan. — Se me mandar para casa, vou ficar ouvindo música triste, olhando pela janela e pulando sempre que meu telefone vibrar. E depois ficar ainda mais triste do que antes quando vir que é só você me mandando mensagens, e não a Samantha.

— Obrigado por me mostrar que sou um merda, mas claro, vamos ficar.

— Ei, calma. — Dylan olha em volta. — Estou vendo que Yale tem alguns alunos bem bonitos. Não está se sentindo motivado a se dedicar *com vontade* no último ano para tentar receber aquela bolsa integral?

— Nenhuma gravata de cachorro-quente à vista.

— É um novo fetiche?

— Não, é só que... é legal ver alguém não se levar tão a sério.

— Bem, alguém que de fato está aqui está de olho em você — diz Dylan.

— Direção das onze horas da manhã.

— Não importa se é da manhã ou da noite.

— Importa, sim. Ele tem essa vibe de encontro para um café da manhã.

E não uma coisa noturna tipo *me leve para o banheiro e vamos bater nossas bundas*.

Em vez de perguntar a Dylan se ele conhece alguém que bata a bunda como atividade sexual — porque sei que ele arranjará uma resposta, e eu tenho meus limites —, dou uma conferida no cara. É bonito mesmo, e definitivamente do tipo encontro saudável para um café da manhã — pele negra, blazer pêssego, camisa branca, calça azul-marinho com a barra acima dos tornozelos e tênis brancos de cano curto que provavelmente custam mais do que gasto em roupas em três meses. Parece bem natural, e, se aprendi alguma coisa com Harriett, a estrela em ascensão do Instagram, tudo que parece natural requer muito esforço. Mas sempre vale a pena se você estiver interessado nos likes e nos looks.

— Estiloso — falo. Fico ainda mais constrangido em minha polo justa.

— Mas sinto que preferiria *ser* ele a *estar* com ele.

— Talvez a gente pudesse dar um oi antes de você descartá-lo

completamente?

— Nem sabemos se ele curte caras.

— Aí você vai fazer papel de idiota. Qual é o problema? Não é como se você fosse realmente passar os próximos quatro anos em Yale com ele.

E eu não sei? Nenhum dos meus boletins desde o sexto ano dá aos meus pais a mínima esperança de me ver em uma faculdade da Ivy League. Minha mãe quer que eu vá para a faculdade para que ninguém faça comigo o que fizeram com ela, que por tantos anos não foi levada a sério, mas às vezes me parece inútil. Se algum dia eu tivesse que disputar qualquer coisa com alguém daquele círculo, seria visto como o Ben da Faculdade Comunitária, não o Ben de Yale, e perderia fácil.

E agora olho para esse cara bonito e automaticamente sinto não estar à altura dele. Já me senti assim com relação a Hudson também, o que funcionou até deixar de funcionar. Não sou bom para falar com estranhos — e por isso nunca teria puxado papo com o Arthur —, mas vejo uma oportunidade, então arrasto Dylan para darmos um oi para esse cara enquanto ele conversa com uma garota usando um hijab amarelo radiante.

— Oi. Sou o Ben.

— Digby Whitaker.

— Uau. Nome interessante — diz o cara bonitinho.

— Obrigado. E você é...? — pergunta Dylan.

— Kent Michele — responde ele, apertando a mão de Dylan e depois a minha.

Eu me viro para a garota.

— Ben.

— Alima — se apresenta ela. — Então, estão animados?

Dylan pigarreia.

— Ah, sim. Estou bastante animado para aprimorar meus conhecimentos de Grego Antigo e Moderno. Meio que quero chamar meu filho de Aquiles porque vejo uma lição sobre declínios nessa história.

Eu não...

Eu só...

É como se Dylan tentasse se superar às vezes.

— Parece muito mais divertido do que Ética, Política e Economia — diz Kent. — Época divertida.

Ah, que bom, pelo menos ele não é do tipo prepotente que acha que sua faculdade é a oitava maravilha do mundo. Com certeza ganha alguns pontos por isso.

— Qual é a sua área? — pergunta ele.

E, droga... a pergunta me faz corar um pouco. Percebo que não tenho ideia dos cursos de Yale. Ou das faculdades em geral. Não estou no último ano ainda e não cheguei a pensar nisso direito. Então sou sincero.

— Gosto de escrever.

— Eu também! — exclama Kent. — Bem, pelo menos gostava. Não vale debochar, mas eu escrevia muita fanfic.

— Ah, Ben com certeza não vai debochar de você — solta Dylan.

— Não sou a Pequena Sereia, eu posso falar — corto, com uma risada forçada, tipo *hahaha cala essa maldita boca*. Eu me viro para Kent. — Sobre que fandom você estava escrevendo?

— Pokémon — diz Kent, e se encolhe um pouco, como se eu fosse zombar dele. Além de tudo, ele tem covinhas, lógico. — Sei que é bobo, mas foi tudo para mim durante a minha infância.

— Não é bobo — assegura Alima.

— Não mesmo. Implorava aos meus pais para sairmos só para eu poder pegar um Squirtle — falo.

— Eu gostava mais do Pikachu — diz Kent.

— Também adorava o Pikachu — comentou Dylan.

Não sei dizer se Dylan é meu copiloto ou rival. Então lanço um olhar do tipo *será que você poderia dar o fora?*, e ele entende.

Dylan se vira para Alima.

— Então, o que você faz para se divertir? Qual é sua droga preferida? Não estou falando literalmente de drogas, claro, a menos que drogas sejam sua onda. Bom, nesse caso, o que não falta é onda, né?

Minhas mais profundas desculpas a Alima, mas acho que tem chance de rolar alguma coisa legal com Kent. Eu posso até ter vindo aqui à procura de alguém que não vai aparecer, mas talvez acabe mesmo saindo com alguém que pode ser ainda melhor para mim.

— Então, como encontro essa fanfic do Pikachu? — pergunto.

— Já não existe há muito tempo. Destruída. Joguei em um vulcão e então atirei o vulcão em outro vulcão. — Se a risadinha de Kent é charmosa assim, então mal posso esperar para ouvir sua gargalhada. — De onde você é?

— Alphabet City.

— Sério? Não é muito longe da minha casa. Moro a alguns quarteirões da Union Square.

Ok, agora definitivamente parece que o universo está envolvido nisso. Moramos a quinze minutos um do outro e estamos nos conhecendo agora?

— Meu pai é gerente-assistente da Duane Reade em frente à Union — comento.

Tenho orgulho do meu pai, mas alguns idiotas na escola menosprezavam minha família porque meus pais não têm “empregos legais”, e Dylan foi obrigado a usar os músculos para calar a boca de todo mundo. É bom contar isso logo agora para o caso de Kent ser um esnobe idiota.

— Vou lá o tempo todo. Sou responsável pelo jantar às terças e quintas, e é lá que pego meus suprimentos.

— Mas o Whole Foods fica a um quarteirão de distância — falo. Seus tênis e suas roupas indicam que sua família tem condições de gastar uma

grana a mais.

— As filas lá são sempre enormes, e na Duane encontro tudo de que preciso para preparar pratos espanhóis — diz Kent.

— Ah, legal. Você é porto-riquenho, por acaso? Ou...

— Sou, sim — responde Kent.

Outro sorriso. Ainda não tenho nenhuma confirmação clara de que ele goste de garotos, mas pelo menos está indo bem.

— Eu também! Todo mundo sempre pensa que sou branco, é uma droga. É muito chato ter que esclarecer toda hora.

Kent morde o lábio e assente.

— Pelo menos ninguém segue você pelas mercearias como se estivesse tentando roubar alguma coisa. E aposto que ninguém está perguntando se você entrou para Yale por cota. Isso, *sim*, é uma droga.

Desvio o olhar porque... bem, Kent pode até não ter feito nada, mas ainda assim parece que levei um soco.

— Sinto muito, eu... — Ficamos em silêncio. Ter que dizer às pessoas que sou porto-riquenho não é nenhum problema comparado ao que Kent precisa enfrentar todo dia. Sou a pior pessoa do mundo. — Melhor eu salvar a Alima do Dylan.

— É. Vejo você por aí, Ben.

É claro que não vai, e isso talvez seja uma coisa boa.

Vou até Dylan e seguro seu braço.

— Desculpa, dá uma licencinha um minuto — falo. Eu o arrasto para longe. — Quero ir embora.

— Sério? Estava errado quanto à vibe matinal. Kent é totalmente da noite. Ele quer que você o leve para aquele banheiro e pegue no Pikachu dele.

— Não faço ideia do que isso quer dizer. Precisamos ter uma conversa sobre sexo gay. — Balanço a cabeça. — Não me encaixo aqui. Não vou construir nenhum futuro em Yale ou com Kent ou Arthur. Já chega.

— Você não está sendo justo consigo mesmo — diz Dylan.

— Talvez não. Mas estou sendo honesto.

Corro para a escada e desço para o parque.

Foi tudo uma grande perda de tempo. Não acredito que fizemos tudo isso, como se Arthur fosse realmente aparecer lá. Fui um idiota de acreditar que o universo tinha algum grande plano. Tudo o que sei agora é que me importava o suficiente para aparecer ali, e estou indo embora sem ter a menor noção do que vem pela frente. Só sei que estou de volta à estaca zero sem saber que caminho seguir.

Sexta-feira, 13 de julho

Não consigo me concentrar no *Angry Birds* enquanto Hudson e Harriett tiram selfies e riem.

— Minhas olheiras estão tão... — Hudson não encontra a palavra.

— Recém-saídas de uma luta de boxe? — arrisca Harriett. Então joga o cabelo para o lado e estufa o peito. — Faz cara de bobo. Assim desvia a atenção dessa sua cara de cansado.

— Obrigado pela parte que me toca.

— Estou sendo sincera. Você precisa de um pouquinho de sono da beleza — diz ela.

Parece improvável que o sono da beleza importe de verdade para alguém que usa quinhentos filtros nas fotos, mas o que Harriett faz para o Instagram é da conta dela... literalmente. Ela faz propaganda de sucos saudáveis que detesta e que lhe dão dor de estômago. Mas isso não a impede de faturar duzentos dólares por foto. Uma vez, Harriett resolveu maquiar o Dylan e postar as fotos — fez o contorno das maçãs do rosto e passou sombra nele. Dylan encarou tudo muito bem e adorou a atenção. Harriett ficou tão orgulhosa que nem apagou as fotos depois que eles terminaram. Quando Harriett me marcava nas fotos era sempre uma experiência interessante. Eu ganhava algumas dezenas de seguidores. Depois iam todos gradualmente deixando de me seguir, porque não davam a mínima para as fotos de grafites legais que encontro em banheiros pela cidade. Ou para minhas fotos com Hudson.

— Essa foto está ainda pior — declara Hudson, depois de outra tentativa.

— Meu rosto não está bom hoje. Esquece.

Hudson é sempre muito duro consigo mesmo.

— Vamos tentar mais uma vez — diz Harriett. — Caras bobas.

— Você que manda, chefe.

Hudson se inclina, coloca o punho sob o queixo e olha para o céu como se tivesse passado por uma experiência de vida muito transformadora e agora estivesse prestes a mudar o mundo. Harriett sopra um beijo para absolutamente ninguém na direção oposta. Eles checam a foto.

— Adorei — diz Harriett. — Preciso de uma legenda.

— Espera.

— Você ficou gato!

— Não. — Ele dá zoom, e os dois se viram para trás.

E olham para mim.

Devo ter aparecido sem querer na selfie. Na selfie boa deles. E é claro que eu estava prestando atenção neles em vez de no meu celular. Hudson balança a cabeça e desvia o olhar. Meu rosto fica vermelho. Volto a jogar *Angry Birds* e a cuidar da minha vida.

Ou tento, pelo menos. Ainda tenho ouvidos.

— Ele também ficou bem, tenho que admitir — comenta Harriett.

— Não, você não tem que admitir nada — sussurra Hudson, exasperado.

Mais um mês até eu me livrar desse inferno.

* * *

Entro na Dream & Bean, e Dylan está sentado perto da janela.

— Big Ben, bem-vindo ao meu escritório — diz ele, tirando a mochila de uma cadeira para eu me sentar.

— Seu escritório precisa de uma mesa maior.

— Quem precisa de mesas quando se tem essa vista maravilhosa? — Dylan aponta para a janela.

— Estou vendo literalmente um monte de lixo.

Devia ter o equivalente a três sacos ali. O quarto do Hudson tem uma vista melhor, e dá para uma parede de tijolos.

— Quer beber alguma coisa? Meu pessoal pode cuidar disso.

— Você é um cliente assíduo, não o dono.

— Por que está tão irritadinho, Ben?

— Recapitulação rápida: estou de recuperação com meu ex-namorado. Achei que fosse reencontrar um cara fofo ontem. Não deu certo. A vida é uma droga.

Perdi um pouco do sono na noite anterior pensando no Hudson e no Arthur. No Hudson, porque não estava animado para outro dia na escola com ele. No Arthur, porque percebi que estraguei tudo ao ir embora. Até ontem, quando Samantha se envolveu, nunca pensei que houvesse uma chance real de encontrá-lo. Estamos em Nova York, e não sei quase nada sobre ele. Mas então ela deu uma de Nancy Drew, e a esperança se tornou algo concreto. A pista de Yale foi boa, mas não deu em nada e só deixou ainda mais claro o quanto eu queria que tivesse dado certo. Que eu tivesse encontrado o Arthur para ver o que poderia acontecer entre a gente.

— Você não vai ficar solteiro por muito tempo com esse rostinho. — Dylan ergue as sobrancelhas.

Não estou no clima para flerte.

— Sinto que estou sendo punido por querer ser feliz — falo.

Talvez a vida estivesse bem se eu houvesse dado a Hudson uma segunda chance. Talvez tudo tivesse melhorado.

— Talvez você seja apenas o azarado da sexta-feira treze.

— Pelo menos temos nossa maratona.

Dylan fica em silêncio por um segundo.

— Maratona sem a Samantha — diz ele.

— Tenho certeza de que ela vai aparecer.

Não tenho certeza de nada, na verdade. Ela não mandou nenhuma outra mensagem para ele na noite anterior.

Não quero ser essa pessoa, mas estaria mentindo se dissesse que não

fiquei um pouco aliviado por as coisas não estarem dando certo entre eles. Não me entenda mal — quero que ele seja feliz, é meu melhor amigo de todos os tempos. Mas Dylan não é um bom melhor amigo quando está namorando, desculpa. É como se o único assunto do mundo passasse a ser a namorada, e sinto que não consigo conversar com ele sobre nada que está acontecendo comigo. Talvez não seja muito legal da minha parte. Mas eu só, sei lá, me sinto ameaçado e completamente inútil sempre que ele começa a gostar de outra garota. Meu pai me perguntou se eu nutria sentimentos secretos pelo Dylan, mas realmente não é o caso. Dylan é maravilhoso, e eu faria tudo por ele. Só fico com saudades quando ele está namorando. E não quero me sentir relevante apenas quando ele está solteiro.

Estou com sede, então me levanto e vou até o balcão. Enquanto coloco um pouco de água da casa em um copo de plástico, dou uma olhada no quadro de avisos, que tem toneladas de panfletos de estágios, um cartaz com mensagens políticas, alguns números de telefone, ofertas de emprego para passeadores de cães, anúncios aleatórios e...

Meu rosto.

Meu rosto está no quadro de avisos.

A água transborda do copo, e nem tenho o bom senso ou a decência de secar na hora, porque é *o meu rosto no quadro de avisos*.

O que eu fiz? Pelo que sou procurado? Espera. Não. Não é um retrato-falado da polícia ou uma foto embaçada de uma câmera de segurança. Meu rosto foi recortado da foto de quando acertei uma bola de neve na cara do Hudson. Será que foi ele que colocou minha foto ali? Quase chamo o Dylan, mas ainda estou sem fala, porque também há um bilhete:

Você é o garoto dos correios?

Estou me sentindo superesquisito, e não acredito que estou fazendo isso, mas aqui vamos nós.

Conversamos por alguns minutos na agência da Lexington. Eu era o cara com a gravata de cachorro-quente. Você era o cara que queria devolver algumas coisas para o ex-namorado.

Adorei sua risada. Queria ter pedido seu número.

Quer me dar uma segunda chance aqui, universo?

arthur.seuss@gmail.com

* * *

Humm.

Meu coração dispara, porque o universo só pode estar de brincadeira.

Tiro o folheto do quadro. Com certeza é o meu rosto. Colocaram aquilo ali para mim. Era para eu encontrar.

E acabei de encontrar.

Isso... Essas coisas não acontecem. É. Essas coisas não acontecem.

Volto depressa até Dylan.

— Isso é alguma brincadeira idiota sua?

— O quê? Nenhuma das minhas brincadeiras é idiota.

— Estou falando sério.

Dylan lê o papel.

— Espera. Não acredito.

— Não foi mesmo você?

— Cara. Ben. Não fui eu. — Dylan me olha nos olhos, e não está rindo.

— Onde estava isso?

— No quadro de avisos perto do balcão. Ele deve ter pensado em colocar o folheto aqui porque eu estava usando aquela camisa do Dream & Bean.

— De nada! Cara, a Samantha vai ficar tão irritada por não ter resolvido isso sozinha. Mas feliz por você também, tenho certeza. — Ele segura meus ombros. — É isso. Está acontecendo. Você vai entrar em contato com ele, não vai? Isso é incrível. Hollywood vai fazer um filme sobre vocês dois. E um spin-off da Netflix sobre seus filhos gays.

— Mas como? Estou tão confuso. Como ele conseguiu essa foto? Isso é meio assustador. Será que estou sendo perseguido? Atraído para uma armadilha?

— Talvez seja melhor marcar um encontro num lugar público. E levar uma arma de choque.

— Eu só... Essas coisas não acontecem. Vejo caras bonitos o tempo todo.

— Você alguma vez os vê de novo?

— Não.

Dylan agita o papel.

— Big Ben, sua vida acabou de ficar mais fácil. Não esquentar muito a cabeça com isso. Ninguém quer maratona uma série da Netflix sobre alguém que não faz nada, não importa o quanto seu sorriso e suas sardas sejam fofos.

Olho para o e-mail na parte de baixo do panfleto.

Acho que não sou o azarado da sexta-feira treze, afinal.

Sou o garoto dos correios.

E o Arthur também está procurando por mim.

* * *

Ainda não estamos prontos para começar a assistir a *Chucky*. Dylan e eu estamos sentados em sua cama. Ele não para de se torturar, olhando o perfil do Facebook da Samantha no celular. Não consigo parar de olhar para o papel que peguei do quadro de avisos da Dream & Bean (já que ninguém

mais ia precisar de uma foto do meu rosto). Já digitei o endereço de e-mail no meu telefone, mas ainda não escrevi nada.

— Você tem que me ajudar, Dylan. O que eu faço?

— É só ouvir o que seu piu-piu diz, Big Ben.

— Vou desistir de você se não me ajudar a escrever uma mensagem útil para o Arthur.

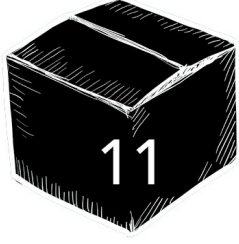
— Certo. Ok. Se não vai ouvir seu pinto, acho que deveria escutar seu coração. Parece o próximo passo lógico.

— Escutar o pinto nunca foi um passo lógico.

— Você é que pensa.

Se deixarmos o Dylan falar por tempo suficiente, como eu faço, ele acaba se comportando como uma pessoa normal. Daí o conselho sobre ouvir o coração.

Aposto em uma alternativa simples e escrevo aquilo que venho sentindo desde que vi meu rosto naquele quadro de avisos: *Isso é pra valer?*



ARTHUR

Sexta, 13 de julho

— VOCÊ PRECISA RELAXAR — diz meu pai. — Deixe isso de lado um pouco e dê uma olhada daqui a uma hora.

— Sim, mas e se...

— E se ele mandar um e-mail? Perfeito. Você não vai querer responder na mesma hora, de qualquer maneira.

— Não?

— Não, não, não. Ah, Deus, não. Tem que levar numa boa, Art. Não numa boa *demais*. Mas um pouco numa boa — aconselha o homem usando um avental com a foto de um pen drive e as palavras *take me out*.

Meu telefone vibra com uma nova notificação de e-mail.

Meu pai tenta pegá-lo, mas afasto o celular e abro minha caixa de entrada. Mais dois e-mails, o que me deixa espantado. O cartaz só está lá há onze horas, e já recebi dezesseis.

Vi seu pôster, não sou seu garoto, mas boa sorte!

Ah meu Deus isso é tão romântico & o menino da foto é tão sexy uau

E, principalmente, vários e vários: Isso é pra valer? Isso é pra valer? Isso é pra valer?

Nada do Garoto da Caixa, claro, mas meu coração não sabe disso. E dispara todas as vezes que leio as mensagens.

Dou uma olhada rápida. O primeiro diz: **quantos anos você tem**. Sem pontuação ou preâmbulos. O segundo diz: **Isso é pra valer?**

— Anda, preciso de você. Estamos fazendo queijo quente. — Meu pai ergue uma faca gigante. — Larga o telefone. Agora.

— Se não... você vai me apunhalar?

— O quê? — Ele franze a testa. Então olha para a faca. — Ah. Ha. Não. Estou cortando as cascas do pão. Larga logo esse telefone, Wart.

— Wart?

— De *A espada era a lei*. Não conhece?

— Não.

Abro o segundo e-mail. Aposto que não é nada. Provavelmente só um cara galinha qualquer. Ou uma garota tentando me animar. Mas sinto um

aperto no estômago que não passa de jeito nenhum.

Porque... e se for ele?

— Acho que vou chamá-lo de Wart até largar o telefone — diz meu pai.

Ok, tem coisa escrita. Um parágrafo. E...

Putá merda.

Oi, então, não sei se isso é uma piada, uma brincadeira ou o quê, mas vi seu bilhete falando sobre os correios. Não vou mentir, estou um pouco assustado. Mas de um jeito bom. Porque acho que sou o cara que você está procurando. Espero que isso não seja estranho. De qualquer forma, oi de novo. Meu nome é Ben.

Fico só olhando.

Estou sem palavras.

Minhas mãos estão tremendo. Eu preciso... Ok. Vou me sentar. Na beira da cama. Estou segurando o telefone com as duas mãos. As palavras estão enevoadas. Eu não consigo... Ben. Ele tem um nome, e é perfeito. Arthur e Ben. Arthur e Benjamin.

Tenho que responder. Caramba. *Isso é pra valer.*

A menos que.

Olho para a mensagem. Ok.

Ok.

Então, *tecnicamente* é possível que alguém esteja de brincadeira com a minha cara. O que significa que não posso me animar. Ainda não.

Preciso testá-lo.

Oi, Ben

Se é que esse é o nome dele mesmo.

Obrigado pelo e-mail. É um prazer falar com você. Por favor, responda à seguinte pergunta em detalhes: no dia em que nos encontramos no correio, que tipo de piercing a funcionária tinha?

Enviar.

Um minuto depois: *Isso é uma piada?*

O quê? Por quê?

Em detalhes? Parece meus professores. 😊

Ok, isso foi rude, certo?

Digito rapidamente. É... Então, isso não é uma piada. Se está aqui só para tirar sarro de mim, por favor, esqueça.

Enviar.

Mas Ben não responde pelo que me parece uma hora.

— Wart, você está vivo aí dentro?

Meu pai. Quase dou um pulo.

— Já vou! Só...

Meu telefone vibra.

Você acha que estou tirando sarro de você?

Bem. Sim.

Caramba. Eu sinto muito. Não estou, juro.

Sinto o estômago revirar. Ok.

Olha, você quer me ligar? Acho que talvez seja melhor.

Ele quer que eu ligue. Tipo uma ligação de verdade. Para o Benjamin. Ben. Que não está tirando sarro de mim. Claro que não está. É o *Ben*. Ele nunca faria isso.

Ele me envia seu número.

Clico em ligar. E está chamando. Está acontecendo. Isso é...

— Oi.

Ai, meu Deus.

— Arthur? — Sua voz soa abafada. — Espera um minuto.

Ouçoo o som de passos. Então uma porta se fechando.

— Ok, me desculpa. É só... meu amigo. De qualquer forma, ouça, não estou tirando sarro do seu e-mail. É só que... sei lá. Parecia algo que um professor escreveria. Foi fofo.

— Professores não são fofos.

Isso o faz rir. O que me faz rir. Mas não sei dizer se é ele. Não sei dizer se Ben é o meu cara. Eu tinha tanta certeza de que reconheceria sua voz. Pensei que saberia que era ele assim que ouvisse.

— Você não respondeu a minha pergunta — falo.

— Certo.

— Não estou tentando ser babaca. É só que vários desconhecidos têm respondido, e... acho que preciso saber que é mesmo você.

Ele faz uma pausa.

— Olha, não me lembro do piercing.

— Ah...

— Mas posso enviar uma selfie, se quiser. E você estava usando aquela gravata de cachorro-quente. E aconteceu um flash mob, e tinham aqueles gêmeos de macacão, e acho que chamei você de turista? Ah, e você

mencionou um tio judeu...

— Milton. — Meu coração está batendo forte.

— Isso. — Agora ele parece hesitar. — Então é você.

Por um instante, não consigo dizer nada.

— Estou meio que surtando — falo, finalmente.

— Sim. Isso é estranho.

É mais do que estranho. É surpreendente. É o momento nova-iorquino dos meus sonhos. Os apaixonados se reencontram. Entra a orquestra. O Garoto da Caixa é real.

Ele é real. E se chama Ben. E me encontrou.

— Não acredito. Eu disse que o universo não é podre. Eu disse!

— Acho que o universo nos fez um favor.

— Não brinca. — Sorrio para o telefone. — E agora?

Ele faz uma pausa.

— Como assim?

Ah, merda. Ok. Talvez ele não queira me encontrar. Talvez seja só isso. Esta ligação. É o fim da linha para nós. Talvez ele *estivesse* interessado até me ouvir no telefone. Porque falo rápido demais. Ethan disse isso uma vez. Ele me perguntou: *Quando é que você respira?*

— Como assim? — pergunto, por fim.

— Bem... Você quer sair de novo?

Ele fala assim mesmo. Com ênfase no *você*.

Como se eu não tivesse deixado isso bem claro. Tipo, qual é, cara? Fiz um cartaz só para encontrar você. Acho que sabe o que eu quero.

— Você... — começo a perguntar, mas acabamos falando um por cima do outro. Fico vermelho. — Você primeiro.

— Ah, é só... — Quase o ouço morder o lábio. — Preciso perguntar. Seus olhos são assim mesmo?

— O quê?

— São lentes de contato, né?

— Eu uso... lentes transparentes.

— Então seus olhos são azuis assim mesmo?

— Acho que sim?

— Ah — diz ele. — Isso é muito legal.

— Hã. Obrigado?

Ele ri. E então fica em silêncio.

— Então... — falo.

— Certo. Então, como vamos fazer isso?

— Arthur? — chama meu pai.

Escorrego rapidamente para fora da cama, depois empurro e tranco a porta.

— Como vamos fazer o quê?

— Essa coisa de sair. A gente devia...

— Sim — falo, meio rápido demais. Respiro fundo. — Quero dizer. Se você quiser.

— Claro — diz Ben. — Quer tomar um café?

Café. Sério? Quero dizer, tecnicamente, sim. Eu sairia para um café com o Ben. Eu ficaria preso em um engarrafamento com o Ben ou até mesmo iria com ele ao Departamento de Trânsito. Mas isso parece mais importante que um café. Tenho certeza de que é o destino agindo. Como se tivéssemos que nos conhecer, depois nos perder um do outro e voltar a nos encontrar. Então esse encontro tem que ser extraordinário. Esse encontro precisa de caças ao tesouro e passeios de carruagem e fogos de artifício e rodas-gigantes.

Deus, imagine só nós dois de mãos dadas em uma roda-gigante.

— Que tal Coney Island? — disparo.

— O que tem?

— Como nosso primeiro... destino. Para sairmos.

Por um momento, ficamos em silêncio.

— Coney Island? — indaga ele, por fim.

— É um parque de diversões antigo.

— Não, eu sei o que é Coney Island — diz ele. — É onde você quer ir?

— Não... quero dizer, não necessariamente. Não a menos que você queira.

Tamborilo os dedos na cama.

— Hum, nós podemos... — diz ele.

— Não, tudo bem! — Respiro fundo. — Por que você não escolhe?

— Você quer que eu planeje nosso... encontro?

Encontro! Ele disse isso. Caramba. É um encontro. De verdade. Ele está romanticamente interessado, e eu estou romanticamente interessado, o que significa que isso está, de fato, acontecendo. Um encontro de verdade com um garoto de verdade. É provavelmente, definitivamente, a melhor coisa que já me aconteceu. E não estou nem um pouco calmo. Nem um pouco mesmo.

Mas tudo bem.

Eu deveria respirar.

— Tudo bem — falo, com ar relaxado. SUPERCALMO. MEGATRANQUILO. Dou de ombros. — Se você quiser.

— Ok, então. Você está livre amanhã, às oito?

— Oito da noite? Sim!

Não consigo parar de sorrir. É só que... *Deus*. Eu tenho um encontro.

— Acho que tenho uma ideia — diz ele, lentamente. — Mas vou fazer surpresa. Quer me encontrar em frente ao metrô da Times Square? Entrada principal.

— Está bem.

E por *bem* quero dizer *ótimo*. Quero dizer extraordinariamente perfeito. Quero dizer que estou vivendo em um musical da Broadway. ISTO É UM

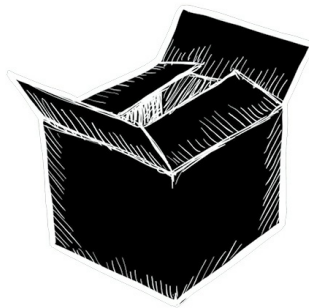
MUSICAL DA BROADWAY.

— Certo. A gente se vê lá então.

Nós desligamos. E por um minuto inteiro, fico congelado, olhando para a tela do meu celular.

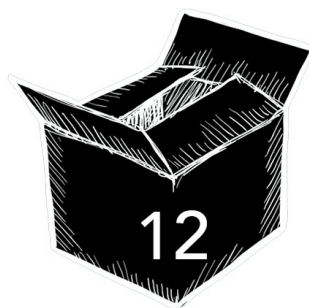
Eu tenho um encontro. Um encontro. Com Ben. Vou sair com o Ben. E Deus do céu. Querido universo. Uau.

Não posso estragar isso.



PARTE DOIS

... fosse a gente?



BEN

Sábado, 14 de julho

ESTÁ QUASE NA hora do meu primeiro encontro. Bem, meu primeiro encontro com o Arthur.

São 19h27, tenho que sair logo. Coloco a camisa preta que minha mãe insistiu em passar. Meus pais estão de pé junto à porta quando Dylan sai logo atrás de mim do quarto, onde vinha me encorajando decentemente pela última meia hora. E devo admitir que ele só disse uma vez para eu ouvir meu pinto. É um avanço.

Dylan anda ao meu redor e coça o queixo.

— Visual aprovado.

— Obrigado — falo. — Vamos.

— Espera, quero uma foto de vocês dois — diz minha mãe enquanto corre até a cozinha.

— Por que dos dois? — pergunta meu pai. — O encontro não é com o Dylan.

Ela volta com o celular.

— O melhor amigo dele veio de casa até aqui.

— Cinco quarteirões — diz meu pai.

— É o primeiro encontro do Ben. Com certeza merece ir para o Instagram.

O Instagram da minha mãe é bem a cara dela. Muitos filtros nas fotos de comida e nas selfies e milhões de hashtags. #É #Realmente #Muito #Difícil #Ler #Legendas #Inteiras #Assim. Ela com certeza notou quando deixei de segui-la.

— Não é meu primeiro encontro — retruco.

Se rolar as fotos da minha mãe até seis meses atrás, você vai achar a do meu primeiro encontro com Hudson. Nós tínhamos ido a uma apresentação de stand-up comedy tão homofóbica que chegava a ser desconfortável. Hudson me puxar para o nosso primeiro beijo foi um jeito perfeito de mandar um dedo do meio para aquele comediante. E foi simplesmente perfeito, ponto.

Minha mãe me encara.

— Você pode ficar me corrigindo ou tirar a foto e sair.

— Está bem.

Dylan fica na minha frente, colocando meus braços em volta dele como numa foto de formatura. Eu sorrio e entro na brincadeira.

— Perfeito. — Minha mãe tira a foto. — Obrigada!

Ela beija nós dois na bochecha, senta no banquinho da cozinha e começa a trabalhar em sua legenda mágica.

— Divirtam-se, seus esquisitos. — Meu pai me passa um dinheiro extra que nem um traficante entregando drogas. Então me dá um beijo na testa e abraça Dylan. — Ben, esteja em casa às dez e meia. Dylan, esteja em casa quando quiser, você não mora aqui.

— *Ainda*. — Dylan pisca ao sair.

Fecho a porta.

Ando rápido até o metrô, mas sem exagerar, porque ficar com a camisa suada não vai ser nada sexy. Chegamos à estação, passamos o cartão para entrar e fico na faixa amarela da plataforma para ver se o trem L está se aproximando. Não está. Vou atrasar dez minutos, tudo bem. Quinze no máximo. Nada de mais, considerando que já cheguei a me atrasar meia hora para me encontrar com Hudson. Estar no fuso horário de Porto Rico é uma piada, mas também é uma coisa que realmente acontece com a família Alejo. Eu não teria recebido tantas detenções por atraso se não fosse. No Dia de Ação de Graças, *titi* Magda sempre diz à família para chegar às duas, sabendo que só chegaremos por volta das quatro, que é a verdadeira hora em que a comida estará pronta. Vai ficar tudo bem.

— Tem certeza de que não quer que eu fique por perto e observe o encontro? — pergunta Dylan. — O bom e velho Digby Whitaker não tem problema em deixar de ver o filme.

— Vou estrangular o Digby com ingressos de fliperama se ele aparecer.

— Que romântico.

Estamos indo em direção à Times Square. Dylan vai ver um filme de terror e eu vou ao Dave & Buster's com Arthur. O trem L chega e vamos para a Union Square. Depois mudamos para o trem N, que está à espera na plataforma enquanto os passageiros fazem a transferência.

— Então... — diz Dylan. — Muita pressão essa noite, hein?

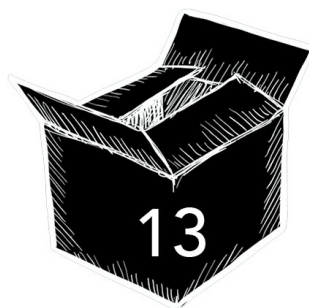
— Essa é literalmente a última coisa que eu gostaria de ouvir antes de um encontro. Antes de qualquer coisa.

— Só estou dizendo. Vocês tiveram esse começo épico.

— Eu sei, mas... estou tentando ser um pouco realista.

É estranho como, seis dias atrás, conheci o Arthur em uma agência dos correios e o universo estendeu os braços para nos juntar. Ainda assim, as coisas nunca acontecem muito rápido comigo. Hudson e eu fomos amigos por meses antes de ele me convencer a dar uma chance a nós dois.

Mas o Arthur? Eu mal o conheço. Acho que é assim em qualquer relacionamento. Você começa com nada e talvez termine com tudo.



ARTHUR

Sábado, 14 de julho

A HORA H está chegando, e estou meio que surtando.

Como as pessoas fazem isso? Não sou o primeiro garoto de quase dezessete anos a ir a um encontro. As pessoas vão a encontros na Geórgia. Mas onde eu moro, isso significa que alguém vai pagar seu jantar no Zaxby's, não um sábado à noite na maldita Times Square.

— Você está ótimo. — Meu pai olha para mim no espelho. — Coloque a camisa para fora.

— É para ficar assim.

— Humm. Acho que não.

Olho o meu reflexo. Não sei o que pensar. Estou usando uma camisa xadrez azul, meio enfiada para dentro da calça como um modelo da J. Crew. Como um modelo bem baixinho da J. Crew. Também estou de cinto, e passei minha calça jeans. Provavelmente nunca estive tão bonito em toda a minha vida. Ou parecendo tão idiota. Uma coisa ou outra.

Ele dá uma cheirada no ambiente.

— Está usando perfume?

— Colônia.

— Uau, Art. Esse menino deve ser especial.

— Não! Quero dizer, não sei.

Amasso um pouco o cabelo, que volta a levantar imediatamente. Ele é castanho e bagunçado, bem cabelo de judeu mesmo, que nem o dos meus pais. Deveria colocar um pouco de gel. Poderia ir bem no estilo Draco Malfoy.

— Talvez seja melhor você manear um pouco, não acha?

— Pai, é nosso primeiro encontro.

— Sim. E é por isso que você provavelmente deveria manear.

— É... Ok. Não acho que você...

Paro, percebendo de repente que me esqueci de comprar balas de menta. E não estou falando de Tic Tacs. Preciso de algo mais forte. Já escovei os dentes seis vezes, gargarejei com enxaguante bucal e procurei no Google *Como saber se você tem bafo de velho*. Sério, e se ele me beijar e sentir o bafo do tio Milton? E se meu primeiro beijo for também o ÚLTIMO? Preciso de um guia. Preciso de uma fada madrinha.

— Então, aonde ele vai te levar? — pergunta meu pai.

— Não faço ideia.

Quer dizer, tenho algumas teorias. Não que eu tenha pensado muito nisso nem nada do gênero. Não que tenha ficado acordado a noite inteira mapeando isso na minha cabeça. Mas tudo bem. Vamos nos encontrar na Times Square, o lugar mais icônico de Nova York, então ele está claramente seguindo uma vibe *cidade grande, encontro grandioso*. Provavelmente ainda é muito cedo em termos de relacionamento para um show da Broadway, mesmo com desconto da TKTS, mas consigo nos ver indo ao Madame Tussauds. Eu amaria. Tiraríamos várias fotos para o caso de um dia precisarmos enganar as pessoas dizendo que conhecemos alguém famoso. Nosso primeiro beijo aconteceria ao lado do meu gêmeo de aniversário e para sempre presidente, Barack Obama. Ou talvez Ben escolha um programa mais clássico de comédia romântica, tipo ir até o topo do Empire State Building. Eu gostaria disso. Mais do que gostaria.

Ouçó uma chave girando, e a porta da frente se abre com um rangido.

— Alguém em casa?

— No quarto do Arthur — responde meu pai.

— Ah, uau! — diz minha mãe, aparecendo à porta. — Todo arrumado para o seu grande encontro.

— Ah. — Fico vermelho até a alma. — Não é...

— Você está ótimo, querido. Coloque a camisa para dentro.

— Ou para fora — insiste meu pai.

— Ele está indo a um encontro, não maratonando as reprises de *Simpsons*.

— Sim, mas já está de camisa de gola e colônia.

Ela olha enfaticamente para a calça de moletom do meu pai.

— Claro, porque ele não pode fazer um esforço, né?

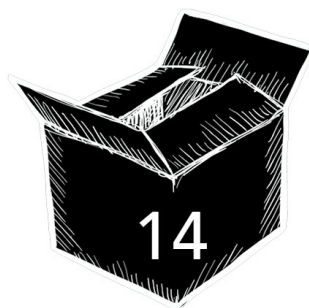
— Bem, tenho que ir — falo em voz alta.

Saio tão rápido que é como se eu estivesse escapando da prisão. Meu rosto está vermelho e estou uma pilha de nervos. Acho que não respiro até pisar na calçada.

Dou uma olhada no meu telefone. Nenhuma mensagem do Ben. Mas isso é bom. Significa que ele não cancelou.

Significa que estou andando para o metrô. Significa que vou para a Times Square.

Significa que são sete e meia de uma noite de sábado e estou a quatro estações do primeiro ato da minha história de amor.



BEN

Sábado, 14 de julho

SÃO 20H11 QUANDO chegamos à estação. Dylan me deseja boa sorte com meu futuro marido e corro meio quarteirão até a entrada principal da estação de trem da Times Square. É uma noite de sábado em pleno verão, então o quarteirão é uma mistura de turistas e nova-iorquinos cujas escolhas de vida ruins os levaram até ali. Há policiais e homens vestidos de Vingadores sob a gigantesca placa do metrô iluminada como os outdoors dos shows da Broadway, lojas de roupas e muito mais. E lá está Arthur, metade do tamanho do cara vestido de Capitão América, a camisa meio enfiada para dentro da calça. Ele olha para o celular, dando uma espiada em volta a cada dois segundos. Está procurando por mim.

— Ei — chamo.

Arthur quase deixa o celular cair.

— Ei — diz ele. Corando. Surpreso, eu acho.

Estendo a mão para cumprimentá-lo, mas ele está vindo me abraçar.

— Ah. Desculpa.

Então vou abraçá-lo, e quando ele estende a mão quase roça o Ben Júnior. Seguro seu antebraço antes que ele recue e aperto sua mão. Ótimo começo. Ele está com um cheiro bom, pelo menos. Colônia. Eu nem sequer passei xampu.

— Por um segundo, pensei que você não fosse aparecer — diz Arthur.

— Ah, sim, desculpa. Geralmente chego em cima da hora ou superatrasado. Pensei que estivesse tudo sob controle hoje à noite — falo.

Dez minutos não são nada comparados a quanto já me atrasei outras vezes.

— Já estava achando que ia ter que pendurar outro bilhete para encontrar você — brinca Arthur. Então se encolhe e dá de ombros, me arrancando um sorriso. — Então, para onde nós vamos?

Ele fala muito, o que por mim tudo bem, e não é muito de fazer contato visual, o que é uma droga, porque quero olhar para aqueles olhos azuis incríveis dele. Mereço um soco na cara se um dia compará-los ao céu ou ao oceano, porque são muito mais bonitos que isso.

— Logo ali — falo. Um ambulante na esquina está vendendo garrafas de água, doces, jornais, e paro bem rápido para comprar Skittles, que valem como aperitivo e pastilha para o hálito. — Ainda estou chateado por terem substituído o sabor maçã verde pelo de limão.

- E ela ainda era sexy.
- Hã?
- A Skittle verde. Tenho DNA gay, mas até eu sacava. Ela estava se exibindo naqueles comerciais e deixando os Skittles vermelho e amarelo excitados.
- Você está falando de M&M's.
- Ah, é. — Arthur cora.
- A verde deixava você excitado?
- Não. Mas por alguma razão eu achava a personagem sexy. O mesmo com o Pernalonga e o Gato de Botas: tá na cara que eles são bons de cama.
- Nunca tinha pensado no Pernalonga ou no Gato de Botas fazendo sexo... E agora estou pensando nos dois fazendo sexo um com o outro...
- Ai, desculpa por falar de desenhos animados sensuais nos cinco primeiros minutos do nosso encontro — diz ele. — Está bem óbvio que nunca fiz isso antes, né?
- Conversou com alguém?
- Tive um encontro.

Então ele fica ainda mais vermelho, como se estivesse querendo bater um recorde. Eu realmente não fazia ideia até ele revelar. Não é estranho, mas a pressão aumenta ainda mais.

— Não tem problema nenhum mencionar desenhos animados sensuais. Meu melhor amigo, Dylan, uma vez me enviou um link de um pornô baseado em Harry Potter. Não dá mais para ler os livros da mesma maneira depois de ver Hermione, Harry e Rony em uma aula de Poções gritando *Erectus Penis*.

A risada do Arthur é bem diferente da do Hudson, que era mais áspera e sempre soava exagerada, mesmo quando era sincera. A risada do Arthur é mais aguda e mais alta, e, embora não o conheça bem, não tenho dúvidas de que é genuína. E gosto muito dela.

Passamos pelo Ripley's Believe It or Not!, um museu cheio de bizarrices, e pelo Madame Tussauds, uma armadilha para turistas com modelos de cera de celebridades com quem as pessoas tiram selfies e compartilham no Facebook. Nenhum nova-iorquino se impressiona com isso. Arthur parece animado, mas passamos direto. Logo depois, vem o Dave & Buster's.

- Chegamos.
 - O fliperama?
 - O sonho secreto de todo cara — falo. — Já foi a algum?
 - Já fui algumas vezes onde eu moro.
 - Maravilha. Seria bom ter alguém com quem jogar.
- Vou na frente e subimos a escada rolante.

Compro meu cartão com créditos para jogar, e ele faz o mesmo. Eu até compraria o dele, mas sabe como é... Provavelmente é melhor estabelecer algumas coisas com relação a dinheiro desde o início. Em um

relacionamento heterossexual, fica bem claro que quem deve ser o cavalheiro... é o cavalheiro. A coisa é meio nebulosa quando são dois cavalheiros. Dylan é a única pessoa fora da minha família que me sinto confortável em deixar pagar coisas para mim, mas isso é porque sei que ele vai estar na minha vida para sempre e vou pagar de volta se algum dia me der bem. Hudson não era uma garantia. Nem o Arthur.

O lugar é repleto de luzes fluorescentes. Vejo a cabine de fotos em que Hudson e eu nos beijamos e fizemos caretas atrás das cortinas. O bar em que pedimos coquetéis de forma supercasual, com toda a confiança de que não iriam conferir as identidades. Talvez não devesse ter levado Arthur ali, mas todos os lugares em que sei como me divertir trazem lembranças dos dias que passei com Hudson. Se as coisas derem certo com Arthur, podemos fazer daquele o *nosso* lugar. Está bem cheio, mas há alguns jogos livres.

— O que fazemos primeiro?

Arthur dá uma olhada ao redor.

— Máquina de garra?

— Amador, Arthur. Se ganhar algo cedo, vai ter que carregar a coisa a noite toda. Vamos nas motocicletas.

Seguimos até lá. Arthur parece ainda menor na moto. Seus pés pairam acima da plataforma quando não estão apoiados nos pedais. Escolhemos a mesma pista e aceleramos. Sempre jogo para vencer, então fico muito focado.

— Estou tão irritado... Tinha acabado de tirar a carteira, e agora é inútil — diz Arthur. — Aqui são só trens e ônibus e bicicletas para alugar. Talvez eu alugue uma moto.

Arthur está em último lugar e seguindo na direção oposta. Ele não deveria alugar uma moto.

Quero fazer mais perguntas sobre a Geórgia, mas estou em terceiro lugar e preciso ultrapassar mais dois.

O jogo termina.

— Você ficou em segundo lugar! — comemora Arthur. — Parabéns.

— Ficar em segundo lugar é uma droga.

— Ah, você é um desses. O segundo lugar é o primeiro dos perdedores, certo?

— Mais ou menos. Minha mãe quase ganhou na loteria uma vez. Perdeu por dois números. — Desço da motocicleta. Não vou contar para ele como aquele prêmio seria importante para a minha família. — Fomos os primeiros dos perdedores.

— O que você teria feito se tivesse ganhado o dinheiro?

Me mudado para um apartamento maior. Comprado um carro, porque os trens e ônibus são até razoáveis, mas, se tivéssemos nosso próprio carro, poderíamos viajar para fora da cidade, para lugares menos acessíveis. Comprar uma daquelas camas de espuma superconfortáveis.

— Comprar todos os consoles de videogame existentes. — Admitir necessidades práticas não é conversa para um primeiro encontro. — E talvez encarar meu primeiro voo para poder ir àquele parque do Harry Potter na Flórida.

— Também nunca fui! Talvez possamos ir um dia — sugere Arthur. Ele está radiante, como se um primeiro encontro automaticamente resultasse em uma viagem de casal para a Universal Studios. Definitivamente indo um pouco rápido demais. — Você precisa de uma nova varinha, de qualquer maneira.

— O quê?

— A varinha naquela caixa que queria devolver para o seu namorado.

A caixa ainda está no meu quarto.

— Sim. Exatamente. — Sigo à frente dele até uma máquina de basquete.

— Já fez algum amigo aqui?

— Umas garotas no meu estágio, Namrata e Juliet — responde Arthur. — Estavam torcendo para eu ir atrás de você. Sugeriram que eu publicasse uma mensagem no Craigslist, mas minha mãe foi contra.

Paro de repente.

— Está falando daquela seção em que as pessoas tentam encontrar alguém que viram na rua?

— Sim! Você conhece? — Arthur toca meu ombro. — Espera. Você publicou uma mensagem para *mim*?

— Ah. Hum. Não — falo. Gostaria de ter mentido para nos poupar o constrangimento. — Mas meu pai me falou dessa seção e dei uma olhada para ver se você estava procurando por mim também.

— Não sabia que você estava procurando mim — diz ele, abrindo um sorriso. — Não fazia a menor ideia.

— Bem, sim. — Passo as mãos pelo cabelo e volto a caminhar em direção aos aros. — Então... motos não eram sua praia, mas quem sabe o basquete? Você só tem que acertar a bola no aro o máximo de vezes possível em um minuto.

Ele assente, mas não tenho certeza se realmente me ouviu. Não preciso de muito para adivinhar o que está pensando: estávamos procurando um pelo outro. Ele se empenhou bastante, mas ouvir que eu também queria encontrá-lo? Bem, todo muito gosta de ver que seus sentimentos são recíprocos.

Jogamos um contra o outro, ao lado de um outro garoto qualquer acompanhado do pai.

Duas notas mentais:

1) Não falar besteira quando eu derrotar Arthur e o garoto.

2) Não dizer “que merda” se Arthur ou o garoto ganharem.

O tempo começa a rodar, e estou indo bem, seis cestas em dez segundos. Mas o garoto está se esforçando. Vinte segundos depois, Arthur acerta sua

primeira cesta.

— ISSO! — Ele se vira para mim. — Sou demais!

— Você está perdendo tempo — falo. Ele não tem chance de nos alcançar, mas pode se dedicar mais. Ou pelo menos parar de me distrair. Eu. Jogo. Para. Vencer.

Arthur continua até sua bola quicar para fora do brinquedo, e então ele corre atrás dela feito um peão boiadeiro.

O tempo acaba.

23 a 1 a 25.

— Mas que... — Não dou parabéns ao garoto porque ele está rindo de mim.

Talvez um fliperama não tenha sido uma ideia tão boa assim para um primeiro encontro. Meu lado competitivo talvez seja melhor para o terceiro ou quarto encontro.

Arthur volta com a bola. Arremessa. Erra. Hudson era um adversário melhor. E também teria dado uma lição naquele garoto.

Coloco alguns Skittles na boca.

— Quer jogar air hockey? — pergunta Arthur. — Prometo que vai ganhar.

Ou que vou parar no hospital quando Arthur lançar um rebatedor descontrolado na minha direção.

— Vamos para a garra — falo. — Mas vamos tornar a coisa interessante.

Ele me segue até o canto. Não vamos tentar pegar nenhum Pokémon de pelúcia, não mesmo.

— Interessante? Tipo strip poker? Espero estar usando a cueca certa — diz Arthur.

— Você costuma andar com a cueca errada?

— Todos nós temos aquela cueca para quando todas as outras estão lavando.

— Verdade. Mas, bom, você não vai perder a calça neste desafio. — Uma das máquinas de garra é de joias. Colares bonitos, pulseiras feias, anéis de diamante falsos, e assim por diante. — O que ganharmos, o outro tem que usar. Valendo?

— Valendo!

— Eu vou primeiro — falo. Talvez ver outra pessoa jogar ajude Arthur na vez dele. — Aquele colar no canto vai combinar com seus olhos.

Coloco a garra em movimento, com a mão na alavanca enquanto espio a caixa. Isso vai ser bom. Aperto o botão, e a garra desce, abre, alcança a caixa, mas não pega. E volta vazia.

— Hoje não é o meu dia.

— Eu não diria isso. Há uma boa chance de você ganhar um acessório maravilhoso nos próximos minutos.

— Boa chance?

Arthur aponta para o colar com um pingente enorme de símbolo da paz enfeitado com pedrinhas brilhantes. Ele move a garra e analisa a caixa de todos os ângulos — então se agacha, fica na ponta dos pés, vai para a esquerda, depois para a direita, ajusta a garra, e de novo e de novo até apertar o botão. A garra pega o colar e o leva até o local de retirada.

Arthur retira o prêmio da máquina e sorri.

— Você ganhou um colar!

— Você acabou de me enrolar?

Ele está rindo, aquele diabinho trapaceiro.

— Você escolheu o jogo.

— É isso que faz com que seja um plano tão brilhante. Quero dizer, você não consegue nem acertar uma bola num aro enorme, mas pega um colarzinho com uma garra?

— Tenho habilidades muito específicas — diz Arthur, citando *Busca Implacável*, o que conta muitos pontos. — Sou uma espécie de deus quando se trata de máquinas de garra. — Ele se aproxima, olhando para o chão antes de erguer os olhos para mim e estender o colar. — Ok. Hora de fazer as pazes.

Ele está perto do meu rosto, e penso em como será estranho beijá-lo. Não naquele segundo, embora fosse ser estranho também. Cedo demais. Estou falando da diferença de altura. Hudson e eu éramos mais equivalentes nesse sentido, e Arthur não chega à minha altura. Ok, não foi isso que eu quis dizer. Enfim, odeio pensar nisso, mas penso. Não posso fazer nada se altura é importante para mim. Do mesmo jeito que outras pessoas se recusam a namorar alguém que tenha uma banda ou que seja tão nerd que sabe o nome de todos os cento e cinquenta Pokémon originais.

Arthur coloca o colar em mim e seus dedos roçam na minha pele. Ele parece querer me beijar. Mas também é alguém que nunca daria o primeiro passo.

— Como estou? — pergunto.

— Como alguém que quer a paz gay na Terra — declara Arthur. — E com um hálito que cheira aos Skittles verdes errados.

— A Skittles sexy?

— A Skittles sexy — diz Arthur. Então endireita os ombros. E estica pescoço.

— Vamos pegar uma bebida — falo.

Vamos ao bar. Peço uma água, e Arthur, uma Coca-Cola. Estou com um pouco de fome, mas não quero que seja um encontro com jantar, porque fico desconfortável comendo na frente das pessoas. Menos com meus amigos. Posso ver Dylan falar com a boca cheia por um período de tempo perturbadoramente longo. Mas com o Hudson, só comíamos em lugares onde não precisávamos nos sentar de frente um para o outro, como balcões de pizzarias e em nossos quartos enquanto víamos filmes. Tenho esse medo

sufocante de que possamos acabar ficando sem nada para dizer e eu testemunhe o momento exato em que alguém se desinteresse por mim porque não tenho conteúdo suficiente para manter uma conversa durante uma refeição. Por que alguém iria querer conversar comigo pelo resto da vida?

Nossas bebidas chegam.

— Eu pago — diz Arthur. Então pega a carteira e entrega o dinheiro ao garçom. — Tenho meu salário de estagiário eminente de empresa de advocacia.

— Obrigado.

Cruzamos o fliperama até as janelas. Arthur está olhando para a Times Square como se quisesse estar lá fora tendo sua caricatura desenhada por trinta dólares, encontrando seu nome em um daqueles ímãs de placa de carro, assistindo a um musical, esbarrando em uma celebridade, ou de pé na calçada até se ver aparecer em um daqueles telões.

Arthur me pega olhando para ele.

— Ah. Estou sendo um daqueles típicos recém-chegados a Nova York, né?

— Está. É fofo. Você ainda tem esse brilho de turista. Não consigo lembrar como é se sentir impressionado com a Times Square. Ou com qualquer coisa em Nova York.

— Como assim? Permita-me fazer um *mansplaining* da sua cidade para você. — Arthur derrama um pouco de refrigerante e esfrega o tapete com o tênis para secá-lo. Então se recompõe e mantém a calma. — Você pode pedir comida a, tipo, qualquer hora. E se não puder pedir, pode encontrar. As ruas ainda estarão cheias às duas da manhã. Toda hora filmam alguma produção na Geórgia, mas os filmes não são sempre sobre a Geórgia. Fazem filmes *sobre* Nova York. E eu poderia continuar.

— Tenho certeza de que sim. Você sente falta da Geórgia?

Ele dá de ombros.

— Sim, sinto falta dos meus melhores amigos, Jessie e Ethan. E da minha casa. O quarto de hóspedes que temos em casa é maior do que os quartos do apartamento do tio Milton.

— Nova York é assim — falo. É triste pensar que, se melhorássemos de vida e deixássemos para trás nossa família, o mala do Dylan e a entrega de comida tarde da noite, meus pais e eu poderíamos morar em uma casa grande. — Está animado para voltar?

— Não estou pensando nisso agora. Só desfrutando da magia de Nova York. — Ele aponta para mim, para ele e para mim novamente. — A cidade fez isso acontecer.

— Bem pensado — concordo.

Dou uma olhada nos outros jogos. Há a roleta de tíquetes, em que uma vez gastei vários créditos para logo depois uma pessoa chegar e ganhar

quinhentos tíquetes. Tem o Just Dance, que Dylan geralmente ganha — e eu não ficaria surpreso se Arthur soubesse dançar. Tem *Mario Kart*, que é sempre divertido.

— Você é fã de filmes de terror? — pergunto.

— Não odeio completamente.

— Então é um sim.

— Claro.

— Ótimo.

Entramos na cabine do Dark Escape 4D. É um jogo bastante imersivo que mexe com os medos das pessoas. Os assentos vibram, você sente um ar soprando no rosto, os sons fazem parecer que um maníaco com uma faca está se aproximando, e há um sensor de pânico que registra a frequência cardíaca para ver quem se assustou mais.

— O que temos que fazer para vencer? — pergunta Arthur. — Vence quem sobreviver?

— É um jogo de equipe. Temos que sobreviver juntos.

Coloco os óculos 3D enquanto olhamos os cenários: Prisão para aqueles com medo dos mortos, Sala de Execução para os que têm medo do escuro, Cabana para os que têm medo de serem perseguidos em espaços apertados, Laboratório para aqueles com medo de vermes.

— Existe uma opção em que somos perseguidos por borboletas em um gramado extenso? — pergunta Arthur.

— Talvez na próxima edição. Mas as borboletas provavelmente serão morcegos. E o gramado, uma caverna.

— Então nada a ver com o que eu disse. Entendi. — Arthur coloca os óculos 3D e segura o blaster com força. — Vamos matar alguns prisioneiros zumbis fugitivos.

O jogo começa bastante assustador. A única iluminação da prisão é uma lâmpada que oscila enquanto nossos personagens se arrastam pela escuridão. A porta de uma cela se abre com um rangido, mas é só o vento... não, não, merda, não é só o vento, é um velho com apenas metade do rosto.

— Por que ele está na prisão? — grita Arthur.

— Não sei! — grito de volta.

— Mata logo ele! Mata logo ele!

Atiramos no vovô zumbi... e acordamos a prisão inteira e os mortos-vivos. Um se atira contra nós, tentando me estrangular, e Arthur o mata com um tiro certo. Fico mais perto de Arthur, como costumava fazer com Hudson. Nossas pernas agora estão se tocando, e ele se aproxima também. As vibrações de cada passo à medida que os prisioneiros zumbis vêm em nossa direção fazem meu coração disparar.

— Como você... ah! Merda, ele está comendo meu braço... está? — pergunto.

— Com medo. Mas poderia ser pior.

— Qual a coisa mais assustadora que poderia aparecer na tela? Aquele maldito ali no canto?

Vemos um zumbi no canto comendo a cabeça decapitada de um guarda como se fosse frango assado.

— Ele também. E eu não sei. Talvez meus pais se divorciando?

— Ah. Isso... está acontecendo?

— Acho que sim. Eu não sei, eles só... zumbi à sua direita!

Largo o blaster e empurro os óculos 3D para o alto da cabeça. Os zumbis fazem a festa com o meu personagem.

— Quer conversar sobre isso?

É estranho imaginar qualquer coisa ruim acontecendo na vida do Arthur. Ele é um “estagiário eminente” de dezesseis anos, acabou de chegar a Nova York e parece bem inteligente. Acho que a vida de ninguém é perfeita. Mesmo daqueles que parecem ter tudo.

— Ok, nova coisa mais assustadora. Ethan alcançando a nota mais aguda de “The Music of the Night”, de *O Fantasma da Ópera*.

Entendo logo que ele não quer falar sobre os pais.

— Ethan é seu melhor amigo, certo?

— Sim, eu acho. — Arthur se vira para mim ainda de óculos. Não consigo ver seus olhos. — As coisas mudaram desde que me assumi. Sabia que era uma possibilidade, mas... sei lá. Não esperava que meus melhores amigos saíssem de cena.

— Jessie também?

— Ah, não, ela é tranquila. E é incrível. Sempre fomos muito próximos, e agora temos esse lance em comum com relação aos garotos. — Ele finalmente tira os óculos 3D. — Posso perguntar quanto assumido você é?

— Completamente. No primeiro ano, eu estava na casa do Dylan vendo *Os Vingadores*. Ele começou a falar sobre quantos crimes seria capaz de cometer para a Viúva Negra persegui-lo e ele poder conhecê-la. Falei, então, sobre pegar no martelo do Thor, e ele respeitou essa escolha. Foi assim. — Agora que sei como Ethan é péssimo nesse departamento, fico ainda mais feliz por Dylan. — E foi igual com meus pais. Conte durante um jantar em que Dylan estava lá em casa, e meu pai pensou que estivéssemos namorando. Eu só achava que meus pais criariam mais caso. Quando não criaram, fiquei desapontado. Achava que ia ser um grande acontecimento. Balões, desfile, sei lá.

— Mas isso é bom, certo?

— Sim, agora fico feliz que não tenha sido assim. Queria que fosse normal, e foi.

— Porque é. Você disse que saiu completamente do armário. Então todo mundo sabe?

— Sim. Postei no Facebook no Dia de Ação de Graças há alguns anos. Disse que era grato por todas as pessoas na minha vida que eram incríveis o

bastante para me amar como sou. E que todos os outros poderiam desfazer a amizade comigo na internet e na vida real. Até chequei meu número de amigos antes de fazer a postagem.

— Êxodo em massa? Êxodo modesto?

— Nenhum êxodo — respondo.

É surpreendente. Achava que as pessoas se importariam mais do que de fato se importaram.

— Posso ser sincero com relação a uma coisa?

— Você adora uma pornografia de desenho animado, não é?

— Bem, sim, mas... Não adoro fliperama. Decepcionei você.

— Isso explica muita coisa — falo.

— Mas formamos uma grande equipe!

— Não, não formamos. Literalmente perdemos porque paramos de jogar no meio do processo.

— Logística.

Deixamos os óculos 3D e saímos.

— Então, chega de jogar, é isso que você está falando? — pergunto. Ainda tenho créditos, e eles não deixam você pegar o dinheiro de volta só porque seu acompanhante não gosta de fliperamas. Ele parece mesmo de outro planeta. — E agora?

— Tenho uma ideia — diz Arthur. Então me leva até a cabine de fotos, coloca cinco dólares na máquina e se senta. — Vem!

Nem tenho a chance de decidir se é isso que eu quero — a foto, esse momento com Arthur. Entro atrás dele, porque não fazer isso seria estranho e um desperdício de cinco dólares. Eu me sento e só consigo pensar nas caras bobas que Hudson e eu fizemos quando estivemos ali alguns meses antes. Mas o Arthur não é o Hudson. E não posso deixar o Hudson estragar qualquer chance que eu tenha de criar novas lembranças em lugares antigos. Não só no Dave & Buster's, mas em qualquer lugar da cidade. Escola, parques, enfim... Arthur é uma pessoa. Não um brinquedo. Nem uma distração. Tenho que fazer isso direito.

— Qual é a nossa motivação? — pergunto. — Temos três chances.

— *I am not throwing away my shot* — diz Arthur. E me lança um olhar esperançoso. — De *Hamilton*? Não vou desperdiçar minha chance?

— Ah. Certo.

As pessoas estão obcecadas com esse musical. Não ouvi uma única música, mas acho melhor não mencionar isso no momento.

— Tenho tanto a te ensinar, Ben.

Contagem regressiva a partir do três. Na primeira foto, nós improvisamos. Arthur se inclina em minha direção e nós dois sorrimos, bem simples. Na segunda foto, Arthur coloca a língua para fora e diz “Aaaaaah”, como se um médico estivesse examinando sua boca. Eu resolvo piscar de forma bem exagerada. Na terceira foto, Arthur se vira para mim. Meu coração acelera,

porque parece que ele quer me dar um beijo, mas ainda não estou pronto. Sei que isso tudo é muito fofo, que reencontrei o garoto que conheci nos correios, mas não importa o quanto ele seja charmoso, não posso me forçar a beijá-lo antes de estar pronto. Antes de querer de verdade. Nós apenas olhamos um para o outro e sorrimos quando o último flash dispara.

Saímos da cabine, e cada um fica com uma tirinha. Ficamos realmente muito bem juntos.

— Essa última foto é curiosa — diz Arthur. — Eu... Deixa pra lá.

— Fala.

Ele olha para os tênis.

— Pareço muito mais feliz do que você. Tudo bem se você quiser parar por aqui. Se ainda estiver envolvido com seu ex, eu entendo. Bem, não entendo. Mas posso imaginar.

— Não, eu só... Eu me diverti muito, mas acabei me distraindo — falo.

A culpa é minha. Trouxe o cara para um lugar ao qual vinha com meu ex-namorado. Também não sei o quanto deveria investir nisso, já que Arthur vai embora no final do verão de qualquer maneira.

Nós dois ficamos em silêncio. Quero muito ver Arthur como ele me vê. Mas pode levar algum tempo, e o tempo não está exatamente do nosso lado.

Arthur suspira e olha para o chão.

— Estraguei meu primeiro encontro — diz ele. — Maravilha.

— Não, você não estragou nada... Fui eu que fiz besteira. Estou sempre pronto para descartar qualquer coisa boa que o universo coloque no meu caminho, já que estou convencido de que o universo me odeia. Mas talvez o universo esteja apenas sem pressa, sei lá. Como se tudo o que já deu errado para mim tivesse acontecido para que alguma coisa pudesse dar certo depois. Eu não sei.

— Então o encontro foi bom? Ou ruim?

— O encontro não foi ruim, só acho que, se o universo está tentando nos juntar, nossa história merece um primeiro encontro mais épico — explico.

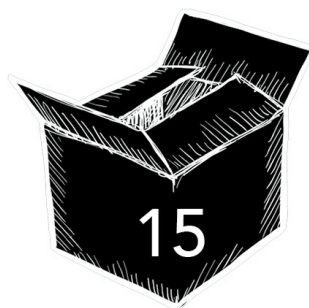
— Quero muito ver você de novo. Talvez devamos dar uma nova chance a esse encontro.

— Como um primeiro encontro? De novo?

— Exatamente. Desta vez, você pode planejar. O que quiser.

— Desafio aceito.

Então sorrimos e apertamos as mãos.



ARTHUR

Domingo, 15 de julho

UM NOVO PRIMEIRO encontro. E sou eu quem devo planejá-lo.

Eu nem sabia que isso existia. Achei que fosse apenas chamado de segundo encontro.

Um novo primeiro encontro.

Mas pelo menos vou poder ver o Ben de novo. O que é conveniente, já que não consigo pensar em mais nada. Não consigo nem sair da cama. Estou ocupado demais olhando para nossas fotos juntos. E sim, parecemos um pouco o Pepé Le Pew e a gata aturdida que ele namora, mas também parecemos um casal de verdade. Quem visse as fotos não pensaria que Ben e eu temos uma relação platônica. Ao mesmo tempo, a ideia de eu ser parte de um casal é *tão* surreal que nem entra na minha cabeça.

Por volta das dez, finalmente apareço na sala, usando short e óculos. Meu pai está no sofá tomando café, enquanto a TV, no mudo, exibe o jornal.

— Por que estamos vendo o cara laranja? — pergunto, afundando ao lado dele.

Ele desliga a TV.

— Bom dia, Romeu.

— Uau. Por favor, não começa.

Meu pai franze as sobrancelhas.

— Não começa o quê?

— Com as brincadeiras.

— Hã-hã. Não. Isso aqui não é *Minha Vida de Cão*.

— Não peguei essa referência, pai.

— Você não é *As Vantagens de Ser Invisível*. Não acabei de alugar o *Clube dos Cinco*.

— O que isso...

— Significa: dá um tempo com a falsa angústia adolescente. Foi seu primeiro encontro, e quero saber como foi.

— Você não acha estranho falarmos sobre essas coisas?

— Por quê? Porque sou seu pai?

— Sim. É claro.

Ele olha para mim como se estivesse tentando processar a informação.

Suspiro.

— Foi tudo bem, pai. Foi legal. Vamos nos ver de novo amanhã.

— Uau. Olha só para você. Segundo encontro.

— Bem, não é um segundo encontro. É um segundo *primeiro* encontro. Vamos dar outra chance ao primeiro.

Meu pai passa a mão pela barba.

— Interessante.

— Eu sei.

— Mas ele claramente gosta de você.

— Você acha? — pergunto, empolgado.

— Bem, ele quer te ver de novo.

— Sim... Meu Deus, não faço ideia de como fazer isso.

— De como planejar um segundo primeiro encontro?

— Não sei nem como planejar um encontro normal.

Sinceramente, como eu deveria saber escolher um lugar, criar um clima e fazer Ben ficar de quatro por mim? Não literalmente. Ainda que não fosse uma ideia ruim.

Olho de soslaio para o meu pai.

— Ok, então se amanhã é o primeiro encontro, como nos referimos ao do Dave & Buster's? Fingimos que não aconteceu? Chamamos de Encontro Zero? — Esfrego a testa. — Tentamos reencenar o encontro?

— Por que você reencenaria um primeiro encontro ruim? — pergunta ele. — Simplesmente relaxe. Vai ser ótimo. Só aposte em alguma coisa testada e aprovada, como um jantar. Algo básico.

Básico.

Faço que sim com a cabeça.

— Ok.

Segunda, 16 de julho

Ok nada.

Não vou escolher nada básico. Foi mal, mas esse não é um garoto qualquer. É o *Ben*. E é por isso que estou aqui numa segunda-feira à noite, espremido numa mesa num canto de um restaurante da Union Square chamado Café Arvin. É um desses lugares que parecem uma boate enfiada em um depósito, com luminárias geométricas exóticas e um cardápio que muda todos os dias. Mas o Yelp diz que é um restaurante ótimo para encontros, então espero que o Ben goste. Presumindo que apareça, claro. Ele deveria ter chegado há quinze minutos e não mandou nenhuma mensagem dizendo que se atrasaria.

Assim como da última vez.

Eu deveria confirmar com ele. *Você está vindo... você está vivo... você...*

Agora estou parecendo minha mãe. O que provavelmente não é o melhor

comportamento para um encontro.

Só não sabia que os encontros exigiam tantas pequenas decisões. Quando mandar mensagem, quando relaxar, o que fazer com minhas mãos enquanto espero. Quando ele entrar, será que eu deveria olhar para ele e sorrir? Ou deveria estar vendo alguma coisa no celular com um ar casual? Preciso de um roteiro. Talvez eu simplesmente deva parar de pensar demais.

Mas, no momento em que o vejo, paro completamente de pensar, porque: uau, ele está ainda mais bonito. Ou posso só estar notando outras coisas fofas nele, como a curva do queixo, ou o ligeiro arquear dos seus ombros. Ben está de camisa cinza com decote em V e calça jeans, e seus olhos correm pelo lugar enquanto fala com a recepcionista. Quando me encontra, seu rosto inteiro se ilumina.

De repente, já está se sentando à minha frente.

— Que lugar chique — diz ele.

— Bem, você sabe. Achei que nosso PRIMEIRO encontro merecia.

— Sim. Primeiro encontro. Nunca tive um encontro com você antes.

Ben sorri.

Sorrio também.

— Nunca.

E então meu cérebro fica totalmente em branco.

Complicação imprevista: aparentemente, não sei como conversar em restaurantes chiques. Tudo é tão moderno e elegante, e nenhuma conversa normal parece digna do lugar. Sinto que deveríamos falar sobre coisas profundas — coisas intelectuais e sofisticadas, como política ou A morte. Mas nem sei se Ben gosta de assuntos como política ou A morte. Para ser sincero, mal sei qualquer coisa sobre ele.

— Então, o que você faz?

— Como assim?

— Você faz algum estágio? O que faz o dia todo?

— Ah, é... — Ele para, olhando para o cardápio, e vejo seu rosto perder a cor.

— Está tudo bem?

— Está. É só que... — Ele esfrega o rosto. — Não tenho como bancar isso aqui.

— Ah, não se preocupe com isso — falo na mesma hora. — É por minha conta.

— Não vou deixar você pagar tudo.

— Mas eu quero. — Eu me inclino para a frente. — Ainda estou rolando no dinheiro do bar mitzvah, então está tudo bem.

— Não dá. Sinto muito. — Ele levanta o menu. — Não posso comer um hambúrguer de trinta dólares. Acho que literalmente não sou capaz de fazer isso.

— Ah. — Sinto um aperto no estômago. — Está bem.

Ele balança a cabeça.

— Minha mãe consegue comprar jantar por três dias para a nossa família com trinta dólares.

— Sim, entendo. Eu acho... — Ergo os olhos e vejo um cara sentado à mesa ao lado. — Ai, merda.

Ben se inclina para a frente.

— O que foi?

— Aquele é... é o Ansel Elgort?

— Quem?

— Um ator. Ai, meu Deus.

— Sério? — Ben estica o pescoço.

— Não olhe para ele! Temos que fingir naturalidade. — Pego meu telefone. — Preciso mandar uma mensagem para Jessie. Ela vai *surtar*. Será que eu devo falar com ele?

— Pensei que tínhamos que fingir naturalidade.

Faço que sim.

— Eu deveria tirar uma selfie, certo? Para Jessie?

— Quem é ele mesmo? — pergunta Ben.

— *Em Ritmo de Fuga. A Culpa É das Estrelas*.

Empurro a cadeira para trás e me levanto. Respiro fundo.

Então me aproximo, e Ansel abre um meio sorriso educado.

— Oi.

— Oi! Oi.

— Posso ajudar?

— Oi! Desculpa. Eu só. — Solto o ar. — Uau. Ok. Meu nome é Arthur e preciso dizer que Jessie gosta muito de você. Tipo, muito *mesmo*.

— Ah! — Ansel parece surpreso.

— É verdade.

— Bem, isso é...

— Posso tirar uma selfie? — disparo.

— Hã. Claro.

— Maravilha. Ah, cara. Você é incrível. Ok. — Eu me inclino e tiro algumas fotos rapidinho. — Uau. Muito obrigado.

Não acredito que isso aconteceu de verdade. Eu simplesmente... fui falar com um ator. Um ator muito famoso. Jessie não vai acreditar.

— Espera — diz Ben assim que me sento. — Você acha que aquele é o cara que fez *A Culpa É das Estrelas*?

Confirmo feliz, balançando a cabeça.

— Estou surtando.

— Humm. Acho que não é ele.

— O quê?

— Ah, e pedi batatas fritas trufadas. Tudo bem? Custam doze dólares, o que é ridículo, mas vou dividir com você...

— Não — falo, e sai de forma meio brusca. Expiro. — Quero dizer, sim. Tudo bem sobre as batatas fritas. Mas espera. Você não acha que é o Ansel?

— Bom, talvez?

De repente, o garçom aparece e coloca uma bebida rosa-clara em frente ao Ben, que olha para ele, confuso.

— Ah. Hum. Acho que não pedi isso. Desculpa.

— O cavalheiro de camisa azul mandou para você.

Engasgo.

— O quê?

— Legal — diz Ben. Então toma um gole e se vira para sorrir para Ansel.

Encaro Ben, boquiaberto.

— Você vai tomar isso?

— Por que não?

— Porque não. — Balanço a cabeça. — Por que Ansel Elgort pagou uma bebida para você?

— Não é o...

Eu o interrompo.

— Droga... Ok. Ele está vindo para cá.

— Oi — diz Ansel, apoiando as mãos na nossa mesa. Então se vira para Ben. — Jesse, certo?

Ah.

Ah.

Eu rio.

— Ah, uau, desculpa. Ok, Jessie, na verdade, é minha...

— Sim, sou o Jesse! Obrigado pela bebida.

Encaro Ben, perplexo, mas ele me lança um sorriso discreto.

— Claro. Queria muito pegar seu número.

Ansel Elgort. Pedindo o número do Ben. Durante o nosso encontro. Mas que merda é essa?

— Você acabou mesmo de pagar uma bebida alcoólica para o cara menor de idade que está comigo e pedir o número dele? — pergunto a Ansel em voz alta.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Menor de idade?

— Sim, Ansel, ele tem dezessete anos.

— Ansel? Cara, meu nome é Jake.

Por um instante, só olhamos um para o outro.

— Você não é... — Paro de falar, as bochechas queimando. — Eu vou... ficar quieto agora.

— Boa ideia — retruca Jake, já voltando para sua mesa.

Afundo ainda mais na cadeira, enquanto Ben toma sua bebida.

— Acho que correu tudo bem — diz ele, sorrindo.

O babaca mais fofo do mundo.

Cubro o rosto com as mãos.

— Isso foi tão...

— Senhor, preciso ver sua identidade.

Espio por entre as mãos. É um cara mais velho, usando gravata. E está falando com Ben. Meu coração pula para a garganta.

— Ah. Hã. — Ben parece nervoso. — Acho que deixei...

— Ele tem dezessete anos — interrompo.

Ben me fuzila com o olhar.

— Por favor, não chame a polícia. — Minha voz falha. — Por favor. Ai, Deus. Não posso ir para a cadeia. Não posso... minha mãe é advogada. Por favor. — Atiro uma nota de vinte e pego a mão do Ben. — Estamos indo embora. Sinto muito, senhor. Sinto muito mesmo.

— Tchau, Ansel! — grita Ben.

Eu o arrasto porta afora.

* * *

— Não acredito que você me entregou tão rápido — diz Ben. — Uau.

— Não acredito que deixou um cara qualquer chamado Jake pagar uma bebida para você!

— Deixei.

Ben sorri com orgulho.

— Quase fomos presos por causa disso.

— Sem chance. O que fiz foi nos salvar daqueles hambúrgueres de trinta dólares. E olha só a gente agora. Comendo cachorros-quentes de dois dólares. Impressionante.

Preciso até admitir: cachorro-quente de rua dá um ótimo jantar. É claro que o fato de Ben ter uma técnica bem fofa para comer ajuda. Ele puxa o pão em volta da salsicha que nem um cardigã, dá uma mordidinha, reajusta o pão e começa tudo de novo.

— Como você está comendo isso sem ketchup?

Ben sorri.

— Culpa do Dylan. Ele me disse que estou proibido de fazer isso, principalmente em encontros.

— Não entendi.

— Também não. — Ele dá de ombros. — Mas, segundo ele, “hálito de ketchup é péssimo e destrói relacionamentos”.

Abro a boca para dizer alguma coisa, mas não sai nada. Nem uma única palavra. Porque se Ben está pensando em hálito de ketchup, tenho quase certeza de que está pensando em beijo.

Mais especificamente: em *me* beijar.

Então vejo quando ele junta as pecinhas. Seu pescoço e seu rosto ficam

vermelhos na hora.

— Vamos ter isso em mente para nosso próximo primeiro encontro — diz ele rapidamente. — O terceiro primeiro encontro é o que há. Nada caro demais da próxima vez, ok?

— Sim. E nada de pedir batatas fritas com alho.

— Pensei que fossem batatas fritas trufadas.

— Isso.

Ele sorri. Então passa o braço em volta do meu ombro, e me sinto tão feliz que mal consigo respirar. Mesmo que seja apenas um braço num ombro. As pessoas na rua provavelmente pensam que somos apenas amigos. Só dois amigos abraçados comendo cachorro-quente.

— Ok, falando em trufas... — diz Ben. — Desde quando trufas não envolvem chocolate? — Então tira o braço dos meus ombros e pega o telefone. — Vou pesquisar.

— Pesquisar o quê?

— O que... são... trufas? — Ele fala em voz alta o que parece estar digitando.

— São um tipo de semente, certo?

— Não. Fungo. — Ele mostra o telefone. — Está vendo?

— O quê? De jeito nenhum. — Eu me aproximo. Nossos braços estão se tocando. — Jurava que eram sementes.

— Acho que você está pensando em sementes de trífula, do *Lorax*, Arthur Seuss.

Caio na gargalhada, e Ben faz uma cara engraçada. Como se estivesse surpreso, constrangido e um pouco satisfeito consigo mesmo. Acho que ele não sabe o quanto é engraçado. Provavelmente seu ex-namorado idiota nunca riu de suas piadas.

— Então, como descobriu meu sobrenome?

— Pelo seu endereço de e-mail? — Ele me puxa para o lado para deixar uma mulher passar com o filho. É muito bom ter um nova-iorquino para me ajudar a ficar alerta nas calçadas. — Então, você é parente do Dr. Seuss ou algo assim? Não, espera, é um pseudônimo, certo?

— O dele é. O meu, não. — Sorrio. — Qual é o seu sobrenome?

— Alejo. — Então ele soletra.

— Não é um pseudônimo?

— Não. Nenhum império de livros ilustrados.

— Ei, você não me disse o que faz o dia todo.

— Certo. — Ele aperta os lábios. — Estou estudando.

— Está como ouvinte? Pensei em fazer isso na NYU. Como é?

— Hã. Bem bacana.

— Muito legal, Ben Alejo.

— Pelo visto, vamos usar nome e sobrenome agora.

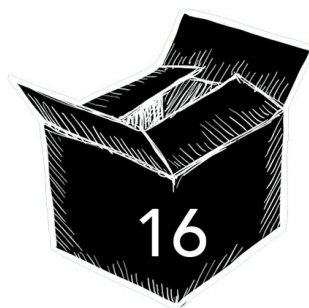
— Bem, preciso memorizar para pesquisar no Google depois.

Ele ri.

— Não sou tão interessante.

— É, sim.

— Você também é, dr. Seuss.



BEN

Terça, 17 de julho

@ArtSeussical começou a seguir você.

Dane-se o dever de casa.

Eu me sento na cama. Seguirmos um ao outro parece um passo importante, um pelo qual eu estava esperando ansiosamente, já que o perfil do Arthur é privado.

— Ei. Arthur acabou de começar a me seguir.

— Finalmente — diz Dylan, afastando-se da minha escrivaninha, onde estava jogando *The Sims*.

Acabei de liberar meu Sim de fazer o dever de casa também enquanto o Sim do Dylan relaxa, jogando videogame no laptop. É tudo metalinguístico demais para meu verdadeiro eu.

— Começo a seguir de volta logo? É inútil tentar ser mais casual, ele vai embora no final do verão. Não há tempo a perder.

— E não tem muito por que ser assim com alguém que pendurou um cartaz com seu rosto para te encontrar — diz Dylan.

— Tem razão.

Sigo Arthur também, e de repente temos acesso ao perfil um do outro. Como se tivéssemos trocado chaves para nossas vidas. O Instagram da Harriett é vibrante, mas vejo o quanto ela se empenha em cada foto. O Instagram do Arthur parece mais real.

Uma foto dele comendo sua primeira fatia de pizza em Nova York.

Programas das peças *Aladdin* e *Wicked*.

Uma selfie no espelho em alguma recepção, e percebo que foi tirada no dia em que nos conhecemos — com direito a gravata de cachorro-quente e tudo.

Uma foto das peças formatura de Arthur, Jessie e Ethan.

Um adesivo de laptop que diz OQBOF: *O Que Barack Obama Faria?*

Arthur sentado em um banquinho em algum lugar chique, que a princípio penso ser um restaurante, mas então vejo fotos dele na parede. Sua casa na Geórgia é definitivamente bem mais bonita do que eu imaginava. Pensar em levá-lo ao meu apartamento antes de ele voltar de vez para casa me parece mil vezes mais intimidador.

Arthur sentado de pernas cruzadas diante do que parece ser o espelho do seu quarto me faz parar. Até Dylan resolve ampliar o rosto dele.

— Santos olhos azuis, Batman — diz Dylan.

— Santos olhos azuis — repito.

Já os vi ao vivo, mas ainda assim...

E então outra foto de Arthur de óculos — o que é demais, de verdade, uau. Nas dez fotos seguintes que vejo, acabo encarando seus lábios em vez dos olhos.

— Será que quinta é cedo demais para um beijo?

— Nem um pouco. Vai nessa — responde Dylan. Seu telefone vibra na minha mesa, e ele se levanta para olhar. — Você está correndo contra o tempo, Big Be... — Ele olha para a tela. — É ela.

— Samantha?!

— Beyoncé. Claro que é a Samantha. O que eu faço?

— Abra a mensagem. Leia. Então responda com palavras. Mas nada de “futura esposa”.

Ele lê a mensagem e me passa o telefone.

— Ok. Isso é bom. Eu acho. Me ajude a não estragar tudo.

Dou uma olhada na mensagem:

Oi, Dylan. Me desculpe se não mandei mensagem antes. Toda vez que começo a escrever alguma coisa, imagino que você já não liga mais e então me sinto uma idiota e não digo nada. Tive essa questão com Patrick durante uma briga, e ele ficou feliz por eu escrever, então espero que você também fique. Entrei ligeiramente em pânico com seu comentário da futura esposa porque meu último relacionamento parecia muito obsessivo, e não gosto de quem me tornei durante ou de como me senti depois dele. Acho você uma pessoa ótima e engraçada e gostaria que nos víssemos de novo, se pudermos ir com calma. Se você seguiu em frente, desculpe ter vindo incomodar.

— Uau — falo. — Você tem que responder logo.

— O que eu falo?

Penso em tudo que sei sobre ela.

— Que tal chamar Samantha e a irmã para comer frutos do mar? Para que pareça menos romântico?

— Assim vou ficar na *friendzone*.

— Cara, ela quer ver você. Mandar a mensagem foi difícil, mas ela fez mesmo assim. Você só precisa dar tempo ao tempo.

— Certo. Eu estava de brincadeira sobre a coisa da futura esposa. Bom, meio de brincadeira.

Ele pega o celular de volta e lê a mensagem mais uma vez.

— Posso ajudar com a mensagem, por favor?

Dylan balança a cabeça.

— Pode deixar. — Então ele respira fundo e diz: — Querida futura esposa...

Pego o telefone.

Quinta, 19 de julho

Nosso terceiro primeiro encontro é bastante discreto. Nenhum jogo que Arthur não consiga acompanhar. Nenhuma comida pela qual eu não possa pagar. Decidir não foi fácil. Arthur sugeriu uma dessas boates em que você usa fones de ouvido e dança as músicas que escolhe. Eu sugeri o Nintendo World, que aparentemente era muito parecido com o fliperama para certa pessoa, cof, cof. Ele sugeriu uma aula de pintura. Sugeri escalada. Acabamos concordando com um passeio pelo Central Park, e já planejei até o lugar onde posso beijá-lo.

São mais de seis horas quando chegamos ao mesmo caminho por onde passei com Dylan na semana anterior. Até terminei meu dever de casa e estudei para o teste de amanhã hoje à tarde, para poder ficar fora até as nove. Arthur e eu dividimos um pretzel enquanto ele fala sobre seu GIF favorito, o da águia careca que tenta morder a mão do Trump, e só consigo pensar em todas as coisas que quero saber a respeito dele. E o que isso significa, já que ele não vai ficar aqui para sempre.

— O que você ainda quer fazer antes de voltar para a Geórgia?

— Ganhar ingressos para *Hamilton*. E ver outra peça no meu aniversário. Visitar a Estátua da Liberdade, talvez? Ou subir até o topo do Empire State Building.

— É um inferno para conseguir subir até lá, mas definitivamente vale a foto para o Instagram. Adorei aquela sua foto com a gravata de cachorro-quente — falo. — Várias fotos, na verdade. Mas não queria ser o tipo de cara que curte todas as suas fotos antigas. Esse tipo de cara não é legal. Espero que o lugar para onde estou levando você valha uma foto para o Instagram.

A única foto que temos juntos é do nosso primeiro primeiro encontro. Não sei se estou pronto para postar a foto de um cara novo no Instagram porque é um passo muito grande, mas seria bom começar a ter algo para me lembrar deste verão.

Enquanto subimos os degraus de pedra para o Castelo Belvedere, meio que desejo que tivéssemos esperado mais algumas horas até o sol se pôr para vermos o brilho da cidade. Adoro como as janelas iluminadas parecem estrelas quando escurece. Mas pelo menos Arthur terá a vista diurna.

— Aqui estamos. O que você acha?

— Definitivamente merece ir para o Instagram.

Enquanto admiramos a paisagem, falo:

— Vim aqui atrás de você.

— O quê?

— O Dylan está saindo com essa garota, a Samantha, que tentou me ajudar. Conteí tudo o que sabia sobre você, porque ela é praticamente uma detetive das redes sociais. Samantha descobriu que haveria um encontro de Yale aqui e eu vim checar. Achar você. Mas você não estava aqui. — Então me aproximo mais dele, e nossos cotovelos se tocam. — Acho você bem legal.

Arthur assente e sorri, mas o sorriso não fica em seu rosto por muito tempo. Não estou sentindo uma vibração de beijo.

— Você está bem? — pergunto.

— Estou. Isso é muito fofo — diz ele. — É só que... vi uma foto de você com o Hudson no Dave & Buster's. Você o trouxe aqui também?

Maldito Hudson. Nós não somos nem mais amigos e ele ainda consegue arruinar minha vida.

— Não. Hudson e eu nunca viemos aqui. — Então dou um passo para trás, e nossos cotovelos já não se tocam mais. — Levei você ao Dave & Buster's porque estava nervoso, e o lugar me deixava à vontade. É por isso que está chateado?

— Não estou chateado — responde Arthur.

Está bem claro que ele está incomodado.

— Se quiser saber alguma coisa, é só me perguntar. Sem problemas, ok?

— Massageio seu ombro, esperando que as coisas possam voltar ao normal.

— Arthur, só não esquece que, se eu nunca tivesse namorado o Hudson, não poderia ter terminado com ele. Então não teria ido aos correios. E não teria conhecido você.

Jurava que aquilo me faria sentir melhor. Só que Arthur ainda não parecia feliz.



ARTHUR

Quinta, 19 de julho

PARA. DE. FALAR. Arthur.

É como se minha boca e meu cérebro não se conhecessem. Minha boca é o cara no filme de terror com a mão na porta. Meu cérebro é o cara no sofá gritando: “NÃO ABRA!”

A porta do Hudson. Mas não consigo deixar de abri-la.

E esta deveria ser a noite em que tudo seria perfeito. Passei a semana toda planejando cada minuto na minha cabeça. Eu seria legal e divertido, e ele ficaria completamente encantado. Mais que encantado. Ficaria maravilhado. Imaginei que acabaríamos nos sentando em um banco do Central Park, sem um centímetro de espaço entre nós, e Ben tocaria no meu braço para me contar uma piada ou explicar alguma coisa, mas deixaria a mão apoiada ali por mais tempo do que o necessário. E eu o pegaria olhando para mim. Veríamos os turistas passarem, e ele se inclinaria para perto, sussurrando comentários sobre eles. Cheguei a perder o sono essa semana imaginando o calor do seu hálito no meu ouvido.

E, claro, haveria beijos. Meu primeiro beijo. E, em seguida, eu perderia a virgindade em algum campo tranquilo e estrelado.

Mas não. Não passei nem perto. Em vez disso, não paro de extravasar minhas neuroses, esperando respostas para perguntas que não tenho o direito de fazer. Mas não sei como parar de perguntar. Pessoas como eu deveriam vir com um botão de mudo.

— Quero dizer, entendo você ter fotos dele. Mas precisa mesmo de cinquenta e seis?

— Por que está contando minhas fotos? — pergunta ele.

Paro no meio do caminho e me viro para Ben, mas ele pega minha mão e me puxa para fora do tráfego de pedestres. Quando me dou conta, realmente estamos em um banco no Central Park, assim como tinha imaginado. E ele ainda está segurando minha mão, o que é maravilhoso.

— Eu não estava contando de verdade.

— Então você simplesmente chutou que eram cinquenta e seis.

— Ok, eu contei.

Ele abre um sorriso discreto.

— É só que... seu perfil é quase um santuário para outro cara.

— Por que você simplesmente não para de olhar essas fotos? — questiona Ben.

Solto meus dedos dos dele.

— Não é essa a questão.

— Hudson e eu também éramos amigos — diz ele. — Você tem quinhentas mil fotos do Ethan e da Jessie.

— Sim, mas o Ethan e a Jessie são o Ethan e a Jessie!

Ben suspira.

— E o Hudson é o Hudson.

Eu o vejo mexer no cadarço do sapato.

— Ok, tenho que perguntar. — Minha voz sai baixa, quase rouca. — Por que vocês terminaram?

Ele olha nos meus olhos, mas não consigo entender o que está pensando.

— Quer mesmo saber?

— Sim!

— Vai usar isso contra mim?

— Você fez alguma coisa horrível?

— Não! — Ben fecha os olhos por um momento. — É só que... foi confuso. Ele me magoou muito. Conteí que ele me traiu, certo?

Eu me endireito.

— Ele *traiu* você?

Ben está olhando para o parque, a mandíbula cerrada.

— Meio que traiu, acho. Quero dizer, ele beijou um cara, então...

— Hã, isso não é meio que trair. Isso *é* trair.

— Mas acho que ele pensou que tínhamos terminado.

— E tinham?

— Não que eu soubesse. — A voz de Ben tem um tom exasperado. — Nós brigamos, e eu disse a ele para sumir da minha frente, mas não foi tipo: ei, por que você não fica com um cara de quem nem sabe o nome em uma festa qualquer...

Então engasgo.

— Ele nem sabia o nome do cara?

— Sabia o nome de gamer. — Ben dá de ombros. — Yungl0DA.

— Young dezda?

— Soletra-se y-u-n-g. E o número dez.

— Ah, meu Deus. — Balanço a cabeça lentamente. — Hudson deixou você por um cara chamado Yungl0DA?

Ben faz uma pausa.

— Podemos parar de falar sobre isso? — Abro a boca para responder, mas Ben me interrompe rapidamente. — Só para deixar claro, fui eu quem terminei com o Hudson.

— Certo.

— Além disso, ele não preferiu o Yungl0DA a mim. Era só um cara que estava lá.

— Não, eu entendo...

— E...

— Pensei que você não quisesse falar sobre isso — solto, finalmente. Ele solta o ar.

— Não quero.

— Ok...

— Ok, então — diz ele. — É isso. Tudo certo. Estamos bem.

Mas quando dou uma olhada nele, vejo que está retorcendo as mãos e comprimindo os lábios.

Sexta, 20 de julho

Foi horrível, escrevo.

Ah, dá um tempo, escreve Jessie.

Estou falando sério. Arruinei tudo. Traço o perímetro de um ladrilho com a ponta da bota. Cheguei ao trabalho não faz nem uma hora e já estou enviando mensagens desesperadas para Jessie e Ethan do banheiro.

Como você sabe que arruinou tudo?, pergunta Ethan, mas coloca um emoji de bomba no lugar da palavra *arruinou*.

Bem, para começar, ele não me chamou para outro encontro.

E, assim que escrevo, aquilo parece concreto... tão concreto que faz meu estômago revirar. Forcei tanto a barra que nenhum novo encontro seria capaz de consertar. Não posso culpar Ben por desistir de mim. Por que ele ia querer me ver de novo? Para passar mais algumas horas sendo interrogado sobre o Hudson?

E daí? Você deveria chamar ele para sair, diz Jessie.

Não posso.

Por quê? Você tem o número dele. 🤔

Porque ele não vai querer sair de novo. Mordo o lábio. Acho que vocês não estão entendendo.

Você deu um beijo babado nele?, pergunta Ethan.

Cala a boca, Ethan. Arthur, pode ignorar.

Não teve beijo. Eu estava ocupado demais fazendo perguntas sobre o Hudson, escrevo.

ARTHUR!!!!

Eu sei, eu sei.

Visualizo Jessie com clareza — lábios franzidos, digitando freneticamente. Não se pode interrogar ninguém sobre o ex no terceiro

encontro.

Ergo as sobrancelhas. Na verdade, foi o terceiro *primeiro* encontro.

De repente, Jessie me liga pelo FaceTime.

— Jess, estou no trabalho — sibilo.

— Você está claramente no banheiro — diz ela. — Olha, não vou... tudo bem. A questão é a seguinte. Sei que não sou muito “experiente” ou o que quer que seja, e todo mundo sabe que estou falando sem nenhum conhecimento de causa...

Não consigo evitar um sorriso.

— Mas, Arthur, não dê ouvidos ao Ethan, ok? Ele... não é a melhor pessoa para conversar sobre essas coisas, confie em mim. — Jessie revira os olhos. — Você gosta mesmo desse cara.

Dou de ombros.

— Arthur, deixa disso. Você fez um cartaz para encontrar o garoto. Você foi atrás dele por toda a Nova York...

— Não fui *nada*.

— Foi fofo! E, sim, você estragou tudo, mas vamos lá. Lembra como encontrar o menino por si só já foi difícil? E como no final você conseguiu achá-lo? Arthur, o que aconteceu foi um milagre, sério.

— Eu sei, mas...

— Arthur, é o destino! Não se atreva a desistir disso facilmente.

* * *

Passo a viagem de metrô para casa rascunhando a mensagem no meu aplicativo de anotações — o que, é claro, faz a coisa toda ganhar proporções gigantes. É difícil ser casual num texto que você revisou três vezes. Só faltou eu escrever a versão final em caligrafia. Ou gravá-la. Ou tatuá-la no cofrinho.

Oi. Então, sei que a noite passada foi estranha, e espero que não tenha problema eu escrever para você. Fique à vontade para apagar se quiser, mas tomara que não faça isso. Eu sinto muito, Ben. Não deveria ter perguntado sobre o Hudson. Não é da minha conta, e você estava certo, eu estava com ciúmes. É só que acho que gosto muito de você, e sou meio novo nessa coisa de sair com caras de quem gosto muito. Ou, simplesmente, sair com caras. E entendo se preferir terminar por aqui (eu também não iria querer sair de novo comigo rsrs). Mas, se quiser tentar mais uma vez, estou completamente, 100% louco para isso. Talvez pudéssemos ter outro primeiro encontro?

Colo a mensagem e clico em enviar antes que perca a coragem. E, por

um instante, só fico lá parado, no meio da estação de metrô.

Fiz mesmo isso. Disse que gostava dele. Quero dizer, ele provavelmente já tinha noção disso, com toda a história de caçá-lo por Nova York. Mas aquilo foi diferente. Era quase um jogo meu com o universo. Mas desta vez somos eu e Ben, e desta vez é real.

Enfio o celular no bolso para não ficar obcecado durante todo o caminho para casa, mas o aparelho começa a zumbir com as mensagens antes mesmo que eu chegue ao final do quarteirão. Jessie, tenho certeza. Ou meu pai. Não confira e não alimente esperança. Não vou olhar até chegar em casa.

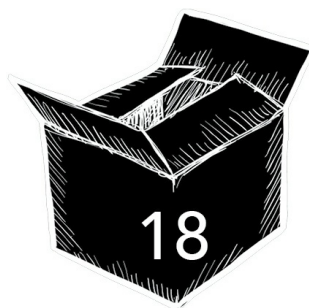
Isso dura aproximadamente dois segundos. Pego o celular para ver as mensagens, o coração batendo forte no peito. São duas.

Não, está tudo bem, entendo perfeitamente. É muita coisa. Enfim, não esquenta. Estou muito ansioso por outro encontro também. Será que podemos ficar mais tranquilos desta vez e partir daí?

E então a segunda: Na verdade, não sei o que você planejava fazer hoje à noite, mas eu ia sair com o Dylan e sua talvez futura namorada. Não tem problema se estiver ocupado, mas me avise se quiser me salvar de segurar vela. Acho que vamos ao karaokê, então já aviso que provavelmente vai ser um desastre.

Giro cento e oitenta graus, já voltando depressa para a estação da rua Setenta e Dois. Estou sorrindo tanto que meu maxilar dói. Mas bem em frente à entrada do metrô, paro para responder à mensagem de Ben. Três palavras.

Adoro um desastre.



BEN

Sexta, 20 de julho

ISSO VAI SER um desastre.

Estamos alguns minutos atrasados quando desço do trem com Dylan e Samantha. Eles estão tão embriagados pelo flerte que estou com medo de Dylan estragar meu novo encontro.

— Dylan, o que você pode e não pode falar hoje?

— Não gosto de jogos de perguntas e respostas.

Paro na frente dele.

— D, estou falando sério.

— Prometo não falar sobre todo o tempo que você e Hudson têm para se divertirem juntos durante a recuperação... — Eu o fuzilo com o olhar. — Ok. — Dylan se vira para Samantha, que está rindo. — Ben, não vou estragar tudo. Só vou falar coisas boas. Vou começar dizendo que você é um amigo incrível e ainda melhor na cama.

Samantha balança a cabeça.

— Vou ser sincera, não sei dizer se vocês realmente transaram ou se é só uma piada que preciso aceitar.

— O que acontece no quarto do Ben fica no quarto do Ben — diz Dylan.

Respiro fundo.

— Hudson é uma palavra que precisamos esquecer. Se Arthur ficou chateado só de ver fotos antigas do Hudson no meu Instagram, iria surtar se soubesse que estou de recuperação com ele.

— Mas você planeja contar, né? — pergunta Samantha.

— Sim. Só tenho que descobrir o momento certo.

Continuo andando. Chegamos ao karaokê, e Arthur está esperando na recepção. Ele está com uma camisa xadrez amarela de manga curta, incrivelmente fofo.

— Oi — digo. — Desculpa o atraso.

— Tudo bem — diz Arthur. — Oi.

Então me aproximo para um abraço, porque acho que já passamos da fase dos apertos de mão e soquinhos desajeitados. Acho que ele respira um pouco mais forte para sentir meu cheiro, mas posso estar imaginando coisas. Abraçar Arthur é diferente de abraçar Hudson; o queixo do Hudson alcançava meu ombro, enquanto o rosto do Arthur fica pressionado contra meu peito, mais ou menos como penso que seria se estivéssemos deitados no sofá, vendo TV.

— Estes aqui são o Dylan e a Samantha. Pessoal, esse é o...

— Arnold! — grita Dylan, abraçando o Arthur. — É tão bom finalmente conhecer você. Ben falou coisas ótimas a seu respeito.

— Oi, *Arthur* — diz Samantha. — Ele só está tentando ser engraçado. Mas não consegue.

— Geralmente sou engraçado.

— Não é — dizemos Samantha e eu ao mesmo tempo.

Arthur olha para a gente, como se só agora percebesse que está em menor número neste círculo.

— Então... — Ele coloca a mão no meu ombro. — Quarto primeiro encontro e primeiro encontro duplo.

— Quarto primeiro encontro? — indaga Samantha.

— Queremos que o primeiro encontro seja épico e digno de como nos conhecemos — explico. — Então continuamos chamando de primeiro encontro quando as coisas não saem exatamente como queríamos.

— Nosso começo também foi muito épico — diz Dylan. — Só fui inteligente o bastante para pegar o número da Samantha.

Quero lembrá-lo de que ele quase arruinou seu relacionamento épico, mas não seria nada bom fazer isso na frente dos nossos futuros namorados, então vou apenas guardar para quando estivermos sozinhos.

Samantha segura a mão de Dylan e olha em seus olhos.

— Foi muito romântico e épico o modo como você foi ao meu trabalho, esperou na fila e falou comigo. Todos deveriam seguir seu exemplo! — Então meio que abraça a cintura dele e se vira para Arthur. — Por falar nisso, maravilhosa a ideia do cartaz que pendurou para achar o Ben. Sinto que estou na presença de uma brilhante mente romântica.

Arthur fica vermelho.

— Obrigado. A sorte estava do nosso lado.

A mulher atrás do balcão chama o nome do Arthur. Aparentemente, ele deu seu nome quando chegou ali. Somos levados a uma sala pequena com um sofá em forma de L, uma TV e quatro microfones. No centro da mesa, meu maior inimigo — o fichário com as músicas que vamos cantar esta noite. Na frente um do outro. Pela primeira vez. Nem mesmo Dylan sabe como é a experiência de ir a um karaokê comigo. Já cantamos juntos, mas nunca com um microfone e nunca sóbrios.

— Dylan! Vá usar sua barba para nos trazer algumas bebidas.

— Não posso beber — diz Dylan. — Ainda estou muito enjoado depois dos frutos do mar.

— Não culpe os frutos do mar — replica Samantha.

— Está bem. Traga o que quiser para você e algo mais divertido para o restante de nós — falo.

— Eu não bebo — diz Samantha.

— Nem eu — ecoa Arthur. — Não é bom misturar com o meu Adderall.

— Vou beber por vocês três — declaro, o que me faz parecer um alcoólatra, mas de jeito nenhum posso encarar isso sóbrio.

Dylan deixa a sala, apressado.

Arthur e Samantha folheiam o fichário.

— Eles têm *Hamilton* ou *Dear Evan Hansen*? O karaokê lá de onde eu moro ainda não tinha as músicas mais atuais — diz Arthur.

Samantha passa as páginas.

— Seria incrível, mas também não estou encontrando nada disso aqui. A seleção de músicas da Broadway é razoável. Tem toneladas de músicas da Disney.

— Sei cantar qualquer uma do *Hércules*, *A Pequena Sereia*, *Aladdin*, *A Bela e a Fera*, *Tarzan*, *Toy Story* e *Mogli*.

— Só isso?

— Sei também algumas músicas do *101 dálmatas* — completa Arthur, com orgulho.

Dylan volta com quatro copos. Graças a Deus. Entrega um para cada, e eu tomo um gole, esperando que seja algo forte. Mas é ruim e sem graça.

— Isso é Coca? Sem álcool?

— Ela não só notou minha idade, como debochou de mim. — Dylan balança a cabeça e toma sua Coca-Cola de uma vez, como se fosse um *shot*. — Foi horrível.

Samantha chama Dylan para fazer um dueto com ela, o que me causa ainda mais ansiedade, porque Arthur provavelmente vai querer fazer o mesmo, certo? Só concordei com essa noite do karaokê porque Dylan me garantiu que só cantaríamos músicas em grupo. Mas a presença do Arthur mudou completamente o jogo. Passamos de um grupo de três para dois casais. Jogaram as regras pela janela. Duetos são permitidos, e isso vai ser uma merda.

O desastre começa com “Telephone”, da Lady Gaga com Beyoncé. Samantha pega o celular para gravar os dois enquanto canta as partes da Lady Gaga ao lado de Dylan — e, caramba, ele nem precisa olhar para o monitor para cantar as partes da Beyoncé, de tão incrível que é. Só pega o telefone da Samantha e canta direto para a câmera, como se fosse um videoclipe de punk rock antigo, e não uma música sobre namorados que ficam super-carentes quando as namoradas saem para se divertir sem eles.

Arthur fica ao meu lado o tempo todo, nossos joelhos encostando um no outro enquanto ele se balança e canta junto.

A música termina.

— Vamos cantar “Bad Romance” depois — diz Dylan.

— Não é a escolha mais romântica. — Samantha bate o microfone na testa dele. — Boa sorte na próxima, sem-noção.

Então ela se vira para mim, e tenho a mesma sensação horrível de quando um professor quer que eu responda a uma pergunta.

— Quer ir lá?
— Vocês podem cantar de novo — digo. — Gosto de assistir.
— Melhor que seja eu quem você esteja assistindo, meu chapa — implica Dylan.

Arthur puxa o fichário para nosso colo.

— Quer cantar alguma música junto? Posso ser a primeira voz. Meu pai também não canta muito bem, mas, quando estávamos viajando para Yale, eu cantava qualquer coisa que tocasse no rádio e ele me acompanhava no refrão.

— Acho que preciso de mais alguns minutos para me animar — falo.

— Eu canto com você, Arthur — diz Samantha.

— Minha heroína.

— Eu fiz o Ben ir àquele encontro de Yale, então isso vai me deixar melhor.

— Eu realmente nem sabia daquele encontro — diz Arthur. — Sei que ainda não é o meu ano, mas eu teria ido só para pegar algumas dicas sobre as inscrições. — Ele descansa a mão na minha. — Deus, como a vida está incrível. Quero dizer, tudo parece estar se encaixando. Tantas possibilidades para a gente ano que vem. Fico feliz com qualquer uma da Ivy League, embora Yale ou Brown sejam meio imprevisíveis, sabe. Posso acabar colocando algumas de artes na minha lista também, só por segurança.

Olho para baixo e assinto, como se as perspectivas de Arthur para o futuro fossem iguais às minhas. Mas ele já me viu disfarçar tanto que se toca.

— Claro que o financiamento estudantil e as bolsas de estudo estão aí para ajudar — comenta.

Balanço a cabeça.

— Não vou conseguir uma bolsa de estudos.

Meu coração dispara — me sinto um grande perdedor. Como se eu fosse sempre ter que travar batalhas difíceis para me estabelecer neste mundo, ou sofrer por não ser um desses alunos riquinhos. O universo podia ser mais generoso com os mais necessitados. Digamos que eu consiga uma ajuda financeira. Não acredito muito que eu vá ser capaz de manter minha média alta o bastante para não perdê-la. E se eu não puder pagar uma faculdade, por que alguém brilhante como o Arthur ia querer ficar comigo, alguém que está tendo dificuldades já no ensino médio?

— Eu falei besteira... — diz Arthur.

— Não falou, não — afirmo, embora não consiga olhar nos olhos dele.

Queria muito que Dylan se intrometesse e preenchesse o silêncio constrangedor com alguma piada idiota. Que chamasse Arthur de Arnold, falasse sobre sexo, qualquer coisa. Mas de repente estávamos na sala de karaokê mais silenciosa do mundo.

Os dedos de Arthur deslizam para longe dos meus e ele enfia as mãos entre as pernas.

— Humm. Vem comigo — peço, saindo para o corredor.

Arthur se levanta e olha para Dylan e Samantha. Provavelmente está na dúvida se deve se despedir ou não. Acho que isso é com ele.

O corredor ecoa com as músicas das outras salas. Um grupo está massacrando Journey, que é o que se deveria esperar em um karaokê — pessoas cantando de uma forma completamente desastrosa. O que eu não esperava era uma conversa desastrosa.

— Sou um idiota, Ben. Não sei por quê, mas sei que sou. Eu sinto muito.

— Não, *eu* sinto muito. Tenho que me lembrar de que você não sabe tudo sobre mim. Como não sabe que sou péssimo na escola. Então as Ivy Leagues não estão exatamente no meu futuro. E não conheço você bem o suficiente para saber se isso é algo muito importante na sua vida.

— Não é! Desculpa. Eu só fico empolgado com essas coisas.

— Você deveria ficar superempolgado. É fantástico. Espero mesmo que entre em Yale, Harvard ou Hogwarts. Para qualquer uma que queira. Mas escola é um assunto meio delicado para mim no momento. Eu... — Não planejava contar para ele naquela noite, mas por que não, né? — Na verdade, estou de recuperação. É isso que estou fazendo durante o dia.

— Ok. Tudo bem.

— Você acha que sou burro.

— Você está falando sério?

A questão é que sou mesmo. Hudson, Harriett e eu tivemos o mesmo professor que todos os outros e, ainda assim, somos os únicos presos na recuperação. Até mesmo Hudson e Harriett tinham notas boas até nós três nos aproximarmos. Sou o único na turma inteira que realmente merece estar lá.

— Por que eu pensaria isso? — indaga Arthur.

— Porque você está se inscrevendo para Yale e eu estou de recuperação.

— E daí? — Ele se aproxima, pegando minha mão. — Isso não significa nada. Também quase fiquei de recuperação uma vez.

— Aham, claro.

— É verdade. No quinto ano. Isso foi antes de eu começar a tomar meus remédios. — Ele aperta minha mão. — Eu tinha muita dificuldade para me concentrar... muita mesmo. Só não me ferrei porque minha mãe arrumou seis professores particulares. Sem brincadeira.

— São muitos professores particulares.

— Escuta, sobre Yale e tudo mais... Você sabe que não ligo para essas coisas, certo? Não estou nem aí se você está de recuperação.

— Acredito em você. E desculpa por ficar expondo minhas mágoas em vez de ter ficado feliz por você.

— Estamos nos desculpando muito — diz Arthur.

— Isso é o que as pessoas fazem quando querem que algo dê certo. Quer voltar lá para dentro?

— Quero muito, muito mesmo.

Já estou quase abrindo a porta quando paro e bato.

— ESTAMOS TRANSANDO! — grita Dylan lá de dentro.

Abro a porta, e Dylan e Samantha estão folheando o fichário.

— Sexo hétero é tão estranho — falo.

Nós nos sentamos de novo. Arthur traz outra rodada de Coca-Cola — que continua não sendo Pepsi nem tendo álcool.

— Sei que você não quer fazer um dueto, mas posso fazer um solo? — pergunta ele, pegando o controle remoto.

— Divirta-se.

Dylan se aconchega ao meu lado, e Samantha aceita, porque, se quiser mesmo ficar com ele, essa será sua nova vida.

Arthur seleciona uma música e limpa a garganta quando começa a tocar.

— Essa música se chama “Ben” e eu a dedico a... Samantha e Dylan. Brincadeira. Piada de karaokê. Ben, esta é para você.

Arthur conseguiu se superar em matéria de constrangimento, e até ele mesmo está envergonhado com o que disse.

Ele parece nervoso, mas não tão nervoso quanto eu quando vejo a primeira linha passando pelo monitor. A música é “Ben”, do Michael Jackson. Já estou ao mesmo tempo rezando por um blecaute e sorrindo, porque isso vai ser histórico.

— *Ben, the two of us need look no more...*

Arthur não vai para a Broadway nem nada do tipo, mas tem uma voz bem bonita. Estou constrangido e encantado ao mesmo tempo, e nunca pensei que essa pudesse ser uma combinação que fizesse sentido. Ele respira fundo quando a música acaba.

Samantha é a primeira a bater palmas.

— Uhul! Arrasou, Arthur!

Dylan está contendo uma risada.

— Eu sei, desafinei na mudança de tom — diz Arthur. — Não pratico meu falsete já há algum tempo. Foi mal...

— Sua voz é incrível — falo, e bato no braço de Dylan. — O que é tão engraçado?

A risada de Dylan sai meio falhada.

— Essa música é... sobre um rato.

— O quê? — Arthur e eu dizemos ao mesmo tempo.

— É sobre um rato de estimação — insiste. — É de um filme de terror. Com o mesmo título. É literalmente sobre um menino que faz amizade com um rato. — Samantha está rindo também. — Porque ratos... são... tão... incompreendidos.

— Eu... não tinha ideia — diz Arthur.

Dylan ri e aponta.

— Rato!

Eu me levanto e aperto os braços de Arthur.

— Obrigado pela música. — Então rio, e ele cai na gargalhada também.

— Mas vou escolher a próxima.

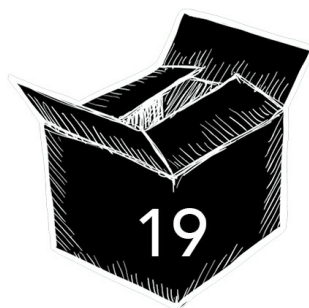
— Você vai cantar? — pergunta Arthur.

— Todos *nós* vamos — respondo.

Pensamos em algumas opções. John Legend. Elton John. Aerosmith. Yeah Yeah Yeahs. The Proclaimers. Destiny's Child. Nicki Minaj. Queria mesmo cantar "You'll Be in My Heart", do Phil Collins, que é do filme *Tarzan*, pelo qual eu era obcecado quando criança, mas talvez uma música sobre estar no coração um do outro para sempre durante um encontro duplo não seja a escolha mais sábia por enquanto.

Então escolhemos "Umbrella", da Rihanna, que definitivamente não é sobre ratos, e reúno coragem para dividir um microfone com Arthur. Nossas vozes não chegam a se tornar uma, mas gosto de como soam juntas.

Como duas pessoas tentando fazer aquilo funcionar.



ARTHUR

Sexta, 20 de julho

— FOI TÃO BOM conhecer você — diz Samantha, olhando nos meus olhos.

Ela está com as mãos nos meus ombros, e eu prevejo: essa garota vai ser palestrante motivacional um dia, ou coach, ou algum tipo de Oprah branca minúscula.

E então Dylan se aproxima e passa os braços em volta da nossa cintura.

— Cara, adoro esse garoto. — Dylan pontua a frase apertando um pouco mais o abraço. — Guarda isso, *adoro* esse garoto. Seussical, você é um ótimo partido. Está me ouvindo?

— Estou ouvindo.

— De nada. — Ele sorri. — Agora vocês dois se divirtam. Não façam nada que Rose e Jack não fariam em um carro vintage esfumaçado. — Então olha maliciosamente para Samantha. — Isso é de...

— Sim, nós sabemos — diz Ben.

— Bom, ok então. Acho que já vamos.

Dylan se solta do sanduíche que fez comigo e Samantha para envolver Ben em um abraço de urso. Eu o vejo sussurrar algo no ouvido dele, que murmura *cala a boca* e bate no braço do amigo. É estranho ver os dois juntos. Eles... se tocam tanto. Ethan e eu não somos nem um pouco assim. Acho que parte de mim quer perguntar a Ben sobre isso, mas...

Não. Não mesmo. Não vou entrar nessa de novo. Sentir ciúme do Hudson não me levou a lugar algum com Ben, e algo me diz que Dylan está ainda mais além dos limites.

De qualquer forma, Dylan e Sam foram embora, e somos só nós dois agora. Estamos na esquina da rua Trinta e Cinco, e Ben parece tão sem jeito quanto eu. É engraçado — sempre imaginei que ficar com alguém seria algo bem direto, uma vez estabelecido que os dois se gostam, mas não é. Há todo esse mundo novo de situações desconcertantes. Como: quantos dias devem se passar entre os encontros? Como você descobre se ele quer ser seu namorado? E, claro, há momentos tipo este — momentos em que você não sabe se é hora de dizer boa-noite e pegar o metrô, ou...

— Então, você quer dar uma volta ou algo assim? — pergunto, tentando ignorar a agitação nervosa no meu peito.

— Claro.

Ele toca o meu braço... mais com os nós do que com as pontas dos dedos. E é só por um instante, mas meu corpo enlouquece. Começamos a andar.

— Então você gosta de cantar — diz Ben.
— Mais ou menos.
— Aposto que você participa de todos os musicais da escola.
— Na verdade, não. Mas fazia parte do coral. — Sorrio. — Ethan e eu escrevemos um musical uma vez, e convencemos Jessie a se apresentar com a gente. Tínhamos doze anos.

— Você escreveu um musical quando tinha doze anos?
— Foi o pior musical de todos os tempos — falo, e ele ri baixinho. — Era verão. Estávamos entediados. Sei lá. É idiota.

— Acho bem legal — diz ele. — Do que se tratava?

— Quer saber mesmo?

— Com certeza.

A calçada termina, mas Ben mal para. Segue confiante pelo cruzamento, desviando dos carros e táxis. Mas assim que o sigo, alguém buzina para mim, e eu me encolho.

Acelero para alcançá-lo.

— Então, era sobre dois cavaleiros chamados Beauregard e Belvedere.

Ele sorri.

— Você era Beauregard ou Belvedere?

— Beauregard. Ele era o inteligente. Belvedere era o forte. E Ethan era uns cinco centímetros mais alto do que eu na época.

— Jessie era a princesa? — pergunta Ben.

— Ela era o dragão. Que se chamava Queijo. É uma longa história. — Tenho a inquietante sensação de que estou falando demais. — Quer sentar em algum lugar?

— Claro.

De alguma forma, estamos na Macy's, o que é muito louco... porque não é simplesmente uma Macy's. É *a* Macy's, saída diretamente da tela da minha TV. É como conhecer uma celebridade. Conseguimos sentar em uma mesinha redonda do lado de fora. Vejo Ben espiar o telefone, sorrir, revirar os olhos e guardá-lo de volta no bolso sem responder.

— Dylan? — pergunto.

— É.

— Gostei muito dele. E da Samantha. Seus amigos são ótimos.

— Sim, eles são legais. E gostaram de você também. Gostaram muito.

Assinto sem falar nada, porque, se começar, vou desencadear as milhões de perguntas que estou morrendo de vontade de fazer. Tipo, do que eles gostaram em mim, em detalhes, e por acaso isso foi um teste e eu passei? Você também gosta muito de mim?

— Então, me conta mais sobre o Ethan e a Jessie. — Ben se inclina para a frente, apoiado nos cotovelos. — Eles parecem legais.

— E são... — Eu paro. — Bem, crescemos na mesma rua sem saída. Éramos tipo uma gangue de nerds. — Pego meu telefone. — Aqui, vou

mostrar umas fotos exclusivas, mas não exatamente novas deles.

— Ok. — Ele arrasta a cadeira para o meu lado, e de repente fico muito atento a *tudo*. As batidas do meu coração, o som da minha respiração e uma coceira no meu cotovelo. Vou passando rapidamente pelos meus álbuns. — Então, aqui somos eu e a Jess, e esse é o meu carro.

Ben fica quieto por um instante.

— Jessie é bonita.

E ela é, embora eu nunca pense sobre isso. Ela é só a Jessie. Baixinha e gordinha, a boca em forma de coração. A mãe dela é jordaniana, meio pálida, e o pai é negro — então a pele da Jessie é um meio-termo. Na foto, ela sorri discretamente. Estou de óculos escuros e meu cabelo está um pouco grande e bagunçado. Passei por um período meio preguiçoso no segundo ano. Não era uma visão nada bonita.

É claro que, na primeira foto do Ethan que encontro, ele está sem camisa, sentado à beira da piscina, as mãos apoiadas no chão, os pés dentro d'água e o cabelo molhado, o que faz com que pareça bem escuro. Seus olhos estão arregalados, e sua boca, aberta em um O. Ele costumava sair assim nas fotos.

— Ethan não parece um cara baixinho e nerd — diz Ben.

— Juro que ele era! — Rio um pouco. — Agora sou o último nerd baixinho que restou.

— Acho que sim. — Ben sorri. Então pega minha mão debaixo da mesa.

— Isso não é uma coisa ruim. Eu gosto de nerds baixinhos.

— Gosta?

Ele entrelaça nossos dedos e dá de ombros. E então estou morto. Morto de verdade. Não existe outra maneira de explicar. Estou sentado na bendita Herald Square de mãos dadas com o garoto mais fofo que já conheci, e estou morto. Sou o vampiro-fantasma-zumbi mais morto que já morreu. E agora minha boca não está funcionando. Estou mudo, tamanho o choque. Isso nunca acontece. Eu só preciso...

Então me recupero.

— Bom, esse é o Ethan. Ainda nerd, mas não tão baixinho. A puberdade fez bem a ele.

— Aparentemente, sim. — Ben ri. — Vocês algum dia já...

— Não — respondo depressa. — Não, não, não, não, não. Ele é hétero. E ele é muito sem jeito. Todos nós somos sem jeito. Somos como três irmãos celibatários.

— Tipo o oposto de irmãos que fazem sexo um com o outro?

O sorriso do Ben provoca uma agitação no meu corpo. Tenho certeza de que há uma pequena equipe de ginástica olímpica praticando uma coreografia no meu estômago.

— Não consigo saber se você gosta de mim — confesso.

Ele ri.

— O quê?

— Sei lá. — Dou risada também, mas meu coração está acelerado. — É só que... o tempo todo no karaokê, você parecia meio... retraído, eu acho? Como se não quisesse estar lá...

— Karaokê realmente não é a minha praia.

— Sim, mas não consigo parar de pensar que, se realmente gostasse de mim, *seria* sua praia. Não o karaokê em particular, não me importo com isso. Mas acredito que eu acharia qualquer coisa divertida se estivesse com você. Até jogos estranhos e violentos onde não posso nem me virar para olhar para você sem que um zumbi coma parte do meu corpo.

— Bem, é o que os zumbis fazem — diz Ben.

— Eu sei.

— Mas entendo o que está dizendo. — Ele franze a testa. — Estou sendo uma péssima companhia.

— Não, não está!

Ele puxa minha mão.

— Vem, vamos andar. Não posso ficar sentado aqui.

— Por que não?

— Porque você está sendo sincero, o que me faz querer ser sincero, mas não posso fazer isso olhando para você.

— Ah. — Sinto um aperto no estômago. — Eu deveria ficar preocupado?

— Preocupado?

— Sinto que vou levar um pé na bunda. Não que estejamos em um relacionamento. Ai, droga. Desculpa. Estou tão... — Solto o ar. — Por que sou tão ruim nisso?

— Em quê?

— Nisso. — Levanto nossas mãos entrelaçadas. — Em estar com você e ser uma pessoa normal com, tipo, habilidades de conversação minimamente funcionais. Não sei o que tem de errado comigo.

— Não tem nada de errado com você.

— É que sou tão novo nisso tudo, e você já beijou pessoas e provavelmente já transou, e teve esse outro relacionamento inteiro antes de mim. Não sei se posso corresponder às suas expectativas.

Entramos em uma rua secundária, depois em um beco, e o fato de não haver ninguém em volta deixa Ben vinte vezes mais relaxado. Posso sentir isso pela forma com que ele segura minha mão.

— Mas eu não vejo assim — diz ele, por fim.

— E como você vê?

— Bem, para começar, sou eu quem precisa corresponder às suas expectativas.

— Isso é ridículo.

Ele dá um sorrisinho.

— Não, sério. Eu só... bem, o fato de você nunca ter namorado ninguém

ou beijado ninguém... Eu não sei. E se eu estragar tudo para você? Não quero ser o cara que vai arruinar seu primeiro beijo.

— Isso nunca aconteceria.

— É só essa pressão, sabe? Quero que seja perfeito.

— Estar com você já é perfeito.

Ele bufa.

— Quero dizer, fora as partes em que você subestima minhas habilidades com a máquina de garra e é paquerado pelo sócia do Ansel Elgort e tem cinquenta e seis fotos com seu ex e...

Ele me beija.

Simples assim.

Suas mãos estão no meu rosto, e ele está me beijando.

Uau.

Nunca tinha percebido como o rosto de alguém fica perto do seu quando vocês estão se beijando. A cabeça dele está bem ali. Inclinação para baixo para encontrar a minha. Seus olhos estão fechados, e seus lábios se movem contra os meus, e UAU, não sei quais são as regras sobre quão adequado é ter uma ereção neste momento, mas... nossa.

Eu deveria beijá-lo de volta.

Tento mover meus lábios e imitar o que ele está fazendo, como se estivesse tentando comer sua boca sem os dentes. Mas acho que estou fazendo errado, porque ele recua alguns centímetros, sorrindo para mim.

Sorrio de volta.

— O quê?

Ele ri.

— Não sei — diz.

— Isso foi um beijo — falo, devagar.

— Sem dúvida. Acho que a pressão acabou agora, certo? Nada mais de se preocupar em fazer com que o primeiro beijo seja perfeito.

— Foi perfeito.

— Tem certeza de que não quer tentar de novo? — pergunta ele, o sorriso alcançando os olhos. — Segundo primeiro beijo?

— Ah, eu não acharia ruim.

Ele ri, deslizando as mãos para a minha cintura. E então estamos nos beijando de novo, e voltamos à mesma surpreendente proximidade.

Fecho os olhos.

E o mundo todo se estreita. Não sei mais como descrever. É como se eu não estivesse na rua, e não estivesse em Nova York, e não fosse julho, e nada disso importasse. Não existe nada além das mãos de Ben nas minhas costas, e seus lábios nos meus, e as pontas dos meus dedos, e seu rosto e meu coração acelerado.

Nunca soube que beijar tinha um ritmo. Nunca nem tinha pensado nisso. Mas posso senti-lo como a vibração de um baixo, constante e urgente

ao mesmo tempo. Ben me puxa para ainda mais perto, nem um centímetro entre nós, e desta vez não me preocupo com o tesão, porque se há regras quanto a isso, ele definitivamente, *definitivamente* também não se importa.

Eu o beijo com ainda mais força.

— Ah — solta ele, a voz fraca.

E de repente tenho essa sensação de que sou capaz de qualquer coisa. Poderia parar o tempo ou erguer um carro ou pressionar minha língua entre os lábios dele.

— Você não é ruim nisso — diz ele.

— Não sou?

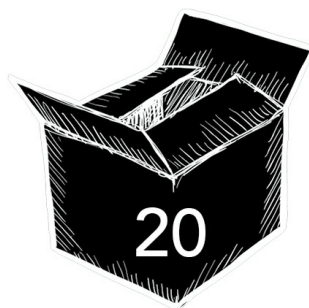
— Quero dizer, com certeza devemos continuar praticando. Dá sempre para melhorar.

Eu o sinto sorrir contra os meus lábios.

Sorrio também.

— Infinitas primeiras vezes.

— Gosto disso — diz ele. — Soa como a gente.



BEN

Sexta, 20 de julho

VOLTEI DO MEU quarto primeiro encontro com Arthur há algumas horas, mas ainda estou inebriado de alegria. É como a satisfação que senti com uma cena que acabei de escrever, em que um velho inimigo de Ben-Jamin ressurgiu inesperadamente e está deixando as coisas muito tensas. É essa sensação emocionante de que tudo está se encaixando. Só que essa felicidade é algo real que todo mundo pode ver. Como segurar a mão do Arthur quando saímos do karaokê. Como nosso primeiro beijo. Como nosso segundo primeiro beijo.

Não consigo mais me concentrar, então fecho o laptop. Só consigo pensar em como ainda queria estar na rua com o Arthur. Ou até mesmo ficar com ele em casa. Enfim.

Tenho que falar com ele. Nem mando mensagem, ligo direto.

— Alô? — fala Arthur.

— Oi.

— É você mesmo. Não ligou sem querer sentado no telefone. Recebo ligações assim de todo mundo. Sempre recebi. Sempre vou receber. A menos que mude meu nome. Trocar de identidade me parece uma boa ideia, já que cantei para você uma música sobre um rato.

Eu só disse uma palavra nesta ligação — uma ligação que *eu* fiz — e já estou pronto para ouvir Arthur divagar por horas a fio. É melhor até do que minhas músicas preferidas da Lorde e da Lana Del Rey.

— Você pode cantar uma música diferente da próxima vez — sugiro. Gosto de saber que teremos uma próxima vez. Que mesmo que as coisas tenham dado errado, nós fizemos de tudo para endireitá-las. — Então, eu estava nervoso de admitir isso no karaokê, mas...

— Por favor, não me diga que, na verdade, você é um bando de ratinhos um em cima do outro se disfarçando de garoto bonito.

— Pior. — Respiro fundo de maneira dramática. — Ainda não ouvi *Hamilton*.

Ele não diz nada. Então a ligação cai.

Arthur escreve: **Desculpa desligar, mas estou sem palavras. Preciso mesmo saber uma coisa: COMO ISSO É POSSÍVEL? HAMILTON ESTÁ EM CARTAZ HÁ ANOS!!!**

Rio de como aquilo é ridículo. **uau três pontos de exclamação**, escrevo

de volta.

!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!, diz ele.

Estou até feliz por estarmos tendo essa conversa por mensagem.

Você tem um nome do meio?

Hugo

BEN HUGO ALEJO!!!!

Eu devia ter imaginado.

Então você nunca ouviu o maior fenômeno deste milênio?

Ouvi algumas coisas. mas não me empenhei em ouvir tudo. É como os filmes do Exterminador do futuro. Sei que deveria assistir mas ainda não vi

Você não acabou de comparar a história da nossa grande nação com a franquia Exterminador do futuro.

Haha

BEN. Dá para ouvir o álbum todo de graça no YouTube. Você precisa desses 142 minutos e 13 segundos na sua vida.

Pfv me diga que precisou pesquisar no google a duração da trilha sonora

Você não tem ideia de onde se meteu.

Está bem. Se eu concordar em tentar ouvir, posso ligar de novo pra vc?

REGISTRE ISSO POR ESCRITO.

Vc tem um nome do meio?

Arthur JAMES Seuss não quer que vc mude de assunto.

Prometo que vou tentar ouvir Hamilton pelo megafã Arthur James Seuss

Estou sorrindo quando Arthur me liga de volta.

— Sinto muito por ter desligado — diz ele. — Mas *Hamilton* é um assunto muito sério.

— Percebi.

Estou olhando para o teto e queria muito que ele estivesse aqui.

— Que bom. Porque não quero desligar de novo. Não foi o meu melhor momento.

— Se desligar, vou incluir você na minha história e matá-lo logo depois.

— Você está escrevendo um livro?!

— Nunca vai ser um livro de verdade, mas é uma história que estou tentando terminar. Por mim mesmo.

— É a *nossa* história épica?

— Você é muito ansioso, sabia?

— Sabia. Então, do que se trata?

Hesito, como se fosse revelar que não sou descolado o bastante para ele. Sempre achei que essa era a única qualidade que tinha a meu favor. Nada de cérebro, nem dinheiro. Mas ser legal sempre foi meu ponto forte.

— Você vai rir de mim.

— Cantei para você uma música sobre um rato.

— Bem colocado.

Se Arthur jogar fora tudo o que tenho de *cool* e não aceitar minha nerdice, não daremos certo juntos. Gostar das mesmas coisas que eu é importante para mim dessa vez. Com o nosso grupinho de antes, eu era o meganerd e queria que meus amigos se interessassem pelas mesmas coisas. Como quando Hudson levou uma semana para ler *Harry Potter e a criança amaldiçoada*, e eu terminei em seis horas. Ou como descartavam minhas sugestões de fantasias em grupo divertidas, como os personagens de *Super Smash Bros.* ou alunos de Hogwarts.

— É um livro de fantasia. *A Guerra do Mago Perverso*. Meu personagem, Ben-Jamin, é o escolhido nesta guerra entre magos.

— Eu quero ler — diz Arthur. — Agora.

— Sério?

— A história tem você em um mundo de magia. É claro.

— É muito nerd.

— Gosto de coisas nerds e gosto de você. Alguém mais leu?

— Literalmente ninguém.

— Tenho que ler isso.

— E se você não gostar? E se detestar tanto que pare de gostar de mim?

Não quero ser descartado justo quando começamos a nos entender.

— Impossível. Confia em mim.

É estranho como é mais fácil confiar em Arthur do que confiar em pessoas que conheço há muito tempo. Como Dylan, Hudson e Harriett. Meus pais. Não é uma questão de não querer correr riscos, porque não sei bem por quanto tempo Arthur vai estar na minha vida — na verdade, o que acontece é que espero ficar com ele por um bom tempo e quero que ele conheça o meu eu verdadeiro o mais rápido possível.

— Ok, vou deixar você ler, mas vou logo avisando: você acertou quando

disse que sou eu em um mundo de magia. O que significa que Hudson também é um personagem. Entendo se não quiser ler.

Arthur fica em silêncio, e sinto que é aqui que ele vai abandonar o barco. Escrever sobre alguém é tão pessoal, mesmo em um mundo com crianças que cospem fogo e dragões voadores, e muitas das coisas boas entre mim e o Hudson estão lá. Não sei se isso vai ser difícil para o Arthur ou não.

— Se você escreveu sobre o Hudson, talvez isso signifique que eu também vá aparecer na história um dia? — indaga Arthur.

— Vamos ver o que você vai dizer do livro primeiro.

— Serei o crítico mais generoso possível.

— E o único.

— Sou assim. Único. — Arthur faz uma pausa. — Tenho uma ideia. Você ouve *Hamilton* enquanto eu leio *A Guerra do Mago Perverso*.

— Combinado.

Desligamos.

Não acredito que estou anexando *A Guerra do Mago Perverso* a um e-mail que não vou enviar só para mim mesmo. Espero mesmo que Arthur goste da história. Vou saber que ele detestou se só me disser que achou Ben-Jamin sexy ou que os títulos dos capítulos são legais. Clico em enviar e cruzo os dedos.

Entro no YouTube e procuro *Hamilton*.

Aperto o play, e vou ser bem sincero aqui: não sei quem é Alexander Hamilton. Quero dizer, pesquisei quem ele era no Google no início do ano porque pensei que fosse um ex-presidente e minha mãe me corrigiu, o que me deixou envergonhado, mesmo que só estivéssemos nós dois e meu pai na sala. Mas não tenho certeza se sei bem o que ele fez. Se você não é um super-herói ou um bruxo, minha memória não consegue reter muitas informações a seu respeito. Mas enquanto estou aqui deitado na cama, acompanhando a letra da primeira música, sou imediatamente levado para dentro da história de *Hamilton*.

E Arthur está lendo minha história. Ele me manda uma mensagem depois de ler o pedaço em que Ben-Jamin adquire seus poderes durante uma tempestade de neve, dizendo como já queria que *A Guerra do Mago Perverso* virasse filme para poder comprar camisas e bonecos do Ben-Jamin. Ele está sendo mais do que generoso, mas adoro que fique me mandando suas partes favoritas. São as mesmas cenas que eu achava o máximo, mas não tinha certeza se seriam o máximo para mais alguém. Adoro ouvir quais partes o fizeram rir e quais deixaram seu coração acelerado. É uma grande injeção de autoestima. Como se eu pudesse ter mesmo talento para entreter os outros também.

E, durante as duas horas seguintes, ficamos nos enviando nossas partes favoritas. A decisão de Hamilton de não desperdiçar sua chance enquanto Ben-Jamin rejeita seu destino. O Rei George enviando um batalhão

fortemente armado para lembrar os colonos de seu amor enquanto a Feiticeira Eva prevê uma tragédia para um grupo de bruxos maltrapilhos. O momento em que Hamilton se rebela enquanto Ben-Jamin vai para a batalha em um dragão de uma asa só. As irmãs Schuyler acabando comigo enquanto Arthur fica doido com o trecho em que Ben-Jamin se embriega com o duque Dill. O olhar da história e não desperdiçar chances e cometer um milhão de erros. Flertes e primeiros beijos e enganos.

Arthur chega ao final de tudo que escrevi, o trecho em que Ben-Jamin está lutando contra monstros em uma cidade de vidro, e quer conversar, mas não consigo me afastar da tensão entre Hamilton e Angelica Schuyler, ou de Hamilton sendo um babaca traidor, ou da música inquietante de Eliza e as coisas se tornando tão reais que mal posso acreditar que estou tão preso a algo que aconteceu há séculos. Então “It’s Quiet Uptown”, e uau, estou prestes a chorar quando a música termina, aperto a pausa e ligo para o Arthur.

— Você ainda não terminou — diz ele.

É claro que ele sabe em que pedaço do musical eu parei.

— Vou parar por aqui. Essa coisa está ficando muito triste.

— Ah, sim. “It’s Quiet Uptown” é impactante. Mas você tem que terminar.

— Ok. Fica no telefone comigo? Vai ser mais fácil gritar com você se isso ficar ainda mais triste.

— Será um prazer.

Apertamos play ao mesmo tempo. Fecho os olhos, ouvindo os últimos vinte minutos, e parece que Arthur está bem ao meu lado.

— Espera, Hamilton vai morrer...

— Então, Burr...

— Sem spoilers!

— Isso faz parte da história!

— História que eu não conheço.

E o tiro é disparado.

— Burr é um cretino — falo.

— Hamilton também não era lá essas coisas...

— Sem comentários!

A última música começa, e estou prestes a chorar. O anseio na voz de Eliza quando canta que mal pode esperar para ver Hamilton de novo, e uau, eu simplesmente amei cada segundo daquilo.

— Seja lá como for que os fãs de *Hamilton* sejam chamados, Arthur, eu sou um deles.

— Você não está falando só por falar? Não é obrigado a gostar, embora fosse estar errado.

— Não, sou um completo Fãilton.

— Somos chamados de Hamilfãs, na verdade.

Então conto que queria escrever uma fanfiction que misturasse Hamilton e Harry Potter e chamá-la de *O Grande Romance de Fantasia Americano*, e encenar todos aqueles duelos no clube dos duelos, e pensar em que casas eu colocaria cada personagem.

— A história só deveria ser ensinada através de raps escritos pelo Lin-Manuel Miranda.

— Talvez *A Guerra do Mago Perverso* se torne o próximo grande sucesso da Broadway!

Arthur me fala tudo de que gosta em AGMP, e só consigo pensar que gostaria muito que ele estivesse ao meu lado agora para poder sentir sua risada em meu rosto e beijá-lo por fazer com que eu me sinta mais inteligente do que realmente sou.

— ... e, quando Ben-Jamin quebrou a varinha da feiticeira, eu gritei, e meu pai entrou no quarto para me perguntar se estava tudo bem e depois me disse para calar a boca.

São quase duas da manhã, e eu poderia conversar com ele até meu corpo forçar meu desligamento, como um laptop superaquecido.

— Arthur?

— Ben?

— Obrigado por ler. E por *Hamilton*.

— Obrigado por ouvir. E por *A Guerra do Mago Perverso*.

— Quero ver você amanhã de novo.

— Um encontro?

— Por que não?

— Então será um quinto primeiro encontro?

— Um segundo encontro, Arthur.

— Uau. Segundo encontro. Finalmente chegamos lá.

— Que sorte a nossa de estarmos vivos agora, né?

— Ai, meu Deus, você está citando *Hamilton*... estou *tão* a fim de você. Não tem jeito.

Também estou muito a fim dele.

Sábado, 21 de julho

Dylan me liga no FaceTime quando estou me arrumando para meu encontro com Arthur.

— Oi.

Estou nu da cintura para cima porque ainda não sei bem que camisa quero usar.

— Striptease matinal — diz ele. — Dylan gosta.

Mostro uma camisa toda branca e uma toda verde.

— Qual?

— Verde. O que você está fazendo? Vamos sair. Estou entediado. Samantha tem que trabalhar até as seis.

Visto a camisa verde.

— Vou encontrar o Arthur.

— Ótimo. Vamos fazer alguma coisa legal.

— Acho que preciso de um tempo sozinho com o Arthur.

— Uau. Punhalada no coração, Big Ben.

— Nem vem.

Ele não vai mandar essa para cima de mim dessa vez.

— Você ia sair só comigo e a Samantha na noite passada antes de chamar o Arthur.

— Sim, mas vocês também precisavam de mim, depois do seu comentário de “futura esposa”. Tirou um pouco da pressão. E o mesmo aconteceu para mim e o Arthur.

— Adoro você, cara, mas não precisávamos de você lá. Eu disse uma coisa idiota, mas Samantha e eu teríamos saído com ou sem você.

— Ok. Mas você só quer me ver agora porque a Samantha está ocupada e você está entediado.

Era a mesma coisa com Harriett.

— Não entendo qual é o problema. Você é meu melhor amigo.

Não sei como seria uma briga entre mim e o Dylan porque nunca fomos de discutir. Mas está difícil relevar essa.

— Certo, e o Arthur está se tornando mais do que um cara de quem eu só gosto. Preciso dedicar um pouco de tempo e atenção a nós dois. Quero sair com você também, mas essa coisa com o Arthur é tão nova e limitada. Preciso ver como tudo se desenrola.

Dylan assente.

— Qual é o cenário perfeito para você nessa história, Bennison? Relacionamento a distância? Amigos no Instagram que dão like nas fotos um do outro?

Dou de ombros.

— Só vou viver o momento. É a única maneira de ver no que vai dar.

— Vou deixar você viver o momento porque parece sério e incrível — diz Dylan. — Mas tenha cuidado, ok? Gosto do Arthur e não quero ter que quebrar a cara dele se você acabar magoado.

— Você não vai ter que quebrar a cara de ninguém — retruco, torcendo muito para que o Arthur não se torne o Hudson 2.0.

Arthur e eu saímos do parque High Line de mãos dadas.

Depois daquela conversa com Dylan, eu realmente precisava ouvir Arthur me dizer que a srta. Angelica Schuyler, que diz estar “procurando uma mente pensante”, seria da Corvinal, ou como o mundo bruxo estaria perdido se Hamilton fosse não apenas um Comensal da Morte, mas o braço direito de Voldemort. Mas mesmo com todas as coisas boas, como os beijos enquanto esperamos para atravessar a rua ou nossas mãos se encontrando de novo depois de sermos separados pela multidão, ainda estou abalado pela ideia de que tudo vai acabar.

Talvez isso não vá dar certo e eu não vá sentir falta dele. Mas não posso ir de A para B sem passarmos por A e B primeiro. Viver o momento.

Só que é difícil pensar em viver o momento quando Arthur fala em viagem no tempo.

— Se você pudesse viajar no tempo — diz ele —, iria para o passado ou para o futuro?

— Só posso escolher um, certo?

Arthur faz que sim enquanto cruzamos a Union Square para visitarmos a livraria Strand, já que ele ainda não foi lá. A região da Union Square é um dos lugares preferidos dos apaixonados por livros. Há uma Barnes & Noble de quatro andares, onde fui a uma festa de lançamento à meia-noite de *Harry Potter e a criança amaldiçoada*, e a poucos quarteirões de lá fica a Books of Wonder, onde conheci alguns autores e comprei graphic novels autografadas.

Seria realmente útil pular para o futuro para ver como ficarão as coisas com Arthur. Mas eu não iria querer fazer isso nem hipoteticamente. Quero confiar que tudo acontece por um motivo. Talvez conhecê-lo me ensine a ficar mais aberto a outro cara no futuro, a ser corajoso e pedir o nome e o número dele quando nos encontrarmos aí pelo mundo.

— Se eu for ao passado, posso mudar as coisas?

— Claro.

Parte de mim queria que Hudson e eu nunca tivéssemos namorado. Éramos melhores como amigos do que como namorados. Os bons tempos foram bons, mas acho que não tanto que valesse perder uma amizade.

— Eu voltaria para o passado, para alguns anos atrás, com os números vencedores da loteria para a minha mãe. Mudar as coisas para a gente.

— Você é mais nobre do que eu.

— O que você faria?

— Sou do Time Futuro.

— Por causa da escola?

— Outras razões também — diz Arthur. Ele aperta minha mão. — Provavelmente seria melhor eu ir para o futuro. Se voltasse para o passado, iria escrever *Hamilton* antes do Lin-Manuel Miranda.

— Você passaria a rasteira nele?

— Está bem. Seríamos coautores.

Vejo uma barraquinha de churros junto à Best Buy, em frente ao parque.

— Já comeu churros?

— Não tenho certeza de se sei o que é.

— É só massa frita. Gosto mais com canela, mas com açúcar fica bom também. Vamos, eu pago.

Andamos depressa até lá. O cara me pergunta o que vamos querer em espanhol e respondo em inglês. Um de canela, um de açúcar, um de chocolate e um de framboesa. Vamos até o parque comer os churros, para não enchermos os livros de pó e migalhas na Strand.

— Você fala espanhol?

— Na verdade, não. Aprendi algumas coisas de ouvir meus pais falarem com meus tios, mas entendo melhor do que falo. — O Ben do quarto ano ficava bem irritado de não saber o que as outras crianças porto-riquenhas diziam sobre ele pelas costas. Dou uma mordida no churros de canela, ainda quentinho. — Qual vai experimentar primeiro?

Arthur pega o de chocolate.

— Isso é viciante — diz ele, dando outra mordida. — Onde esconderam essa coisa todos esses anos? Isso é nova-iorquino?

— Acho que não. Alguns restaurantes mexicanos têm churros como opção de sobremesa.

— Eu amo cookies, mas posso passar a amar churros também. — Ele dá mais uma mordida. — Sinto que um mundo completamente novo se abriu para mim. Você é tão branco e não fala espanhol, então às vezes esqueço que é porto-riquenho. Mas seu sobrenome sempre me lembra.

Congelo com o churro entre os dentes. Arthur continua comendo seu churro de chocolate, sem perceber que cutucou com força um ponto muito sensível para mim. Estamos em 2018. Como as pessoas — até mesmo as pessoas legais — ainda dizem merdas como aquela? Quer dizer, sou um idiota também — aprendi isso com Kent no encontro de Yale. Engulo o que posso e deixo o resto do churro na bandeja de papelão.

Realmente não é minha função ensinar as pessoas a se policiarem. Não é minha função reprogramar as pessoas para não só deixarem de dizer algo estúpido, como também não pensarem.

Mas quero que o Arthur seja melhor. Para ser digno e ver que sou digno. Olho para as outras pessoas em volta, casais, família, amigos ou desconhecidos, e me pergunto quantos têm o dia arruinado por causa das besteiras que saem da boca de alguém. Olho para o chão porque não posso olhar nos olhos de Arthur.

— Eu costumava desejar que meu sobrenome fosse Allen — falo. — Alejo era muito difícil para as pessoas, e os professores nunca pronunciariam Allen errado. Minha professora do segundo ano me chamava de “A-léi-jo” até minha mãe dar um basta. — Não sei explicar, mas, sem nem mesmo

olhar para Arthur, sinto uma atmosfera pesada ao nosso redor, como se ele tivesse percebido o que disse. — Não parecer porto-riquenho mexeu muito comigo. Sei que tenho alguns privilégios por parecer branco, mas porto-riquenhos não têm uma única cor de pele.

— Desculpa...

— E nem todo porto-riquenho vai correr o quarteirão atrás de churros ou falar espanhol. Sei que não falou por mal, mas gosto de você e quero confiar que também gosta de mim pelo que sou. E que vá me conhecer de verdade e não só achar que conhece por causa da estupidez da sociedade.

Arthur chega mais perto e descansa a cabeça no meu ombro.

— Se eu pudesse viajar no tempo, voltaria cinco minutos e não seria tão idiota. Sei que é um gesto vazio porque é um cenário de faz de conta, mas iria mesmo. Até desistiria da oportunidade de ser coautor de *Hamilton* com Lin-Manuel, afinal, vamos ser sinceros, não tenho como chegar nem perto disso. Mas não gosto nem um pouco de magoar você ou de fazer você se sentir mal, e sei que já fiz isso algumas vezes.

— Está tudo bem.

— Não está. Não está mesmo. Desculpa, de verdade, Ben.

— Sei que você não fez por mal. Só queria desabafar. Adoro ser porto-riquenho e quero me sentir tão porto-riquenho perto de você quanto em casa, porque é quem eu sou.

— Então não está me dando um pé na bunda?

— Não. Aceitei o que disse sobre a viagem no tempo. É uma pena que não vá poder conhecer o Lin-Manuel. Acho que vai ter de se contentar com outro porto-riquenho.

— Que bom. Ainda tenho muito a aprender sobre você, de qualquer maneira.

— E você provavelmente já sabe tudo sobre o Lin-Manuel, certo?

— Não sei nada sobre o ganhador do Prêmio Pulitzer Lin-Manuel Miranda, que nasceu em 16 de janeiro, estudou na Wesleyan e deu ao filho o nome do caranguejo da *Pequena Sereia*.

— Vou deixar você aí. — Pego a cesta de churros. — E acabou de perder seu direito aos churros.

* * *

Arthur pega sua sacola da Strand, onde comprou ímãs, cartões-postais e uma camisa da loja. Vamos de trem para o Upper West Side, onde ele está morando. Conheço bem o bairro. Ia lá toda hora com Hudson por causa da pista de patinação e, claro, porque ele também tinha uma queda pelo rio Hudson. Agia como se o nome fosse em sua homenagem. Arthur quer compartilhar a sua vista do rio Hudson e sentar lá comigo, e não vou falar

das vezes que sentei lá com Hudson porque... o que vou fazer? Não ir a nenhum lugar a que fui com Hudson? Isso não vai acontecer.

Além disso, nossas opções são meio limitadas. Não posso levá-lo em casa sem me sentir muito exposto — e pode ser meio cedo para conhecer os pais dele. Não me importaria, mas não posso forçar as coisas da maneira que fiz quando queria encontrar a mãe do Hudson. Foi um erro.

Mas Arthur e eu estamos cansados. Provavelmente seria melhor se eu fosse para casa dormir, mas não quero dizer adeus. Quando acordar, só poderei mandar mensagem ou ligar pelo FaceTime, e sentirei falta de estar junto de verdade.

— É uma pena não podermos recarregar nossas baterias como os telefones — falo.

— Podemos. Se chama dormir — diz Arthur. — Os telefones só não levam oito horas para carregar.

— Gosto de dormir. Muito. Ficar de recuperação está me custando boas horas de sono, e agora você? É uma droga.

Como é sábado, o trem está fazendo várias paradas, o que significa que devemos ficar sentados por uns trinta minutos. Talvez quarenta ou cinquenta, se alguém tiver irritado os deuses do transporte público.

— Vou tirar uma soneca — falo.

— Posso me juntar a você?

Arthur chega mais para perto, e eu passo o braço em volta dele. O vagão não está lotado, e consigo esticar um pouco as pernas para ficar mais confortável.

— Não consigo dormir sem música. Você se importa se eu colocar um fone de ouvido?

— O que você ouve?

— Deixo tocando na ordem aleatória.

Arthur pega o telefone e boom: a trilha sonora de *Hamilton*. Ele coloca para tocar desde o começo, e fechamos os olhos, aninhados um no outro. É como tudo que imaginei para mim ontem à noite quando estava sozinho na cama com Arthur ao telefone, ouvindo as músicas comigo, só que desta vez estamos realmente juntos. Esse tipo de liberdade é inspiração suficiente para me fazer querer ir para a faculdade e morar em um dormitório onde vou poder estar com quem eu quiser sempre que eu quiser.

Estou meio cochilando, mas acordado o suficiente para dar um pulo quando nossa estação chegar e puxar Arthur para fora antes que as portas se fechem. Alguém chuta meu pé, e abro os olhos já pronto para me desculpar por esticar as pernas e atrapalhar a passagem, e agora um homem está pairando sobre nós. Ele está de mãos dadas com um garotinho.

— Desculpe — falo.

— Ninguém quer ver isso — diz o homem, apontando para mim e Arthur com seu jornal.

Ele continua ali de pé. Isso chama a atenção de outros passageiros.

— Ver o quê? — Eu me endireito, e Arthur abre os olhos; tenho a sensação de que ele não estava realmente dormindo.

— Faça essas coisas em casa, ok? Estou com meu filho aqui.

— Fazer o *que* em casa? — pergunto.

— Vocês sabem o que estão fazendo — rebate o homem.

Ele está ficando vermelho, e não sei se está irritado ou envergonhado porque não estou aceitando essa merda.

— Sim. Estou saindo com um cara.

Fico de pé.

Meu coração está acelerado, porque tenho medo do que esse homem pode fazer. Mas alguém está filmando, então, se rolar confusão, espero que viralize para eu poder compartilhar com a polícia e esse cara não incomodar mais ninguém.

— Não preciso que meu filho veja essas merdas no trem quando estamos só tentando chegar em casa.

O problema dele não é um problema real. Mas estou perdendo a coragem de lhe dizer isso. Ainda que meus ombros estejam aprumados, meus joelhos estão tremendo. Esse cara vai me dar um soco a qualquer momento. Arthur se levanta, e o empurro para trás.

— Está tudo bem — diz Arthur ao homem. — Não vamos fazer nada de mais.

— Que se dane — rebato.

Queria que Dylan estivesse ali para nos ajudar.

O filho do cara começa a chorar, como se eu fosse o agressor ali, como se eu tivesse provocado seu pai idiota porque estava descansando com outro garoto em público. Sinto muito por esse garoto e pela estrada difícil que pode ter à frente caso goste de alguém que não seja uma garota hétero.

O cara pega o filho no colo.

— Tem sorte de eu não querer arrebentar você na frente do meu filho.

Arthur tenta me arrastar para longe, e só recuo porque ele me implora — ouço meu nome soar engasgado, em uma voz de choro. Provavelmente está mais assustado do que aquele menininho de cinco anos. Um cara com uma bolsa de ginástica se coloca na frente do homem e lhe diz para ir embora, que aquilo ali já tinha ido longe demais.

Só que não acabou, porque Arthur e eu temos que carregar isso por aí.

Descemos na estação seguinte, e Arthur começa a chorar. Então o seguro pelos ombros, como Dylan quer que eu faça quando está em pânico, mas Arthur se solta de mim e olha ao redor da plataforma.

— Pensei que Nova York fosse tranquila com... — Ele respira fundo e seca as lágrimas. — Há tantos bares gays e paradas de orgulho LGBT e casais do mesmo sexo de mãos dadas. Mas que merda. Pensei que Nova York fosse bem resolvida com essas coisas.

— Quase sempre é, eu acho. Mas toda cidade tem seus idiotas. — Quero abraçá-lo, mas ele não quer ser tocado no momento. Como se qualquer afeto fosse se transformar em um alvo nas nossas costas. Como se fôssemos ser punidos porque nossos corações são diferentes. — Você está bem?

— Não. Nunca fui ameaçado antes. E eu estava com *tanto* medo por você. Por que não ficou quieto?

Era o que eu deveria ter feito. Não deveria ter colocado Arthur em risco só porque queria falar por nós e por todos como nós.

— Desculpa. Também fiquei com medo.

Ficamos lá por alguns minutos e, quando o próximo trem chega, Arthur não quer entrar. Nem no seguinte. Quando chega o terceiro trem, ele já se recompôs da melhor maneira possível, e só aceita entrar porque está lotado, então mais pessoas poderão nos proteger se acontecer algo novamente.

Não gosto que o mesmo mundo que nos uniu também lhe cause tanto medo.

— Não vou sair do seu lado até que você esteja em casa — falo.

Arthur olha ao redor e depois volta aqueles olhos azuis tristes e cansados para mim.

E então segura minha mão e não solta durante o restante do trajeto.



ARTHUR

Sábado, 21 de julho

— RESPONDERAM SUA MENSAGEM? — pergunta Ben, enquanto apertado o botão do terceiro andar. — Não quero pegar seus pais transando.

— Eca. Eles não fazem isso.

— Fizeram pelo menos uma vez.

— Nunca. Não. — Finjo ânsia de vômito.

— Você é engraçado. — Ele pega minha mão e sorri. — E este lugar é legal.

— Eu agradeço em nome do tio Milton.

Paro por um instante ao sair do elevador. Não há de fato um corredor — só um pequeno espaço com três portas, que levam aos apartamentos A, B e C.

— A, de Arthur — diz Ben, como se fosse a coincidência mais satisfatória de sua vida.

— Foi tudo friamente calculado.

— Imaginei — diz tranquilamente... mas, quando olho para ele, vejo que está mordendo o lábio.

— Você está nervoso?

— Estou.

Aperto a mão dele.

— Isso é extremamente fofo.

E... uau. Estou mesmo prestes a fazer isso. Estou levando esse garoto para conhecer meus pais. Tenho certeza de que não é uma atividade muito comum no segundo encontro. Mas talvez Ben e eu não sejamos muito comuns.

Meus pais.

Não sei por que sugeri isso. Essa noite me abalou, acho. Não consigo parar de pensar no cara do metrô, no filho chorando, no olhar de Ben e na sensação de ter o mundo inteiro me observando. Tudo o que eu queria, naquele momento, era ficar sozinho. Nunca quis tanto ficar sozinho em toda a minha vida.

Mas Ben ficou. Ele simplesmente *ficou*. E agora não quero que vá embora. Não estou pronto para dizer boa-noite.

Olho de novo para Ben enquanto pego as chaves.

Não vou entrar em pânico. Não vou. Isso vai ser tranquilo. Vai ser ótimo. Visita rápida. Supercasual. E daí se meus pais souberem um pouco demais

sobre o Ben? E daí se eles mal conseguem se controlar perto dos meus amigos, que dirá namorados? Não que Ben seja meu namorado. Posso imaginar o que aconteceria se eu o apresentasse assim.

Eu: Este aqui é o meu namorado, Ben!

Pais: *enchendo-nos de preservativos* OLÁ, NAMORADO BEN!!!

Ben: *corre como se não houvesse amanhã*

Mas... tudo bem. Se ele não é meu namorado, o que vou dizer que é? Meu amigo? Meu pretendente? O cara com quem penso em transar 99% do tempo que passo acordado? E sim, quero dizer isso nos dois sentidos. Passo 99% do meu tempo acordado pensando em como gostaria de passar 99% do meu tempo acordado transando com Ben.

Meus pais não precisam saber disso.

Ok, vou abrir a porta tranquilamente, respirar fundo e...

— Você deve ser o Ben. É tão bom finalmente conhecê-lo! — Minha mãe sorri para ele do sofá. Onde está sentada. Bem ao lado do meu pai.

Olho boquiaberto para eles.

Ela pausa a TV e se levanta, vindo direto apertar a mão do Ben.

— Ouvimos tanto sobre você.

Meu pai acena com a cabeça, e é quando percebo que os dois estão de pijamas e óculos. Perdão, mas em que tipo de universo alternativo acabei de entrar? Que criatura mítica mordeu os meus pais e os transformou nesse casal carinhoso que passa o sábado à noite no sofá?

— Venham ficar com a gente — chama meu pai, enquanto minha mãe oferece água ao Ben.

Ele dá uma olhada ao redor, seu olhar correndo de pintura em pintura.

— O tio Milton gosta de cavalos.

— Deu para notar — diz Ben.

— Então, Ben, fale um pouco sobre você. — Minha mãe se acomoda de novo no sofá, inclinando-se para a frente para manter aquele contato visual desconfortável com ele. — Como está sendo o verão?

— Humm. Ótimo.

— Aposto que está se mantendo ocupado — diz ela. — Estou feliz por Arthur finalmente estar passando mais tempo fora do apartamento também. Vivia dizendo a ele: quando você vai ter outra oportunidade de explorar Nova York durante o verão? Vá aproveitar. Não perca seu tempo vendo vídeos no YouTube...

— Na verdade, Ben cresceu aqui — interrompo. — Ele nasceu em Nova York.

— Legal — diz meu pai.

— Vocês sempre moraram na Geórgia? — pergunta Ben.

Meu pai balança a cabeça.

— Cresci em Westchester, e Mara é de New Haven.

— Yankees — falo.

Ben olha para mim e sorri.

Minha mãe vira casualmente para Ben.

— Então, está trabalhando durante o verão?

— Hã. — Ele parece querer desaparecer dentro do sofá. — Estou tendo aula.

— Ah, que maravilha. Para ganhar créditos universitários? — Ela sorri, à espera da resposta.

— Mãe, sem interrogatório.

— Ah, que isso. Só estou curiosa. Seu pai e eu estávamos justamente falando sobre como os empregos de verão mudaram. Quando eu era mais nova, éramos todos monitores de acampamento ou trabalhávamos na Ben & Jerry's. Mas vocês têm esses estágios legais e cursos preparatórios para a faculdade. Quero dizer, acho que é o que vocês têm que fazer hoje em dia...

— Mãe, para com isso.

— Parar com o quê?

Olho rápido para Ben, que está com a cabeça abaixada, desconfortável.

— Só.... para... de falar. — Acho que nunca me encolhi tanto em toda a minha vida.

Eu entendo, minha mãe está acostumada com CDFs. Como Ethan e Jessie, que tiram ótimas notas e ganham medalhas, bolsas e troféus.

— Na verdade, estou de recuperação — diz Ben.

Minha mãe arregala os olhos.

— Ah!

Ben parece constrangido, o que me deixa constrangido também. Malditos pais e suas malditas espirais de perguntas. Queria poder mandar uma mensagem secreta para o cérebro do Ben. *Não sou como eles, ok? Não me importo com essas coisas.*

Tudo bem, talvez uma partezinha minúscula de mim se pergunte como seria anunciar: *Na verdade, Ben é o cirurgião mais jovem do mundo ou Ben está trabalhando no gabinete do prefeito. Quase o oposto de Ben fica todo estranho e fechado quando alguém pergunta sobre a recuperação.*

Mas não. Nada disso importa. Não importa se ele está de recuperação. Ou se tem um trabalho chique ou se vai tentar entrar para Yale. O que me importa é a maneira como enfrentou aquele babaca no metrô e como me sinto quando vejo seu nome entre as minhas mensagens. E como ele fez questão de que meu primeiro beijo fosse perfeito.

— Ben é escritor — falo. — E é incrível.

— Não, não sou. — Ben balança a cabeça, mas está sorrindo.

— É, sim. Li o trabalho dele.

— Que maravilha — diz minha mãe. — O que você escreve?

Ben hesita.

— Ficção, acho.

— Ah. — Meu pai se endireita. — Sabe, sempre quis escrever um livro.

— Sério? — replica minha mãe.
— Na verdade, andei...
— Ah, espero sinceramente que não vá dizer que tem andado escrevendo o Grande Romance Americano em vez de procurar emprego. Espero mesmo que não vá dizer isso.
— Mara, não vamos...
— Ah, caramba. Está tarde. — Fico de pé, o rosto queimando. — É melhor eu acompanhar o Ben até o elevador.
— Não precisa me acompanhar — diz ele, hesitante. — Posso só...
— Ah, com certeza vou acompanhar você.
Fuzilo meus pais com o olhar. Meu pai está passando a mão na barba e minha mãe entrelaça os dedos, parecendo um pouco envergonhada.
— Ben, fico muito feliz que tenha vindo — diz ela, por fim. — Precisa vir jantar aqui um dia.
— Mãe — digo bruscamente, mas então vejo o olhar de Ben. Seus olhos estão arregalados, mas ele não parece horrorizado. Apenas atordoado e feliz.

* * *

— Mil desculpas — solto, assim que saímos e fecho a porta.
— Por quê? Eles são muito legais.
— Sim, por cerca de cinco segundos, até começarem a se atacar. Não acredito que fizeram isso na sua frente.
— Está falando do negócio do Grande Romance Americano?
— Sim. — Assinto. — Eles são tão idiotas um com o outro.
— Sério? Achei que ela só estava provocando seu pai.
— Não, minha mãe estava falando sério. Ela sempre faz isso. Enche o saco dele por não ter emprego, então ele fica na defensiva, e isso não acaba nunca. Acordo literalmente todas as manhãs pensando que vai ser o dia em que vão me chamar para aquele papo de *seu pai e eu amamos muito você, Arthur, não é sua culpa*, blá-blá-blá etc. Acho que chegou a um ponto em que é inevitável. Nem o universo está torcendo mais para o Time Seuss. É só uma questão de tempo.
— Caramba. — Ben olha para mim. — Arthur.
— “Caramba, Arthur”, o quê?
— Sinto muito mesmo. Isso é péssimo. Eu não sabia.
Ele me puxa para perto e me beija de leve na testa, como o pouso de uma borboleta. Acho que vou derreter. Olho para ele e sorrio.
— Está tudo bem. Vou ficar bem.
— Você não precisa ficar bem.
— Só sinto muito que tenha sido obrigado a ver os dois falando coisas estranhas e constrangedoras.

— Os meus pais também são estranhos e constrangedores. Você vai ver.

E, simplesmente assim, todo o horror desaparece. Porque... CARAMBA. Ben Alejo... quer que eu conheça seus pais. Um encontro na casa dele. Sorrio, tentando pensar no flerte perfeito para lançar como resposta, sem ser exagerado demais. Mas então ele diz:

— Agora quero contar uma coisa para você.

— Ok.

Ele fica em silêncio por um instante, puxando e soltando o ar devagar. Parece apavorado.

— Você não tem que me falar nada — disparo. — Quero dizer. A menos que queira.

— Eu quero.

Meu estômago está dando cambalhotas. Será que ele... vai mesmo dizer o que penso que vai dizer? Parece cedo. Mas acho que os nova-iorquinos não brincam em serviço. Eu deveria pensar na minha resposta. Digo o mesmo? Seria estranho se eu não dissesse? Mas por que eu não diria? Sério, por que não?

— É sobre a recuperação.

Olho fixamente para ele. Uau. Meu rosto está queimando tanto que acho que poderia incendiar a cidade inteira. Sou só um idiota ansioso, ou sou o idiota mais ansioso de todos os tempos? Deus me livre Ben descobrir que pensei... que pensei *mesmo* que ele fosse dizer...

Enfim. Recuperação.

— O que é que tem? — pergunto.

— É... — Ele faz uma pausa. — Ok, primeiro queria dizer que Hudson e eu terminamos mesmo. Não somos nem mais amigos. Você sabe disso, não é?

— Sei. — Seguro as mãos dele. — Deixa eu adivinhar: Hudson foi um completo idiota nessa história.

Ben me olha com um ar estranho.

— Oi?

— Ele é um babaca. Desculpa, Ben, sei que ele fez parte da sua história e tudo, mas que se dane. Não tem nada errado com a recuperação, ok?

— Sei disso. É... Certo...

— Não, não está nada certo. Como ele ousa fazer você se sentir assim? Não ligo se ele só tirou notas boas. Não ligo se é um bolsista reconhecido internacionalmente. Ele não merece você. *Nunca* mereceu.

Ben baixa o olhar.

— É melhor eu chamar o elevador.

— Ok, mas promete que vai parar de deixar o Hudson ocupar espaço no seu cérebro. Ele não sabe de nada. Você é muito inteligente. Queria que pudesse ver isso.

A luz do elevador pisca, e as portas se abrem.

— E muito fofo da sua parte dizer isso.

— Estou falando sério.

— Eu sei.

O elevador começa a fechar, mas ele segura a porta com o pé.

Franzo o nariz.

— Não quero que você vá.

— Também não quero ir — diz ele.

Ele me puxa para mais perto.

Então o beijo, e continuo a beijá-lo quando as portas se fecham na gente.

* * *

Caio de costas na cama, e meu corpo todo está agitado. Coração, estômago, dedos, tudo. Meu cérebro não para de rodar. Sinto como se estivesse vivendo dentro de uma música romântica.

Beijar o Ben. Segurar a mão do Ben. Os olhos castanhos do Ben, com suas ruguinhas dos lados.

Devia mandar uma mensagem para ele.

Mas, quando olho para meu celular, vejo duas mensagens de Jessie.

A primeira: Oi!

A segunda: Queria saber se você, eu e E. podemos conversar.

Claro, o que houve?, escrevo.

Ela responde imediatamente. Complicado demais para falar por mensagem. Vou ligar pelo FaceTime, ok?

Aceito a ligação, ainda deitado. Ainda com um sorriso bobo.

— Uau. Parece que alguém teve uma ótima noite — diz Ethan.

Eles estão no chão do quarto da Jessie, as costas apoiadas na cama dela. E alguma coisa na familiaridade daquilo tudo me faz sentir saudade deles: seus rostos, suas vozes, a colcha de flores roxas.

Sorrio.

— Vocês acordados a essa hora, hein?

— Você também — diz Jessie.

— Então, o que foi? Que coisa complicada é essa?

— Então...

Eles trocam olhares.

— Deveria estar em caixa alta, não é? Coisa Complicada.

Eu rio. Ninguém mais ri.

— Espera. — Eu me sento. — Isso é... uma intervenção?

Jessie parece surpresa.

— O quê?

— É sobre o Ben, certo? Estou obcecado demais por ele.

Levo a mão à boca.

Eles se olham mais uma vez.

— Você fala mesmo muito sobre ele — diz Ethan.

— Pessoal, desculpa, de verdade.

Balanço a cabeça devagar. Sou o pior amigo da Terra. Talvez eu seja um daqueles caras que parecem estar usando antolhos sempre que se apaixonam por alguém. Talvez eu seja apenas um egocêntrico incurável.

— Está tudo bem.

— Não, não está. Nem perguntei como vocês estão.

Outro olhar furtivo. Jessie morde o lábio.

— Bem — diz Ethan. — Eu acho...

Mas então uma mensagem do Ben chega, ocupando quase metade da tela.

Então... contei aos meus pais que seus pais me convidaram para jantar, e minha mãe transformou a coisa toda em um jantar na nossa casa amanhã, com a sua família também... sei que é loucura, então não se assuste. Eles só querem conhecer meu novo namorado incrível.

Meu coração vai parar na garganta. Ethan ainda está falando — eu acho —, mas mal consigo prestar atenção.

— Namorado — sussurro.

Ethan para.

— O quê?

— Ben acabou de me chamar de namorado.

— Quando?

— Agora. Numa mensagem.

Jessie fica de boca aberta.

— Ah, Arthur, sério?

Faço que sim, sem dizer nada.

— Caramba — diz Ethan. — Isso foi rápido.

Jessie assente.

— Uau. Você está...

Mas então chega outra mensagem, e a voz de Jessie vai sumindo ao fundo. Droga. Ok. Não quis dizer namorado. A não ser que você queira que a gente se chame assim. Não precisamos de rótulos. Minha nossa. Desculpa. Não surte.

— ... a conversa? — conclui ela.

— Desculpa, o quê? — Eu pisco. Então balanço a cabeça rapidamente.
— Droga. Estou fazendo de novo.

— Não, está tudo bem — diz Jessie. — É uma coisa importante. Namorado. Uau.

— Sim. — Pisco de novo. — Pois é.

— Vai logo responder a mensagem!

— Quando eu terminar de falar com vocês.

— Arthur. Vai acabar com o sofrimento do seu namorado.

Meu cérebro parece enevoadado, quase como se estivesse encharcado.

— *Namorado*. Só vou...

— Arthur, vai! — Jessie ri. — A gente conversa depois, está bem? Vou desligar.

Também desligo e volto para as mensagens do Ben, lendo e relendo até quase explodir.

Não estou surtando, escrevo. Até amanhã, namorado.

Então encaro a tela do meu celular por cinco minutos seguidos, com o maior sorriso de toda a minha vida.



BEN

Domingo, 22 de julho

A FAMÍLIA DO meu namorado vem jantar na minha casa. Passei praticamente o dia todo pensando *como assim?*. Tirei o pó das estantes de livros, da TV e do espaço embaixo do sofá. Esvaziei as lixeiras. Limpei os balcões e a mesa. Lavei roupa, para que tivéssemos toalhas de mão limpinhas no banheiro. Acendi quatro velas de cereja preta que estão combinando surpreendentemente bem com o cheiro do banquete que meus pais estão preparando.

Estou arrumando a mesa quando a campainha toca.

Checo o relógio. Se são Arthur e a família, chegaram cedo. Bem, estão no horário, na verdade. É o Arthur, então eu deveria ter previsto isso. Mas caramba.

— Pode deixar que eu atendo — aviso.

Por favor, que não sejam eles, por favor, que não sejam eles...

— Oi! — diz Arthur, segurando uma caixa de cookies. Seus pais estão atrás dele com garrafas de vinho.

Beijar o Arthur na frente dos pais dele me parece um pouco fora dos limites, então o abraço e aperto a mão deles.

— Como você está? — pergunta o sr. Seuss.

— Faminto — falo. — Entrem.

— O cheiro está ótimo — diz a sra. Seuss.

Não sei se ela está falando das velas ou do jantar, mas está ótimo de qualquer maneira.

— Entrem.

O corredor parece estreito demais para quatro pessoas, e nunca estive tão consciente e nervoso quanto a tudo na minha casa. Não importa o quanto limpei, não há como negar que o apartamento é bem menor do que aqueles a que estão acostumados, ou que as duas cadeiras que pegamos emprestadas do vizinho se destacam na mesa de jantar em que estaremos todos nos acotovelando em pouco tempo.

— Mãe, pai. Estes são o sr. e a sra. Seuss. E Arthur.

Meus pais sabem bem que não seria correto fazer piadinha com o sobrenome deles, considerando todas as besteiras que tiveram que ouvir em função do nosso, principalmente minha mãe — seu sobrenome de solteira era Almodóvar, e as pessoas sempre o pronunciavam da pior maneira possível.

— Muito obrigada por terem vindo — diz minha mãe. — Meu nome é Isabel, este aqui é o Diego.

— Mara — se apresenta a sra. Seuss, enquanto se cumprimentam. — Sua casa é linda. Obrigada por nos convidar.

— Imagina. E você deve ser o Arthur. — Minha mãe abre um sorriso. — A lenda.

Ele sorri para mim e de volta para ela.

— É um prazer conhecê-la, sra. Alejo.

Não vou mentir, adoro o jeito como ele diz nosso sobrenome. Não é a pronúncia perfeita, mas ele vai chegar lá com o tempo.

Arthur dá a minha mãe cookies da Levain Bakery, que é uma lojinha no Upper West Side conhecida por seus cookies enormes e filas imensas. O fato de terem esperado naquela fila para nos trazer a sobremesa significa muito.

O jantar está quase pronto, e me sinto o guia turístico mais desnecessário do mundo enquanto mostro a sala de estar. Mas quando vejo Arthur examinando cada foto pendurada na parede, lembro que uma casa não tem a ver com tamanho, mas com o que a preenchemos. Acima da TV está a bandeira porto-riquenha emoldurada que a abuelita trouxe quando ela e minha mãe se mudaram de sua cidade natal, Rincón, para Nova York. As fotos do primeiro dia de aula meu e do meu pai lado a lado, em que pareceríamos clones idênticos se não fossem pelas sardas da minha mãe no meu rosto. As pinturas a óleo que meus pais fizeram no primeiro encontro porque meu pai queria impressionar minha mãe com uma experiência mais memorável do que apenas um jantar. A mesinha de centro que encontramos na calçada em frente ao nosso prédio, que se abre deslizando para o lado e guarda baralhos e jogos de tabuleiro. Ainda me sinto exposto, mas não mais preocupado em ser julgado.

— Onde é o seu quarto? — indaga Arthur.

— Não se preocupe com isso — diz o sr. Seuss.

Meu pai serve coquito para todos experimentarem, que é basicamente uma gemada de coco. Arthur e eu tomamos os coquitos sem álcool — normalmente posso tomar um pouco do tradicional, mas eles querem causar uma boa impressão para os pais do Arthur, o que eu respeito. A família Seuss parece gostar do coquito. A sra. Seuss já quer a receita, e ela e o sr. Seuss seguem meu pai até a cozinha.

— Até agora tudo bem, certo? — pergunto. Arthur parece não me ouvir. Está olhando ao redor como se estivesse em Hogwarts. — Arthur?

— Ah. Desculpa. O quê?

— Nada. Em que está pensando?

— Ainda não consigo acreditar que estou aqui. Estou na sala da casa do meu namorado. Eu tenho um namorado. Você é o namorado. Esta é sua sala.

— Você gosta mesmo daqui?

— Gosto.

— Eu mostro meu quarto para você mais tarde. Vamos esperar nossos pais terem bebido mais.

Nós nos juntamos ao grupo, e minha mãe mostra a todos seus lugares à mesa. Ela não quer as famílias agrupadas, então está sentada ao lado da sra. Seuss, meu pai junto ao Sr. Seuss, e estou de frente para o Arthur. Estamos todos bem próximos, como se estivéssemos reunidos em torno de uma lareira em uma floresta fria em vez de uma mesa de jantar que não tem capacidade para seis pessoas. A comida já está servida: pernil, presunto com molho de abacaxi, arroz amarelo, *habichuelas rosadas* e salada. Talvez a família do Arthur devesse vir jantar todo fim de semana, para comermos como reis com mais frequência. Só espero que gostem de tudo. Quase me senti tentado a pedir aos meus pais que fizessem frango frito, purê de batata e milho grelhado na espiga, mas assim Arthur não descobriria um pouco mais sobre mim. As pequenas coisas que constroem a imagem maior.

— Vocês se importam se rezarmos? — pergunta minha mãe.

— Mãe, não, eles são judeus.

— Ah, está tudo bem. Por favor, fiquem à vontade — diz a sra. Seuss.

Minha mãe está morrendo de vergonha.

— Ah, não... Benito não falou nada sobre vocês serem judeus. Fiz carne de porco. Eu sinto muitíssimo. Posso fazer alguns...

A sra. Seuss se inclina para a frente.

— Ah, por favor, não se preocupe! Não comemos só comida kosher.

— Adoramos carne de porco — acrescenta o sr. Seuss. — Nenhuma objeção a carne de porco. Porcos morrem por nós constantemente. Parece delicioso, a propósito. Como chamam esse prato?

— Pernel — diz meu pai.

A família Seuss acabou de aprender a palavra do dia.

Dou as mãos à sra. Seuss e ao meu pai e coloco meu pé no do Arthur enquanto minha mãe reza. Ela agradece a Deus pela comida e por ter reunido Arthur e eu para que pudéssemos desfrutar daquela comida com novos amigos. Dou uma espiada em Arthur, que ainda está de olhos fechados, mas sorrindo tanto que posso ver seus dentes perfeitos. Como se tivesse desejado com tanta vontade que seus sonhos estivessem se tornando realidade. Todos dizemos amém.

A sra. Seuss dá uma mordida no presunto.

— Está delicioso.

Minha mãe dá um tapinha no cotovelo dela e leva a outra mão ao peito.

— Obrigada. *Mami* me ensinou quando eu tinha sete anos. Ela sempre me ensinava depois da aula, para que eu pudesse me virar quando chegasse em casa. Eu fazia um lanche e começava a preparar o jantar enquanto fazia o dever de casa. Adoro cozinhar.

— Você cozinha profissionalmente? — pergunta a sra. Seuss.

— Não. Trabalho com contabilidade para uma academia. Tenho medo de perder a paixão por cozinhar se alguém me pagar para fazer isso. Iria se transformar em trabalho, e eu não me sentiria animada para voltar para casa e cozinhar com a minha família.

Cara, amo minha mãe. É o tipo de pessoa que faz com que todos se sintam em casa, mesmo que ela tenha algum problema com você, como era o caso com Hudson. Mas vejo que já está bem à vontade com a sra. Seuss, e eu poderia até imaginar as duas saindo juntas. Só que a sra. Seuss vai embora no fim do verão, levando meu namorado de volta para a Geórgia.

— Você é advogada, certo? — pergunta minha mãe.

— Sim. Da Smilowitz & Bernbaum. É uma ótima empresa. Do tipo que levou numa boa Arthur entrar nos correios atrás do seu filho, em vez de ir buscar café, que era sua verdadeira tarefa.

Nós todos rimos. Nunca tinha percebido que Arthur havia entrado nos correios só para me seguir.

— E você, Diego? — indaga o sr. Seuss.

— Sou gerente-assistente na Duane Reade. Não é nada muito grandioso, mas estamos bem. Tenho uma ótima equipe... a maior parte do tempo. Dá para pagar as contas. Colocar comida na mesa. Dar uma mesada ao Ben. Qualquer coisa além disso estaria fora do orçamento.

Penso muito nas coisas fora do orçamento. Férias nessas ilhas tropicais que vejo nos filmes. Tênis caros com que eu possa andar por aí e não precise deixar guardados no armário com medo de estragar. Carro da família para podermos passear nos finais de semana. iPhones e laptops modernos. Faculdade, já que não vou ganhar uma bolsa de estudos. Coisas com que a família do Arthur não precisa se preocupar tanto.

— E você? — pergunta meu pai ao sr. Seuss.

— Programação de computadores. Estou sem emprego no momento, por causa da mudança — diz o sr. Seuss, virando-se imediatamente para a sra. Seuss. — O que não é culpa de ninguém. Achava que seria mais fácil encontrar um trabalho interessante durante o tempo que temos antes de voltarmos para casa.

— Sente falta de trabalhar? — pergunta minha mãe.

— Muito. Na primeira semana, pude ver bastante coisa na Netflix, o que é satisfatório, mas não recompensador. Já fiz algumas entrevistas e ainda não fui contratado, e isso tem sido bem frustrante para mim... para nós. — Ele gesticula em direção ao Arthur e à sra. Seuss. — Mas estamos aguentando firme.

— O coquito vai fazer você se sentir melhor — diz meu pai. — Envergonhar os garotos também pode ajudar, certo?

— Ah, sim, por favor — concorda o sr. Seuss.

— Não — dizemos Arthur e eu ao mesmo tempo.

Nossos pais contam histórias de quando éramos crianças. Achei que não

tivesse mais segredos depois de ter contado ao Arthur sobre a recuperação, mas não estava preparado para ele descobrir que, quando tínhamos dez anos, Dylan e eu fingíamos participar um reality show chamado *Being Bad Boys*, sem perceber que aquilo tinha uma baita conotação sexual. Todos caímos na gargalhada quando descobrimos que, enquanto compravam roupas para a escola, Arthur tinha mania de tirar selfies com manequins usando o celular do pai. Ele afunda na cadeira de vergonha.

— Eu tenho outra — diz a sra. Seuss.

— Não, você não tem — rebate Arthur. — Chega de histórias.

— Alguns meses atrás, quando Arthur descobriu que passaríamos o verão em Nova York, Michael e eu chegamos cedo em casa, voltando da festa de aniversário de um amigo, e Arthur estava...

— Mãe! — grita Arthur.

— ... vendo um vídeo no YouTube de uma música de *Dear Evan Hansen* e cantando a plenos pulmões enquanto dançava.

— Foi magnífico — concorda o sr. Seuss.

Não rio dessa vez, porque Arthur parece um pouco chateado.

Fico de pé.

— Arthur, vamos para o quarto. Quero mostrar a capa que desenhei para o meu livro.

Arthur praticamente acerta o pai ao se levantar da cadeira.

— Vamos, por favor.

— Esperem, ainda estamos comendo — diz minha mãe.

— A comida não vai a lugar nenhum — retruco, pegando a mão do Arthur. — A gente já volta.

— Deixem a porta aberta! — grita o sr. Seuss.

Vamos para o meu quarto, os dois com o rosto vermelho.

Como se fôssemos trancar a porta e mandar ver ali dentro, com eles no cômodo ao lado.

Mas, quando entramos no quarto, beijo Arthur com essa voracidade enorme que exige mais tempo com ele a cada dia que passa.

Paro para respirar.

— Você está bem?

— Melhor agora. Só não gosto que me provoquem com esse lance da Broadway. Esses vídeos me motivam. Vi dois shows mês passado, mas não eram os meus preferidos. — Ele arregala os olhos. — Ah. Isso foi péssimo. Dizer que os shows da Broadway não foram bons o bastante. Já tive sorte de assistir qualquer um. É que estou sempre participando da loteria do *Hamilton* e de *Dear Evan Hansen*, mas sem sorte.

— Ainda dá tempo — falo. — E poderia ter sido pior lá na sala.

— Verdade.

Arthur dá uma olhada no quarto. Em seguida, caminha até minha escrivaninha.

— Então foi aqui que o futuro best-seller e fenômeno global *A Guerra do Mago Perverso* foi escrito. Onde está a capa do livro?

Enfio a mão na gaveta e puxo uma pasta roxa onde desenhei alguns dos monstros da história. Pego a capa do livro. Parece uma de *Harry Potter*, mas tem um bruxo que se parece comigo no meio, escondido atrás de uma parede demolida enquanto magos do mal procuram por ele. Não está nem um pouco boa e até Arthur ri.

Ele confere o resto do quarto. Coloquei a Caixa do Término no armário dos meus pais há algumas horas. Deveria me livrar dela, não gosto de esconder nada do Arthur, mas é como as postagens antigas no Instagram que não consigo deletar. Seria como se Hudson nunca tivesse aparecido na minha vida. Como se fosse alguém de quem tenho vergonha. E jogar fora as boas lembranças parece um tapa na cara da nossa história. Não tem nada a ver com o futuro.

Sei lá.

— Gostei muito do seu quarto — diz Arthur. — De todo o apartamento. Espero que isso não soe mal, mas gosto dele porque parece mais uma casa do que a minha. Tudo aqui parece ser importante. Se algo quebrar ou se perder, vocês vão notar. Tantas coisas na minha casa parecem substituíveis.

— Talvez você simplesmente não saiba por que algumas delas são importantes, não?

— Talvez. Preciso melhorar nessa coisa de fazer perguntas. — Arthur se senta na minha cama.

Eu me acomodo ao lado dele e penso em sexo, porque é isso que acontece quando seu namorado é lindo e está na cama com você. Se tomarmos a iniciativa de transarmos enquanto ele ainda está em Nova York, vai ser a primeira vez dele. É uma pressão enorme. Quero fazer de tudo para que, independentemente do que aconteça entre nós, Arthur nunca se arrependa da nossa escolha quando se lembrar de mim. Como não me arrependo de Hudson e eu termos perdido a virgindade juntos, e espero que ele também não. As pessoas mudam, ele mudou e eu também, mas ainda me sinto tranquilo com relação a quem éramos quando transamos. Espero que Arthur tenha sempre essa mesma sensação sobre mim.

Eu me aproximo para beijá-lo quando minha mãe nos chama.

— Já paramos de falar de vocês! Venham terminar de jantar.

Aperto a mão dele e voltamos para lá.

O resto do jantar é indolor. Todos rimos juntos, e não um do outro. A única coisa que poderia ter tornado a noite ainda mais perfeita teria sido se Dylan e, sim, Samantha também estivessem ali. Odeio pensar que terei que contar tudo sobre a noite para o Dylan e serei incapaz de pintá-la à altura. Que vou esquecer algumas das piadas que nos fizeram rir tanto. Mas acho que esse é o ciclo que vem com o namoro — passamos menos tempo com os melhores amigos e temos toda essa nova vida da qual nem sempre eles fazem

parte.

Arthur e eu ajudamos a limpar a mesa enquanto meu pai pega os cookies que a família Seuss trouxe. Os biscoitos são enormes — como se alguém tivesse colocado quatro bolas de massa muito perto uma da outra na bandeja e, com isso, formado um megabiscoito. Dois são de chocolate com gotas de chocolate, dois são de aveia e passas, dois são de nozes com gotas de chocolate.

— Muito obrigado pelos biscoitos.

Meu pai estende a caixa para o Arthur.

— Vocês podem escolher primeiro, por nos receber — diz Arthur.

— Puxa-saco — implica o sr. Seuss, com um sorriso.

Meu pai pega um de chocolate com gotas de chocolate. De olhos arregalados, Arthur o observa dar uma mordida, como se meu pai tivesse acabado de pegar emprestado o carro dele para dar uma volta e batido. Minha mãe pega o outro do mesmo sabor porque nunca gostou muito de qualquer coisa com nozes ou passas. Arthur olha para ela como se minha mãe tivesse acabado de ganhar o último ingresso de *Hamilton* disponível no mundo.

Poderia apostar que Arthur queria um daqueles cookies.

— Isso é muito bom — diz minha mãe.

Arthur pega o cookie de nozes com gotas de chocolate e tira as nozes antes de comer.

O sr. Seuss dá uma mordida no cookie de aveia com passas.

— Provavelmente não vou esperar vinte minutos em uma fila por um biscoito de novo, mas fico feliz que tenhamos feito isso.

Conversamos um pouco mais antes de encerrarmos a noite. Quando vejo Arthur abraçar meus pais, não consigo acreditar que isso tudo esteja acontecendo. Sempre que Hudson vinha jantar, só apertava a mão deles, como se estivessem mais para meus chefes do que meus pais. Mas também é incrível ver nossos pais se abraçarem e meu pai dizer ao sr. Seuss que eles têm que voltar em breve, já que não chegaram a tomar o vinho que trouxeram. A sra. Seuss e minha mãe trocam os números de telefone e, minha nossa, se algum dia eu voltar a escrever sobre minha mãe no *AGMP*, vou ter que incluir Mara, sua melhor amiga feiticeira.

Arthur e eu nos beijamos rapidinho enquanto todos estão se despedindo, e a família Seuss nos agradece uma última vez antes de ir embora.

— Foi muito divertido — diz minha mãe. — Arthur é maravilhoso. Adorável. Muito educado. Gostei muito dele. De toda a família.

— Eu também.

— O que vai acontecer quando ele for para casa? — pergunta meu pai.

Dou de ombros. Essa pergunta é uma droga.

— Só estou aproveitando para conhecer um pouquinho mais dele enquanto ainda temos tempo aqui.

Penso no sorriso enorme do Arthur durante o jantar, quando achava que ninguém estava olhando, e no que eu seria capaz de fazer para conquistar mais sorrisos como aquele.



ARTHUR

Segunda, 23 de julho

— SAIO DA SALA por cinco minutos — diz Namrata — e, quando volto, você está de pé numa cadeira. Inacreditável.

— Estou fazendo uma pausa para estimular o desenvolvimento do sistema sensorio-motor. — Levo a mão ao peito. — *Ah, Benny booooooy... the pipes, the pipes are calling.*

— Estou feliz por ele pelo menos ter parado de cantar “Ben’s Body Is a Wonderland” — diz Juliet, indiferente.

— Enfim. Notícia importante — retoma Namrata. — Adivinha quem está largando a faculdade e indo morar com os pais?

Prendo a respiração.

— Você?

Namrata bufa.

— Não, idiota. Os colegas de quarto do David.

— Os caras do pornô de dinossauro?

— O projeto deles no Kickstarter foi financiado, então vão tirar o ano para trabalhar em *Paixão Jurássica*. Aparentemente, 714 pessoas estão dispostas a pagar por esse tipo de conteúdo, então...

Ela dá de ombros.

— Bom para eles! — Eu me sento de novo, deslizando a cadeira de volta até a mesa. — Vamos dar uma festa.

— Você quer dar uma festa celebrando a dinossaurótica? — pergunta Juliet.

— Estou de bom humor, ok?

— Notamos — retruca Namrata.

— Querem saber por quê?

— Nós sabemos por quê. Por acaso começa com B e rima com alguém, como em “quero ver quando *alguém* vai começar a trabalhar nos arquivos do caso Shumaker”?

— Dez pontos para a Corvinal! — anuncio, fazendo um microfone com a mão. — Mas qual Ben? Affleck? Stiller? Carson? Não, é BENJAMIN HUGO ALEJO. Meu... namorado. — Imito um rufar de tambores. — E também o Ben Platt.

— Grande discurso — diz Namrata.

Juliet olha para mim por um instante, sorridente.

— É bem incrível, na verdade. Não acredito que você realmente

conseguii. Pendurou um cartaz à procura desse garoto, então o encontrou, e agora são namorados.

— Somos! Até nos chamamos assim. Bastante.

— Minha nossa. E você já conheceu os pais dele — diz Namrata. — Isso tudo faz o quê... duas semanas?

— Sim — respondo, radiante.

— E o que vem depois disso, afinal?

O mais louco é que *não tenho a mínima ideia*. Não sei o que ainda vai acontecer. Porque a Broadway me diz uma coisa, mas o Reddit me diz algo *muito* diferente. E nenhum conselho que recebo parece se encaixar com o que sinto.

Nada é bem como eu esperava. Acho que sabia que me sentiria eufórico, mas não sabia que teria tanta *certeza*. Não sabia que pareceria que o mundo todo passou a se encaixar, que tudo faz sentido. É estranho, porque até eu sei que duas semanas não são nada. Então, por que duas semanas com Ben parecem abalar tanto o meu mundo?

É assustador como é fácil imaginar um futuro com ele. É assustador como, a cada minuto, algo novo faz com que eu me lembre dele. Nova York em geral faz com que eu me lembre dele.

No que me diz respeito, Ben é Nova York.

E isso é aterrorizante.

Terça, 24 de julho

Oi olá sim ainda precisamos discutir a Coisa Complicada!!! Vocês estão livres?

Oláaaaa, Jess, oláaaa, Ethan

JESSICA NOOR FRANKLIN ETHAN JON GERSON CADÊ VOCÊEEES

Estou sozinho no chat em grupo 😡😡😡

Vocês estão na Target, não é? Por que a Target tem o pior sinal do mundo? PQP

LARGUEM AS PROMOÇÕES E LEIAM AS MINHAS MENSAGENS AGORA

Quarta, 25 de julho

Quando chega quarta, pareço uma bola de fogo humana. Assim que o trabalho acaba, saio em disparada pela porta do prédio, deslizando até parar ao lado de Morrie, o porteiro. Ben vai me fazer uma surpresa esta noite. Não sei aonde vai me levar, mas ele está falando nisso a semana toda.

— Oi, doutor — diz Morrie, os olhos azuis brilhando. — Está com pressa?

— Estou esperando uma pessoa.

Meu namorado. Meu namorado, meu namorado, meu namorado.

Morrie se afasta para abrir a porta para alguém, e dou uma espiada no celular. Cinco e quinze, e nada do Ben. Olho para a rua, fazendo o inventário de todos os rostos. Não o vejo nem mesmo ao longe. Procuro conter uma pontada de decepção e mando uma mensagem para ele.

Um instante depois: **Desculpa, atrasado! Chego em 5**

Ele aparece às cinco e meia. Só olho para ele, perplexo.

— Pensei que você tivesse morrido.

— Não... desculpa. Perdi a noção do tempo. — Então me abraça com força. — Oi.

Esse é o tipo de contradição que faz meu cérebro doer. Por um lado, ali está o Ben, atrasado mais uma vez, e irritantemente tranquilo com isso. Por outro lado, não quero que ele pare de me abraçar nunca.

Seguimos para o metrô.

— Então, aonde está me levando?

— Para o centro da cidade.

— Interessante.

Dou uma olhada em sua roupa. Com certeza está mais arrumado do que de costume. Talvez seja a primeira vez que o vejo com uma calça que não é jeans.

Ele checa o horário no telefone.

— Está preocupado com a hora? — pergunto. — Melhor pegarmos um Uber?

— Não, está tudo bem.

— Posso pagar... — começo a dizer, mas seu olhar me faz parar na mesma hora. — Ou não. O metrô provavelmente é mais rápido, de qualquer forma.

* * *

Mas o metrô não é mais rápido. É uma merda. Depois da Grand Central, a próxima estação já é a Times Square, mas o trem simplesmente não sai do lugar. Nem sequer fecham as portas.

— Os trens às vezes... se esquecem de andar? — pergunto.

Ele bate a mão na barra de metal, aflito.

- Não sei o que está acontecendo.
- Será que devemos falar com alguém?
- Com quem?
- Com a Secretaria de Transportes.

Isso arranca uma risada dele.

- Acho que não.
 - Ouvi falar que alguém vomitou — comenta um cara esguio de óculos.
- Ben checa o telefone mais uma vez.

- E agora? — pergunto, mas Ben não parece me ouvir.

O cara esguio se intromete.

— Bem, eles têm que limpar o vagão inteiro e higienizar tudo. Melhor nos acomodarmos. — Ele parece quase satisfeito com isso. — Não vamos a lugar algum por um tempo.

- É melhor irmos andando — sugere Ben. — Vamos.

Saio atrás dele, da estação para a rua.

- Não é muito longe. Devemos chegar em uns dez minutos.

Mas dez minutos se transformam em quinze, e isso com ele andando tão rápido que praticamente tenho que correr para acompanhar o ritmo. Ben vira na Broadway e depois na rua Quarenta e Seis, e abro a boca para perguntar para onde estamos indo, mas então o vejo, todo iluminado em dourado.

- Ben. — Por um instante, estou sem palavras. — Você não fez isso.

Ele solta o ar, sorrindo.

- Ok, então, Lin-Manuel Miranda anunciou uma...

— Loteria especial para adolescentes matriculados nas escolas públicas de Nova York. Eu sei. Eu sei.

Meu Deus. Isso está acontecendo. Está mesmo acontecendo.

- Você ganhou? — pergunto, a voz falhando.

— Bom, eu entrei no sorteio. — Ben dá de ombros. — Ainda não sei. Imaginei que, mesmo se perdêssemos, ainda poderíamos sair.

- Como assim?

Fico boquiaberto. Ele sorri, hesitante.

- Você está bem?

— Sim, é só que... você está mesmo dizendo que ver *Hamilton* ou “sairmos” são duas alternativas igualmente boas?

- Sinto que há um insulto escondido aí. — Ben ri.

Eu não rio.

— De qualquer forma, acho que já devem ter anunciado os vencedores a essa hora. Vamos conferir na bilheteria.

Faço que sim, mas estou com vontade de chorar. Meu Deus, realmente me permiti imaginar isso acontecendo. Ainda que tenha sido só por um instante, a perda já dói. Ninguém nunca ganha a loteria de *Hamilton*. Eu entro todos os dias. E sim, talvez as chances sejam maiores nessa promoção,

mas eu nunca teria tanta sorte. O universo não gosta de mim tanto assim.

Entro atrás de Ben no teatro e vamos até a bilheteria, onde encontramos uma mulher loira impecavelmente maquiada.

— Oi. Com licença — diz Ben, sua voz uma oitava mais aguda que o normal. Adoro o jeito como ele fica sem graça perto dos adultos. — Então. Hum. Entrei em um sorteio hoje para os alunos de escolas públicas de Nova York, e não sei se você já anunciou os vencedores, ou se eu preciso me registrar em algum outro lugar, ou... — A voz dele falha. — Meu nome é Ben Alejo.

— Benjamin Alejo? — A mulher olha para ele, arqueando as sobrancelhas. — Ah, querido. Acabamos de dar seus ingressos.

— O... o quê? — gagueja ele. — Eu ganhei?

Sinto meu coração afundar.

— Dois ingressos na primeira fila, mas tinham que ser retirados até as seis da tarde. Gostaria que você tivesse vindo.

Ben balança a cabeça sem saber o que dizer.

— Sinto muito. Posso inscrever você na loteria de amanhã, se quiser.

— Hum. Claro. Obrigado. — A voz dele é quase um sussurro.

Mas, ao chegarmos do lado de fora, ele está furioso.

— Isso é ridículo! — Ele caminha apressado pela rua, e me esforço para acompanhá-lo. — Que horas o show começa? Oito? Ainda falta mais de uma hora. Podiam ter me ligado.

— Você está brincando?

— Meu número estava no formulário.

Quero gritar. Ou destruir alguma coisa. Parece que um tornado ocupou o meu estômago.

— Faz ideia de quantas pessoas matariam pelos ingressos que você acabou de perder? Lugares na primeira fila?

— Bem, se vão estabelecer um prazo arbitrário para retirar os ingressos...

— Não é arbitrário. É como funciona. Nós estamos atrasados.

— Sim, se o trem não tivesse parado...

— Se você tivesse chegado na hora, não estaríamos naquele trem.

— Ah, Arthur.

— Eu só... — Solto o ar. — Você ao menos entende que acabou de perder ingressos na *primeira fila* para *Hamilton*?

— Entendo! — Sua voz soa áspera. — Você não imagina o quanto eu queria que isso desse certo. Não mesmo. Eu queria muito.

— É. Eu também.

— Eu sei, Arthur. Estamos falando de *Hamilton*. Eu só...

— Não estamos falando só de *Hamilton*, ok?

— Não? — Ele olha para mim, desamparado.

— Como você não entende isso? Caramba, Ben. — Sinto que meu peito pode explodir a qualquer momento. — Você se atrasou para todo santo

encontro. Todos eles.

— Eu sei. Eu...

— E sabe de uma coisa? Se você estivesse ansioso para me ver, isso não aconteceria. Não mesmo. Parece que você não se importa.

Ben olha para mim como se eu tivesse batido nele.

— Eu me importo!

— Não o suficiente. Você não se importa o suficiente. — Olho para ele, com o coração disparado. — Talvez eu também devesse me importar menos.



BEN

Quarta, 25 de julho

ACHO QUE NUNCA fui uma decepção tão grande quanto neste momento.

Namorados deveriam ser os maiores incentivadores um do outro. Os responsáveis por sorrisos e por levantar o astral. Não deveriam ser os responsáveis por partir corações, para começo de conversa. Mas traí a confiança do Arthur e sou a causa daquele rosto nada Arthur. Tive seus maiores sonhos com a Broadway nas minhas mãos e os esmaguei. Fiz tudo aquilo pensando nele, mas meus defeitos me atrapalharam.

— Arthur?

Ele está lá parado. Tremendo. Não o via aflito assim desde a noite em que aquele idiota nos insultou no trem. Agora eu sou o idiota. Tento pôr a mão em seu ombro, mas ele se solta. E desaba no meio-fio.

Quero dizer que sinto muito, mas sei que ele não vai ouvir.

Ele está chorando. Não só por causa dos ingressos. Sou um imbecil, e Arthur acha que não gosto tanto dele quanto ele gosta de mim. Pego meu telefone e me sento ao seu lado.

— Arthur? Pode olhar para mim por um segundo? Por favor.

Entro no YouTube. Tenho que consertar as coisas agora mais do que nunca.

Entrego um fone de ouvido a ele e fico com o outro. Digito *Hamilton* e *karaokê*, e, quando “Alexander Hamilton” começa a tocar, canto junto. Me exponho do mesmo jeito que Arthur fez com “Ben”. Sinto que ele me observa enquanto tento acompanhar a letra, enquanto tento não me concentrar nas várias pessoas que passam e me veem imitar a performance que em pouco tempo acontecerá logo atrás de nós. Passado um minuto, Arthur não reage. Mas então:

— *My name is Alexander Hamilton* — diz ele.

O personagem principal. É claro.

Seguimos empolgados pelo restante da música, cantando juntos... um significativamente melhor e mais despreocupado do que o outro. Mas ele é a única plateia com a qual me importo.

Quando a música termina, estou pronto para pedir desculpa. Mas Arthur pega meu telefone, procura um cover de “Only Us”, de *Dear Evan Hansen*, e chega mais perto de mim enquanto canta “*So what if it’s us, what if it’s us, and only us*”. Essa música é tão bonita. “E se fosse a gente, e se fosse a gente e só a gente.” O sentimento de ser desejado por alguém que vê você pelo

que é. Como o mundo — a agitação da Times Square — parece sumir quando se está com a pessoa certa. Quando é minha vez de escolher a próxima música, procuro “Suddenly Seymour”, de *A Pequena Loja dos Horrores*, um filme que vi com meus pais alguns anos atrás. Ele escolhe “The Wizard and I”, de *Wicked*. Vou além... e escolho “Can You Feel the Love Tonight”, de *O Rei Leão*. Queria poder ler a mente de Arthur enquanto ele se balança ao ritmo da música. Arthur escolhe “What I Did for Love”, de *A Chorus Line*, e a cada música que escolhemos parece que estamos conversando sem dizer uma única palavra.

— Mais uma — pede Arthur.

— Podemos ficar aqui a noite toda — falo. — Embora meu telefone tenha só vinte por cento de bateria.

Ele coloca para tocar uma versão incrível de “My Shot” de um coral de ensino médio, e eu penso como gostaria de frequentar o tipo de escola que tem shows de talentos para poder ver algo assim ao vivo.

O que só me faz lembrar que devíamos estar dentro do teatro.

— Desculpa, Arthur. Nunca vou me perdoar. Deveríamos estar assistindo à peça de verdade.

— Sei que pode parecer mentira, mas amei isso ainda mais.

— Sério?

— Ben, milhões de pessoas podem dizer que estiveram no Richard Rodgers Theatre e viram *Hamilton*. Somos os únicos que podemos dizer que nos sentamos no meio-fio e passamos por vários shows da Broadway em uma única noite.

— E você tem certeza de que isso é melhor, por...

Arthur cala minha boca com um beijo.

— Bom argumento — falo.

Nós nos levantamos.

— Sério, sinto muito...

Outro beijo.

— Ok. Mas estraguei...

Outro beijo.

— Me deixa falar...

Outro beijo.

— Esse negócio de você me beijar enquanto tento me desculpar... queria que todos os meus problemas fossem assim.

— Ben, estou feliz. Isso foi incrível, romântico e perfeito. Você é o Rei dos Pedidos de Desculpa.

Entramos na confusão da Times Square. O trânsito intenso de pedestres nos separa toda hora, mas sempre damos um jeito de nos reunir, sem deixar que os carrinhos de bebê ou as selfies em grupo nos mantenham afastados. Quando volto a pegar a mão dele, seguro com força e não quero soltar.

Não esta noite.

Nem nunca.



ARTHUR

Sexta, 27 de julho

JESSIE ME MANDA uma mensagem no grupo assim que o trem sai da estação da rua Trinta e Três. Tá podendo falar?

Droga... tô indo para o apartamento do Ben. Desculpa!!!

Olho para o telefone com a testa franzida e tento ignorar a pontada de culpa. Já faz quase uma semana desde que saí no meio da nossa conversa pelo FaceTime, e ainda não conseguimos nos falar direito de novo. Jessie ainda não me contou sua Coisa Complicada.

É como se estivéssemos girando em direções opostas, como se tudo estivesse fora de ordem. E não sei explicar por quê, mas sinto que a culpa por isso estar acontecendo é minha. Mesmo quando Ethan e Jessie é que estão ocupados. Mesmo quando são eles que não me respondem. Acho que só é meio estranho ser o primeiro de nós três em um relacionamento.

Não esquentar, Jessie escreve. Você vai 🍌, 🍌, 🍌?

Você tá perguntando se vou conceber uma criança hoje?

Shh, você sabe o que estou perguntando.

É, eu sei. Claro que sei. Vou ficar três horas e meia sozinho com o Ben hoje, porque a sra. Ortiz, do fim da rua (enviada de Deus, melhor parceira de todos os tempos), quer jogar cartas com Diego e Isabel. E sim, estou ciente do que pode acontecer quando se está sozinho em um apartamento com um namorado maravilhoso. Mas não estou me permitindo pensar muito nisso. Nada de criar expectativas.

— Próxima parada, Primeira Avenida — diz a voz no alto-falante.

Quase chegando!!!!!!, mando para Ben.

Ele responde: **Já em frente à estação! Falei que não me atrasaria. 😊** Seis pontos de exclamação, isso é algum tipo de marco no relacionamento?

Significa que estamos deixando o pudor da pontuação de lado!!!!!! Ok, **CHEGUEI**, subindo

Estou vendo você!!!!!!, ele escreve em resposta.

E lá está ele, com seus fones de ouvido e camisa do Homem de Gelo, encostado em uma cerca em frente à estação. O rosto do Ben se ilumina ao me ver, e na mesma hora sinto um frio na barriga. Quero muito dar um beijo nele. Só um beijinho de oi, nada de língua. Mas, em vez disso, nós nos

abraçamos, e sinto sua respiração no meu cabelo, o que também é bem incrível.

— É estranho você estar aqui.

— Eu estava aqui cinco dias atrás — lembro a ele.

— Mas não *aqui*. — Ele gesticula vagamente para o metrô. — E nossos pais estavam lá. É diferente.

As bochechas dele ficam vermelhas. E, se eu não estava pensando nesse momento livre de pais antes, agora com certeza estou.

— Deixa que eu levo sua bolsa — diz Ben.

— Está pesada.

— Eu sou bem forte — responde ele, sorrindo, então sorrio também e deixo que a pegue. — Caramba. O que tem aqui?

— Basicamente meu laptop.

E seis caixas de camisinha. Não que eu esteja planejando trinta e seis rodadas de sexo. Mas, se o sexo acontecer, preciso de opções, incluindo opções que brilham no escuro.

Seguimos pela calçada.

— Então, bem-vindo ao East Village. Você deve ter passado por aqui no domingo.

— Olha, o motorista do Uber não fez exatamente um tour com a gente.

— Bem, acho que você está sem sorte, então.

— Estou?

— Apartamento vazio. Namorado maravilhoso com um look fofo e arrumadinho. — Ele dá um sorrisinho contido. — Provavelmente não serei o guia turístico mais detalhista.

— Compreensível. — Abro um sorriso também.

Mas o curioso é que Ben até que é um guia bastante detalhista, sim. Ele não chega a fazer um caminho mais longo nem nada, mas tem uma história para todos os lugares pelos quais passamos. Como a escola dele, que chama de *sua escola de verdade*, diferente da Belleza High, em Midtown, que é onde está fazendo a recuperação. Ou a loja de produtos de beleza em que ele e Dylan cortaram pedaços do cabelo com uma tesourinha de unha para poderem comparar às caixas de tinta e descobrirem a cor verdadeira de seus cabelos (Dylan: Lava de Chocolate; Ben: Mel Tabaco). Ou a padaria que vende copinhos de sorvete para comer com pazinhas de madeira. Ou como Ben ficou assustado no dia em que Dylan, então com oito anos, quebrou o braço e teve um ataque de pânico. Vou absorvendo tudo. Nunca vi Ben tão animado. Adoro esse lado dele. Adoro ver o bairro através dos seus olhos e como cada rua desperta inúmeras lembranças nele.

— Agora estamos em Alphabet City — diz ele.

— Não consigo acreditar que Alphabet City existe mesmo. Parece coisa da *Vila Sésamo*.

Nossas mãos se tocam toda hora enquanto andamos.

— Esse programa quase recebeu o nome da minha rua — comenta ele, sorrindo. — Ia se chamar algo como *Avenida B*.

— Você mora na Avenida B?

— E você mora no apartamento A. Acho que o universo está zombando da gente.

— Ou nos dando um *high-five* — falo, batendo na mão dele.

Só que, quando o cumprimento acaba, continuamos de mãos dadas. Mesmo que só por meio quarteirão ou algo assim.

Quando chegamos ao prédio dele, meu coração está martelando no peito.

Não há porteiro nem elevador, mas uma escadaria que nos leva a um apartamento também vazio. E, assim que a porta se fecha, ele segura meu rosto com as duas mãos e faz carinho nas minhas bochechas com os polegares. Mas não me beija de cara. Só olha para mim e abre um sorriso discreto.

— Quero te mostrar uma coisa — diz ele, tirando minha bolsa do ombro.

— Que tipo de coisa?

— Uma coisa incrível.

— E eu já vi algo assim antes?

— Não sei. — Ele sorri de um jeito tão meigo que meu coração dispara.

— Está no meu quarto.

— Ah...

— Então... é melhor a gente...

— Claro. Sim. Sim.

Eu o sigo até o quarto, que está irreconhecível e completamente diferente do que vi no domingo, e deduzo que isso só pode ser efeito da vibração sexual no ambiente. Estou quase tremendo de tão nervoso. Não consigo assimilar essa possibilidade nova e estranha, essa obsessão que não sai da minha cabeça há anos. Eu jamais poderia ter previsto as circunstâncias deste momento... esta noite específica, este lugar específico, este garoto específico. Sempre pensei que pareceria algo grandioso, e não parece, mas gosto que seja assim. Não é um campo sob um céu estrelado, mas é melhor, porque é com o Ben.

— Então.

Ele se senta na cama, e me acomodo ao seu lado.

Ben se estica para o lado e puxa o laptop da mesa de cabeceira. Observo enquanto ele passa pelos programas e devo admitir que essa é uma parte inesperada do processo, mas talvez ele queira colocar algum pornô. Acho que já ouvi falar de pessoas que fazem isso... transam com um pornô ao fundo. Não vejo bem por quê, é como assistir a vídeos do YouTube no cinema. Mas talvez não tenha a ver com pornô. Talvez tenha a ver com a *Guerra do Mago Perverso*, e ele esteja abrindo uma cena de sexo recém-escrita para nos inspirar. Nessa imagem eu poderia embarcar.

— Ok, aqui vamos nós.

Ben chega para trás na cama, e acabamos lado a lado, nossas costas contra a parede. Então ele vira o laptop para mim.

É... um jogo.

— Fiz um Sim seu — diz ele, tímido. — Olha, é você.

E lá estou eu, no centro da tela, cabelo despenteado, camisa de botão e gravata-borboleta. Na verdade, é até um pouco assustador o quanto meu avatar se parece comigo. Sei um pouco sobre esse jogo, porque Jessie adora, mas o nível de detalhes me pega de surpresa. Não são só as roupas ou as cores. O Arthur Sim tem minhas feições. Eu arqueio as sobrancelhas, perplexo.

— Por que tem um diamante verde flutuando em cima da minha cabeça?

— Você nunca jogou? — pergunta Ben.

Balanço a cabeça.

— Sério?

— Sério.

— Então hoje vai ser uma grande noite para você.

Forço um sorriso, mas minha mente não para de girar. Então é isso. Vamos jogar *The Sims*. Esta é a grande noite do Ben. Ele me apresenta o seu avatar, que é basicamente o Ben vestido de Harry Potter, e em circunstâncias normais eu ficaria superencantado com isso, mas não consigo parar de pensar nas trinta e seis camisinhas abrindo um buraco na minha bolsa carteira. É meio difícil ficar empolgado em perder minha virgindade Sim quando eu tinha certeza de que ia perder minha virgindade real, sabe? Mas acho que a culpa é minha por criar tantas expectativas.

Mas sério, três horas e meia sozinhos no apartamento dele, sem seus pais, e é isso que ele quer fazer? Essa é a única atividade que ele pensou em fazer na cama?

— Temos uma casa incrível — ele me informa. — Ah, e nós moramos com o Dylan.

— É claro.

Tenho que admitir, nossa casa Sim é demais. Ben não tem pudor de usar macetes para conseguir dinheiro no jogo, então temos uma piscina coberta enorme e um terraço para festas. Há uma escultura de dragão no foyer e uma pista de dança iluminada no quarto do Dylan, e o quintal inteiro é um parque de diversões, com direito a montanha-russa, carrossel e túnel do amor.

— Para você e o Dylan? — pergunto.

— Não deixamos mais o Dylan andar nele — diz Ben, sem mais explicações.

Ele nos leva para nosso quarto no andar de cima. NOSSO QUARTO.

— Dividimos um quarto?

— Tudo bem com isso? É que a casa era minha e do Dylan, e eu meio que... coloquei você no meu quarto.

Ele parece nervoso, o que me dá coragem o suficiente para me aproximar.

— Tudo ótimo — falo, apoiando a cabeça em seu ombro. — Gosto de ser seu colega de quarto.

Ele passa o braço em volta da minha cintura e me dá um beijo de leve na testa.

E de repente algo muda. Não saímos do jogo, mas ele empurra o laptop para cima do travesseiro. Então... é difícil explicar, mas Ben me puxa para cima dele, e não estamos exatamente deitados, mas também não exatamente sentados. Ele desliza as mãos por baixo da minha camisa e acaricia minhas costas, e o calor que emana de seu toque me deixa zozinho. Passo os dedos pelo cabelo dele e o beijo com vontade, sem pensar em mais nada, e a música e as conversas do jogo vão sumindo ao fundo, nem de longe tão altos quanto as batidas do coração do Ben.

Ele se afasta um pouco, sem fôlego.

— Que tal tirar isso? — pergunta, pressionando um dos botões da minha camisa com o polegar. Parece levemente aterrorizado.

— Quer que eu tire?

Ben faz um sim apressado com a cabeça.

— Ok. — Eu me movo alguns centímetros para o lado, saindo um pouco de cima dele. Meu coração bate tão rápido que está praticamente zumbindo.

— Só para você saber, é meio difícil desabotoar qualquer coisa quando suas mãos estão tremendo — falo, e rimos, mesmo não sendo uma piada. Estamos os dois sem fôlego.

Ben sorri para mim, seus olhos parando primeiro no meu rosto, depois no peito, e então na camisa social amassada no meu colo.

— Camiseta bonita — diz ele, segurando a bainha.

Ben olha nos meus olhos, como se perguntasse se pode ir em frente, e eu assinto. Quando dou por mim, estamos deitados, de cueca.

— Está tudo bem? — pergunta ele com delicadeza, e confirmo com o rosto em seu pescoço.

Ele passa as pontas dos dedos pelas minhas costas e meus ombros, e então me beija com vontade. Não consigo me acostumar com o calor de sua pele contra a minha. Passo a mão pela barriga dele, o que o faz se contorcer.

— Isso foi ruim ou...

— Não, está tudo bem.

Ele solta o ar. Nós olhamos um para o outro, sorrindo.

— Então — falo, finalmente. — Nós queremos tentar...

Ele arregala os olhos.

— Você quer?

— Talvez. Sim.

— Ok. Sim.

Ele me abraça ainda mais. E, por um instante, ficamos assim: peito com

peito, bochecha com bochecha. Então, lentamente, seus dedos se aproximam da minha cueca, deslizando por baixo do elástico da cintura.

— Ainda está tudo bem?

Ai, meu Deus. Rio, ofegante.

— Sim.

Isso está mesmo acontecendo. Está acontecendo. Está acontecendo, e meu corpo inteiro sabe disso. Sua mão desce mais alguns centímetros. Acho que minha ereção vai durar para sempre. Seus olhos estão fixos nos meus. Ele parece nervoso. E me segura como se eu fosse frágil.

Mais alguns centímetros, e meu coração pula para a garganta. Porque... como isso é real? Como isso pode ser possível? Como sou o mesmo eu que acordou esta manhã numa beliche?

— Ainda está tudo bem? — pergunta Ben, cuidadoso.

Faço que sim, mas, por algum motivo, estou à beira das lágrimas. Eu só... sei lá. Como isso está acontecendo? E como isso funciona? Não, sério, como isso funciona na prática? Quem coloca que partes onde e em que ordem? E quando a camisinha entra na história? E quanto ao lubrificante? Não sei merda *nenhuma* sobre lubrificante. E ainda tem o Ben, me olhando de um jeito todo fofo, com esses olhos e essas sardas. Ele já deve conhecer toda a mecânica, e eu provavelmente deveria alertá-lo que meu desempenho vai ser o pior possível. A menos que ele já tenha percebido. Meu Deus. Ele com certeza já acha que isso é um erro, e que eu sou um erro, e que sexo é um erro, e, além disso, o que é sexo, afinal? É tão ESTRANHO. Que coisa mais estranha para se querer fazer. Ou talvez seja eu que...

— Você está bem? — pergunta Ben.

— Estou surtando.

— Ah. — Ele arregala os olhos. — Tudo bem.

— Desculpa.

— Não! Arthur. — Ele me beija com cuidado e abre os braços. — Está tudo bem mesmo, ok? Vem cá.

Apoio minha cabeça em seu ombro, e ele me abraça com força.

— Desculpa, mesmo — sussurro.

— Não se desculpe. — Ele me beija mais uma vez. — Se você não está pronto, não está pronto. Tudo bem.

— Mas eu estou pronto! Pensei que estivesse. — Enterro meu rosto em seu pescoço. — Eu só... Não sei.

— Nós tentamos de novo outro dia. Nada de mais.

— Não temos muitos outros dias.

Ele descansa a cabeça na minha.

— Eu sei.

Ficamos em silêncio por um tempo, só respirando.

— Está decepcionado? — pergunto.

— De jeito nenhum. Estou só feliz por você estar aqui.

— Eu também. — Pareço ter um nó na garganta. — Ai, Ben.

— Que foi?

— Gosto mesmo de você. É meio assustador.

Ele se ajeita para me olhar.

— Por quê?

— Bem, para começar, você me faz não querer ir embora de Nova York.

— Também não quero que você vá embora — diz ele.

— Mesmo?

Ele sorri.

— Você acha que não estou levando isso a sério?

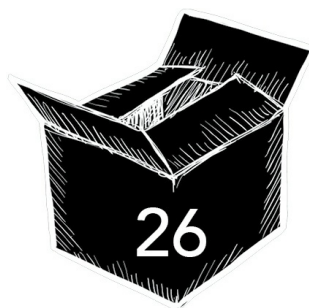
— Não sei. — Suspiro. — Não sei como deveria ser ou parecer. Só sei que gosto muito de você. Isso é sério para mim.

— Também estou falando sério sobre o que sinto por você.

— Mesmo? — repito.

— Arthur, meu Deus. — Ele me beija. — *Te quiero. Estoy enamorado.* Você nem sabe quanto.

Eu não falo uma palavra de espanhol, mas, quando olho para ele, entendo tudo.



BEN

Segunda, 30 de julho

O VERÃO REALMENTE chegou com tudo.

Posso ter perdido algumas primeiras vezes importantes com o Hudson, mas namorar Arthur parece uma chance de ter segundas primeiras vezes. Cada beijo com ele é uma descoberta, como se ficássemos mais confortáveis cada vez que respiramos. E ainda não transamos, o que é ótimo. Não ótimo do tipo *não queria fazer isso*, porque, uau, eu realmente queria e ainda quero. Mas ótimo porque não estamos exagerando só para fazer o outro feliz. Sou o cara certo para ele, ele é o cara certo para mim, e isso parece mais do que certo — o universo sabia que era amor antes mesmo de nós sabermos.

Ainda não sei o que será da gente depois que Arthur for embora. Ele faz dezessete anos no dia 4 de agosto. Não tenho dinheiro para comprar nada extraordinário, mas meus pais também nunca foram de gastar rios de dinheiro com presentes. Eles fazem os próprios presentes. Em vez de comprar uma cafeteira para o meu pai que provavelmente só duraria um ano, minha mãe fez uma caneca com a frase *Eu te amo, Diego*, que ele adora. Tipo, se o apartamento estiver pegando fogo, ele vai salvar nós dois e a caneca. E, em vez de comprar um novo livro de orações para a minha mãe, ajudei meu pai a fazer uma gravação em que ele recita os versículos bíblicos preferidos dela, para que minha mãe pudesse ouvir todas as manhãs.

Por isso, meu presente para Arthur vai ser incluí-lo em *A Guerra do Mago Perverso*. O pequeno e poderoso Arturo, que não faz ideia do que é ficar de boa e relaxar um pouco. Ele veio da terra da Grande Geórgia para Ever York para conseguir algumas habilidades e assim conquistar acesso à Casa Yale. Mas então ele conhece Ben-Jamin, e o resto da história vai tratar apenas de Ben-Jamin e Arturo tornando-se reis que se pegam muito.

Mas antes do grande dia de Arthur, vamos todos comemorar o épico aniversário de Harry Potter e J. K. Rowling amanhã na casa do Dylan. Vamos ver *A Pedra Filosofal*, comer feijõezinhos de todos os sabores e enviar uma foto para a J. K. Rowling no Twitter para ver se ganhamos um *like* dela.

Estou tão feliz por tudo estar se encaixando.

Mas, mesmo assim, as segundas de recuperação são particularmente ruins. Pelo menos faltam apenas dez minutos para a aula acabar, e mais tarde vou encontrar o Arthur. Ele vai me ajudar a estudar e depois vamos jantar com meus pais e o Dylan.

Um clarão de relâmpago e o estrondo alto de um trovão faz todo mundo

se virar para a janela. Harriett tira uma foto melancólica que vai lhe render mais likes em uma hora do que eu conseguiria em uma semana. Hudson é o único que não tirou os olhos da mesa, perdido em pensamentos, enquanto todo mundo se anima com a primeira chuva daquele mês escaldante. Do nada, Hudson me encara, como se sentisse que eu o observava. Pelo canto do olho, noto que ele continua na mesma posição.

— Vamos encerrar por hoje — diz o sr. Hayes. — Amanhã faremos um teste sobre identificação de partículas subatômicas. Só esperem um pouco até a hora de sair.

Harriett se vira na cadeira para falar com Hudson. Eu e ela costumávamos fazer o mesmo na aula de inglês. No início, conversávamos sobre nossas músicas favoritas, e então os papos passaram a girar em torno do Hudson. Agora só nos cumprimentamos com um sorrisinho sem graça quando ele não está olhando.

Hudson se levanta da cadeira e vem na minha direção, provavelmente para sair pela porta dos fundos e chegar mais rápido ao banheiro. Mas então ele para do meu lado.

— Posso me sentar um segundo?

— Humm. Claro.

De repente, estamos cara a cara pela primeira vez desde o segundo dia da recuperação.

— Como você está? — pergunta ele, batendo as pontas das unhas umas nas outras.

— Humm. Bem. — Não estou mesmo entendendo o que está acontecendo aqui. — Tudo certo?

— Não nos falamos há um tempo... — diz Hudson.

— Sim.

— Queria conversar.

— Sobre o quê?

Hudson respira fundo.

— Não quero falar sobre a gente. Sei que acabou por causa de tudo o que aconteceu, e eu... vi uma foto sua com Dylan no karaokê e mais outro cara...

— Você andou vendo meu Instagram? Não era você que estava *hashtag seguindo em frente*...?

Droga. Eu mesmo me entreguei. De novo.

Hudson sorri.

— Você também andou me fuxicando. Talvez a gente possa colocar a conversa em dia em vez de ficar acompanhando atualizações pelo Instagram. Talvez possamos tentar ser amigos de novo. Harriett também quer isso. Ela também sente sua falta.

Meus braços ficam arrepiados. Não gosto de ver que Hudson ainda tem algum efeito sobre mim. Ele é o cara que me beijou, transou comigo, me contou segredos e me deixou acreditar que algo sério estava acontecendo.

Tudo seria tão mais fácil se eu pudesse ser um daqueles ex-namorados que ficam felizes por saber que o outro sente sua falta — e não dar a mínima para isso, até porque tenho um namorado ainda mais incrível. Mas a verdade é que eu quero ser amigo dele. E da Harriett também. O único arrependimento que tenho por ter namorado o Hudson é não poder ter retomado a amizade que tínhamos antes do término. Agora talvez possamos consertar isso.

— Tudo bem — concordo. — Vou jantar com o Arthur e o Dylan mais tarde, mas podemos sair para conversar um pouco.

— Legal. Sem nenhum compromisso ou nada de estranho — diz Hudson. — Talvez um pouco estranho.

— Um pouco estranho está ok — falo. — Mas vou fugir se ficar muito estranho.

— Como daquela vez em que ficamos chamando a Harriett de “mãe”, que nem os seguidores dela?

— Exatamente. Ela tem dezessete anos. Como pode ser mãe de toda aquela galera de quatorze anos?

Uau, talvez isso acabe sendo uma coisa boa. Vou ter meus amigos de volta e poder contar tudo sobre o Arthur para eles e, se não for muito estranho para o Arthur, quem sabe possam se conhecer antes de ele ir embora. Talvez seja difícil convencê-lo, mas acho que ele vai acabar concordando. Podemos sair em grupo, com Dylan e Samantha também.

O sr. Hayes está saindo, e prometi aos meus pais que perguntaria a ele sobre o meu progresso.

— Vejo vocês lá fora — falo, me levantando e apressando o passo.

Ele é muito rápido para alguém de muletas, e estou convencido de que só não vai participar da Spartan Race para não ferir os frágeis egos masculinos de seus adversários.

— Sr. Hayes?

— Sim? — diz ele enquanto descemos as escadas devagar.

— Posso ajudar com a bolsa? Ou a muleta?

— Pode deixar. Obrigado. O que foi?

— Quais são as minhas chances de passar na prova final da semana que vem? Não queria ficar para trás.

— Sei que vir à escola durante o verão não é nenhum parque de diversões, mas é importante você se empenhar ainda mais na próxima semana. Você não está indo mal nos testes, mas...

— Mas também não estou indo bem — completo.

Sinto que vou vomitar. Se sou péssimo nos deveres de casa quando tenho a internet à minha disposição, então vou me ferrar quando formos só eu e a página em branco.

— Você vai chegar lá, Ben. Vou ficar até mais tarde alguns dias na próxima semana para dar uma ajudinha extra. Mas recomendo que passe

mais tempo estudando todas as noites daqui em diante. Talvez vocês possam formar um grupo, para poderem ir testando uns aos outros — diz o Sr. Hayes.

Saímos do prédio. Estou para perguntar quais serão os dias em que ele dará aula até mais tarde quando vejo Arthur sob o toldo de uma loja, protegendo-se da chuva. Ele acena e sorri. Não sei o que ele está fazendo ali, mas meu coração está ainda mais acelerado do que antes.

Tenho que me livrar dele.

— Ok-sr.-Hayes-obrigado-tchau-cuidado-com-a-perna-os-degraus-estão-molhados.

Quase me mato de correr até o Arthur, que vem depressa na minha direção.

— Oi. — Pego sua mão e o arrasto de volta para o toldo. Eu o abraço, dou um beijo nele e o viro de costas para a entrada da escola. — Por que não está no trabalho?

— Estou “passando mal” — diz ele, fazendo aspas no ar. — Vou ficar o resto da tarde fora.

— Por quê?

— Porque queria ficar com meu namorado antes que os pais dele chegassem em casa. Talvez a gente possa tentar de novo. Você sabe.

Não paro de olhar para a entrada da escola. O sr. Hayes passa por nós a caminho do trem.

— Estude bastante — diz ele, aproximando-se para me cumprimentar com um soquinho.

— Pode deixar!

É possível suar quando seu rosto já está molhado?

Se eu escapar dessa, vou endireitar tudo. Vamos lá, universo.

— Quem é aquele cara?

Não vejo Hudson, mas talvez ele tenha saído pela lateral.

— Quem?

— Aquele com quem você estava falando. O cara com as muletas.

— Ah! O sr. Hayes. É meu professor.

— Legal. — Arthur está sorrindo. — Então, será que a gente deveria...

— BEN!

Acho que vou vomitar. Hudson desce correndo a escada e por favor, por favor, por favor, que ele caia e não se levante até Arthur e eu já estarmos bem longe. Arthur se vira, estreita os olhos, e então é tarde demais. Que merda, é tarde demais mesmo.

— Harriett não pode ir com a gente — diz Hudson, aproximando-se. Então se vira para o Arthur. — Cara do panini?

Arthur fica vermelho. Irritado? Envergonhado? Os dois. Sei lá.

— O que está acontecendo aqui, Ben?

— Não é o que você está pensando — falo.

Embora seja verdade, isso não faz de mim um idiota menos clichê.

— O que ele está fazendo aqui? — pergunta Arthur.

Hudson dá um passo para trás.

— Vou te dar um segundo.

— Ben. Por que ele está aqui?

— Ele também está de recuperação.

Pela expressão do Arthur, parece que acabei de dar um soco no rosto dele. Ou no coração. Ele se vira e sai andando na chuva, arrastando a bolsa carteiro no chão. Vou atrás.

— Então é isso? Você fica saindo com seu ex-namorado depois da aula? Ele ao menos sabe de mim? Você está enganando os dois?

— Íamos sair justamente para falar sobre você!

— E desde quando vocês saem?!

— Hoje seria a primeira vez, juro!

Arthur joga a bolsa na parede.

— NÃO! Você só foi pego no flagra hoje, é diferente. Essa é a única primeira vez. — Ele se curva, com a mão na barriga. — Acho que vou vomitar. — Coloco a mão em suas costas, e ele me afasta. — NÃO TOCA EM MIM!

— Arthur, por favor, me ouve. Sei que parece ruim. Catastrófico. Mas juro que amo...

— Em que espécie de mundo às avessas você vive onde o ex-namorado está mais por dentro das coisas do que seu namorado? — Arthur se endireita. Então pega a bolsa e andamos até o quarteirão seguinte com uma distância um pouco maior entre nós. — Como ele fica sabendo sobre mim, mas eu não sei sobre ele?

— Não queria magoar você — falo. — Tentei contar, mas parecia cada vez mais difícil e pior à medida que eu demorava mais para falar, e...

— Então você deveria ter dito alguma coisa!

— Deveria, mas não aconteceu nada entre a gente. Não posso mudar o fato de estarmos na recuperação juntos. Desculpa se não somos tão bons quanto você nos estudos.

— Nem tente virar o jogo e colocar a culpa em mim! Não estou chateado por você estar de recuperação, não ligo para isso. Mas teria sido bom saber que Hudson estava lá com você.

— Ah, claro, como se você fosse ficar tranquilo com isso. Você claramente não confia em mim. E por que deveria, né, nos conhecemos há menos de um mês. — Respiro fundo. — Tínhamos tantas expectativas, e sinceramente não tinha certeza se conseguiríamos corresponder a todas elas, mas então conseguimos.

— Ben, pode parar por aí. Não preciso ouvir que isso não era real para você desde o início.

— Era real, mas de que adianta? Você vai embora em uma semana.

Arthur fecha os olhos, trêmulo. Quando os abre de novo, vejo muita mágoa e raiva.

— Então você vai ficar aí e agir como se tudo isso fosse coisa da minha cabeça? Todos os primeiros encontros e conhecer seus pais e seus amigos e... tudo.

— Não era...

— Você devolveu a caixa para o Hudson?

— O quê?

— A caixa que ia enviar no dia em que nos conhecemos.

A chuva dá uma trégua.

Não digo nada.

Não posso mentir para ele, mas dizer a verdade é ainda pior.

Arthur balança a cabeça.

— É *por isso* que não confio você. Espero que você e Hudson tenham uma péssima vida juntos. — Então olha bem nos meus olhos. — Acabou.

Tento pegar o braço dele.

— Arthur.

— Não! Chega. Mal posso esperar para ir para casa.

Não acho que ele esteja falando do apartamento do tio Milton.

Arthur se afasta e, embora eu seja um grande idiota, sou inteligente o bastante para saber que não devo ir atrás dele.



ARTHUR

Segunda, 30 de julho

É CLARO QUE está chovendo. É óbvio. Estou encharcado até a cueca, com água pingando dos cílios, e tudo dói. Perda total.

Ben e Hudson. Esse tempo todo. Muito bem, universo. Que bela maneira de provar que nunca esteve do nosso lado. Que bela maneira de provar que nem mesmo existe. Não existe um grande plano, destino, nada. Apenas a gente. Só eu tentando demais. Só Ben não tentando o suficiente. Mas, ei... por que se esforçar por um cara que você mal conhece, não é? Porque acho que é assim que ele me vê. Só um turista idiota para entretê-lo durante o verão.

Sinto um zumbido repentino no meu bolso. Meu telefone está protegido da chuva num Ziploc, mas vou para debaixo de um toldo mesmo assim. Só para dar uma olhada. Se for ele, não vou atender.

Mas não é. Surpresa. É só a Jessie, aparecendo sem aviso para uma conversa pelo FaceTime. Tiro o telefone da proteção e recuso a chamada... mas então me sinto mal e mando uma mensagem. **Desculpa, estou na rua e está chovendo**

Ela responde imediatamente. **Você pode ir a algum lugar para a gente conversar? É importante.**

Sinto um aperto no peito. *É importante.* Não gosto nem um pouco dessa frase. É séria demais, urgente demais. Talvez seja sobre a Coisa Complicada. Só que talvez não seja apenas uma Coisa Complicada. Talvez seja uma Má Notícia Complicada, uma péssima notícia mesmo, que ela tem tentado me contar há dias. Talvez eu seja um péssimo amigo.

Me dá um segundo

Nem paro para pensar. Vejo um cara de regata entrando em um prédio residencial ali perto.

— Ei! — chamo. — Desculpa, você pode segurar a porta? Minha chave está...

Paro de falar, sem jeito, mas acho que o cara de regata deve ter acreditado, porque fica com o pé na porta, me esperando.

O saguão não tem quase nada — nenhum sofá, nem mesmo um banco. Apenas algumas caixas de correio, uma planta falsa e uma cadeira de madeira. Desabo nela, me sentindo gelado, úmido e estranho. Jessie aceita minha ligação pelo FaceTime no mesmo instante.

Ela está com o Ethan. Estão no sofá do porão dele. Engulo em seco.

— Oi. Está tudo bem?

— Humm, Arthur, você está bem?

— O quê? — Dou uma olhada no meu rosto no retângulozinho que mostra minha imagem na tela e: uau. Estou horrível. Acabado mesmo. — Estou bem. Só molhado.

— Que bom.

Ela fica em silêncio por um momento, e Ethan mal faz contato visual comigo.

— Então... — falo, por fim. — O que houve?

— Está bem, vou contar de uma vez.

Ela hesita, e sinto um nó cada vez maior na garganta. Nunca a vi assim.

— Jess? — chamo, com a voz suave.

Ela respira fundo e então dispara:

— Estou namorando.

Sinto o coração parar.

— O quê?

— Estava tentando contar faz um tempo.

Ela sorri, nervosa.

Forço um sorriso.

— Namorando. Uau.

Quero dizer, isso é bom. É uma coisa boa. Ainda mais levando em conta que, trinta segundos atrás, pensei que ela estivesse morrendo. E sim, estou feliz por ela. É óbvio. Mesmo que seja um pouco surpreendente.

— Ok... então, qual é o nome dele?

— Bem. — Ela olha para o lado. — Ethan.

— Sério?

— Não, quero dizer que Ethan e eu somos um casal.

Congelo.

— Um casal de quê?

— Muito engraçado — diz Jessie. Ela não ri.

— Espera. Então... — Sinto um aperto no peito. — Vocês são tipo... um casal *casal*?

Ethan assente.

— Sim.

— Um com o outro?

— Sim.

— Desde quando?

— Bem. — Jessie sorri meio sem jeito. — Desde a festa de formatura.

— O QUÊ?

— Sim. — Ela enrosca o dedo no cabelo. — Certo, você se lembra daquela hora... estavam tocando uma música do Chris Brown, e saímos da pista em protesto e encontramos Angie Whaley chorando no corredor,

porque Michael Rosenfield tinha dado um fora nela, e Ethan ficou tipo “esse cara é um babaca”...

— Ele é um babaca — solta Ethan.

— Certo, mas aí ela chorou ainda mais e você estava abraçando ela, e eu arrastei Ethan para longe para ele não piorar tudo. — Jessie morde o lábio.

— Lembra?

— Vocês ficaram enquanto eu estava consolando a Angie?

— Mais ou menos — responde Ethan.

Balanço a cabeça.

— Não acredito.

— Quero dizer, foi o que aconteceu — diz Ethan.

— Vocês estão me dizendo que estão juntos há dois meses, e o quê? Não pensaram em me falar nada?

— Nós tentamos! Tentamos várias vezes. Mas nunca parecia um bom momento, ou você estava falando sobre o Ben...

— Ah, tá. É por causa de mim e do Ben. Claro...

— Não! Art, não foi o que eu quis dizer. Você tem todo o direito de ficar empolgado com o Ben. Ele é seu primeiro namorado...

— Ele não é mais meu namorado! — dispero.

— O QUÊ? — dizem Jessie e Ethan em um uníssono arrepiante e quase perfeito.

— Isso parece... sério — diz Ethan. — Quer nos contar o que houve?

— Estranho que vocês já não saibam, já que falo tanto dele.

— Arthur. Poxa. Nós nunca dissemos isso!

Uau. Então, Ethan e Jessie são um *nós*. Que lindo. Que linda nova era para a nossa amizade. Engulo o nó na minha garganta.

— Deixa pra lá. Vão lá se pegar ou transar ou seja lá o que...

— Podemos conversar sobre isso? — diz Jessie. — Não quero que fique estranho entre...

— Você não quer que fique estranho? — Dou uma risada áspera. — Vocês estão namorando escondido de mim há meses, mas isso não é estranho?

Jessie suspira.

— Queríamos ter contado! Logo que começou. E íamos mesmo. Mas era meio, sei lá... Ficávamos pensando: *O que estamos fazendo, isso vai dar em alguma coisa*, e só estávamos tentando entender. E também foi naquela noite que você contou para a gente que era gay, Arthur! Então, obviamente, não queríamos roubar seu momento...

— Ah, sinto muito por ter arruinado o momento de vocês dois saindo do armário. Que inconveniente da minha parte.

— Cara, nós não queríamos arruinar o *seu* momento.

Eu encaro Ethan.

— E desde quando você se importa com o meu momento?

— Como assim?

— Humm, você tem andado estranho comigo desde, vamos ver, *literalmente* desde o segundo em que contei que era gay.

Ethan parece perplexo.

— Você acha que tenho problemas com o fato de você ser gay?

— Então o quê, é só uma grande coincidência você não ter me mandado nenhuma mensagem fora do grupo desde a noite da formatura? Você percebeu isso, pelo menos? — Sinto meus olhos começarem a arder. — Não conseguimos nem trocar mensagens sem a Jessie supervisionando tudo. Mas, claro, você não tem *nenhum* problema com isso.

Ethan olha para mim como se eu tivesse acabado de dar um soco nele.

— Não tenho nenhum problema com isso mesmo.

— Bom, se não foi isso...

— Arthur, nós já sabíamos que você era gay.

Sinto meu coração ir parar na garganta.

— O quê?

— Quero dizer, nós não *sabíamos*, mas imaginávamos. Você não é muito sutil... com nada.

— Espera aí. Vocês sabiam que eu era gay, mas fingiam que não...

— Art, não foi assim — diz Jessie. — Só queríamos que você contasse quando estivesse pronto.

— E então iam fingir surpresa quando eu contasse. Esse era o plano o tempo todo, né?

— Não. De jeito nenhum...

— Adoro saber que vocês tinham preparado toda uma estratégia. É incrível, de verdade. — Balanço a cabeça. — Deve ter sido muito interessante ficar falando sobre isso pelas minhas costas. No meio da pegação de vocês. Caramba. Mais algum segredo que queiram me contar?

— Arthur! Meu Deus. Sabia que você ia criar um climão.

— Ah, sou eu que estou criando climão? Vocês estão namorando! Desde o início do verão!

— Eu sei. E nós tentamos...

— Escuta, não tenho problemas com o fato de você ser gay — diz Ethan de repente, passando a mão na testa. — Eu estou estranho por causa da Jess, Ok? Isso é novo para mim também. Não sei como fazer. Queria contar tudo, como você faz com o Ben...

— Uau. — Dou uma risada áspera. — Acho que é seu dia de sorte, então, porque adivinha sobre quem não quero falar *nunca mais*...

— Não. Arthur. — Ethan parece aflito. — Não foi o que eu quis dizer. Ok. Isso não está... olha, sei que escolhemos um péssimo momento, mas, agora que você já sabe, acho que... é isso. Desculpa, sério. Mas cara, só preciso que saiba que não tenho nenhum problema com você. Nunca tive. Só estávamos tentando encontrar a melhor forma de contar, e queríamos

fazer isso juntos, e depois se arrastou por tanto tempo que comecei a sentir como se estivesse mentindo para você. E eu odeio isso.

— Você mentiu para mim. Por meses.

Ethan franze a testa.

— Mas é meio como o negócio de você não querer contar para a gente que era gay...

— Ah, nem vem! — falo, praticamente cuspiando as palavras. — Não se atreva a comparar isso a sair do armário. Não é a mesma coisa, e você sabe.

— Nós sabemos! — Os olhos de Jessie se enchem de lágrimas. — Arthur, desculpa, ok? Você está certo. Você está totalmente certo.

Por um momento, apenas nos entreolhamos. Ethan, Jessie e eu.

— Sei lá... — diz Jessie, por fim. — Achei que você fosse ficar feliz por nós.

— Eu estou!

— E sei que foi um péssimo momento para jogar essa bomba, porque claramente aconteceu alguma coisa com...

— Não quero falar sobre o Ben.

— Não tem problema, Art. Não tem problema.

— Acho melhor encerramos por aqui.

— Você está...

— Desligando agora. — Minha voz sai engasgada.

Então aperto minha bolsa carteiro contra o peito e choro até meu rosto começar a doer.



BEN

Terça, 31 de julho

A ÚNICA PESSOA que deveria ficar chateada no aniversário do Harry Potter é o Lord Voldemort. Mas aqui estou eu, encarando a parede enquanto A *Pedra Filosofal* passa na TV, completamente irritado. Enquanto me dava mal num teste hoje de manhã, Samantha foi mais cedo até a casa do Dylan “para ajudar a arrumar tudo”. Achei que eu ia chegar lá e encontrar cartazes de Hogwarts cobrindo as paredes. Talvez algumas tigelas com doces das cores de cada casa. No mínimo, serpentinas de parede a parede. Mas o apartamento do Dylan está como sempre. A única diferença é a cerveja amanteigada na geladeira, recém-feita, feijõezinhos de todos os sabores em uma tigela de cereal e nossas camisas.

Ninguém leva seis horas para fazer cerveja amanteigada.

Eles provavelmente transaram, cochilaram e transaram de novo.

— Opinião controversa — diz Dylan. Ele toma um gole da cerveja amanteigada, enchendo mais a barba de espuma. Tenho certeza de que está fazendo isso de propósito, na esperança de que Samantha vá lambar, mas ela tem dignidade demais para isso. — Michael Gambon é o melhor Dumbledore.

— Errado. Completamente errado — rebate Samantha. — Richard Harris foi a escalação perfeita. É um Dumbledore nato. Postura, aparência, entrega, tudo.

Dylan ergue uma sobrancelha, cético.

— O tribunal decide que você só pode ter uma opinião sobre o elenco de Harry Potter se já é fã há mais de um ano.

— Posso estar atrasada com relação a este mundo, mas ainda sei mais sobre Harry Potter do que você — diz Samantha. Ela pega a tigela de feijõezinhos de todos os sabores. — Proponho um Torneio-Quiz Tribruxo. Se você acertar a pergunta, escolhe o próprio feijão. Se errar, alguém escolhe para você.

Entro na brincadeira, mesmo que minha cabeça esteja longe dali. Se eu pudesse ir tão bem em química quanto nesse quiz de Harry Potter, nunca estaria nessa situação com Arthur, porque nunca nem teria ficado preso na recuperação com o Hudson. Onde está o maldito vira-tempo quando se precisa dele? Eu voltaria no tempo e nunca namoraria o Hudson. Talvez nem ficasse amigo dele, já que foi assim que tudo começou. Mas aí não estaria nos correios com a Caixa do Término e não teria conhecido o Arthur.

O que também não acabaria em nenhum final feliz.

Dylan quase vomita com um feijão sabor vômito enquanto assisto ao filme. O rato de estimação do Rony, Perebas, aparece na tela, e me lembro de Arthur cantando “Ben” no karaokê. As coisas não eram fáceis na época, mas eram mais simples. Pedir desculpas era o suficiente para seguirmos em frente. Mas agora Arthur deixou de me seguir no Instagram e provavelmente pediu a Namrata e Juliet para conseguirem uma ordem de restrição.

— Sou a pior pessoa do mundo, sério — falo.

Tomo um gole da cerveja amanteigada. Nossa ideia era turbinar as bebidas com rum, e imaginávamos que os pais de Dylan — sendo irlandeses — não se importariam, mas eles não queriam que Samantha voltasse bêbada para casa, então o plano acabou morrendo.

— Estraguei tudo. Eu tinha uma coisa legal com o Arthur. E ele gosta tanto de Nova York... Agora provavelmente nunca vai querer voltar e... eu queria muito que ele quisesse voltar.

Samantha larga o feijãozinho que ia comer e se vira para mim.

— Você fez tudo o que podia. Pode ser que ele precise de um pouco mais de tempo.

— Não fui até a casa dele — falo. — Nem ao trabalho.

— Melhor não fazer isso.

— Por que não? Ele apareceu do nada lá na escola.

— É, mas vocês estavam namorando — diz Samantha.

Não consigo acreditar no quão rápidas as coisas com Arthur foram — de completos estranhos a namorados e então ex-namorados. Não teríamos terminado se Arthur não tivesse tentado me fazer uma surpresa. Mas ele é assim. Alguém que vai além. Alguém que coloca um cartaz para encontrar um garoto de uma cidade em que não mora, mesmo que só esteja aqui de férias.

— Sei que não ia durar, de qualquer maneira — falo.

— Ele só ia ficar aqui mais uma semana, certo? — pergunta Dylan.

— Sim, mas... nada dura. Eu e Hudson não duramos. Eu e Arthur não duramos. Você e Harriett não duraram. Vocês dois não vão durar. Nada dura.

— Humm... — Dylan aponta para si mesmo e Samantha. — Não precisa incluir a gente nisso, Bennison.

— D, é a mais pura verdade. A gente fica falando como se o universo estivesse preparando algo épico para nossa vida e, então, tudo acaba. Se fôssemos um pouco mais realistas, não perderíamos tantas pessoas.

Samantha se levanta.

— Vou lá... humm... pegar mais cerveja amanteigada.

Ela sai do quarto.

— Cara. Big Ben. Que merda foi essa?

— O quê?

— Você está falando que meu relacionamento com a minha namorada não vai durar... na frente da minha namorada. Como se ela não estivesse aqui. Só que ela está.

— É, mas por quanto tempo vai durar?

— Espero que muito tempo.

— Mas provavelmente não vai. Você está todo empolgado com esse relacionamento, que nem da última vez, e vai desapontar a Samantha, assim como fez com a Harriett.

Dylan pausa *A Pedra Filosofal*, e, minha nossa, o cara nunca pausa um jogo, mas ele está dando pausa num filme que já vimos dezenas de vezes.

— É diferente com a Samantha. Ela é...

— O quê, ela é especial? É, bem, conheço algumas outras garotas que também eram especiais. Gabriella e Heather e Natalia e Zoe e Harriett. Esse é o seu padrão. Você faz suas piadas sobre ser coisa do destino e depois segue em frente. Mas não tem ideia do que estou passando agora.

Samantha volta e pega o celular na mesa.

— Vou embora.

— Não. Eu vou — falo, e fico de pé.

— Ótimo. Talvez você possa ir bancar a vítima com alguém que não o conheça direito — diz Dylan. — Foi você que partiu o coração do Arthur, Ben. E terminou com o Hudson. Não o contrário. Você pode estar sofrendo, mas não vem se fazer de bobo e achar que é melhor do que eu.

— Esse sou eu. Ben, o idiota da recuperação.

— O quê?

— Deixa pra lá. Eu nem queria ter vindo, na verdade. — Então olho bem fundo nos olhos do Dylan. — Você não precisa do seu melhor amigo quando está com a futura esposa por perto, então volto a falar com você daqui a algumas semanas, quando vocês terminarem.

— Não sei para onde meu melhor amigo foi, mas com certeza estou feliz por esse babaca que se parece com ele estar indo embora — rebate Dylan.

Ele segura a mão da Samantha e fica de costas para mim.

Saio correndo e... caramba. Afastei todo mundo. Afastei, não. Expulsei da minha vida. Nada de Samantha. Nada de Dylan. Nada de Arthur.

Mas talvez eu não precise ficar sozinho.

* * *

Sei que não deveria ir atrás dele. É uma questão de bom senso. Mas não estou preparado para ir para casa. Chego ao prédio, mando uma mensagem dizendo que estou ali embaixo e torço para que ele esteja em casa.

A mensagem chega na mesma hora. **Desço em um segundo.**

E sim, Hudson chega bem rápido ao saguão. Ele tentou falar comigo na

escola de manhã, mas o afastei, porque, afinal, ele é a razão de eu estar nessa confusão.

Não, na verdade não é. Sou eu. Dylan está certo. Nós dois partimos corações, ele está só se fazendo de desentendido. Dylan e eu vamos voltar a ser amigos em pouco tempo e ele vai dizer *Eu falei*, e eu vou dizer *Falou, mesmo*, e ele vai dizer *Mais sexo para nós agora que estamos solteiros de novo*, e vai ficar tudo bem.

Mas agora olho ao redor para me certificar de que Arthur não está por perto — e, quando não o vejo, abraço Hudson e me acabo de chorar.



ARTHUR

Quarta, 1º de agosto

A CENA É patética: eu, de calça de pijama e uma camisa questionavelmente limpa do piquenique da firma de advocacia da minha mãe, sujo de Cheetos, sentado no sofá assistindo a vídeos de Pokémons dançando músicas da Kesha no YouTube. Passei direto pelo Fundo do Poço e fui além, mergulhando de cabeça na Zona Abissal da Fossa. Observem este jovem levar o fundo do poço a novos e extraordinários níveis.

A boa notícia é que o Charizard sabe mesmo dançar.

Mas, nossa. Não converso de verdade com ninguém há dias. Meu pai está em Atlanta para uma entrevista de emprego, e minha mãe está trabalhando até tarde todos os dias. Estou em casa “doente” de novo, óbvio. Espero que para sempre. Nem parece mais uma mentira a essa altura.

Minha mãe chega por volta das oito e se senta ao meu lado.

— Como está se sentindo, querido?

Forço uma tosse, que no meio do caminho se transforma em engasgo.

— Então... nada bem?

— Nada bem — confirmo.

Ela coloca a mão na minha testa.

— Nada de febre. Vamos ficar de olho nisso. — Ela passa a mão pelo meu cabelo. — Vai ficar tudo bem este fim de semana? Odeio deixar você sozinho no seu aniversário.

— Não tem problema.

A questão é a seguinte: sábado é meu aniversário. Minha mãe vai viajar amanhã de manhã para um monte de depoimentos e reuniões e só volta na segunda, e meu pai também, então vou passar meu décimo sétimo aniversário sozinho no apartamento do tio Milton. Claro, a pior parte é saber que poderia ter sido o aniversário mais épico de todos os tempos. Um fim de semana inteiro de lua de mel com Ben. Sem pais. Apartamento liberado. Apenas eu, trinta e seis camisinhas e meu lindo e doce namorado. Também conhecido como o idiota do meu ex-namorado.

— Vou dar seu número para Namrata e Juliet, ok? Vou pedir para verem como você está.

Dou de ombros. Ficamos os dois em silêncio. Ela pigarreja.

— Então, você quer falar sobre...

— Não.

Quero dizer, o que eu falaria? Que pena que não vou perder a virgindade

enquanto você está fora, mãe, porque o Ben partiu a droga do meu coração, e agora estou solteiro e sozinho de novo. Aqui, pega essas seis caixas de camisinha. Nunca vou precisar delas, então tanto faz.

— Bem, se mudar de ideia... — diz ela, franzindo os lábios. Lá vamos nós... — Não sei, Arthur. Seu pai e eu estamos preocupados com você...

— Olha, você não precisa fazer isso.

— Fazer o quê?

— Esse lance de pais unidos. *Seu pai e eu*. Dá um tempo.

— Filho, eu...

— Sabe o que é incrível? Como todos vocês ficam por aí mentindo para mim. O tempo todo. Porque, ah, é o Arthur, ele não consegue lidar com segredos tão grandes e terríveis. — Jogo as palmas das mãos para cima. — Vocês querem se divorciar? Ótimo. É só me *dizer*.

Minha mãe parece perplexa.

— Divorciar?

— Ah, *por favor*.

— Como assim, Arthur? Seu pai e eu estamos bem.

— Vocês não estão bem.

Ela me olha de um jeito estranho.

— Há quanto tempo você anda se estressando com isso?

— Desde sempre! Vocês têm brigado sem parar o verão inteiro.

— Meu amor, não. Só tem sido um período difícil, com seu pai desempregado e...

— Ah, pode acreditar, eu percebi. Vocês precisam aprender a ter brigas mais silenciosas.

Sinto como se alguém tivesse tirado todo o ar da sala. Fico encarando minhas mãos, e juro que consigo ouvir meu coração batendo.

— Ok, por que não ligamos para o seu pai, então?

— Agora?

Deixo escapar um gemido e cubro o rosto.

Ela pega o telefone e se levanta, murmurando algo baixinho. Mas nem tento ouvir. Estou cansado de me importar. Estou cansado de *tentar*. É isso que eu preciso fazer: parar de me importar e de tentar. Assim como meus pais pararam de tentar um com o outro.

Assim como Ben parou de tentar comigo.

Ben, que me mandou uma única mensagem. Literalmente uma vez. E só. Isso é o quanto ele estava disposto a lutar por mim. Mas para que lutar, certo? Para que lutar por um garoto que vai voltar para a Geórgia, quando se tem Hudson sentado a sessenta centímetros dele o verão inteiro? É sim, sei que ele não tem como controlar isso. Mas ele mentiu. Todos os dias. Em cada palavra que disse. Ele nem sequer se livrou da caixa.

Minha mãe volta para a sala e me entrega o telefone.

— É o seu pai. Está no viva-voz.

— Oi — falo, seco.

— Então, quem falou para você que vamos nos divorciar?

Ele parece achar graça, o que é irritante.

— Hã, bem, considerando que vocês não conseguem passar nem cinco minutos sem agirem como idiotas um com o outro, não é preciso ser nenhum gênio...

— Uau. — Minha mãe se senta de novo no sofá e me abraça. — Por favor, não nos poupe de nada.

— Filho, não vamos nos divorciar — diz meu pai, rindo.

— Vocês podem me falar! Sejam sinceros.

— Estamos sendo sinceros! — Ela balança a cabeça. — Arthur, nós sempre discutimos. É o nosso jeito. Não somos perfeitos. Relacionamentos são complicados. Você e Ben não foram cem por cento calmaria também...

— Isso não tem nada a ver com o Ben!

— Art, só estou dizendo que às vezes as coisas ficam estressantes. Você estraga tudo, diz a coisa errada, tira o outro do sério...

— Mas vocês são casados. Deviam ter a cabeça no lugar.

Minha mãe deixa escapar uma risadinha abafada... e, quando olho para ela, está rindo com vontade em direção ao nome do meu pai na tela do telefone. Isso é um pouco desnorteante — é como pegar Valjean e Javert de mãos dadas. Mas talvez meus pais sejam mesmo o tipo de casal que fica junto no sofá no sábado à noite. E também um casal que briga sobre coisas idiotas. Talvez sejam as duas coisas.

— Então são problemas normais — concluo, por fim. — Não problemas que podem levar ao divórcio?

— Uma grande onda de problemas normais. Nada fora do padrão — diz ele.

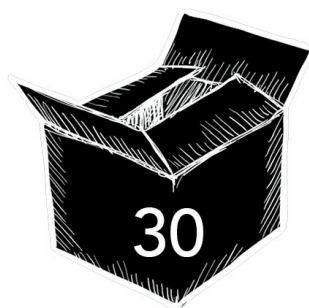
Minha mãe me abraça.

— Será que você não deveria dar à sua grande onda de problemas outra chance de se explicar?

— Shh. É diferente.

— Ah, filho. Se você está dizendo...

Talvez o universo não odeie toda a família Seuss, mas ele definitivamente me odeia.



BEN

Quarta, 1º de agosto

SAIR COM HUDSON e Harriett tem sido bem fácil. A sensação é a mesma de quando a primavera chegou e tive que deixar minhas botas de inverno de lado e voltar para os tênis do ano passado: cresci um pouco, mas eles ainda serviam. Temos conversado bastante e nos atualizado sobre tudo o que aconteceu desde que Hudson e eu brigamos, embora nem tenhamos mencionado o término. Mesmo ontem à noite, quando fui à casa do Hudson, ele só me ouviu resmungar sobre o Arthur e o Dylan. E está sendo o amigo que costumava ser.

— Estou morrendo com o Instagram do sr. Hayes — diz Harriett quando saímos da loja de frozen yogurt, com um smoothie em uma das mãos e o celular na outra.

— Nem sabia que ele tinha um.

— Quando se tem um rosto como o do sr. Hayes, seu Instagram aparece magicamente para os outros.

Sentados em um banco com Harriett no meio, nós nos aproximamos do telefone enquanto ela mostra o perfil do nosso professor. Confesso que esperava fileiras e mais fileiras de selfies sem camisa, mas, apesar de definitivamente existirem algumas, todo o resto é motivacional: como parar de acumular coisas em casa, dicas para viver de forma minimalista, cafés da manhã balanceados e um megacheeseburger que ele comeu na Alemanha.

— Está vendo, ele sabe aproveitar a vida — diz Harriett. — Dá uma olhada no feed. Ele já foi a vários países. Preparem-se, porque meu Instagram um dia vai se transformar em um mar de anúncios de comida orgânica para bebês, chiclete sem açúcar e xampu de leite de cabra. Tenho que economizar para me jogar no mundo.

— Depois você vai voltar para uma vida de selfies? — pergunta Hudson.

— A enxurrada de selfies é muito importante; se eu passar dois minutos no Instagram sem ver o seu rosto, provavelmente vou esquecer como ele é.

— Você não vai ficar fazendo piada das minhas selfies quando vir fotos minhas sozinha em barcos, montanhas e no colo de caras gostosos.

— Você não ia querer alguém para te fazer companhia nessas viagens? — pergunto.

Se eu tivesse dinheiro para viajar o mundo, ia querer levar o Dylan. Ele está em todas as minhas histórias, e eu gostaria que fizesse parte das novas

também, quando as coisas se acertarem. Se as coisas se acertarem.

— Está se oferecendo?

— Aham, claro.

Dou uma risada.

Os pais de Harriett ganham bem e adoram mimá-la. Meu Instagram não chega nem perto do dela e eu jamais conseguiria ganhar um dinheirinho extra com ele.

— Mais pra frente, quero dizer — brinca Harriett. — Depois que você vender seu livro e estiver nadando no dinheiro da Netflix e de parques de diversões.

— Não exagera.

A *Guerra do Mago Perverso* parece um desperdício de tempo agora. Arthur era meu maior fã, e duvido que alguém fosse gostar da história tanto quanto ele. E ele era meu namorado. Se eu quisesse postar a história em algum lugar público, como o Wattpad, estaria abrindo a porta para o feedback de estranhos que não se importam se esta é a história da minha vida.

— Estou só dizendo. Sentimos muito a sua falta, Ben — diz Harriett. Hudson lança um olhar para ela. — Que foi? Vamos parar de agir como se não houvesse um grande elefante gay na sala e tentar seguir em frente. — Ela segura nossas mãos. — Somos todos amigos, certo?

Não exatamente, mas digo “Somos” de qualquer maneira.

— Sim — diz Hudson.

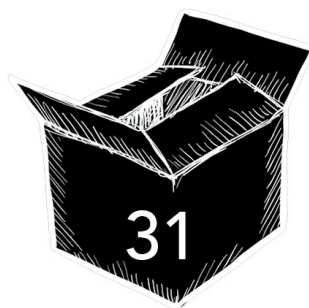
Espero que ele esteja falando sério.

— Então vamos ser amigos de novo — diz Harriett. Pergunto-me se ela sente falta do Dylan. — O que você vai fazer em relação ao Arthur? Tentar falar com ele? Seguir em frente? Fala o que está pensando para podermos te apoiar.

— Queria que o Arthur me desse uma chance de explicar o que aconteceu... Sei que é meio inútil porque ele vai embora, mas não queria que as coisas terminassem dessa forma entre a gente. E Dylan... — Eu me viro para Harriett, que faz um gesto para eu continuar. — Passei dos limites. Mas o que falei também era verdade. Só acho que tudo seria mais simples se eu pudesse ter meu namorado e todos os meus amigos e não sentisse que as pessoas sempre têm que escolher entre uma coisa e outra.

Paro por aí, porque já passamos por isso quando Dylan terminou com a Harriett. Ser amigo dela era estranho para Dylan, e me ver tentando ser amigo do Hudson foi estranho para Arthur. Mas talvez não seja assim que a vida funciona. Talvez as pessoas façam parte da sua vida por um tempo, você aproveita o que lhe dão e usa isso na sua próxima amizade ou relacionamento. E, se tiver sorte, talvez algumas pessoas voltem depois de você pensar que tinham ido embora para sempre. Como Hudson e Harriett.

E talvez esse seja o recomeço do qual eu estava precisando.



ARTHUR

Sexta, 3 de agosto

SÓ EU E você amanhã, Obama.

Sozinho no apartamento do tio Milton, cercado por cavalos, e tendo como única companhia o entregador do delivery de comida. Seria uma boa imprimir uma foto do rosto do Barack e colar em um palito de picolé — até porque, mesmo solteiro, sem amigos ou pais por perto, pelo menos posso passar o dia comemorando com meu presidente. E aposto que você acha que estou brincando, mas adivinhe quem “melhorou” e apareceu no trabalho só para usar a impressora colorida.

— Arthur, você está me deprimindo — diz Namrata.

— Eu... não disse nada.

— Eu sei. Isso está me apavorando.

Dou de ombros e volto para os arquivos do caso Bray-Eliopulos, ridiculamente entediante como sempre. Talvez eu esteja em um momento meio masoquista. Ou talvez tenha finalmente descoberto que na verdade é assim que as pessoas se concentram. Você só precisa que um garoto bonito parta seu coração, depois que seus melhores amigos pisem em cima dele, e, se ainda estiver batendo, mesmo que um pouquinho de nada, termine você mesmo o trabalho. Diga as piores coisas possíveis, grite até ficar rouco e destrua tudo o que ama até que, pasmem, a monotonia do trabalho seja um alívio. Porque se você estiver afundado até a alma no caso Bray-Eliopulos, não vai conseguir pensar no seu ex-namorado. Sua alma não gêmea. O cara que fugiu no meio do segundo ato.

— Quais são os planos para amanhã? — pergunta Juliet, virando-se para Namrata.

— O que tem amanhã? — pergunto.

— Os colegas de quarto do David vão dar uma festa de despedida — responde Namrata.

— Os caras da dinossaurótica? *Paixão Jurássica*?

— Sim, e mal posso esperar. Não estou derramando uma lagriminha com a partida deles. — Namrata se recosta na cadeira. — Juliet, vamos para lá juntas, certo?

— Para lá onde? — pergunto.

— Upper West Side. David estuda na Columbia.

— Ah, fica perto de onde eu moro. — Nenhuma delas fala nada. — Então... uma festa, hã?

Juliet assente.

— Mas é uma coisa bem pequena, né?

— Sim, no apartamento deles — diz Namrata.

— Parece divertido — comento, como quem não quer nada, porque não vou *mesmo* implorar por um convite para uma festa qualquer no dia do meu aniversário. Nem eu sou tão pouco descolado assim.

Espera aí. Eu não sou NADA descolado.

— Talvez eu pudesse dar uma passadinha lá — sugiro.

Juliet e Namrata se entreolham.

— Ou... não.

— Arthur, olha, não é pessoal — diz Juliet. — Vai ter bebida lá.

— Não tenho problema com isso.

— Bem, eu tenho.

— Você tem problema em ir a uma festa com bebida?

— Meu problema é ir a uma festa com bebida levando o filho menor de idade da minha chefe.

— Ah. — Sorrio. — Entendi. Eu não ia beber. Mas meus pais têm um armário de bebidas, então eu poderia fazer alguma coisa! Talvez um martíni de bala de gengibre...?

— Não, não mesmo. Namrata e eu podemos ser demitidas.

— É, não vai rolar — diz Namrata.

— Nem no meu aniversário?

Pronto. Meu golpe de misericórdia. Namrata amolece.

— É seu aniversário?

— Amanhã.

— Ah, Arthur. — Juliet morde o lábio. — Não dá, de verdade. Você entende, né?

— Sim, eu... deixa pra lá.

— Mas, falando sério, você não ia querer sair com os caras do pornô de dinossauro. Devia fazer algo divertido com Ben.

É isso. Estou prestes a chorar em cima da mesa de reunião. Abaixo a cabeça e pisco rápido para afastar as lágrimas. Fantástico.

— Ok, essa não é a reação que eu esperava — diz Juliet, preocupada. — Você quer falar sobre isso?

— Não.

Juliet e Namrata trocam olhares mais uma vez.

Mas não ligo. Elas que se sintam mal. Não dou a mínima. Meu pai está em Atlanta, minha mãe, a meio caminho de Canandaigua, Ethan e Jessie provavelmente estão se pegando atrás da Starbucks, e minhas duas únicas amigas nesta cidade idiota vão passar o meu aniversário em uma festa no meu bairro sem mim.

Meu décimo sétimo aniversário. Talvez, em alguns planetas, esse seja o tipo de coisa pelo qual as pessoas anseiam. Mas só consigo pensar em

Hudson e Ben trocando bilhetes românticos na sala de aula. No Instagram do Ben, com suas cinquenta e seis versões do rosto do Hudson. No nome dele na etiqueta de uma caixa que nunca foi enviada. Penso no buraco imenso no meu coração, exatamente do tamanho do punho do Ben.



BEN

Sábado, 4 de agosto

ESTOU NUM CAFÉ com Hudson, já que nossa prova é na terça e preciso muito estudar alguns pontos da matéria em que ainda não estou confiante. Cheguei a pensar que tinha visto o Dylan em alguns momentos, mas não era ele. É acho que é melhor assim. Mas Harriett saiu para o aniversário de um amigo uma hora atrás e me deixou sozinho com Hudson, e não tenho certeza de que essa foi a melhor das ideias. Quero dizer, ficamos bem naquela noite depois da minha discussão com Dylan. Mas é a primeira vez que ficamos sozinhos de novo.

Estamos sentados lado a lado fazendo perguntas um ao outro, mas as únicas respostas que me interessam são as ligadas ao Arthur: O que ele está fazendo para comemorar o aniversário? Quem está fazendo ele se sentir como um rei? Namrata e Juliet? Mandar uma mensagem desejando feliz aniversário vai estragar o dia dele? Será que ele me odeia?

— Terra chamando Ben — diz Hudson, acenando.

— Desculpa.

— Arthur?

— Sim. Está difícil me concentrar.

Hudson e Harriett não sabem que hoje é aniversário dele.

Entrei para o grupo de estudos para não ficar em casa jogando *The Sims*. Ontem à noite minha duplicata Sim deu flores ao Arthur Sim e foi rejeitado, porque minha vida é um erro, tanto a real quanto a digital. Ficou bem claro para mim que você não vai se magoar se ninguém puder falar com você, então simplesmente tranquei o Ben Sim em um quarto sem portas ou janelas. Ele vai acabar morrendo, mas pelo menos não vai ter o coração partido.

— Hoje é aniversário do Arthur.

— Você fez alguma coisa para ele? — pergunta Hudson. — Você é profissional em aniversários.

No aniversário do Hudson, uni forças com Dylan para desenhar o Hudson com o uniforme da Mulher Maravilha, já que ela é sua favorita entre todos os super-heróis. Eu me pergunto se ele jogou o desenho fora.

— Incluí Arthur em *A Guerra do Mago Perverso*. — Terminei o capítulo ontem à noite depois do dever de casa. Meu plano era enviar o capítulo por e-mail para Arthur à meia-noite, mas não consegui me forçar a mandar mais uma mensagem que seria ignorada. — Deixei que ele lesse o livro.

— Uau. Isso é importante. Você deve ter gostado muito dele.

Hudson pediu para ler AGMP algumas vezes, mas nunca de maneira tão entusiasmada quanto Arthur. Não compartilhar algo tão pessoal para mim com meu namorado deveria ter sido um alerta de como eu me sentia em relação ao nosso futuro juntos.

— Imagino que Hudsonien tenha sido liquidado?

— Trancado em uma masmorra — falo.

— Legal — diz Hudson. — Você devia mandar uma mensagem para o Arthur. Não vai se sentir melhor até fazer isso.

— Sei que devia. Mas parece que sou programado para fazer a coisa errada. Quando nos conhecemos, fui embora sem me despedir. Demorei um tempão para me abrir e ganhar a confiança dele. Sempre me atrasava. Nunca joguei fora aquela maldita caixa, e agora ele não quer saber de mim.

— Que caixa? — pergunta Hudson.

É melhor abrir logo o jogo.

— No primeiro dia de recuperação, levei uma caixa com tudo que você me deu. Mas você não apareceu, então ia enviar pelos correios, e foi assim que acabei conhecendo o Arthur. Mas não enviei porque...

— Porque o quê?

— Porque ainda tinha esperança? — falo.

Não deveria ter trazido esse assunto à tona, mas não consigo evitar; andei pensando nessas palavras todo esse tempo, mas não fui capaz de dizê-las em voz alta. Não para o Hudson. Nem para mim mesmo.

— Onde está a caixa agora?

— No armário da minha mãe.

— O que você vai fazer com ela?

Meu telefone toca: Dylan. Ignoro a ligação. Vi o post dele mais cedo no Instagram, e não vou me dar ao trabalho de atender só para ser não-tão-casualmente lembrado de como as coisas estão indo bem com a Samantha.

Não sei como contar ao Hudson que quero jogar fora uma caixa cheia de coisas que já significaram tudo para mim. Mas essa maldita caixa... Não posso continuar tratando-a como se pertencesse a uma exposição sobre as decepções amorosas de alguém.

— Eu não sei.

— Estou feliz em ouvir você dizer isso, Ben.

— Por quê?

Meu telefone toca de novo. Não conheço o número, então ignoro mais uma vez.

— Pela mesma razão que você nunca enviou a caixa — diz ele.

— Esperança?

Hudson se inclina, como se achasse que estamos prestes a nos beijar.

Meu telefone toca. Desta vez, é uma mensagem do mesmo número desconhecido: **Ben, é a Samantha. Me liga. Dylan está no hospital.**

— Mas que merda.

Ligo para Samantha na mesma hora. Enquanto está chamando, conto a Hudson que Dylan está no hospital. Ele me pergunta o que houve, mas só consigo pensar nas diferentes coisas que poderiam ter acontecido. Queimadura de café, ou acidente de carro, ou ter sido atacado por um estranho por estar sendo muito Dylan, ou algo assustador demais para eu conseguir pensar.

Samantha atende.

— Ben.

— O que aconteceu? Ele está bem?

— O coração dele... — diz Samantha, e ela fala como se também estivesse sem fôlego. — Tivemos que vir às pressas com ele para o hospital.

— Onde vocês estão? Em que hospital?

— No Hospital Presbiteriano de Nova York. Os pais dele estão a caminho. Você vem?

— Claro. — O fato de ela ter que perguntar me faz sentir o pior melhor amigo de todos os tempos. — Chego aí assim que puder — falo, já andando em direção à estação de trem. Desligo, e Hudson me alcança. — O coração do Dylan está sendo um idiota e tenho que ir até lá.

Estou prestes a chorar porque, droga, o universo pode estar me preparando para um adeus bem doloroso.

— Onde?

— Hospital Presbiteriano.

— Vamos levar só uns vinte minutos, talvez dez, se pegarmos o expresso.

— Não. Eu tenho que ir... — Não sozinho, porque não quero ficar sozinho, mas não preciso do Hudson por lá. — Está tudo bem. Você não precisa ir.

— Ele também era meu amigo — argumenta Hudson.

— Mas ele é meu irmão. — E isso basta. Hudson assente. — Eu dou notícias dele — falo, saindo em disparada.

Não vai acontecer nada com o Dylan. Ele vai ficar bem. É o Dylan. Nada nunca o derruba. Mas ainda assim dói imaginá-lo em uma cama de hospital. Preciso que ele saiba que eu estava lá se...

Não. Dylan vai ficar bem.

Ele vai ficar bem.

* * *

Falta uma estação para o hospital, e o trem está parado no subterrâneo porque vai à merda, universo. É difícil manter a calma. Ele teve uma consulta faz pouquíssimo tempo, e o médico disse que o risco de sofrer um ataque como esse era bem baixo. Então, sim, ele vai ficar bem. É o Dylan.

Nada nunca o derruba....

Preciso falar com alguém. Estamos bem perto da estação seguinte, o que significa que meu telefone tem sinal, então mando uma mensagem para o Arthur:

Dylan está no hospital. Ainda não sei tudo, mas o coração dele não está funcionando direito. Não fico assustado assim há muito tempo. É o Dylan, você sabe. Fui um completo idiota com ele há alguns dias porque sou um imbecil. E nunca levei esse problema no coração dele muito a sério, mas talvez devesse, e estou absolutamente APAVORADO. E preso na merda do subsolo porque os deuses do metrô ainda são os piores que existem. Sei que não quer saber de mim, mas você é a única pessoa com quem quero conversar agora. Me desculpe, Arthur. Feliz aniversário. Espero que ter notícias minhas não estrague o seu dia.

Envio a mensagem. E espero. Espero para ver se ele vai responder, espero o trem voltar a andar.

Talvez eu devesse ir a pé. Sair e me arriscar nos trilhos. Posso usar a lanterna do telefone para afastar os ratos e enxergar o caminho.

Meu telefone vibra. Arthur.

Nossa, que horror! Ok. Quem está com ele? Ele não está sozinho, certo?

Esse é o pensamento mais assustador, isso tudo acontecendo e Dylan completamente sozinho. Ninguém que não seja médico ou enfermeiro ao seu lado. Pelo menos sei que alguém importante está com ele.

Samantha está lá. Os pais dele estão a caminho... é rapidinho de táxi até o Hospital Presbiteriano.

O que posso fazer para ajudar?, pergunta Arthur.

Ficar comigo?

Estou aqui, conta comigo, diz ele.

E alguns minutos se passam sem que nenhum de nós diga qualquer coisa. Mas confio que, onde quer que Arthur esteja, está ao telefone, me fazendo companhia. Ele está por perto.

O que houve com o Dylan? A discussão, quero dizer.

Eu disse a ele que os relacionamentos não duram, respondo.

Você acredita mesmo nisso?, pergunta ele.

Claro que não. Só falei isso porque estava magoado. Os relacionamentos só não duram quando existe um idiota no meio. Sei que estraguei tudo, Arthur. Queria ter feito tudo diferente. Queria ter contado desde o início que estava de recuperação com o Hudson. Mas juro que tudo o que disse na segunda era verdade. Nós só íamos conversar.

Arthur não está respondendo. Sei que ele ainda está lá, mas quero saber o que está pensando. Mando outra mensagem.

Tenho que ser sincero. Tenho saído com Hudson e Harriett. Eles eram meus amigos e agora são as únicas pessoas com quem posso contar depois de estragar as coisas com você, o Dylan e a Samantha. E falei sobre você o tempo todo. E então, hoje, eu e Hudson estávamos sozinhos, e eu estava me culpando mais um pouco, e aí o Hudson tentou me beijar, e me afastei, porque só estou a fim de você.

O trem começa a se mover, e mando mais uma mensagem.

Não me sinto mal por ter um ex-namorado. Mas me sinto mal por ter deixado que isso interferisse na confiança que você tinha em mim. Espero que acredite no que estou dizendo.

O trem para na estação e, pouco antes de as portas se abrirem, meu telefone vibra de novo. Tenho medo de que seja Arthur me mandando ir para aquele lugar, ou Samantha me dando uma notícia ainda pior.

Mas acaba sendo algo bom em meio a todo esse caos.

Acredito em você, Ben.

Corro para a sala de espera e vejo Samantha em uma cadeira, a cabeça apoiada na parede.

— Samantha!

— Ben!

Ela se levanta num pulo e, ainda que eu não mereça, me abraça.

Olho em volta.

— Como estão as coisas? Onde estão os pais dele?

— Pegando um café.

— Mas que merda! Dylan está mor...

— Ele está bem! Ele está bem. Era um alarme falso. Ataque de pânico. Um ataque de pânico *bem* sério. Descobrimos há cinco minutos. Eu ia mandar uma mensagem para você, mas... — Samantha respira fundo. — Precisava de um momento. Não consigo tirar da cabeça o desespero dele quando seu coração começou a acelerar...

Os olhos dela estão cheios de lágrimas. Sei de que expressão ela está falando. Quando Dylan foi internado três anos atrás, fiquei muito chateado por não poder ficar lá com ele, então faltei à escola no dia seguinte para ir vê-lo.

— Deve ter sido horrível presenciar essa cena, mas que bom que você estava lá. — Dou um passo para trás. — Obrigado por me avisar.

— Não pensei duas vezes. Sei que Dylan tem uma reputação e sei que você estava cuidando de mim.

— Ele não merece você — falo, com um sorriso.

— É claro que não, mas ele está amarrado a mim. Pelo menos por algumas semanas — brinca ela.

— Desculpa pelas coisas que eu disse. Estou torcendo mesmo por vocês dois. Só me sinto ameaçado.

Nós nos sentamos, e ela balança a cabeça.

— De jeito nenhum. Ele é obcecado por você. Fala tanto sobre você quanto eu falo sobre ele com meus pais. O que ele não sabe que faço, a propósito. Estou sendo cuidadosa, embora às vezes seja difícil me controlar.

Quando se passa algum tempo com o Arthur, você fica bem familiarizado com essa falta de controle. Mas Arthur e eu não tínhamos o tempo que Dylan e Samantha têm para ir com calma. Eu me pergunto como teria sido nosso relacionamento se ele morasse aqui.

— Tenho certeza de que isso vai para a frente — falo. — Se isso conta para alguma coisa.

— Sim. Conta muito.

Os pais de Dylan voltam com o café, e conversamos um pouco antes de eles entrarem para ver o filho. Samantha e eu ficamos batendo papo, e conto a ela tudo sobre o quase beijo com Hudson. É meio estranho ela ser a primeira a ouvir a história, e não Dylan, mas não dou muita bola para isso. Não tem por que a namorada do meu melhor amigo não ser minha melhor amiga também. Vamos todos ficar orbitando em torno uns dos outros mesmo.

Quando os pais dele voltam à sala de espera para preencher uma papelada, Samantha e eu nos levantamos ao mesmo tempo para vê-lo.

— Vai você primeiro — falo.

— Vamos juntos.

Então é isso que fazemos. Entramos na sala de emergência, passando pelo cubículo de um paciente com as cortinas fechadas antes de chegar ao do Dylan. E, minha nossa, é uma visão e tanto.

— Meus amores! — A voz do Dylan soa rouca e meio sexy. Ele está pálido, mas parece apenas satisfeito consigo mesmo. — A morte tentou me levar, mas mandei logo a FDP para aquele lugar. Tenho spoilers do pós-vida.

Samantha balança a cabeça enquanto se aproxima da cabeceira e o abraça.

— Você teve um ataque de pânico.

Dylan se vira para mim.

— Não acredite na Samantha, ela está tentando arruinar minha reputação.

— Não vou nem mandar você calar a boca — diz ela.

— Acabei de conquistar a morte, não existe essa coisa de me calar.

Observo o rosto dele enquanto retribui o abraço, a maneira como seus olhos se fecham e perdem muito de sua Dylanice elétrica. Nem um pouco

de arrogância, apenas puro alívio por ainda estar vivo e poder abraçar sua namorada de novo.

É muito fofo.

Mal posso esperar para debochar dele.

Estou tão feliz por ter a chance de debochar dele.

Abraço meu melhor amigo.

— Obrigado por não morrer — falo.

E estou falando sério. Porque sim, foi um alarme falso, mas sei que pareceu real para o Dylan. Ele se assusta quando seu coração bate mais rápido. Não o culpo por correr para o pronto-socorro. Fico feliz que tenha ido. Melhor um milhão de alarmes falsos do que a outra opção.

— Tive que voltar do além. Nossas últimas palavras foram horríveis, e teríamos sido um péssimo clichê. Sou icônico demais para tamanho absurdo.

— Muito icônico. O mais icônico.

— Por falar nisso, quase morri vivendo uma mentira — diz Dylan. Então pega a mão de Samantha. — Me escuta. O café da Dream & Bean está no meu sangue. O café da Kool Koffee não me empolga nem um pouco. Você fica tão entusiasmada com essa questão do dinheiro ser doado para instituições de caridade, mas tenho que ser sincero e contar que compro meu café em outro lugar.

Samantha estreita os olhos.

— O quê? Eu não me importo. Você tem direito de tomar o café que quiser.

— Sério?

— Seríssimo.

— Viu? Isso nunca foi um problema real, D — comento.

— Você estava mesmo preocupado com isso? — pergunta Samantha.

— Sim. Muito.

Ela balança a cabeça e dá um beijo na testa dele.

— Você é ridículo.

Então aperta sua mão.

Meu telefone vibra. Sorrio um pouco porque é o Arthur.

Dylan percebe.

— O que foi isso? Esse sorrisinho? Que merda foi essa? O que está acontecendo?

— Você está ficando histérico — falo. — Vamos aumentar a dose dos seus remédios.

— Respeita seu melhor amigo imortal e me conta o que está acontecendo. Não fui ao inferno e voltei para ficar por fora.

— Arthur está perguntando como você está.

— Vocês estão bem de novo?

— Bem, não somos namorados. Mas voltamos a nos falar.

— Que se danem as mensagens. Vá encontrar o garoto. Eu pediria para você jurar pela minha vida que vai ser mais sincero com ele, mas hoje ficou provado que sou intocável. Vagarei eternamente por este mundo.

Samantha se afasta dele.

— Um raio vai cair aqui a qualquer momento para calar a sua boca.

— Eu como raios no café da manhã.

— Ok — falo. — Você está vivo e bem. Então talvez eu possa me encontrar com o Arthur. Sei que acabou de voltar dos mortos, mas hoje é aniversário dele.

— Não sei como isso pode ser mais importante do que a minha ressurreição, mas claro, vai lá.

Uno as mãos diante do corpo.

— Ótimo. Samantha, você pode contar para ele a história do Hudson, se quiser. E toma cuidado para ele não morrer de novo só para provar que estava certo.

Samantha volta para o lado do Dylan e pega a mão dele.

— Meu futuro marido viverá para ver outro dia. Vá atrás do seu garoto.

— Do que você acabou de me chamar? — pergunta Dylan, com um sorriso de orelha a orelha, como uma criança recebendo um presente de Natal.

— Esta é a minha deixa para sair daqui antes que você tire essa camisola de hospital — falo.

Então dou um beijo e um abraço em Dylan e Samantha e vou embora.

Quando estou no corredor, respondo a mensagem do Arthur. **Está tudo bem. Dylan está muito Dylan. Respiro fundo. Quero muito ver você. Podemos nos encontrar em algum lugar?**

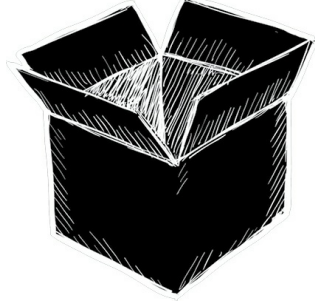
Meu telefone vibra.

Sim, vejo você na sala de espera em dez segundos. Não se atrase.

O quê?

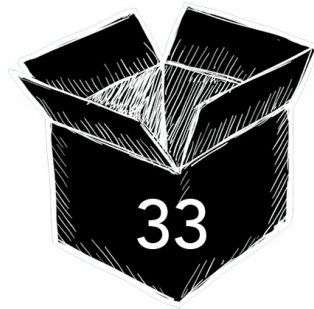
Ergo os olhos.

E lá está ele.



PARTE TRÊS

E só a gente



ARTHUR

Sábado, 4 de agosto

PASSEI UM TEMPÃO pensando que Ben era o rei da serenidade, mas acho que ninguém consegue ficar tranquilo quando seu melhor amigo talvez esteja à beira da morte. Sabe quando você abre a porta de casa e seu cachorro dispara na sua direção com o corpo todo tremendo? É o que acontece com Ben quando me vê. Ele se joga em mim e me abraça antes que eu possa dizer um mísero oi, e agora está aqui de pé, enroscado em mim como uma cobra.

— Você veio — diz ele, com a voz falhando.

— Óbvio.

Ele se afasta um pouco, ainda segurando meus braços — e, de repente, nossos olhos se encontram. Por um instante, isso é tudo que acontece.

— Então ele está bem?

Meu coração está acelerado.

— Quem?

— Dylan!

— Ai, meu Deus. — Ben franze o nariz. — Sou um idiota. Sim, ele está ótimo. Foi só um ataque de pânico bem sério. Ele tem uns...

— Sim, eu me lembro. — Solto o ar. — Graças a Deus.

— Sim. Os pais dele estão cuidando da papelada, e a Samantha está lá dentro. Ele vai receber alta logo, logo.

— É melhor você voltar para lá.

— Ele me expulsou.

— Sério?

— Bem. — Ele dá um sorrisinho discreto. — Eu me expulsei. Mas precisava fazer isso. Hoje é aniversário de uma pessoa importante.

— Barack Obama?

— Obviamente. — Ele solta meus braços. — Vamos embora, então?

— Claro.

Agora estamos lado a lado de novo. É legal.

— O que você acha que Barack está fazendo para comemorar? — pergunta Ben.

— Ah, está dando uma festança, com certeza. Organizada pela Michelle. As meninas estão lá, Biden também, é claro, e Trudeau. E talvez Lin-Manuel Miranda? É isso. E Ben Platt, quem sabe Tom Holland, e Daveed Diggs e Jonathan Groff, óbvio. Talvez Mark Cuban?

— Então, Obama basicamente está tendo sua festa de aniversário ideal?

— Eu diria que é a festa de aniversário ideal de qualquer pessoa.

Ben ri.

— Senti muito sua falta — diz ele.

— Eu também. — Eu paro. — Aonde estamos indo?

— Ah. Não sei. Eu deveria ter perguntado se você queria vir e tal...

Entendo totalmente se preferir...

— Não vou embora.

Ele sorri.

— Tudo bem.

— Quer ir lá pra casa? — pergunto. — Não tem ninguém no apartamento.

— Ah!

Fico vermelho.

— Não é para... só pensei que poderíamos conversar um pouco, se você quisesse.

— Quero, sim — diz ele. — Sinto que estou te devendo uma conversa.

Eu hesito.

— Certo.

— Quero dizer... Hum. Desculpa, não precisamos falar sobre isso no seu aniversário.

— Não, nós deveríamos falar sobre isso, sim. Eu quero.

Atravessamos um cruzamento onde todo mundo está buzinando e gritando e xingando, mas, de alguma forma, o silêncio do Ben é o som mais alto de todos.

— Ok — diz ele, por fim. — Quero tentar explicar a situação com o Hudson. Tudo bem?

Seguro a mão dele.

— Sim.

— Na verdade não tem nem muito a ver com o Hudson — continua ele, entrelaçando nossos dedos. — É mais sobre mim. Sou muito ruim nisso.

— Ruim em quê?

— Relacionamentos? Em sentir que eu deveria estar num relacionamento, para início de conversa? Sou tão... — Ele olha para a frente, franzindo a testa. — Tenho essa coisa. Se alguém gosta de mim, sinto como se eu tivesse enganado a pessoa e ela fosse descobrir minha farsa a qualquer momento. Como se eu não pudesse confiar no sentimento dela. Mais cedo ou mais tarde, vou estragar tudo de alguma forma, como fiz com o Hudson.

— Mas foi o Hudson que estragou tudo. *Ele* traiu você.

— Bem, talvez eu não valesse a pena.

— Isso é ridículo. — Levanto nossas mãos entrelaçadas. — Desculpa, mas como alguém poderia pensar que você não vale a pena?

Ele ri sem jeito.

— Por que não pensariam?

— Porque você é você! Ben. Meu Deus! Você é engraçado e inteligente e...

— Não sou, não! Não sou inteligente, ok? Quero dizer... não sei se você vai conseguir entender isso, mas muitas coisas na escola são bem difíceis para mim. Minha mente simplesmente não fixa certas coisas.

— Olha. — Assinto de maneira enfática. — Eu entendo. Eu também...

— Eu sei, eu sei, mas Arthur, você manda superbem na escola. Sei que tem TDAH, e não estou dizendo que não é difícil para você, mas olha: você está tentando entrar para Yale. Fala sério, sabe? Você é *tão* inteligente, Arthur. Chega a ser intimidador.

Não consigo conter um sorriso.

— Eu sou intimidador?

— Nesse sentido. Apenas nesse sentido específico. — Ele revira os olhos, um sorrisinho no rosto. — Mas sério, Hudson e eu tínhamos terminado fazia duas semanas quando você apareceu, e eu fiquei tipo *Não, de jeito nenhum, é cedo demais*, mas o universo disse *Eu insisto*, e tentei resistir, porque você vai embora, e não faz muito sentido, e para que tentar, afinal... Mas não sei, Arthur. Você é tão...

— Sou tão... o quê? — Eu o cutuco. — Continua.

— Fofo. Encantador. Irresistível. — Ele para de repente, me puxando em direção a uma Duane Reade. — Espera um segundo, ok? Preciso dar um pulinho lá.

— Quer que eu...

— Não. Volto já.

E, assim, ele desaparece. Eu me recosto na fachada da loja para esperar e dou uma olhada no celular. Há uma ligação perdida da vovó e outra da minha mãe, mas ainda nenhuma mensagem de aniversário do Ethan e da Jessie. O que não é muito surpreendente, considerando a agenda lotada de pegação que devem ter. Sem falar que devem estar me odiando no momento. E provavelmente mereço isso. Desligar na cara deles foi uma coisa bem babaca de se fazer, mas acho que parte de mim esperava ter mais uma chance no meu aniversário. Uma oportunidade de voltar no tempo e fazer as coisas do jeito certo.

Não demora muito para Ben sair da Duane Reade com uma sacola cujo conteúdo não me mostra.

— Ok, onde estávamos? — pergunta Ben.

Aparentemente, ele não consegue parar de sorrir.

— Você ia falar mais sobre como sou irresistível.

Ele volta a pegar minha mão.

— Você é.

Continuamos andando em silêncio até o fim do quarteirão.

— Ei — diz ele —, obrigado por ir ao hospital me dar apoio.

— Ah, por favor. Que tipo de babaca abandonaria você num momento desses?

— Um idiota que estava bravo comigo, e com razão, por eu não ter contado sobre o Hudson?

— Eu é que sou idiota. Devia ter acreditado em você quando me disse que não estava rolando nada entre vocês.

— Você não é um idiota — diz ele.

— Às vezes sou...

— Não, não é. Você é tão... Você é *bom*, sabe? Consegue perceber isso? Não estávamos nem nos falando, e você largou tudo para ficar lá no hospital comigo.

— Bem, gosto muito de você — falo. — E gosto de nós dois. Mesmo que sejamos um casal tão confuso.

Ele me abraça pela cintura.

— Também gosto de nós dois. E sinto que tenho muita sorte de ter você, mesmo como amigo.

Paro de repente. Oi?

— Como amigo?

— Bem, pensei que... É que eu não queria supor nada?

— Dá licença, mas *não* vamos ter uma daquelas relações platônicas, Ben Alejo.

— Ok, então.

— E, quando chegarmos ao apartamento, não vamos fazer só coisas platônicas.

— Bom saber. — Ele morde o lábio. — Então somos... namorados de novo?

— Você quer?

— Sim.

— Ótimo. — Assinto, radiante. — Este aniversário está sendo ótimo mesmo.

— Para você ou para o Obama?

— Para os dois!

— Ah, mais uma coisa — diz Ben. — Só quero que saiba que vou ser totalmente sincero com você sobre tudo de agora em diante. Não vou tentar disfarçar ou omitir mais nada.

— Gosto disso. Totalmente sincero. Eu vou fazer o mesmo.

— Acho que você não conseguiria ser fechado nem se tentasse.

— Você não me conhece.

Bato nele, que só ri e me abraça mais forte pela cintura.

— Olha, não vou fingir que essa coisa do Hudson não é confusa, porque é — diz Ben. — Mas quero que saiba que não estou confuso quanto ao que sinto por você.

— E o que você sente?

- Bem...
- Me diz em espanhol de novo, ok?
- Ele ri.
- Ok.
- Mas...

Mas então ele me beija, bem ali na Columbus Avenue, e esqueço o que ia falar. Esqueço *como* falar.

* * *

A hora seguinte passa voando, da melhor maneira possível. Ben insiste em uma parada rápida na Levain Bakery, onde pede logo o cookie de chocolate com gotas de chocolate mais gigante e quentinho de toda a existência.

- Seu favorito.
- Como você sabia?
- Eu só sei.

Ben insiste em pagar... e parece tão satisfeito que nem protesto. Ele segura minha mão durante todo o caminho para casa e, quando a porta do elevador se fecha, estamos nos beijando. Quando se abre, estamos nos beijando. Eu o beijo enquanto reviro meus bolsos à procura das chaves, e o beijo à porta, e o beijo assim que entramos. Largamos as bolsas na mesa da sala de jantar, e nos beijamos sob o olhar dos cavalos do tio Milton. Seria de se pensar que eu já estaria cansado de beijar à essa altura. Ou que teria me distraído, mas nunca me senti tão concentrado em toda a minha vida.

Estou adorando cada pedacinho disso. Sua respiração ofegante, os lábios ligeiramente inchados, e saber que sou eu quem fez essas coisas acontecerem. Adoro o jeito como o espaço entre nossos corpos desaparece, como se não pudéssemos estar perto o suficiente. Adoro a sensação das minhas mãos no cabelo dele. Adoro a maciez da sua nuca. E, mais do que tudo, adoro quando nossos lábios estão se tocando e nossa boca se abre e meu coração dispara e respiramos o mesmo ar. Passei a vida inteira pensando que falar era a melhor coisa que eu poderia fazer com a minha boca, mas talvez falar seja superestimado. Mas a boca ainda é o melhor órgão. Com certeza.

- O que você acha que está acontecendo — falo, beijando-o suavemente
- na festa do Obama agora?
- Provavelmente isso — responde ele, ainda me beijando.
- É estranho poder rir com os lábios grudados nos de outra pessoa.
- Barack e Michelle?
- Barack e Trudeau. — Ele me beija mais uma vez.
- Com Joe assistindo, todo melancólico.
- Tão melancólico.

Meu telefone começa a vibrar no bolso de trás, que no momento está sob a palma da mão de Ben.

— Tem alguém ligando pra você — diz ele.

— Vamos ignorar.

— Não. De jeito nenhum. Da última vez que ignorei uma ligação, Dylan estava...

— Shh. Ok. — Pego o celular. — É o meu pai.

Ben me dá um beijo rápido.

— Atende.

— Oi, pai.

Minha voz soa ofegante e cheia de culpa. Exatamente a voz de um garoto que está se pegando com o namorado em um apartamento vazio.

— Como está sendo o aniversário?

— Ótimo.

Ben mantém os olhos fixos nos meus.

— Estou com saudade, filho. Vou comer bolo esta noite em sua homenagem.

— Legal.

— Também pedi para colocarem seu nome no bolo, e agora estava pensando: por que não faço isso sempre? Você nem precisa esperar o aniversário de alguém. Vou começar a ir à confeitaria uma vez por semana e dar aos caras um nome qualquer, e *voilà*.

— Ótima ideia, pai.

— Então, o que você tem feito?

— Nada de mais. — Balanço a cabeça. — Na verdade, pai, não é um momento muito bom...

— Espera, já vou liberar você! Só queria dizer que o meu presente e da sua mãe acabou de ser entregue. Está lá no saguão.

Ben continua olhando para mim, sorrindo.

— Tá. Vou lá buscar daqui a...

— Melhor buscar agora, filho. É perecível. Depois me fala o que achou, ok?

Nós nos despedimos e desligamos, e Ben me abraça.

Meu telefone vibra. **Me fala quando você pegar!!** 😊

— Ótimo. Agora ele está me mandando mensagem. — Reviro os olhos.

— Então, aparentemente eu preciso buscar um pacote no saguão neste exato segundo.

— Ok.

— Vem comigo.

— Claro.

— Noventa por cento de chance de ser alguma coisa da Harry & David — digo a Ben no elevador.

— Quem são eles?

— Você sabe, os caras que fazem pipoca gourmet e aquelas peras? Da fruta do mês? — Ben olha para mim sem entender nada. — É... enfim, vamos pegar a caixa, tirar uma foto, mandar para os meus pais, e então vou desligar o telefone pelo resto da noite.

— O plano me parece ótimo.

A primeira coisa que ouço quando as portas do elevador se abrem é uma voz muito familiar.

— Arthur!

Meu queixo cai.

— Jess?

— E Ethan — diz Ethan.

— Não estou entendendo. — Eu me viro para Ben, mas ele está de cabeça baixa, sem graça, encarando os pés. Então me volto para Jessie e Ethan, que parecem enormes perto das caixas de correio minúsculas. Ethan está com um short de ginástica e uma camisa da Milton High, e Jessie, com um vestido de verão, os dois de mochila. — O que vocês estão fazendo aqui?

Jessie dá um sorrisinho tímido.

— Sua mãe usou as milhas dela para trazer a gente para cá. Só por esta noite.

— Espera. — Levo as mãos à boca. — Vocês são a minha surpresa?

— Oi, sou o Ben — diz Ben de repente.

Jessie hesita.

— Prazer em te conhecer.

— Meu namorado — completo na mesma hora. — Estamos namorando de novo.

— Ah...

— E eles também estão namorando — conto a Ben. — Ethan e Jess. Eles são um casal. Assim, do nada. Mas estou feliz por eles.

— Arthur, você não precisa...

— Mas é verdade! Estou feliz por vocês. Extremamente. E totalmente. Ei. Sabem o que deveria ser uma palavra? Extrotalmente.

Ben dá um risinho.

— De qualquer forma, uau. Vocês estão aqui — falo. — Para o meu aniversário.

— Extrotalmente — diz Ethan.

— E vocês não me odeiam.

— Por que odiaríamos você? — pergunta Jessie.

— Porque desliguei na cara de vocês? E fui um idiota? Mas vocês estão aqui. — Olho para os dois e sorrio. — Estão em Nova York.

Jessie abre um sorriso também.

— Seus pais não queriam que você passasse seu aniversário sozinho. Apesar de que...

Ela olha para o Ben, que fica vermelho na mesma hora.

E, nesse momento, me dou conta. Ben. No meu apartamento. Sem meus pais. No meu aniversário. Só nós dois e seis caixas fechadas de camisinhas e... Ethan e Jessie. Caramba, meus pais chegaram a um novo nível de intromissão.

Mas, no que diz respeito a estraga-prazeres, esse é um dos melhores. Não paro de olhar para todos eles e sorrir. Ethan, Jessie e Ben, todos juntos. Minhas três pessoas preferidas em um elevador minúsculo. E ninguém me odeia. Nada precisa de conserto. Talvez o universo esteja do meu lado, afinal de contas.

— Vocês vieram do aeroporto de metrô? — pergunta Ben.

— Pegamos um Uber — diz Jessie. — Você cresceu aqui, certo?

— Sim. Em Alphabet City.

— Isso parece coisa da *Vila Sésamo*.

— Já ouvi essa história. — Ben me cutuca, e então fica vermelho. — Quero dizer, não que isso seja um problema. É que o Arthur falou a mesma coisa. Essa coisa da *Vila Sésamo*. Sobre Alphabet City.

Jessie ri.

— Entendi.

Saímos do elevador e andamos pelo corredor até o apartamento.

— Então, há quanto tempo vocês estão namorando? — pergunta Ben.

Ethan e Jessie se olham.

— Humm. Há uns dois meses? Um pouco mais?

É engraçado. Eles não se tocam em nenhum momento. Não chegam nem perto um do outro. Isso me deixa desconfortável, porque fico com a sensação de que estão pisando em ovos. Como se eu tivesse deixado os dois com medo de serem carinhosos um com o outro. Mas talvez eles só sejam um daqueles casais não muito grudentos.

— É aqui que eu moro — falo, todo contente, abrindo a porta do 3A.

Meu telefone vibra: Ben, mandando uma mensagem escondido lá da entrada. Eles são um casal????

Sim. 😬

Você está bem?

— Que apartamento incrível — diz Jessie, dando uma olhada na sala de estar.

Extrotalmente. 😬😬😬😬😬

😊 Me fala se vocês precisarem de um tempo para conversar. Posso ir pra casa, sem nenhum problema.

— Não! — respondo em voz alta.

Jessie e Ethan olham para mim, confusos, e Ben abafa o riso.

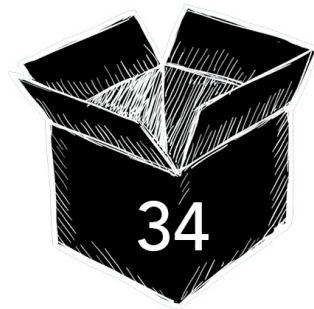
Fico vermelho e volto para o celular. Não vai embora, preciso de você!!!!!! Acha que seus pais deixariam você passar a noite aqui? 🙌👊

Tranquilo, vou dizer que estou no hospital com o Dylan.

Nossa, diga ao D que ele é o melhor parceiro de todos os tempos, nota 10.

Nossos olhos se encontram. Ben sorri. Também sorrio.

— Uau, essa é Catarina, a Grande? — pergunta Ethan, observando os quadros nas paredes.



BEN

Domingo, 5 de agosto

QUERIA MUITO PASSAR um tempo sozinho com Arthur, mas um encontro duplo com os melhores amigos dele é muito melhor do que nenhum encontro.

Estamos todos sentados na sala de estar do tio Milton, dividindo o cookie da Levain. Dou meu pedaço a ele, mesmo estando com fome. Entendo pelo que está passando. Num minuto, Arthur, Jessie e Ethan eram três amigos inseparáveis, e agora dois amigos estão namorando e o outro vai passar muito mais tempo sozinho. Pelo menos Hudson e eu tínhamos um ao outro quando Dylan e Harriett começaram a namorar. Arthur vai ter que voltar para casa e segurar vela.

— Então vocês estão bem, certo? — pergunta Jessie.

Arthur faz que sim.

— Meu melhor amigo estava no hospital e Arthur foi até lá — conto. — Ele era a única pessoa com quem eu queria falar quando tudo aconteceu.

Arthur e Jessie sorriem.

— Que fofo. Seu amigo está bem?

— Ele morreu — respondo, dando de ombros. — Acontece. — Jessie congela, e Ethan leva a mão à boca. Arthur cai na gargalhada. — Dylan está vivo. Um pouco vivo demais, até. Ele é uma figura.

— Gostei desse cara — diz Ethan, apontando para mim. — Agora me sinto ainda pior por estarmos atrapalhando.

— O quêêê? — diz Arthur. — Não, para com isso, vocês não estão atrapalhando nada. Tá, talvez um pouquinho. Mas estou tão feliz por estarem aqui.

— Você pode estar feliz por estarmos aqui e querer nos estrangular por estarmos estragando sua noite.

— Ok, chegamos a um consenso.

Jessie se aproxima.

— Olha, Ethan e eu podemos sair para fazer alguma coisa. Temos uma cidade inteira à nossa disposição.

— Para de bobeira — falo.

— É... — Arthur me lança um olhar malicioso. — Para de bobeira.

Faço mais algumas perguntas sobre eles, dando um pouco mais de tempo para Arthur absorver tudo o que está acontecendo. Eles contam o que costumavam fazer durante o verão, como assar marshmallows, acampar no

quintal da Jessie, ouvir Arthur ler fanfics de Draco e Hermione com vozes dramáticas e ver Ethan enfrentar outras crianças em partidas de Pokémon no shopping. Tudo era mais simples quando eles eram apenas três crianças sendo melhores amigas.

Meu telefone toca. É o Dylan.

— Tenho que atender — falo, e vou até o quarto de Arthur. — Morrendo de novo? — pergunto, um pouco nervoso.

— Não. Estou livre e vivendo um belo renascimento — brinca Dylan. — Saí daquele inferno. Não voltei dos mortos para fazer xixi numa bacia.

— Ninguém estava forçando você a fazer xixi numa bacia, o hospital tem banheiro.

— Você que pensa. Onde você e Arthur estão?

— No apartamento do Arthur. Os melhores amigos dele vieram de avião da Geórgia para fazer uma surpresa. E aparentemente também estão namorando.

— Espera. Samantha e eu podemos ir também? Vai ser uma bela orgia!

— Ou só uma festa de aniversário normal, talvez?

— Vou pensar no seu caso.

Tenho uma ideia.

— Vou dizer ao Arthur que você e Samantha devem aparecer por aqui também, mas tem que me fazer um favor. Traga um bolo que diga...

* * *

Uma hora depois, Dylan e Samantha já estão com a gente. Dylan rouba os holofotes com seu “conto sobre um jovem que mandou a morte para aquele lugar”, e dá dicas a Ethan e Arthur de como “escapar das garras da morte”. Ethan está curioso para saber como os pais de Dylan deixaram que ele saísse do hospital direto para a farra, e Arthur fica só assentindo enquanto come pizza. Samantha já cansou de ouvir sobre a segunda chance que a vida deu a Dylan, então está contando a Jessie sobre todos os aplicativos que sonha em criar.

Arrasto Dylan para a cozinha para ter certeza de que está tudo certo com o bolo de aniversário.

— Muito obrigado, cara. — Fecho a caixa e coloco de volta na geladeira.

— Então, como você está se sentindo de verdade? Deixando as Dylanices de lado.

— Estou bem. Ataques de pânico são péssimos. Mas foi bom termos ido ao hospital. Melhor prevenir do que remediar.

— Aconteceu alguma coisa? Ou seu coração estava só batendo rápido como da última vez e você ficou nervoso?

— Aconteceu uma coisa — diz Dylan. — Estávamos no Central Park

vendo dois ciclistas se pegando. Eu estava fazendo piada sobre como os dois deviam ser na cama. Coisas do tipo lembrar de segurar bem o guidom. Dar uma boa lubrificada nas correntes. Não esquecer os capacetes antes de dar outra voltinha. Eu não queria parar de falar porque ela estava rindo muito, e aí acabei dizendo “eu te amo”.

— Dylan. Cara. Você falou que ia devagar dessa vez.

— O ciclista disse a mesma coisa — diz Dylan, e eu o fuzilo com o olhar.

— Sei disso. Olha, só saiu. Eu tentei voltar atrás e retirar o que disse, mas aí fiquei parecendo um idiota ainda maior. Comecei a surtar com medo de que desta vez ela fosse embora de vez, e o sangue foi todo para a minha cabeça, e meu coração estava acelerado. Então a Samantha surtou porque eu estava surtando e isso só fez as coisas piorarem, o que me fez ter certeza de que era o fim.

Dylan em pânico é o meu Dylan menos preferido.

— Bem, vocês dois obviamente estão bem, futuro marido da Samantha.

— Isso também me surpreendeu — diz Dylan. — Assim como a bomba que foi o fato de ela ter dito que me amava logo depois que você saiu. Tive que dar uma de Han Solo para cima dela no começo, mas depois levei a sério, o que foi muito, muito difícil.

— Aposto que sim. — Eu o abraço. — Estou muito feliz por vocês. Mal posso esperar para ser padrinho nessa coisa ridícula que vai ser o seu casamento com tema de café.

— Espero que aconteça mesmo um casamento ridículo com tema de café. Sei que eu atropelo tudo e meto os pés pelas mãos. E sei que sou um ser superior imortal, mas não sou vidente, então tenho que ir levando as coisas como se fossem dar certo.

— Ela pode ser a escolhida — falo.

— E Arthur pode ser o escolhido — diz Dylan.

— E se ele for? Já pensou?

Dylan me dá um tapinha no ombro.

— Mas, no caso de Arthur e Samantha não serem os escolhidos, deveríamos convidar Hudson e Harriett. Só para tornar essa orgia mais interessante.

A campanha toca.

Ai, merda.

— Impossível.

Dylan estala os dedos.

— Agora tenho poderes mágicos, Big Ben. Pode ser que eu tenha invocado nossos ex.

Encontro Arthur junto à porta e, ainda que seja impossível, fico aliviado em ver que são duas garotas, e não Hudson e Harriett.

— VOCÊS VIERAM! — grita Arthur, enquanto abraça as meninas, e uma revira os olhos de brincadeira, abraçando-o, de um jeito meio irmã

mais velha. — Ben, estas são a Namrata e a Juliet.

— O lendário Ben — diz Juliet.

— O drama diário que faz os malditos arquivos do caso Shumaker nunca serem finalizados — comenta Namrata, apertando minha mão.

— Trouxe sidra — anuncia Juliet.

— Isso! Vamos encher a cara — diz Arthur.

— É sem álcool. Não vamos ficar bêbadas com você. Você chegou a ouvir alguma coisa do que falamos ontem? — Namrata balança a cabeça. — Vamos ficar só alguns minutos. Não podíamos deixar você sozinho no seu aniversário. — Ela dá uma olhada na sala. — O que claramente não é o caso. Sua mãe sabe disso, certo?

— Ela sabe... que algumas pessoas estão aqui.

— Vamos ser demitidas com certeza — afirma Namrata. — Só para constar: nós nunca estivemos aqui.

Arthur estica o braço para tirar uma selfie.

— Sorriam!

Namrata e Juliet não sorriem.

Arthur e eu entramos na cozinha e pegamos oito taças para aquela única garrafa de sidra. Não é muita coisa, mas o suficiente para brindar ao aniversário dele e bebermos um pouco. Dylan pega a garrafa vazia e propõe brincarmos de Verdade ou Consequência, mas literalmente ninguém mais topa.

Juliet dá um tapinha no ombro do Arthur, sua forma de abraçá-lo.

— Arthur, temos que ir, ou vamos nos atrasar para a festa.

— Mas estamos muito felizes por seu aniversário ter recebido esse upgrade — diz Namrata.

— Espera — falo. — Fiquem. Vai ter bolo.

— Vai?! — pergunta Arthur.

— Vocês podem ficar só para o parabéns, que tal? — pergunto a elas.

Namrata e Juliet fazem que sim.

Dylan e Samantha me ajudam na cozinha. Estou carregando o bolo e, quando entramos na sala, todo mundo começa a cantar “Parabéns pra você”. No topo do bolo de chocolate, está escrito com chantilly: *Não desperdice seu desejo*. Mais *Hamilton*, impossível. Arthur olha em volta, e sorrimos para uma foto enquanto a vela ainda está acesa. Estou tão feliz por ter participado do upgrade no aniversário dele. Quero dizer, meio que comecei estragando tudo. Mas consegui endireitar as coisas, e é dessa parte que espero que o Arthur se lembre, independentemente do que acontecer entre a gente.

Arthur finalmente sopra a vela.

— O que você desejou? — pergunto.

— Não posso dizer. Mas não desperdicei meu desejo.

— Ingressos para *Hamilton* antes de você ir embora?

— Ingressos para *Hamilton* antes de eu ir embora.

* * *

— Não acredito que elas apareceram — diz Arthur quando volta para a sala depois de se despedir de Namrata e Juliet. Ele se acomoda ao meu lado no chão, com restos de bolo em pratos aos nossos pés. — Sabia que elas gostavam de mim. — Ele gesticula para todos nós. — Ainda não acredito que vocês todos estão aqui. Ver o rosto de vocês foi a melhor surpresa de hoje.

— Com certeza você ganhou o prêmio de Melhor Reviravolta de Aniversário — falo.

Ninguém merece uma festa de aniversário com todas as suas pessoas favoritas mais do que o Arthur. Ele sempre se esforça para agradar todo mundo, e já estava na hora de todo mundo se esforçar para agradá-lo. Eu, tentando consertar as coisas. Dylan e Samantha, vindo direto do hospital. Ethan e Jessie, da Geórgia. Namrata e Juliet aparecendo para provar que ele não é só o filho da chefe.

— Agora que estamos num encontro triplo — diz Dylan — tenho uma ideia.

— Não, não tem — falo.

— Ah, tenho, sim.

— Se for alguma coisa sexual, pode esquecer.

Dylan sorri.

— Talvez nós seis pudéssemos...

— Dylan!

— ... casar juntos — completa Dylan. — Um casamento triplo. Limpa essa sua mente suja, Big Ben. — Ele revira os olhos para Samantha, que está ocupada revirando os olhos para ele. — Ei, futura esposa, foi você quem fez o comentário do futuro marido. Sabe bem no que está se metendo. Prometo sempre amá-la e sempre odiar seu café.

Samantha balança a cabeça e sorri.

— Vamos falar sobre essa coisa de “sempre” depois. Hoje é o dia do Arthur.

— Concordo — falo.

— Estou só falando — diz Dylan. — Ia ser um baita evento. Três casais em uma só sala. Parece a Sociedade do Anel de Casamento.

— Os pais dele se conheceram quando eram bem jovens e estão casados até hoje — explico para Ethan e Jessie, para que entendam por que Dylan é do jeito que é quando se trata de amor. Eu me viro de volta para ele. — Não significa que todos se sintam tão empolgados assim para falar sobre o futuro.

— Pego a mão do Arthur. — Alguns de nós querem viver o momento.

Nossos eternos primeiros encontros.

— Vocês terão uma vida inteira de momentos — rebate Dylan. —

Estamos falando de vocês! Arthur e Ben! Vocês desafiaram todas as probabilidades. É um daqueles amores de Hollywood. Tenho certeza de que vai dar tudo certo. Que se dane a distância. — Então aponta para Jessie e Ethan. — Vocês também parecem bem unidos. Só não deem uma de Ben e Hudson e acabem com o grupo.

— Tenho certeza de que você e Harriett acabaram com o grupo primeiro — falo.

Dylan balança a mão, ignorando o que eu disse.

— Detalhes.

— Nós conversamos sobre isso, óbvio — diz Jessie. — Mas o que iríamos fazer, não tentar? Não acordamos um dia simplesmente sentindo alguma coisa.

— Definitivamente não — diz Ethan.

— Mas tivemos uma chance e aproveitamos. Talvez a gente se arrependa daqui a algum tempo, mas duvido. Nós nos conhecemos a vida inteira. Não tem como jogar fora essa amizade.

Espero que isso deixe o Arthur mais aliviado e que, quando ele voltar para casa, não se veja surtando toda hora com medo de seu grupo se desfazer.

— Vocês se arrependem de terem namorado seus amigos? — pergunta Ethan.

— Sim, com certeza — responde Dylan sem hesitar.

— É sério? — pergunto.

— Uma coisa boa foi arruinada por algo que acabou não dando em nada. Talvez, se eu conhecesse a Harriett há tanto tempo quanto esses dois se conhecem, tivesse sido diferente.

— Sim, mas eu conhecia o Hudson há menos tempo ainda, e...

Fico nervoso com o rumo que a conversa está tomando.

— Você se arrepende do Hudson? — questiona Arthur.

— Sinto falta dos meus amigos — falo. — Não é que o Hudson e a Harriett tivessem que estar aqui agora. Mas não quero que seja uma ideia assim tão ridícula. Eles eram nossos melhores amigos e agora tudo parece tão dividido. Como se eu nunca pudesse sair com a Harriett sem que parecesse estranho para o Hudson ou o Dylan. Hudson e Dylan não podem mais se divertir juntos. Não posso ficar sozinho com o Hudson sem aquela coisa estranha no ar. Não dá mais para sair só por sair.

— Mas você se arrepende de ter namorado o Hudson? — pergunta Arthur. — Pode ser sincero. Está tudo bem.

— Não me arrependo de ter namorado o Hudson — respondo. Eu me sentia diferente algumas semanas atrás. E teria escondido a verdade também. Mas sou totalmente sincero com o Arthur. — É como o Ethan e a Jessie. E o Dylan e a Harriett. Nós tínhamos que tentar. E se tivesse sido incrível? Não foi, mas e se tivesse sido? Nós nunca saberíamos. E sou quem eu sou hoje porque namorei o Hudson. Sou o cara de quem você gosta porque namorei

o Hudson. O cara que você conheceu porque namoramos e terminamos.

— Um viva ao Hudson — propõe Dylan, erguendo o copo. Ninguém se mexe. — Peguei pesado?

Gesticulo mostrando Dylan dos pés à cabeça.

— Um grande e sonoro sim. Com certeza. — Eu me volto para Arthur.

— Tive que descobrir a resposta desse “e se” com o Hudson. Assim como descobrimos a nossa.

— Não se arrepende disso também? — pergunta Arthur.

— Não tenho do que me arrepender — falo.

— Não ainda — diz Arthur.

— Nem nunca — falo, passando o braço em volta dos seus ombros.

Se não me arrependo do Hudson, de jeito nenhum me arrependeria do Arthur. Só não faço ideia de como serão nossos próximos capítulos. Para que tipo de final precisamos nos preparar.

* * *

Está ficando tarde, então começamos a planejar onde dormir. O pai do Arthur pensou em deixar Jessie no quarto de Arthur, Arthur no quarto do tio Milton e Ethan acampado na sala de estar. Mas isso claramente não vai acontecer. Ethan e Jessie já estão de pijama no sofá-cama. Dylan está levando Samantha para seu mundo sem constrangimentos, e eles ocupam o quarto do tio Milton. E eu ficarei com Arthur no quarto dele. Finalmente a sós.

Se Dylan for embora.

— Este quarto é ótimo — comenta ele quando estamos só nós três no quarto do Arthur. — Em que cama do beliche você dorme?

— Fico sempre embaixo — diz Arthur, colocando lençóis limpo no colchão.

— Ahh... — solta Dylan.

Arthur congela.

— Espera. Não foi o que eu quis dizer. Não é o que eu quero dizer. Eu acho. Mas não estava falando sobre isso. Só falando sobre dormir. Em beliches. Nada mais.

— Incrível — diz Dylan. — Esse é o tipo de coisa que não daria nem para inventar. Dito isso, vou lá dar início à produção do meu futuro filho.

— Dylan, você não vai transar naquela cama — falo.

— Vamos fazer uma encenação. Serei um vampiro, e ela, uma caça-vampiros...

Samantha está de pé à porta.

— Dylan. Vamos dormir. Anda.

Ela se vira e entra no quarto do tio Milton.

— Dormir é um código, só para vocês saberem — diz Dylan, saindo e fechando a porta.

Arthur e eu apagamos as luzes e nos deitamos, virados um para o outro.

— E aí? Gostou do seu aniversário?

— Começou meio triste.

— Desculpa.

— Então as coisas melhoraram muito.

— De nada.

— Depois ficou um pouco triste de novo.

— Desculpa pelo Dylan.

— E agora estamos aqui.

— Não vamos ficar tristes — falo. — Finalmente estamos sozinhos, e tenho uma coisa para você.

O rosto de Arthur se ilumina.

— Sério?

Pego o telefone e abro o Gmail, onde salvo todos os capítulos de *A Guerra do Mago Perverso*. Aprendi a lição depois de perder *Esquadrão de Feiticeiros* anos atrás, quando o velho laptop da família quebrou. Abro o capítulo.

— Incluí você em *A Guerra do Mago Perverso*.

Arthur se levanta e acaba batendo a cabeça na cama de cima.

Massageio a cabeça dele enquanto rio.

— Você está bem?

— Estou. Quero dizer: fui incluído na minha história preferida desde *Hamilton*. Sou mais alto?

— Não. Mas você é um rei. Rei Arturo. Não precisa ler agora.

— Quando escreveu isso?

— Comecei na segunda. E terminei ontem.

— Você ia mandar para mim? Se não voltássemos a nos falar?

— Estava criando coragem. Mas acho que sim. Até o Hudson me disse que eu deveria mandar para você.

Arthur assente.

— Não devia ter falado dele de novo — declaro. — Me desculpa.

— Você e o Dylan deviam falar com o Hudson e a Harriett. Tentar consertar as coisas.

— Sério? Não vai ser estranho para você?

— Só seria estranho se eu tentasse me meter nisso. Sei que você sente falta dos seus amigos. E se nem toda a esperança estiver perdida? Você tem que descobrir.

— Vou pensar no assunto — falo, feliz com essa possibilidade de voltar a reunir Dylan, Harriett e Hudson no mesmo ambiente.

— Mas só explora a parte da amizade — diz Arthur. — Nada de lançar nenhum e se relacionado a você e Hudson namorarem de novo. É bem provável que isso fosse acabar com um coração literalmente partido nas

mãos de alguém bastante familiarizado com a lei por conta de seu estágio de verão, mas imprudente demais para se importar.

— Ameaça de morte devidamente recebida. Pode deixar. — Tenho sorte de Arthur estar mantendo a calma com relação a isso. — Ia pedir a Harriett para passar lá em casa esta semana e pegar a caixa do Hudson. Tirar aquilo do meu quarto. Mas posso entregar pessoalmente.

— Não precisa fazer isso — diz Arthur.

— Eu quero.

— Não, sério. Não preciso que você se livre de presentes e apague cinquenta e seis fotos do Instagram. É diferente. Sei que você me ama. Eu acabaria com a vida de qualquer um que tentasse me fazer apagar qualquer vestígio seu.

— Você está bem decidido hoje — falo. — Mesmo assim. Preciso fazer isso por mim.

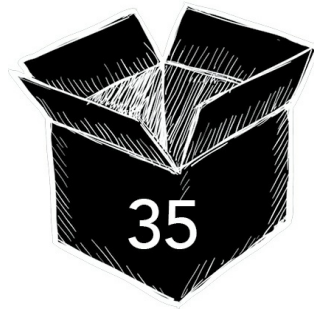
Não quero pequenos lembretes da pessoa que o Hudson deixou de ser enquanto namorávamos. Não quando estou tentando lembrar quem ele é como amigo.

Volto a me concentrar no aniversário do Arthur, que é a coisa mais importante da noite. Procuramos uma posição confortável, e ele começa a ler seu capítulo. Ele ri de todas as piadas do rei Arturo que me esforcei para serem perfeitas para ele. E me beija sempre que o rei Arturo beija Benjamin. Não consigo nem acreditar que havia uma chance de eu não ver o Arthur hoje. E talvez nunca mais.

— Te amo, Arthur — digo.

Arthur se vira para mim.

— *Te quiero* também.



ARTHUR

Domingo, 5 de agosto

QUANDO MEUS OLHOS se abrem, Dylan está a poucos centímetros do meu rosto.

— Senhores, POR FAVOR, DESENLACEM SEUS PINTOS IMEDIATAMENTE. É UMA EMERGÊNCIA.

— Não é assim... que os pintos funcionam.

Dylan franze a testa.

— Sei como os pintos funcionam.

Ben me puxa mais para perto e murmura algo.

— E cubram seus corpos nus. Pensem nas crianças.

— Não estamos... nem perto de estar nus. — Ben se senta, puxando a camisa para baixo. — Estamos até usando mais roupas do que você.

Dylan ergue as sobrancelhas.

— Isso é um desafio?

— Para você colocar mais roupas? Claro.

— Qual é a emergência? — pergunto.

— Vamos comprar donuts — explica Dylan. — E precisamos de recomendações.

Ben revira os olhos.

— Você acordou a gente para pedir recomendação de donuts?

— Aham.

— Ok, a Dunkin' Donuts faliu, ou...

— Você está mesmo sugerindo a Dunkin' Donuts? Acabou de olhar nos meus olhos e dizer isso?

— Qual o problema com a Dunkin'?

Dylan estremece.

— Eles são a Starbucks dos donuts.

— A Starbucks tem donuts — diz Ben. — A Starbucks é a Starbucks dos donuts.

— Por favor, só para.

— Donuts são donuts.

— Bennis, o Pimentinha, você é melhor do que isso.

Samantha enfia a cabeça para dentro do quarto.

— Anda, vamos ao Beard Papa's. Vamos trazer alguma coisa para comer. Ben, você vem?

— Coloque suas calças, Ben 10 — diz Dylan. — Você acabou de ser

inscrito no curso de iniciação sobre donuts.

* * *

Ao chegar à sala, noto as pernas de Jessie no colo do Ethan. Percebo, então, que é a primeira vez que nós três ficamos sozinhos durante todo o verão.

Afundo em uma cadeira e abraço os joelhos.

— Isto é estranho.

Jessie ri, nervosa.

— O que é estranho?

— Sei lá. O fato de vocês estarem aqui. Em Nova York. E estarem namorando!

— E você ter um namorado — completa Jessie. — Um namorado muito gato.

— Hehe. Sim.

— Então deu tudo certo? Vocês estão bem de novo?

— Sim. Muito bem. Por mais dois dias, de qualquer maneira.

Tento sorrir, mas não convenço. Jessie olha para mim cheia de expectativa.

— Vocês vão...

— Não. Não sei. Ainda não falamos sobre isso.

— Deveriam — diz Jessie.

Sinto um aperto no peito.

— Sim.

Agora as mãos do Ethan estão nas... canelas da Jessie? Meio que nos joelhos? Estou tentando não encarar, mas uau. É que nem a vez em que meu pai raspou a barba, e era o meu pai, mas ao mesmo tempo não era, e meu cérebro de doze anos não conseguia lidar com isso. E agora estou nessa de novo, sem conseguir lidar com a situação. Ou talvez esse *seja* eu lidando com a situação.

— Art, desculpa, de verdade, não termos contado sobre... nós. Sei que é estranho para você. É claro que é.

— Não, não é isso. — Balanço a cabeça. — Eu que agi de um jeito estranho. É só que... não sei. Me senti como Amneris em *Aida*. Como se eu devesse ter previsto que isso ia acontecer.

— Cara. — Ethan solta o ar. — Desculpa. Nós fizemos isso. Nós Amnerisamos você.

— Por favor, vamos falar a nossa língua — diz Jessie.

— Mas fui tão idiota. Sinto muito. Vocês estão felizes, e estou feliz por vocês!

— Não...

— E odeio a forma como eu reagi. Odeio ter feito vocês se sentirem mal.

— Bem — diz Ethan —, odeio ter feito você pensar que eu tinha algum problema com o fato de você ser gay.

— Sim, mas isso era coisa da minha cabeça...

— Eu deveria ter deixado bem claro. — Ethan balança a cabeça. — E respondi suas mensagens todos os dias. Desculpa mesmo, Art.

— Está tudo bem.

— Eu sei. Só queria ter lidado com isso de outra maneira.

Por um momento, ficamos todos em silêncio.

— Bem, talvez devêssemos tentar uma segunda revelação — falo.

— Segunda revelação?

— Jessie, Ethan. Preciso contar uma coisa para vocês. — Faço uma pausa. — Eu sou gay.

Os dois olham para mim meio na expectativa.

— Nós já sabíamos? — diz Jessie.

— Não, estamos fazendo o momento da revelação pela segunda vez aqui. Agora vocês dizem alguma coisa.

— Ok. — Jessie assente. — O que quer que a gente diga?

— O que quiserem dizer. Tipo “legal”, ou “beleza”, ou “ah, maneiro, isso é demais”, ou...

— Ah, maneiro, isso é demais — diz Jessie.

— Beleza — diz Ethan.

— Certo. Agora é a vez de vocês.

Jessie franze a testa.

— Você quer dizer...

— Ei, pessoal, tudo bem? Qual é a Coisa Complicada que vocês tinham para contar, afinal? — pergunto.

— Bem... — tenta Jessie. Ethan sorri para a tela do celular. — Ethan e eu estamos namorando.

— O quê? Isso é ótimo! — Junto as mãos e entrelaço os dedos. — Estou tão feliz por vocês, ISSO É MUITO ROMÂNTICO, MEU DEUS DO CÉU.

Jessie ri.

— Acho que dá para diminuir um pouquinho a empolgação.

— Ok, mas estou mesmo feliz por vocês. Sabem disso, né?

— Eu sei. Mas é um pouco estranho também. As coisas mudaram. — Jessie dá de ombros. — Eu entendo.

— Vocês são meus melhores amigos. Isso não mudou.

— Verdade. — Jessie abre um sorriso discreto, tirando as pernas de cima de Ethan. — Vamos.

E, quando me dou conta, ela está se espremendo ao meu lado na poltrona.

— Dá licença? E meu espaço pessoal aqui?

Eu a empurro para longe, contendo um sorriso.

— Sem chance.

Jessie envolve meus ombros com os braços e me aperta ainda mais.

Meu telefone vibra com uma mensagem. Jessie lê sobre o meu ombro, sem o menor constrangimento.

Eu te amo, cara.

É do Ethan. E não na conversa em grupo. Mas na de nós dois.

E, quando levanto a cabeça para olhar em seus olhos, ele já está a meio do caminho da poltrona.

— Quero entrar no abraço — diz ele, se jogando no nosso colo.

* * *

Desabo ao lado de Ben no sofá.

— Todo mundo já foi embora. Todas aquelas pessoas terríveis.

— Finalmente. — Ele me puxa para perto. Ben é engraçado. Ele fica sem jeito de me tocar na frente dos nossos amigos, mas, agora que já foram, não deixa nenhum centímetro entre nós. — Mas gosto da Jessie e do Ethan.

— Jessie e Ethan. Um casal. Ainda estou... Uau.

— Deve ser difícil se acostumar.

— É estranho. Acho que estou feliz de verdade pelos dois. — Sorrio para ele. — Ou talvez eu esteja apenas feliz.

Ele enterra o rosto no meu ombro.

— Te entendo completamente.

— Isso é tão bom. É como se fôssemos pais.

Ele ri.

— Pais?

— Como se fôssemos um casal velho de Nova York sentado, sem fazer nada.

— Gosto de ficar sem fazer nada com você.

Sorrio para ele.

— Eu também.

E gosto mesmo. Gosto muito. Sempre pensei que o amor fosse definido pelos momentos mais vibrantes, de tirar o fôlego. Sem conversas longas ou conversas fiadas. Mas se as partes calmas são só conversa fiada, talvez a conversa fiada seja subestimada.

— Devíamos fazer isso todos os dias — falo.

— Todos os dois dias? — pergunta Ben, com um sorriso triste.

Sinto um peso no coração.

— Ah...

— Desculpa estragar o momento.

— Não. — Dou um beijo na cabeça dele. — Você está sendo sincero comigo, exatamente como disse.

Ele assente.

— Mas eu odeio isso.

— Eu também — diz ele, baixinho.

— Ei. Vem aqui.

Eu me deito e o puxo para perto — peito com peito, pernas e braços em um emaranhado. Ele enfia a cabeça no meu pescoço e respira, e meu coração bate em compasso triplo. Ele está triste de verdade, e é tão perceptível que quase me surpreendo.

Afasto-me um pouco e observo o rosto do Ben por um instante — os cílios grossos se abrindo, as bochechas coradas, a constelação de sardas no nariz. É um daqueles silêncios tão densos que parece sólido. Pressiono os lábios na testa dele.

Respiro fundo.

— Então — pergunto, por fim —, o que vai acontecer daqui a dois dias?

Ben faz uma pausa.

— Não sei.

— Eu volto para a Geórgia.

Ele olha nos meus olhos.

— Nunca tive um namoro a distância.

— Nunca tive nenhum namorado antes de você — falo. — Nem sei como isso funciona.

— Como o quê funciona?

— Ficar longe por um tempo. — Minhas mãos se demoram em seu queixo. — Tipo, nos filmes, é pura montagem. Eles sentem falta um do outro, talvez conversem pelo telefone algumas vezes, alguém corta o cabelo ou deixa a barba crescer ou qualquer outra coisa, para que você perceba a passagem do tempo. Mas não sei se isso é realista. Acho que só nos falaríamos pelo FaceTime, mandaríamos mensagens um para o outro e sentiríamos muita saudade. E talvez nos masturbássemos conversando às vezes. As pessoas fazem isso?

Ben parece surpreso.

— Hum. Não faço ideia.

— Mas e se as coisas derem errado? Tipo, talvez eu seja o cara que fica triste, bêbado e sozinho, enquanto você vai a raves e beija outros garotos, e eu vou tentar ligar, mas você estará em um antro sexual com um monte de caras gostosos filhos de celebridades, porém todos com o mesmo olhar vazio, e provavelmente vai ter cocaína...

— Minha nossa, Arthur. Você sabe que passo 99% do meu tempo escrevendo sobre magos e jogando *The Sims*, não é?

— Sei.

— Você simplesmente não tem filtro, né?

— Nenhum.

Ele beija minha bochecha.

— Ok, tenho que fazer uma coisa agora.

— Ah, o quê? É segredo? Preciso fechar os olhos?

— Não precisa fechar os olhos. Só espera aí. Ouça três músicas do *Dear Evan Hansen*, e estarei pronto.

Eu me sento, radiante.

— Pode deixar!

Mas mal passo da parte da Zoe em “Only Us” quando meu aplicativo do FaceTime abre com uma chamada.

Aperto aceitar.

— Oi, mãe.

— Oi, querido! — Ela está no quarto de hotel mais genérico que vi na vida. Roupa de cama branca, cabeceira aveludada, um quadro emoldurado de uma praia. — Como foi a surpresa?

— Foi ótima.

— E como Ethan e Jessie são como casal? Não consigo nem imaginar.

— Ah, péssimos — começo a dizer, mas então a porta do meu quarto se abre com um rangido.

E perco a capacidade de falar.

Porque... uau. *Uau*. Lá está meu namorado. Só de cueca. Olhando para mim como...

— Você está bem, querido? — pergunta minha mãe.

Ben leva a mão à boca. E corre de volta para o quarto, fechando a porta.

— Tenho que ir, mãe. Desculpa.

Encerro a ligação antes que ela possa perguntar por quê.

Quando entro no quarto, vejo que a cama está coberta de adesivos de coração e há uma fileira de velas da porta até lá. E também vejo Ben, empoleirado no meio da cama de baixo, ao lado do seu laptop.

— Não acendi as velas. Desculpa. Não queria incendiar seu apartamento. E não achei pétalas de rosa na Duane Reade, então comprei os adesivos.

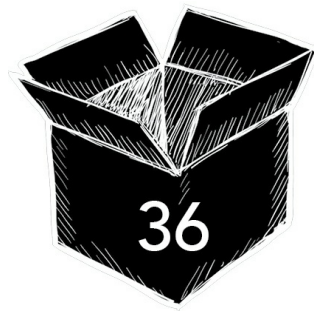
— Ben...

— Sei que parece ridículo...

— Está perfeito.

— Você gostou? — pergunta ele, com um sorriso.

— Adoro tudo neste quarto — falo. — Absolutamente tudo.



BEN

Domingo, 5 de agosto

ESTA MANHÃ, ACORDEI ao lado do Arthur, e não acredito que quase existiu um mundo em que isso nunca aconteceria. Eu me senti do mesmo jeito na noite passada, quando estávamos largados, com meu rosto apoiado no ombro dele. E esta tarde estávamos deitados de lado, sem camisa, nossas mãos entre o meu rosto e o dele, entrelaçadas.

— Nós não temos que fazer isso, mesmo — falo. — Não sabemos o que vem pela frente para a nossa relação e... É um momento importante. Não dá para voltar atrás. Tudo bem se você quiser esperar por outra pessoa e...

— Você é o único com quem quero fazer isso, Ben. Você quer?

— Muito.

— Eu também. Eu só... não sei como...

— Eu sei.

— Eu sei que *você* sabe. Só tenha paciência comigo.

— Claro. — Se Arthur desistir como da última vez, por mim tudo bem. Só não quero que ele fique desconfortável. Beijo seus dedos. — Eu te amo.

— Eu também te amo.

Então começamos e vamos devagar. Quero que essa seja a experiência inesquecível com que Arthur tem sonhado sabe-se lá por quanto tempo. E é um tipo diferente de primeira vez para mim. Arthur é um garoto completamente diferente, e estamos em uma cama completamente diferente. Este apartamento não é minha casa nem a dele, mas nós somos o lar um do outro, e é isso que faz cada parede desaparecer e eu só me concentrar nele. Quero muito que isso dure o maior tempo possível para ele. Ninguém dá play num filme desejando ver logo os créditos rolando. Quando isso terminar, espero que ele olhe para trás e considere que tenha sido uma vitória.

Começo a me sentir cada vez mais pressionado. Não posso estragar esse momento para ele.

Tento desencanar. É besteira. Arthur e eu nunca fizemos nada que fosse perfeito. Perfeito para nós, sim. Mas não no papel. E sei que os pensamentos dele estão tomados por suas próprias preocupações, principalmente depois de algumas dificuldades técnicas nos atrapalharem, mesmo que tenhamos superado tudo juntos com paciência e sorrisos reconfortantes.

Eu dou um beijo nele e digo o quanto ele é lindo e que o amo, e então cruzamos a linha de chegada.

Nós rimos, recuperamos o fôlego e tiramos adesivos um do outro.
Nenhuma segunda primeira vez é necessária.

Segunda, 6 de agosto

Meu aniversário — dia 7 de abril — foi a última vez em que minha conversa com Dylan, Harriett e Hudson esteve ativa. Eu tinha mandado uma mensagem perguntando se todo mundo topava almoçar comigo antes do Hudson me levar ao show. Harriett mandou uma mensagem só para mim e para o Hudson em outro grupo, porque literalmente não suportava a ideia de sua bolha de texto aparecer junto da do Dylan, então nós três tomamos café da manhã. Dylan não queria nenhum drama, então fui até a casa dele, onde comemos tacos de couve-flor e jogamos videogame, só nós dois. Depois Hudson e eu saímos para o nosso encontro, e não pude nem desabafar e dizer como o dia tinha sido decepcionante, porque ele também estava bem para baixo por causa do anúncio do divórcio dos pais no início da semana. Queria muito ter sido a cola capaz de unir todo mundo, como Arthur no aniversário dele, mas isso agora é coisa do passado. São outros tempos.

Quando cheguei em casa, depois de ter ficado com Arthur na noite anterior, ressuscitei a conversa em grupo. Disse a todos que queria me encontrar com eles depois da aula para ver se poderíamos conversar e acertar as coisas. Então joguei para o universo — com um GIF do Gato de Botas implorando com aqueles olhos enormes. Dylan respondeu com um GIF do Bob Esponja com os dois polegares para cima e disse que estaria lá. Uma hora depois, Harriett respondeu com um GIF de *A princesa prometida*, que dizia “Como desejar”. E, alguns minutos depois, Hudson enviou um GIF de Stewie Griffin pulando de ansiedade.

O clima estava diferente na aula naquela manhã. Não havia mais nenhum desconforto. Como se Hudson e Harriett fossem voltar a ser meus amigos de verdade, e não só porque eles eram as únicas pessoas com quem podia contar depois de ter estragado as coisas com Arthur, Dylan e Samantha.

A boa vontade de todos era o suficiente para me deixar super-esperançoso com relação a tudo na vida, isso até o sr. Hayes me devolver um teste em que tirei C+. Eu tinha tanta certeza de que ia tirar um A- ou um B+... E a prova decisiva é amanhã — o mesmo dia em que Arthur vai embora. Eu só... não consigo entender a matéria, e já estava prestes a desmoronar e cair no choro, então mandei uma mensagem para o Arthur. Cancelamos nossos planos de passear pela cidade — nossa tentativa de fazer Arthur se tornar um Superturista —, e, em vez disso, ele vai só me ajudar com os estudos. Mas

será uma surpresa se conseguirmos estudar qualquer coisa que seja — temos muitas razões para não desgrudar um do outro e uma conversa importante nos esperando. Uma que temos evitado. Mas uma conversa importante de cada vez.

Quando saímos da aula, continuo falando sobre notas enquanto caminhamos para a Dream & Bean. Harriett e Hudson se saíram melhores do que eu no teste, como já imaginava. É estranho pensar que as coisas podem se acertar entre o nosso grupo e que Harriett, Hudson e Dylan talvez passem para o último ano sem mim. Podem se formar sem mim. Ir para a faculdade sem mim. Ficarei sempre um ano atrás deles na vida.

Tenho que arrasar na prova de amanhã.

Chegamos à Dream & Bean, e Dylan está sentado num canto com quatro bebidas e uma caixa aos seus pés.

— Não são todas para você, certo? — pergunto.

Harriett se senta de frente para mim, e Hudson, para Dylan.

— Ofertas de paz — diz Dylan. Então me entrega um suco de morango, um mocha gelado para Hudson e um cappuccino com calda de caramelo para Harriett. — O barista desenhou um gato que daria para você postar no Instagram, mas agora já bagunçou.

— É a intenção que conta. Obrigada. — Harriett toma um gole. — Então, como você está se sentindo?

— Estou bem. O verão anda meio parado. Mas comecei a sair com uma garota...

— Ótimo, mas estou falando sobre você ter sido internado — interrompe Harriett. — Não do seu verão. Você parece bem fisicamente. O que houve? Ataque de pânico?

— Sim. Mas estou bem.

— Que bom — diz Hudson. — Queria ter mandado uma mensagem ontem, mas achei que não seria uma boa ideia.

— Como assim? — pergunta Dylan.

— Pergunta para ele — diz Hudson, apontando para mim.

— Porque não deixei você ir comigo para o hospital, é isso? Só não fazia sentido.

— Eu também me importo com ele — diz Hudson. — Ele não é só *seu* amigo.

— Vocês vão lutar por mim? — pergunta Dylan, com um sorriso doce.

Fuzilo Dylan com o olhar.

— Sei que você se importa. Mas você nunca tentou ser amigo dele depois que terminamos.

— Você já não era o melhor dos amigos mesmo antes de vocês terminarem — solta Dylan.

Hudson fica vermelho.

— Então vocês vão se unir contra ele? — diz Harriett.

Peço tempo com as mãos.

— Ninguém vai se unir contra ninguém. Sei que vocês têm sua lealdade um com o outro e nós temos a nossa. Mas isso está nos afastando. — Respiro fundo. — Olha, isso vai ser estranho antes de melhorar. Sei que é esquisito, mas fico feliz por estarmos fazendo isso.

— O que estamos fazendo exatamente? — pergunta Hudson. — Qual é o objetivo de tudo isso? Um abraço em grupo? Todo mundo voltar a se seguir no Instagram?

— Para começar, sim — falo. — Quero que a gente tente reiniciar o jogo. Ter uma segunda chance. Vocês são muito importantes para a gente e obviamente não estão aqui só pela diversão. Sei que querem consertar as coisas também.

— Você nunca foi parar no hospital por causa de um ataque de pânico, Dylan — diz Harriet. — Eu estava apavorada, mas senti que não tinha permissão para estar lá. Meu ego se recusou a me deixar confiar em você em qualquer tipo de relacionamento, até mesmo amizade, depois da forma como me largou do nada.

— Desculpa, de verdade — diz Dylan. — Só não queria fazer você perder o seu tempo.

— Eu entendo. Acho que, parando para pensar, meio que sou grata por isso. Só que ainda assim isso me deixou mal. Mas, mesmo que eu estivesse zangada, quando pensei que algo de grave poderia acontecer com você, quis muito poder estar ao seu lado, como nos velhos tempos. Acho que não teria vindo hoje se não tivesse passado a noite em claro por causa disso no sábado.

— Uau, você perdeu o sono por mim? — pergunta Dylan. — Você ama dormir.

— Eu perdi meu precioso sono de beleza por você. Acredite se quiser — diz Harriett.

— Isso significa muito para mim. — Dylan leva a mão ao peito. — Não sou mais o estranho no ninho. Com essa história de vocês três se reconectarem quando Ben e eu não estávamos nos falando e vocês estarem sempre juntos na recuperação, conseguiram me fazer desejar ter levado bomba em química também.

— D, já chega dessas alfinetadas sobre a recuperação, ok?

— Ei. — Ele baixa a voz. — Estamos no mesmo time.

— Não existe time. O único time é aquele do qual estamos todos tentando voltar a fazer parte. — Dou um soquinho na mesa. — O dia está difícil. Quase reprovei no teste, e tenho certeza de que vou me dar mal amanhã. Só preciso de um pouco de apoio.

— Me desculpa, Big B. Você sabe que é só brincadeira.

— Tudo tem hora e lugar. Provavelmente serei capaz de aguentar um verão inteiro de piadas sobre a recuperação quando sair disso. Se eu passar. O que não deve acontecer. Tenho quase certeza de que vou repetir o ano

em outra escola. Sem vocês. — Quase acrescento que Arthur também não vai estar lá, porque saber que ele não vai estar por perto para me dar força com a escola ou qualquer outra coisa está acabando comigo. — Eu é que vou ser o estranho no ninho, que vai ser deixado de fora e esquecido.

Dylan segura minha mão.

— Big Ben, se você repetir de ano, eu me transfiro para a sua escola nova. E você sabe que não estou brincando.

Aperto a mão dele. Independentemente do resultado dessa história com Hudson e Harriett, sei que Dylan estará na minha vida para sempre. É o tipo de pensamento reconfortante de que preciso na véspera da despedida do Arthur.

— Nem aparece lá se for para me zoar por ter repetido.

— Fechado. — Ele se vira para Hudson. — Ok. Então, já me entendi com a Harriett e o Ben. Você tem alguma reclamação a fazer ou nosso abraço em grupo pode rolar agora?

— Estamos bem — responde Hudson. — Mas queria conversar com o Ben.

— Eu também quero falar com você.

— Vão em frente — diz Dylan, atento.

— Vamos dar um pouco de espaço a eles — sugere Harriett.

— Por quê? Resolvemos nosso problema na frente deles.

— Venha me comprar outro cappuccino e me contar sobre essa nova namorada — diz Harriett, se levantando.

Dylan vai atrás dela, sempre pronto para falar sobre Samantha. Não acredito que estou vendo Dylan e Harriett juntos como se não tivessem ficado sem se falar pelos últimos quatro meses.

— Então. Bom começo, né? — falo.

— Para o grupo, sim — diz Hudson. — Desculpa por ter tentado beijar você. Não deveria ter feito aquilo. As coisas ficaram um pouco confusas.

— Sim, você achou que eu queria que a gente voltasse.

— Não apenas isso. Estou falando do que rolou na minha cabeça também. Acho que não queria que voltássemos a ser namorados, só estava confuso porque... meus pais não foram os únicos que me fizeram acreditar no amor. Você foi meu primeiro namorado, e queria experimentar aquele sentimento especial de novo. Mas acho que somos melhores como amigos do que como namorados, e as coisas deviam continuar assim. Você é tão duro consigo mesmo que quase desisti de tocar nesse assunto, porque nunca mais quero fazer você se sentir como se não fosse suficiente. Mas precisava colocar para fora, para você confiar que estou pronto para sermos amigos de novo. Você é muito importante para mim, e não deveríamos ter arriscado nossa amizade, para começo de conversa.

— Na verdade, fico muito feliz que tenhamos arriscado, Hudson. D. e eu estávamos conversando sobre isso ontem à noite. Não me arrependo de

termos namorado e não jogaria nada do que vivemos fora. Literalmente. — Pego a caixa que está debaixo da mesa. — Tudo aqui me lembra uma época em que você não achava que o amor era uma grande besteira. Faça o que quiser com isso, é claro. Mas se estiver pensando em jogar fora, talvez ajude dar uma olhadinha nessas coisas de novo. Você é uma das pessoas mais gentis que conheço. Eu não teria ficado tão arrasado por não termos dado certo se me apaixonar por você não tivesse sido tão incrível.

Hudson puxa a caixa para perto dele.

— Isso significa muito, Ben. Obrigado. — Ele dá um tapinha na caixa. Respira fundo. — Então, como vai ser com o Arthur?

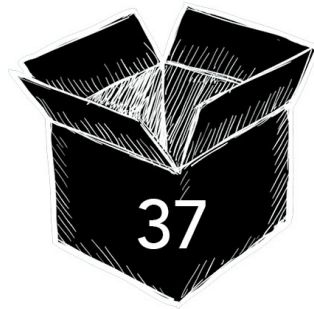
— Não tenho certeza. Sei que não faz sentido porque ele vai embora amanhã, mas... acho que alguma coisa ainda está reservada para a gente. Preciso ir encontrá-lo, inclusive.

— Com certeza.

Olho nos olhos do Hudson e sei que ele não só está torcendo pelo meu amor como também sofrendo pela decepção que pode estar à minha espera.

Chamo Dylan e Harriett lá atrás. Falamos para eles que estamos bem. Ninguém faz nenhuma piada. Eles não fazem perguntas sobre nós, assim como não perguntamos se realmente só falaram sobre Samantha ou se a conversa também girou em torno dos dois. Só porque somos amigos não significa que temos o direito de nos meter nos assuntos particulares uns dos outros.

Damos um abraço em grupo que, para ser sincero, parece um pouco forçado. Mas talvez não seja uma coisa ruim. Vai ser preciso algum esforço para nos aproximarmos de novo, e isso é lindo. Pode ser que algum dia tudo pareça fácil como antes. Podemos começar devagar, voltando a seguir um ao outro no Instagram e alimentando a conversa em grupo. Podemos marcar de sair, em vez dos bons e velhos tempos em que simplesmente aparecíamos na casa um do outro. Podemos tentar fazer com que as coisas voltem a ser como eram, ou algo perto disso. Este verão de tantos recomeços me dá esperança de que nós quatro vamos dar um jeito.



ARTHUR

Segunda, 6 de agosto

NÃO QUERO IR para casa.

Estou de bruços nesta cama pequena demais no quarto pequeno demais do Ben, rodeado por esse ar quente e úmido e fichas com a matéria da prova dele por toda parte, e estou literalmente lendo um livro de química. Química, a matéria mais molecularmente horrorosa de todas, e não digo isso ionicamente.

Queria muito poder parar o tempo.

Ben desaba de bruços ao meu lado, com as mãos no rosto.

— Não acredito que vamos passar sua última noite aqui estudando para uma prova foda.

— Gosto de estudar com você para provas fodas.

— Preferia pular a parte da prova e ir direto para a...

Tapo a boca dele.

— Não diga “foda”. Não se atreva.

Sua risada soa abafada.

— Por que não?

— Porque... — Deixo minha mão correr para a bochecha dele. — É o termo menos romântico que existe para sexo.

— E coito?

— Ok, esse é outro forte candidato.

— Fornicar. Copular. Congresso sexual.

— Esse lembra mais um pornô com tema político.

Ben começa a rir.

— Estrelando Mitch McConnell e Paul Ryan — completo.

— Muito obrigado por essa imagem, Arthur.

— E a sequência: *Enfia no meu Congresso*.

— Eu te odeio.

Ele me beija, e eu o observo. Tenho certeza de que ficaria feliz em dedicar o resto da minha vida a beijar cada sarda do Ben. Tenho certeza de que ele sabe disso.

Seguro o rosto dele.

— Oi.

— Oi.

— Pergunta: no cloreto de sódio, qual elemento tem a carga negativa?

— O cloreto.

— Sim!

Ele sorri, sem graça.

— Próxima pergunta. De que forma se alteram os pontos de congelamento e ebulição da água quando se acrescenta sal?

— O ponto de congelamento diminui e o ponto de ebulição aumenta.

— Como você é tão bom nisso?

— Tenho que impressionar meu namorado especialista em Yale.

Rio e beijo sua bochecha.

— Não é nem possível ser especialista em Yale.

— Você vai ser o primeiro.

— Então, quanto a isso. — Meu coração acelera. — Tive uma conversa interessante hoje com Namrata e Juliet.

— Ah, é?

— Sobre a NYU. Excelente universidade. Excelente programa de teatro.

— Você quer fazer teatro?

— Não, mas quero conhecer atores famosos antes da fama. Ah, e o namorado da Namrata vai conversar comigo sobre a Columbia.

— Eu... Ok.

— Só quero dizer — abro um sorriso hesitante — que talvez esta não precise ser minha última noite em Nova York.

Ben não sorri. Ele não diz uma palavra.

— Uau, essa sua expressão agora. Ok. Estou assustando você. Desculpa. Eu só vou...

— Arthur, não. Você não está me assustando, mas escuta. — Ele esfrega a testa. — Você não pode planejar seu futuro em minha função.

E assim, em um passe de mágica, minhas palavras evaporam. Meu coração está batendo tão rápido que quase dói.

Ben ergue as sobrancelhas.

— Arthur?

— O quê? — Pigarreio por um segundo. — Certo. Desculpa. Próxima pergunta.

— Você está bem?

Eu o ignoro.

— O cloreto de prata é solúvel em água?

— Hum. Não.

— E o nitrato de prata?

— Sim.

— Nada mau, Alejo — falo, e Ben enterra o rosto no travesseiro... mas antes vejo a faísca de um sorrisinho orgulhoso. Esse garoto...

Sinto meu coração apertar toda vez que olho para ele. O jeito como seu cabelo se enrosca nas orelhas. O jeito como roça em sua nuca.

— Tenho uma pergunta — falo, baixinho.

— Você tem uma pilha de perguntas.

— Esta não é sobre química.
— Ah. — Ele rola e olha para mim. — Ok.
Então simplesmente solto tudo de uma vez.
— Sei que não gosta de fazer planos para o futuro, mas estamos quase no último ano...
— A não ser que eu repita.
— Você vai passar.
Levo sua mão até o meu peito, entrelaçando nossos dedos.
— Mas e se eu não passar?
— Você vai. Vai gabaritar a prova.
Ele dá uma risadinha.
— Se estou de recuperação é porque não costumo gabaritar provas.
— Ben. Vamos lá. Está tudo sob controle. — Eu me aproximo. — Vou ensinar para você todos os meus macetes para decorar a matéria...
— Essas coisas não funcionam.
— Ah, é? Nove primeiros elementos da tabela periódica. Vai.
— Humm. Hidrogênio...
— Hidrogênio, hélio, lítio, berílio, boro, carbono, nitrogênio, oxigênio, flúor — digo. — Hoje Hudson Lamentou o Bilau Brocha Constante, Nada Operante, Flácido. Fiz essa só para você.
Ele ri.
— Minha nossa.
— Se não for verdade, não quero saber.
— Arthur, você é tão estupidamente fofo. — Ele me beija de leve. — Não vá embora.
— Não quero ir. — Então solto a mão dele e pego uma das fichas e uma caneta, porque... que se dane, tenho que perguntar.
Escrevo. Respiro fundo. E então estendo a ficha.
— E quanto a... nitrogênio, oxigênio e enxofre? — lê Ben.
— Não, nós. Você e eu. E quanto a NÓS? — Ele está sorrindo. Sorrio de volta e bato no braço dele. — Cala a boca. Você sabe o que estou perguntando.
— Bem... não sei. — Seus olhos encontram os meus. — Posso ser sincero com você?
— Você sempre deve ser sincero comigo.
— Ok. — Ele faz uma pausa. Por um minuto, seus olhos encontram os meus, mas então ele os fecha bem apertados. — Acho que temos que deixar pra lá.
— Deixar pra lá?
E então... silêncio. Do tipo que faz seus órgãos se revirarem.
Uno minhas mãos junto ao peito.
— Tipo... você quer terminar?
— Não sei. — Ele suspira. — Acho que estou com medo.

Ele pega minha mão e me puxa para perto, até estarmos deitados. E, por um instante, simplesmente ficamos nessa posição, com os rostos praticamente colados.

— Com medo de quê? — pergunto, por fim.

— Não sei. — Ele aperta minha mão. — De impedir que você conheça outros caras. De perder você, mesmo como amigo. Tenho tanto medo disso.

— Mas você não vai.

— Nunca se sabe. — Ele começa a sorrir, mas hesita... e, quando fala de novo, sua voz sai muito suave. — Tenho medo de partir seu coração.

Eu não falo nada. Se ousar abrir a boca, acho que vou chorar.

— Eu não quero. — A voz dele falha. — Mas pode acabar acontecendo. Relacionamentos são tão difíceis. Talvez o problema seja eu. Sei lá. Mas não consegui fazer dar certo com o Hudson, nem com ele estando bem na minha frente.

Sinto meus olhos se encherem de lágrimas.

— Queria poder ficar.

— Sim, eu também. — Ele seca o rosto com a mão e sorri. — Vou sentir tanto a sua falta.

— Já sinto sua falta.

A lágrima seguinte escorre por seu rosto.

— Bem, temos mais um dia.

— O *grand finale*. Ou o intervalo. Porque vamos manter contato, certo?

— Você está brincando? — diz ele. — Pretendo falar com você para sempre.

Então paro para absorvê-lo por inteiro: cabelo bagunçado, olhos castanhos, bochechas brilhando por causa das lágrimas.

— Eu te amo — falo. — Fico feliz que o universo tenha feito isso, a gente, acontecer.

— Arthur, o universo só fez a bola rolar — diz ele. — Nós fizemos a gente acontecer.

Terça, 7 de agosto

Na minha última manhã em Nova York, Ben me acorda com uma ligação pelo FaceTime.

— Ei, estou sequestrando você.

— Espera... o quê? — Bocejo. — Onde você está? — Ele está obviamente ao ar livre, mas com o rosto tão perto da câmera que não consigo ver nada atrás dele.

— Você vai descobrir. Seu primeiro passo: me falar quando estiver no

metrô. E então envio o próximo passo. Ok?

Assim que desligamos, corro para fora da cama. Não me preocupo em colocar as lentes de contato nem em escolher a roupa. Óculos, camisa, short e pronto. Encontro minha mãe na sala andando de um lado para o outro, falando com o pessoal da mudança pelo telefone — aqueles que Ben não conseguiu acreditar que contratamos, já que não vamos levar nenhum móvel. Mas fico feliz que tenhamos contratado esses caras, porque adivinha quem não está levando caixas para o elevador agora? Adivinha quem não vai ter que encher um caminhão de mudança? Adivinha quem já está no metrô às seis e quarenta e cinco da manhã?

Estou aqui!!

Ótimo. Agora pegue a linha 2, faça transferência na rua Quarenta e Dois e pegue a 7 para a Grand Central

Você está me levando para o escritório? 😏

Ele me envia um GIF do Aladdin. Você confia em mim?

Minha resposta: 😐❤️

É claro que a linha 2 está lotada de gente indo para o trabalho, a 7 está ainda pior. E eu estou indo me despedir de um garoto por quem estou completamente apaixonado. E amanhã vou acordar numa cidade onde não dei meu primeiro beijo, em uma cama onde não perdi minha virgindade.

Vou acordar solteiro.

Mas, para todos ao meu redor, é apenas um dia normal de trabalho. Fones de ouvido, terninhos e celulares. Uma loucura.

Envio uma mensagem para o Ben quando chego à Grand Central. Ok, e agora?

Ele me manda uma foto de um mapa, em que traçou desajeitadamente minha rota em vermelho. Não preciso nem ler o nome das ruas.

POR QUE ESTÁ ME MANDANDO PARA O TRABALHO, BEN ALEJO???

Ele me envia um emoji pensativo.

É melhor que não tenha a ver com os arquivos do caso Shumaker. 😡😡



Mas, de alguma forma, não consigo parar de sorrir. Sou o pior novaiorquino do mundo. Vou flutuando pelos cruzamentos, sorrindo para estranhos, completamente tomado pelo nó no meu estômago. Talvez, quando eu chegar lá, Ben esteja me esperando pelado na sala de reunião. Ou talvez um agente literário trabalhe no prédio, e eu vá encontrar Ben assinando um contrato para o livro, já com direitos de adaptação para o cinema, e as filmagens sejam em Atlanta — porque as coisas sempre são filmadas em Atlanta — e precisem de Ben lá para filmar, então...

— Doutor! — diz Morrie.

Ele está com um copo de café em uma das mãos, de onde toma um gole, e estende a outra na minha direção — mas não para me cumprimentar.

— Me pediram para te entregar isso — Ele me estende um envelope com meu nome, mas, quando começo a rasgar o embrulho, pega de volta. — Você tem que encontrar os quatro. Está vendo?

Morrie vira o envelope e, como era de se esperar, vejo uma mensagem escrita na caligrafia confusa de Ben.

#1 de 4. Encontre todos e leia na ordem.
NADA DE ESPIAR, ARTHUR.

— Ok... — Olho para o bilhete de novo, e depois para Morrie — Onde estão os outros?

— Você tem que encontrar — responde Morrie, dando de ombros. E então roda o copo de café.

Que é da Dream & Bean.

Estou boquiaberto.

— Isso é uma pista?

— Eu não sei. É?

Dois quarteirões até a Dream & Bean. Acho que meus pés nem tocam o chão no caminho até lá. Não sei o que espero encontrar. Um envelope, talvez? Um monte de envelopes, voando à minha volta no estilo Harry Potter?

Mas, quando abro a porta, nada está voando. Nenhuma magia em ação. Só um bando de nova-iorquinos anônimos na fila para sua dose de cafeína.

Um bando de nova-iorquinos anônimos... e Juliet e Namrata.

— O que vocês estão fazendo aqui?

— Colocando você para trabalhar, como sempre. — Namrata aponta o queixo em direção ao quadro de avisos. — Vá atrás dele, garoto.

— Minha próxima pista!

Vejo o envelope na hora. Está no exato local em que coloquei meu cartaz semanas atrás. *#2 de 4, diz. Você consegue, Arturo!!!!*

Coloco esse envelope embaixo do primeiro e abraço os dois contra o peito. Então mando uma mensagem para o Ben. **Caça ao tesouro, hein??**

Ele responde na mesma hora com um emoji de um carinha dando de ombros.

Aonde eu vou agora?

Humm, se ao menos houvesse alguém a quem você pudesse perguntar...



Ahhhhhh, escrevo — e, claro, quando ergo os olhos do celular, as meninas estão me olhando com o mesmo ar divertido. Meu coração dá um pulo no peito. Volto para a mesa delas.

— Aqui está sua pista — diz Juliet, estendendo o telefone. — Não saquei, na verdade.

É uma foto. De um rato.

— Entendi! — Corro para a porta... mas então paro de repente. — Espera.

— Espera o quê? — pergunta Juliet.

— Gente. Nossa. Eu estou indo embora. Isso é... um adeus.

— Não, não é — diz Namrata. — Seus documentos do caso Shumaker estão uma bagunça. Vou ligar com perguntas todos os dias por um mês.

Dou um abraço nela.

— Ótimo.

— Mas vamos sentir falta da sua cara — admite Juliet.

— Só um pouco — comenta Namrata.

— Muito — diz Juliet.

Abraço as duas mais uma vez e saio em disparada — até chegar à esquina e chamar o primeiro táxi que vejo. Não me importo se são apenas alguns quarteirões: não vou brincar com o tempo hoje. Olho pela janela do banco de trás, quase pulando de tanta ansiedade. Quando o motorista finalmente estaciona em frente ao karaokê, jogo o dinheiro para ele e desço depressa.

E lá está o Dylan, celular na mão, fones de ouvido e uma caneca térmica gigante de café. E leva um susto quando me vê.

— Caramba. Seussical, você chegou cedo. Ok, pegue isso. — Ele coloca o fone na minha orelha e dá um bocejo enorme e escancarado. — Maldito Benossauero. Está muito cedo... Calma, está no mudo. Aguenta aí. — Ele toca na tela do telefone. — E... tudo certo?

— Bem... reggae? — começo a perguntar, mas, um instante depois, eu percebo. Não é qualquer reggae. É Ziggy Marley. — Isso é...

— Uma música sobre um porco-da-terra? — diz Dylan. — Com certeza.

Arthur Read, o porquinho que é meu alter ego animado de óculos. Rei do suéter amarelo. O punho que deu origem a milhares de memes.

Dylan parece pensativo.

— Não sou a única pessoa que está se perguntando como seria se um rato e um porco-da-terra acasalassem, certo?

— Hum. Deve ser.

— Arthur! — Samantha está dobrando a esquina. Ela corre na nossa direção e me esmaga em um abraço. — Você chegou cedo! Suas próximas pistas ainda não estão aqui, mas estão chegando, tipo, em um segundo.

— Pistas, no plural?

— Definitivamente no plural.

— Acabou de usar meu fone, Seussical? — Dylan o tira da minha orelha antes que eu possa responder. — Ei, não olhe agora...

E, na mesma hora, eu os vejo. Estão atravessando a rua e vindo na nossa direção, os passos perfeitamente sincronizados. Mas não estão de macacão

desta vez. Estão usando bermudas de couro, com direito a suspensório e tudo.

— Santo. Deus — murmuro.

— Eu...

— Então, este é o Wilhelm, e este é o Alistair — diz Samantha. — Eles estão aqui para acompanhar você até a sua última parada.

Não consigo parar de encará-los. Os bigodes com as pontas viradas para cima. Os coques. E como são ainda mais parecidos de perto. Cada um está segurando um envelope com a letra do Ben.

— Como ele... encontrou vocês? — pergunto.

Wilhelm sorri, contraindo o bigode.

— Craigslist.

— Claro.

Caramba. Ben colocou um anúncio no Craigslist. Para mim. Bem, tecnicamente, para os gêmeos. Mas eu sou a razão pela qual ele fez isso. Eu.

— Damos uma olhada no Craigslist todos os dias — diz Alistair. — Já recebemos trinta e seis mensagens assim desde que nos mudamos para cá.

— E isso... é bom? — pergunta Dylan.

— É muito bom — diz Wilhelm. — Abra os envelopes.

— Na ordem — me lembra Samantha.

A letra do Ben. Quatro frases.

Arthur, sei que você é o cara dos grandes gestos e nenhuma calma.

Mas a verdade é que ninguém merece mais um grande gesto do que você.

Não sou tão criativo, mas esse sou eu me esforçando, indo além.

E fazendo você ir além.... andando. Eu te amo.

Meus olhos se enchem de lágrimas — me sinto tão emotivo e feliz e estranho. Quando dou por mim, os gêmeos estão me levando de volta para o centro da cidade. Isso tudo nem parece real. Se não fosse pelo meu coração em ritmo frenético, poderia jurar que tinha deixado meu corpo. Os gêmeos não param de me fazer perguntas sobre música, filmes e Ben, mas mal consigo formar uma frase. É difícil ser um Arthur perfeitamente funcional quando seu coração está em quatro envelopes.

Tento recuperar o fôlego. Agir normalmente. Bater papo.

— Então, vocês moram, hã, no Brooklyn?

— Não, Upper West Side. Bem, *morávamos* no Upper West Side, mas acabamos de voltar para a casa dos nossos pais em Long Island.

— Estamos escrevendo uma história em quadrinhos on-line — diz Wilhelm.

— Sobre dinossauros — acrescenta Alistair.

Paro de repente.

— Claro que estão.

Wilhelm aponta para o final da rua.

— Olha, estamos quase lá.

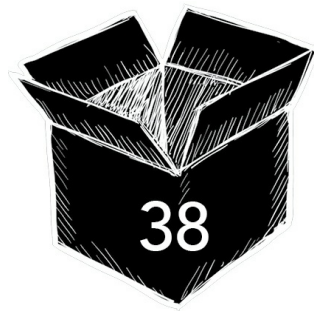
Acompanho seu olhar. E, sem dúvida alguma, sei para onde estou indo.

Afasto-me deles a toda velocidade, costurando entre carrinhos, passando entre casais, agarrado aos envelopes. Tenho certeza de que pareço ridículo, ou pelo menos ridiculamente determinado. Nem sabia que conseguia correr tão rápido. Sou um sulista de óculos de 1,77 m, e sou o cara mais rápido de Nova York.

Vejo o toldo a um quarteirão de distância — a fachada em pedra branca brilha à luz do sol.

A agência dos correios.

E lá está o Ben, apoiado junto à porta, equilibrando uma caixa de papelão no joelho.



BEN

Terça, 7 de agosto

ESTAMOS DE VOLTA à estaca zero, onde tudo começou.

Arthur entra nos correios, e nossa... Ele está incrível. Como sempre. Não importa se está só lendo fichas com anotações de química ou comendo um cachorro-quente ou envergonhado porque os pais estão falando de coisas que ele fazia quando era criança ou mesmo agora, de óculos e parecendo cansado. Meu coração está enlouquecido, o que não era o caso quando nos conhecemos. Era para ter sido amor à primeira vista, como em todas as grandes histórias, mas eu ainda não estava pronto. E tudo bem. Foi maravilhoso mesmo assim. Se a gente nunca tivesse voltado a se encontrar, ou nunca sequer se conhecido, teria sido uma história bem pior.

Largo a caixa no chão quando ele me abraça.

— Como me sai? — pergunto. Mapear nossas lembranças pareceu uma maneira bastante épica de encerrar o verão.

— Melhor fim de espetáculo de todos os tempos — diz Arthur. — Não quero que isso acabe, de verdade.

— Nem eu. De jeito nenhum.

— Quero uma máquina do tempo. Para voltar e fazer tudo certo. Tudo teria sido diferente se eu tivesse perguntado seu nome. Só precisaria seguir você no Instagram e partir daí.

— O universo sabia que assim seria fácil demais e foi mais inteligente que nós. — Beijo a testa dele. — Todo o nosso esforço faz tudo ter muito mais significado, não acha?

Não sei se o que temos é uma história de amor ou uma história sobre o amor. Mas sei que, seja lá o que tivermos, é ótimo, porque nos esforçamos desde o começo.

— Ainda assim quero a máquina do tempo — insiste Arthur. — Para podermos avançar no tempo. Quero ver onde vamos terminar.

— Aí tenho que concordar — falo.

Ele olha para a caixa.

— É melhor isso não ser o que acho que é. Não complete esse ciclo me entregando a minha própria Caixa de Término.

— Não é. — Pegó a caixa. — É uma caixa de melhor amigo.

— Sério? — O sorriso dele vai continuar maravilhoso no FaceTime, mas não será a mesma coisa.

— Sério. Mas não conte ao Dylan. Ele não acredita em múltiplos

melhores amigos e pode contratar alguém para dar um sumiço em você.

— Pode deixar. O que tem aqui dentro?

— Só algumas coisas para você sempre se lembrar deste verão.

Arthur balança a cabeça.

— Não preciso desta caixa para lembrar.

— Tudo bem. Então acho que posso ficar com essa cena supersexy entre Ben-Jamin e o rei Arturo escrita no verso de um cartão-postal do Central Park...

— ... eu quero a caixa.

— ... e um cookie da Levain Bakery só seu.

— Já disse que quero a caixa!

Vou sentir tanta falta dele e da sua incapacidade de relaxar.

— Tem também um ímã desses de turista com o meu nome. Vou ficar com o que tem o seu. — Respiro fundo em meio ao silêncio dele. — E emoldurei a foto que Dylan tirou da gente com seu bolo de aniversário. Tenho uma no meu quarto também.

Arthur está com os olhos cheios de lágrimas.

— Obrigado por isso. Por tudo. Por esta manhã. Pelo verão. Sei que sou meio exagerado, e você lidou tão bem com isso.

Rio um pouco.

— Nós somos péssimos. Quero dizer, somos o máximo. Mas somos péssimos. Você sempre acha que exagera e eu que não sou o suficiente.

— Vou dizer mais uma centena de vezes: você é mais do que o suficiente.

— Estou começando a acreditar em você.

Chegamos à janelinha de atendimento e beijo o nome do Arthur na caixa antes de entregá-la. O atendente me lança um olhar de *é cada coisa que me aparece*, porque não sabe pelo que Arthur e eu passamos nas últimas semanas para estar aqui mais uma vez neste momento.

Assim que a caixa segue seu caminho, nós também seguimos o nosso.

Desta vez, quando saio dos correios, estou segurando a mão do Arthur. Paramos sob o letreiro metálico do prédio.

— Uma última foto para guardar de recordação — diz Arthur, pegando o telefone.

Fecho os olhos e beijo sua bochecha enquanto ele tira a foto. Quando olho a foto, vejo que Arthur está com aquele sorriso de ganhador da loteria de *Hamilton* no rosto.

O sorriso desaparece quando olho para ele.

— Não acredito que estou mesmo indo embora.

— Nem eu.

Não poderia haver uma manhã pior para me despedir do Arthur. Estamos indo para a escola, onde tenho que passar numa prova cujo resultado definirá o meu futuro. Como se as coisas já não estivessem complicadas o

suficiente. Mas estou me sentindo bem. Triste e nervoso, mas cheio de esperança. Aposto que vou ser a única pessoa rindo na sala, já que os macetes ridículos mas superúteis do Arthur me guiarão até a vitória.

— Não estou pronto — falo, em frente à escola.

Ele está chorando.

— Nem eu.

— Arthur, você sabe que eu tentaria se achasse que poderíamos vencer o mundo, certo?

— Eu sei. Nunca deixamos nada ficar no nosso caminho antes, mas isso é...

— Outro nível. Não posso perder você para sempre. Você não pode ser alguém com quem só passei um verão. Quero ter você por perto todo verão.

— E vai ter — promete Arthur.

Encostamos nossa testa uma na outra, e ele enxuga minhas lágrimas.

— Eu preciso entrar — falo, me agarrando a ele como se estivesse pendurado em um prédio e ele fosse o parapeito.

— Preciso pegar o meu voo — diz ele em meio às lágrimas.

— Ok, rei Arturo.

— Ok, Ben-Jamin.

Ele se aproxima. Nosso último beijo. Continuo agarrado a ele porque isso é tudo o que vamos ter para nos ajudar a superar os próximos dias, quando não pudermos mais nos dar as mãos ou nos beijar ou acordar juntos. Tento me afastar, mas sou puxado de volta para ele. Não é o suficiente e nunca será o suficiente, então faço uma contagem regressiva na minha cabeça a partir do dez e, quando chego ao zero, nós nos afastamos.

— Tenho que ir — diz Arthur. — Não posso me virar depois que sair. Mas você não deveria ficar aqui, me olhando, caso eu trapaceie. Só corre para a escola, tá?

Ele dá um passo para trás.

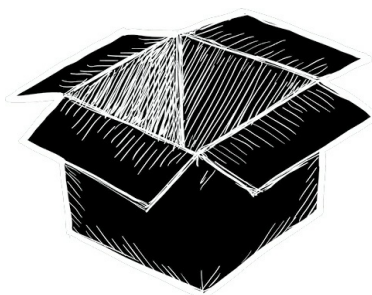
Faço que sim.

— Te amo, Ben.

— *Te quiero* também, Arthur.

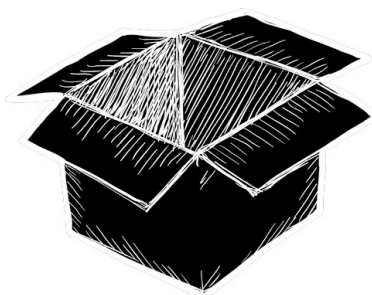
Nossos dedos se soltam, e é isso. De algum jeito, Arthur encontra coragem para se afastar, e me sinto mais vazio a cada passo rápido que dá. Ele chega ao final do quarteirão e para por tempo suficiente para me fazer esperar que vire cento e oitenta graus e corra de volta para mais um beijo. Mas ele continua a andar. É melhor mesmo. Subo correndo os degraus da escola e meu telefone vibra. É o Arthur me enviando a foto que tiramos em frente aos correios. Uma imagem para me fazer lembrar daquele verão, e então não me sinto mais vazio. Me sinto cheio de esperança.

O universo não nos uniria por apenas um verão, certo?



EPÍLOGO

E se for você, e se for eu?



ARTHUR

Quinze meses depois
Middletown, Connecticut

ETHAN NÃO ESTÁ atendendo.

Estou me sentindo ridículo aqui encolhido contra a parede, a dois corredores do dormitório do Mikey. Eu deveria estar numa festa, sendo o Arthur Universitário. Mas o Arthur Universitário e as festas universitárias não combinam muito bem. Já estou na faculdade há mais de dois meses, então sinto que posso dizer isso oficialmente. Continuo tentando de qualquer forma, principalmente pela experiência de vida, mas também porque duvido muito que o Lin-Manuel Miranda ficasse no dormitório a noite toda assistindo a vídeos no YouTube e desperdiçando sua chance. Mas festas me deixam nervoso, o que me faz falar demais, e então todo mundo pensa que estou bêbado, embora não seja o caso, porque vamos ser realistas: ninguém está pronto para conhecer o Arthur Bêbado, nem eu.

De qualquer forma, disse ao Mikey que viria, então estou aqui. Ou pelo menos estava, até ver o story do Instagram do Ethan. Agora estou cumprindo o papel de melhor amigo, me apresentando para o trabalho.

Tento mandar uma mensagem. **Você está bem, cara?**

Nada. Cinco minutos depois, ainda nada, nem mesmo algo que indique que não quer escrever, e fico preocupado. Quando Jessie me contou ontem, fez parecer que era mútuo. Conversamos duas vezes desde então, e ela me pareceu bem... triste, mas bem. Mas Ethan não atende minhas ligações. Mal responde minhas mensagens.

Apoio a cabeça na parede de concreto e fecho os olhos. Tenho certeza de que Ethan está bem, claro. Talvez esteja ignorando minhas mensagens porque já conheceu outra garota incrível. Que sabe cantar e tocar piano e se parece com a Anna Kendrick. Talvez *seja* a Anna Kendrick. Embora Ethan com certeza fosse acabar falando que prefere a trilha sonora do elenco original de *Os últimos cinco anos* à do filme, o que, *dã*, é meio óbvio, mas seria muito rude dizer isso a Anna Kendrick. Então obviamente ela daria um fora nele, o que significa que ele teria levado um duplo fora, e assim estaríamos de volta à estaca zero, só que pior.

Acho melhor ligar de novo.

Cai direto na caixa postal. Por um minuto, fico apenas encarando o telefone, ouvindo distraidamente a música do Radiohead que vem do

dormitório de alguém. Detesto me sentir impotente assim, como se as coisas não tivessem salvação. E não de um jeito romântico. Não do tipo Eliza Schuyler. É mais como aquele sentimento que dá quando chegamos ao final de *Titanic*. Você quer poder entrar na tela e endireitar o navio. Quer consertar o inconsertável.

Uma mensagem do Mikey: **Ei, aonde você foi?**

Eu deveria responder. Na verdade, deveria só aguentar firme e voltar para a festa. Não é nem uma festa intimidadora, sabe? São basicamente algumas pessoas do grupo à capela sentadas na cama do Mikey bebendo. A faculdade é assim — pelo menos a Wesleyan é. É como se os nerds tivessem tomado o poder, expulsado todos os populares e roubado a maconha e as bebidas deles. O que não quer dizer que tudo tenha a ver com fumar e beber. Várias pessoas só conversam, ficam jogando ou fazendo coisas artísticas, e às vezes ficam peladas também, e eu meio que adoro isso. Não a nudez em particular. Mas adoro essa mentalidade de não-dou-a-mínima. Além disso, a Wesleyan tem os caras mais gatos, muito mais do que certa faculdade de Connecticut que deve permanecer sem ser nomeada até que eu decida falar seu nome. Não estou nem magoado por ela ter me colocado na lista de espera. Para se ter uma ideia de como os caras aqui são gatos. Um bom exemplo disso é o Mikey, com o cabelo descolorido, óculos de armação fina e habilidade para beijar acima da média. Diria que ele é o terceiro melhor dos seis garotos que já beijei. O segundo melhor foi um cara que conheci quando visitei Jessie na Brown. O melhor foi o Ben.

Ben. É com ele que eu deveria conversar pelo FaceTime. Ele entende de termos e, mais importante que isso, conhece o Ethan. E, mais importante *ainda*, estou usando camisa de botão, cardigã e óculos, e me sentindo muito bem comigo mesmo esta noite. Além disso, algumas semanas atrás, Ben me mandou uma mensagem quando estava bêbado para dizer que fico sexy de óculos. Então tem isso.

Ben atende imediatamente.

— Estava pensando em você!

— Estava?

Ele confirma.

— Mas vai me fazer esperar pelos detalhes, não é?

— Isso.

Seu rosto se abre em um sorriso e... uau. Precisamos conversar mais vezes pelo FaceTime, porque o sorriso dele é o meu preferido. Ele cortou o cabelo desde a última selfie que postou — está mais alto em cima, mas é sutil. Ben está perfeito. O que é uma observação estritamente platônica, claro. Vou só ficar aqui pensando todas essas coisas sobre o Ben de um jeito totalmente platônico. Mesmo ele estando na cama. Eu nem estou pensando em todas as coisas que *nós* fizemos naquela cama. Posso muito bem admirar a cama pelo móvel funcional e bem trabalhado que é.

Ben se recosta nos travesseiros e boceja.

— Então, o que houve?

Melhor falar de uma vez.

— Jessie terminou com o Ethan.

Ben se senta.

— Minha nossa.

— Né? É estranho.

— Imagino. Uau. Como eles estão?

Estico as pernas, me preparando para ficar ali por um tempo.

— Jessie está bem, acho. Ethan, por outro lado... Você já deu uma olhada no Instagram dele?

— Não recentemente.

— Ben, é péssimo. Ele postou um story em que está cantando “I’ll Cover You”, de *Rent*, e chorando, e tipo... sei lá. É possível estirar um músculo se encolhendo de nervoso?

Ben estremece.

— Ah, não.

— O que quer que esteja imaginando, é ainda pior. Depois dá uma olhada.

— Tadinho do Ethan.

— Eu sei. — Levo a mão ao rosto. — Fala que isso fica menos estranho.

— Términos, você quer dizer?

— Sim, até porque... Só passei pelo nosso, e o nosso foi incrível.

Ben ri.

— Melhor término de todos os tempos.

— Eu sei. Nós arrasamos. — Suspiro. — Talvez Ethan e Jess fiquem bem também.

— Acho que sim. Aposto que vão.

— Será que devo visitar o Ethan na Universidade da Virgínia? Não quero que pareça que estou escolhendo um lado. Jessie é minha amiga também.

— Isso é complicado. — Ben franze o nariz, e é tão fofo que meu coração dispara. Nunca vou superar essas sardas. Nunca. — Mas fica mais fácil. Você vai ver. Pensa só em mim e no Hudson.

Estreito os olhos.

— Prefiro não pensar nisso.

— Adoro ver que você ainda tem ciúmes do Hudson. Até hoje.

— Sempre.

Ele balança a cabeça, sorrindo.

— Como eu estava dizendo, não é exatamente como costumava ser, mas estamos bem. Mandamos mensagens um para o outro. Não nos falamos muito, mas...

A porta de alguém se abre, e de repente sou cercado por garotas de cachecóis, luvas e gorros com pompom. Elas estão coradas e felizes e falando

alto, provavelmente meio bêbadas. Troco um soquinho com uma delas.

— Onde você está? — pergunta Ben.

— Butts. Os dormitórios Butterfield.

— Vocês chamam de Butts? Tipo bunda em inglês? As pessoas moram na bunda?

— Sim. Estão rolando umas festas na bunda neste exato momento. É por isso que estou aqui. Escapei de uma festa na bunda.

— Uau. — Ben ri. — Bunda de quem?

Sinto meu rosto ficar vermelho.

— Um cara aí.

— Ah, sim. Aquele cara do seu grupo à capela?

— Mikey.

— Sei. — Ele faz uma pausa. — Então... vocês estão tipo...

— Não — solto rapidamente. — Acho que não. Quero dizer, ele é fofo. Mas tem o mesmo nome do meu pai.

— Ele não tem como mudar isso.

— Ok, mas escuta só. Ele achou *Hamilton* legal, mas não ótimo. E não gosta de fliperamas! Isso é estranho, não é?

— Arthur, você não gosta de fliperamas.

— Eu sei, mas ele parece do tipo que gosta, mas não gosta, e eu não gosto disso. — Dou de ombros. — Enfim, e você? Você está...

— Miseravelmente solteiro — diz Ben, com um ar alegre. — Mas Dylan e Samantha vão vir aqui mais tarde.

— Ah, meu Deus, sinto tanta falta deles! Lembra aquela noite no apartamento do tio Milton?

— Claro.

— Meio estranho, né, que de todos os três casais daquela noite, Dylan e Samantha sejam oficialmente o último casal de pé.

— Nossa, isso com certeza é estranho.

E, por um minuto, só olhamos um para o outro, e juro que o ar parece ficar mais denso. Não estive nem no mesmo estado que Ben desde que nos despedimos naquele verão. Mas meu coração, cérebro e pulmões nunca se lembram disso.

A verdade é que não sei como fazer isso. Passei muito tempo procurando no Google: *Como desligar um sentimento? Como passar a gostar dele platonicamente?*

Quando Ben finalmente fala, sua voz é baixa e suave.

— Ainda estamos de pé.

— O quê?

Olho para ele sem entender. Estou sentado no corredor de um dormitório. Ele está sentado em uma cama.

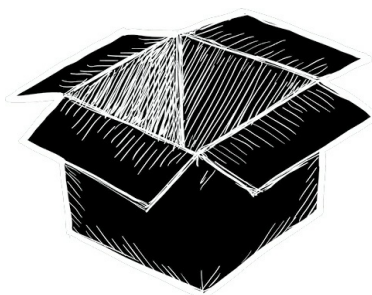
— Quero dizer, ainda estamos aqui. Ainda somos nós. Você ainda está na minha vida.

— Ótimo argumento.

E é verdade. Amo o sorriso dele. A voz. O rosto. Adoro o fato de ele estar sempre no meu celular, mesmo depois de tanto tempo. Adoro ser amigo dele. Ser o *melhor* amigo dele.

Meu melhor amigo, Ben.

Talvez fosse isso que o universo queria. Talvez a gente seja exatamente isso.



BEN

Um mês depois

Nova York, Nova York

ENTÃO É ISSO. É realmente isso. O fim.

Não acredito que consegui.

O último capítulo de *A Guerra do Mago Perverso* está no Wattpad.

Estou de pernas cruzadas na minha cama, encostado na parede no mesmo lugar em que terminei o primeiro rascunho em dezembro. Alguns dias antes do Ano-Novo. Alcancei meu objetivo. Na época, estava ouvindo Lana Del Rey, e esta noite estou escutando um cover dos Chromatics de “I’m on Fire”. O que está faltando agora é a sensação de privacidade. Não ter ninguém esperando novos capítulos, a não ser o Arthur. É tão diferente agora. Tenho postado os capítulos editados desde janeiro. Comecei com algumas centenas de leitores, que passaram a milhares em fevereiro. Tenho certeza de que este último capítulo vai me fazer passar dos cinquenta mil leitores, o que é alucinante. Devo muito disso à capa incrível que o Dylan pediu para a Samantha fazer no último Natal. A comunidade adorou; os leitores até procuraram por mim e pela Samantha no Instagram para nos dizer.

O capítulo está no ar faz só alguns minutos, e já quero ficar atualizando a página para ver o número de leituras e os comentários. Só para confirmar que os trinta e nove capítulos anteriores não foram um feliz acaso. Quero entrar no Tumblr e checar minhas tags, como se os fãs já tivessem tido tempo de produzir fan-arts épicas para a cena em que Ben-Jamin aniquila sozinho os Sugadores de Vida e resgata o rei Arturo, o duque Dill e a soberana Harrietta. Ou para quando Ben-Jamin se une à feiticeira coroada, Sam O’Mal, para exorcizar os espíritos maus que possuíam Hudsonien, e então ele possa encontrar a felicidade novamente.

Mas, em vez de matar essa vontade, pego o celular e ligo pelo FaceTime para a pessoa que me incentivou a postar a história. Parece o fim de mais um ciclo, já que também liguei para o Arthur quando terminei o primeiro rascunho.

Arthur atende na mesma hora. Óculos e sorriso radiante.

— Recebi a notificação do Wattpad de que BennisOPimentinha tinha publicado um novo capítulo! Já ia ligar para você.

— Você diz isso o tempo todo — falo, balançando a cabeça.

- Você também!
- Verdade.

Parece que sempre ligamos um para o outro quando mais precisamos conversar. Como na semana passada, quando liguei para ele pelo FaceTime na Dave & Buster's para mostrar a máquina de garra do nosso primeiro encontro e encontrei Arthur em pânico no dormitório, e prestes a deixar o grupo à capela, porque tinha terminado com Mikey. Ele estava mesmo precisando ouvir uns conselhos de alguém que sobreviveu à recuperação com o ex-namorado. No final, ele me prometeu que cantaria até mais alto.

Arthur está no quarto dele na Geórgia — voltou para passar o recesso de fim de ano. Às vezes até esqueço que nunca estive lá, porque sinto que conheço sua casa, principalmente o quarto, por causa de todas as horas que passamos no FaceTime.

- Estou tão orgulhoso — diz Arthur. — Você conseguiu.

Ouvir Arthur me dizer que consegui tornar toda essa coisa do livro ainda mais real. A ficha cai mais rápido do que quando vi o último capítulo online ou mudei o status da história de “Em progresso” para “Completa”.

- Eu não poderia ter feito isso sem você — declaro.

- Foi você quem escreveu o livro — diz Arthur.

— Não tenho certeza se teria terminado sem você me encorajando a seguir em frente.

Arthur se deita na cama onde leu os poucos primeiros capítulos editados antes de todo mundo.

- Eu, rei Arturo, sou seu fã nº1, Ben-Jamin.

De muitas maneiras, acredito em mim mesmo por causa dele.

Já agradei mil vezes por Arthur ter me ajudado a estudar em sua última noite em Nova York, porque aqueles macetes insanos me ajudaram a passar na recuperação, e consegui fazer o último ano com Dylan, Hudson e Harriett. Passei a levar a escola mais a sério depois daquele susto. Me desafiei não só a chegar cedo às aulas — ou pelo menos na hora —, mas também a nunca faltar, para não ficar muito perdido na matéria. Cheguei atrasado algumas vezes e faltei a duas porque ainda sou eu, mas no geral não foi nada mau. Dylan, Harriett, Hudson e eu chegamos à formatura sem nos matarmos, e nossa foto de capelo e beca fica bem ao lado daquela minha e do Arthur no aniversário dele.

Fazer faculdade em Nova York tem sido mais difícil, mas estou levando. Sempre que imaginava a vida na faculdade, pensava que dividiria um quarto com Dylan e penduraria uma gravata da Lufa-lufa na maçaneta quando estivesse com algum cara, mesmo que Dylan fosse acabar entrando de qualquer maneira. Mas estou em casa com meus pais e Dylan e Samantha estão fazendo faculdade em Illinois. Felizmente, Hudson e Harriett ainda estão na cidade, ainda que nossa amizade provavelmente nunca vá ser como antes. Talvez tenhamos chegado ao ponto máximo da amizade como um

grupo antes de começarmos a namorar entre nós. Mas onde estamos agora é melhor do que o ponto em que as coisas estavam confusas.

— Não sei o que o futuro me reserva agora.

Meus dedos estão inquietos.

— Eu continuo aqui implorando por uma sequência — diz Arthur. — Continue a história.

— Mas e se for melhor encerrar a história enquanto está sendo um sucesso?

— Como vai saber se não der outra chance?

Eu sorrio.

— Como uma segunda primeira vez.

Tenho certeza de que não estamos mais falando sobre o livro. Pelo menos Arthur está muito mais sutil do que costumava ser. Diferente do ano passado, quando ele ficou insinuando descaradamente que deveria vir a Nova York para passarmos a véspera de Ano-Novo juntos e vermos a bola cair à meia-noite, e que ele não se incomodaria se por acaso acabássemos nos beijando. Isso não aconteceu, mas Arthur continua sendo a última pessoa que beijei. Cheguei a achar que estava com uma quedinha por um cara na minha aula de escrita criativa uma vez, mas não durou muito. Acho que só preciso de um pouco mais de tempo comigo mesmo. Para acreditar no meu valor sem a ajuda de ninguém. Não significa que não me pegue passando o dedo pelas letras do nome do Arthur no ímã que comprei para combinar com o que ele tem com o meu nome. Ou olhando para a foto do beijo que dei nele em frente à agência dos correios onde nos conhecemos. Ou pensando constantemente sobre o futuro e me perguntando: *E se?*

— Nunca diga nunca — diz Arthur. — Certo?

Tanta esperança em uma única palavra.

— Certo — falo. — Nunca se sabe o que o universo planejou para a gente.

Não sei o que a gente planeja para a gente.

E se houver uma segunda primeira vez ao longo do caminho? E se acabarmos na mesma cidade de novo e voltarmos de onde paramos? E se formos até onde esperávamos ir um dia e *boom*, final feliz? Mas e se for o fim? E se nunca nos beijarmos de novo? E se apoiarmos um ao outro nos momentos importantes, mas *nós* não estivermos mais no centro desses momentos importantes? E se tudo o que o universo quisesse desde o início fosse que nos conhecêssemos e continuássemos na vida um do outro para sempre como melhores amigos? E se reescrevermos tudo o que esperamos dos finais felizes?

Ou...

E se ainda não tivermos visto o melhor de nós dois juntos?

AGRADECIMENTOS

ESTE LIVRO É, em todos os níveis, uma colaboração, e somos muito gratos ao universo, que botou no nosso caminho:

- Nossos editores, Donna Bray e Andrew Eliopulos, que nos ajudaram no processo infinito de edição até que encontrássemos nossa história de amor dos sonhos.
- Nosso time maravilhoso na HarperCollins dos Estados Unidos, que contou com muitas pessoas, entre as quais Caroline Sun, Megan Beatie, Alessandra Balzer, Rosemary Brosnan, Kate Morgan Jackson, Suzanne Murphy, Michael D'Angelo, Jane Lee, Tyler Breitfeller, Bethany Reis, Veronica Ambrose, Patty Rosati, Cindy Hamilton, Ebony Ladelles, Audrey Diestelkamp, Bess Braswell, Tiara Kittrell e Bria Ragins. São todos bruxos que fizeram essa mágica acontecer.
- Erin Fitzsimmons, Alison Donalty e Jeff Östberg, que nos deu a capa [da edição original] mais perfeita que poderíamos querer e que amamos desde a primeira vez em que botamos os olhos nela.
- Wendi Gu, Stephanie Koven e o restante da nossa dedicada equipe na Janklow & Nesbit.
- Mary Pender, Jason Richman e nosso time incrível na UTA.
- Todas as editoras estrangeiras que estão espalhando a história de amor de Arthur e Ben pelo mundo.
- Nossos amigos, que nos ajudaram a manter os pés no chão, incluindo Aisha Saeed, Angie Thomas, Arvin Ahmadi, Corey Whaley, Dahlia Adler, Jasmine Warga, Kevin Savoie, Nic Stone, Nicola Yoon e Sabaa Tahir. Os colaboradores veteranos Dhonielle Clayton + Sona Charaipotta e Amie Kaufman + Jay Kristoff, que torceram por nós e nos ofereceram sua sabedoria. Matthew Eppard, que deixou o barco seguir a correnteza sem pressa. David Arnold, que tornou escrever o *bromance* de Ben e Dylan a coisa mais fácil do mundo.
- As primeiras pessoas que leram nossa história, cujas sugestões deixaram o livro ainda melhor: Jacob Batchelor, Shauna Sinyard, Sandhya Menon, Celeste Pewter e Dakota Sain Byrd.
- Nossos fãs, que nos seguiram nessa colaboração sem saber o que os aguardava. E livreiros e bibliotecários que ajudaram a conectar livros

como esse a leitores que precisavam deles.

- Nossas famílias, que incluem, mas não se limitam a: James Arthur Goldstein, que passou por dois livros sem pais, Persi Rosa, por sempre me ajudar com o dever de casa das férias. Tio-avô Milton, que é tio, é avô, e é ótimo. E a família Thomas-Berman, que deixou Arthur ficar no apartamento deles. Anna Overholts, por entender de química.
- É nosso agente, Brooks Sherman, sem o qual nada disso teria sido possível.

SOBRE OS AUTORES



© Seth Abel Photography

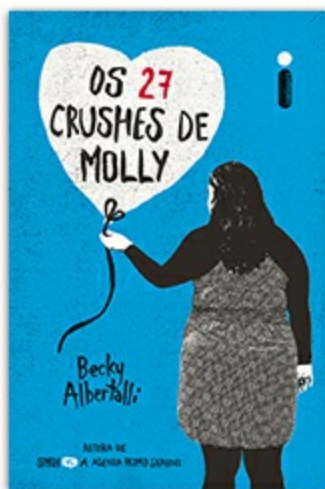
BECKY ALBERTALLI nasceu na Geórgia, assim como Arthur. Mora em Atlanta com o marido e os dois filhos. Pela Intrínseca, também publicou *Com amor, Simon* — que ganhou uma emocionante adaptação para os cinemas —, sua sequência, *Leah fora de sintonia*, e *Os 27 crushes de Molly*.

ADAM SILVERA é escritor e trabalhou por anos no mercado editorial. Nasceu em Nova York, assim como Ben, e atualmente mora em Los Angeles, onde escreve em tempo integral. Seus títulos de maior destaque são *História é tudo que me deixou*, *Lembra aquela vez* e *They Both Die at the End*.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DE BECKY ALBERTALLI



Com amor, Simon



Os 27 crushes de Molly



Leah fora de sintonia

LEIA TAMBÉM



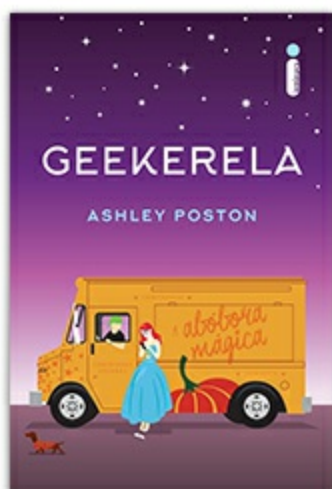
O verão que mudou minha vida
Jenny Han



Sem você não é verão
Jenny Han



Sempre teremos o verão
Jenny Han



Geekerela
Ashley Poston



Amor & Gelato
Jenna Evans Welch